



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Tecnologia e Ciências
Escola Superior de Desenho Industrial

Francisco Beltrão do Valle

O design da roupa do vaqueiro nordestino:

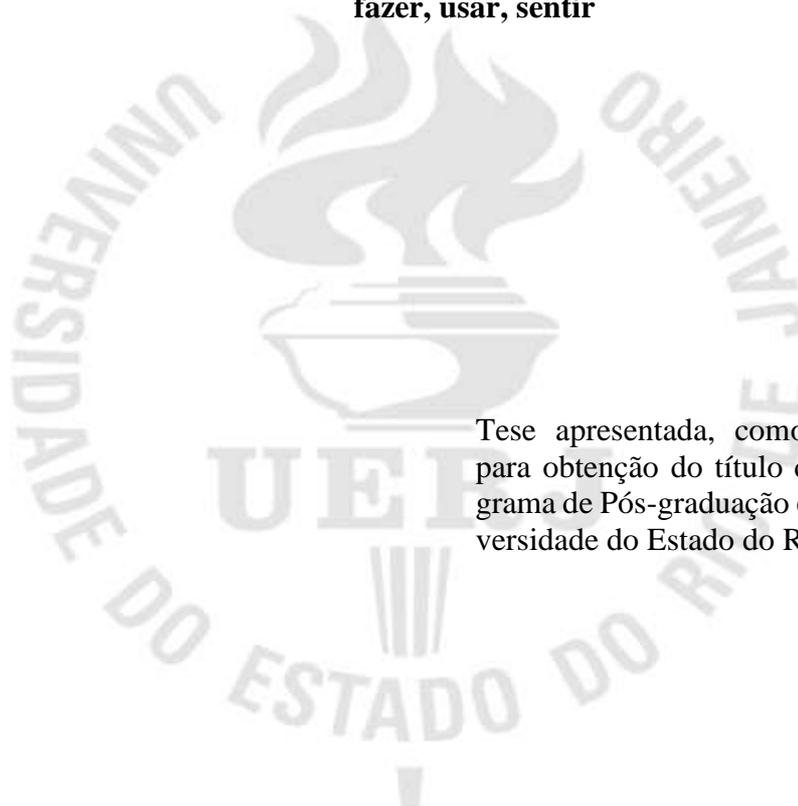
fazer, usar, sentir

Rio de Janeiro

2019

Francisco Beltrão do Valle

**O design da roupa do vaqueiro nordestino:
fazer, usar, sentir**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Design, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Silva da Cunha Lima

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Edna Lúcia Oliveira da Cunha Lima

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/G

V181 Valle, Francisco Beltrão do

O design da roupa do vaqueiro nordestino: fazer, usar, sentir / Francisco Beltrão do Valle. – 2019.

186 f.: il.

Orientador: Guilherme Silva da Cunha Lima.

Coorientadora: Edna Lúcia Oliveira da Cunha Lima.

Tese (Doutorado em Design) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior em Desenho Industrial.

1. Desenho industrial - História - Teses. 2. Vaqueiros - Teses. 3. Roupas em couro - Teses. I. Lima, Guilherme Silva da Cunha. II. Lima, Edna Lúcia Oliveira da Cunha. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Escola Superior em Desenho Industrial. IV. Título.

CDU 7.05(091)

Albert Vaz CRB-7 / 6033 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Francisco Beltrão do Valle

O design da roupa do vaqueiro nordestino:

fazer, usar, sentir

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Design, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2019

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Guilherme Silva da Cunha Lima (Orientador)
Escola Superior de Desenho Industrial – UERJ

Prof.^a Dr.^a Edna Lúcia Oliveira da Cunha Lima (Coorientadora)
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Ricardo Artur Pereira Carvalho
Escola Superior de Desenho Industrial – UERJ

Prof. Dr. Leonardo Amaro Nolasco da Silva
Faculdade de Educação – UERJ

Prof.^a Dr.^a Maria Cecília Loschiavo dos Santos
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Hans da Nóbrega Waechter
Universidade Federal de Pernambuco

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos orientadores, Edna e Guilherme Cunha Lima, e aos que se interessam pelos saberes sertanejos.

AGRADECIMENTOS

O que os amigos fizeram
eu devo levar em conta,
pois o que ora é tese pronta
antes problemas eram.
Juntos comigo estiveram
no ocaso e ao começo
(mais até do que mereço!)
e, por isso, com afeto,
aos que estão sempre por perto,
de coração agradeço.

Alex Porto, Aline Monçores, Almir Mirabeau, Bárbara Emanuel, Bianca Martins, Bóris Yan, Carlos Beltrão, Cléber Correa, Daniel Portugal, Ester Simões, Fernanda Martins, Filipe Feijó, Giselle Barreto, Helena de Barros, Hernandes, Ivone, Jéssyca Medeiros, Jorge Lúcio Campos, Júlia Valle, Juliana Beltrão, LC Franca (*in memoriam*), Leonardo Caldi, Luna Liberdade, Lucy Niemeyer, Marcellus Schnell, Maria Helena, Maria Rita, Naara Valle, Ramires Valle, Ricardo Cunha Lima, Romildo Valle, Tereza Serrano, Thiago Liberdade, Tiago Lyrio, Sérgio Nascimento, Simone Melo, Sonia Beltrão e Vladimir Valle.

Eu venho dêrne menino,
Dêrne munto pequenino,
Cumprindo o belo destino
Que me deu Nosso Senhô.
Eu nasci pra sê vaquêro,
Sou o mais feliz brasilêro,
Eu não invejo dinhêro,
Nem diproma de dotô.

Tenho na vida um tesôro
Que vale mais de que ôro:
O meu liforme de côro,
Pernêra, chapêu, gibão.
Sou vaquêro destemido,
Dos fazendêro querido,
O meu grito é conhecido
Nos campo do meu sertão.

O pulo do meu cavalo
Nunca me causou abalo;
Eu nunca sofri um galo,
pois eu sei me desviá.
Travesso a grossa chapada,
Desço a medonha quebrada,
Na mais doida disparada,
Na pega do marruá.

Eu não invejo riqueza
Nem posição, nem grandeza,
Nem a vida de fineza
Do povo da capitá.
Pra minha vida sê bela
Só basta não fartá nela
Bom cavalo, boa sela
E gado pr'eu campeá.

Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.

Paulo Freire

RESUMO

VALLE, Francisco. **O design da roupa do vaqueiro nordestino: fazer, usar, sentir.** 2019. 186f. Tese (Doutorado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

A proposta da presente Tese é investigar a roupa de couro (equipamento de proteção individual) usada pelo vaqueiro que atua na Região Nordeste do Brasil durante parte da sua atividade laboral, procurando interpretar as condições histórico-culturais que viabilizam a sua existência e que criam sentidos para aqueles que a produzem, os mestres do couro sertanejos, e para os seus usuários. Em um primeiro momento, os esforços da pesquisa foram direcionados à compreensão da relevância, do cenário e dos personagens envolvidos na pecuária extensiva de baixa tecnologia desenvolvida no sertão nordestino. Em seguida, foi dada uma atenção especial ao equipamento de proteção individual usado pelo vaqueiro sertanejo. Após a descrição das peças que compõem a roupa do vaqueiro, foi destacado um elemento desse conjunto, o gibão, para análise mais detalhada e registro.

Palavras-chave: História do Design. Sertão. Vaqueiro. Epi. Couro. Gibão.

ABSTRACT

VALLE, Francisco. **The design of the Northeastern cowboy's garment:** making, wearing, feeling. 2019. 186f. Tese (Doutorado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

The purpose of this thesis is to investigate the leather clothing (personal protective equipment) used by the cowboy who operates in the Northeast of Brazil during part of his work activity, trying to interpret the historical and cultural conditions that allow his existence and that create senses for those who produce it, the 'masters of the leather', and for its users. At first, the research efforts were directed to the understanding of the relevance, scenery and characters involved in the extensive low-tech livestock farming developed in the that region of Brazil. Subsequently, special attention was paid to the personal protective equipment used by these cowboys. After describing the pieces that make up the cowboy's clothing, an element of this set, the doublet, was highlighted for a more detailed analysis and registration.

Keywords: Design. Sertão. Cowboy. Ppe. Leather. Doublet.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Vaqueiro nordestino vestido com o traje de couro (F.A. ¹).	20
Figura 2 –	Vaqueiro cavalgando pela vegetação esbranquiçada característica da Caa-tinga. Disponível em < http://sertaodesencantado.blogspot.com/2013/09/esse-blog-homenageia-os-vaqueiros.html >, acesso em 3/1/2019.	22
Figura 3 –	Ariano Suassuna sustenta o ferro de Cícero Romão Batista, o Padre Cícero de Juazeiro (F.A.).	26
Figura 4 –	Alfabeto Sertanejo, caracteres alfabéticos foram criados com inspiração nos símbolos encontrados na manifestação sociocultural de ferragem de gado (SUASSUNA, 1974).	27
Figura 5 –	Sandália de couro comprada na oficina de Espedito Seleiro em 2005 (Foto de Marcellus Schnell).	28
Figura 6 –	Exemplo do figurino da minissérie ‘A Pedra do Reino’ (Foto de Renato Rocha Miranda/Rede Globo).	29
Figura 7 –	Roteiro da primeira viagem, feita em junho de 2014 (F.A.).	32
Figura 8 –	Gibão festivo confeccionado por Roosevelt Fernandes da Silva, proprietário da loja/oficina ‘Gibão de Cor’ (F.A.).	33
Figura 9 –	Mestre do couro Reinaldo Gomes, na sua barbearia em Acari, no Rio Grande do Norte, em junho de 2014 (F.A.).	34
Figura 10 –	Funcionário de Espedito usando um molde (F.A.).	34
Figura 11 –	José Aprijo e seu filho Romildo Aprijo, mestres do couro pernambucanos, na oficina/loja comercial ‘Arte em Couro’ em junho de 2014 (F.A.).	35
Figura 12 –	Missa do Vaqueiro no Parque Estadual João Cândio, no município de Serrita (F.A.).	36
Figura 13 –	Programação da 47ª Missa do Vaqueiro de Serrita. Disponível em < http://www.santacruzestaque.com.br/2017/07/programacao-da-47-missa-do-vaqueiro-em.html >, acesso em 3/1/2019.	37
Figura 14 –	Irineu José Barbosa, ou Irineu do Mestre (F.A.).	38
Figura 15 –	Guarda-peito de cavalo (F.A.).	38

¹ F.A. – Foto do autor.

LISTA DE FIGURAS

Figura 16 – O gibão (G3) produzido por Reinaldo Gomes (F.A.).	43
Figura 17 – O gibão (G5) produzido na oficina de Espedito Seleiro (F.A.).	43
Figura 18 – O gibão (G6) produzido por Romildo Aprijo (F.A.).	44
Figura 19 – O gibão (G7) produzido por Irineu do Mestre (F.A.).	44
Figura 20 – Os quatro gibões escolhidos para a análise: da esquerda para a direita, dois do tipo fraque (G7 e G6), um do tipo jaqueta (G3) e outro do tipo sobretudo (G5) – (F.A.).	45
Figura 21 – Representações de auroques na caverna de Lascaux. Disponível em: < http://archeologie.culture.fr/lascaux/en/mediatheque/auroch >, acesso em 3/1/2019.....	48
Figura 22 – O vaqueiro do Semiárido (F.A.).	49
Figura 23 – Vaqueiro típico da Região Nordeste na interpretação de Percy Lau. Ilustração publicada em 1956, na 6ª edição da Revista Brasileira de Geografia (IBGE/Conselho Nacional de Geografia).	50
Figura 24 – Semiárido em tempos de seca. Disponível em: < https://fatosefotosdacaa-tinga.blogspot.com/ >, acesso em 3/1/2019.	53
Figura 25 – Relevos residuais rochosos que se destacam na paisagem (F.A.).	54
Figura 26 – Vaqueiro na Caatinga. Foto de Canindé Soares. Disponível em: < http://canindesoares.com >, acesso em 23/1/2019.	56
Figura 27 – Mandacaru. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Mandacaru >, acesso em 23/1/2019.	57
Figura 28 – Imburana. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Imburana >, acesso em 23/1/2019.	57
Figura 29 – Macambira. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Macambira >, acesso em 23/1/2019.	57
Figura 30 – Xique-xique. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Pilosocereus_polygonus >, acesso em 23/1/2019.	57
Figura 31 – Peão boiadeiro.	58
Figura 32 – Campino.	59

LISTA DE FIGURAS

Figura 33 – <i>Cowboy</i> norte-americano. <i>The Cow Boy</i> 1888, John C. H. Grabill, <i>Wiki-media Commons, Creative Commons</i>	59
Figura 34 – Reconstituição uns dos trajes de Lampião, de autoria de Romildo Aprijo. Disponível em: < www.caisdosertao.org.br >, acesso em 23/1/2019.	76
Figura 35 – Reconstituição uns dos trajes de Lampião, de autoria de Romildo Aprijo. Disponível em: < www.caisdosertao.org.br >, acesso em 23/1/2019.	76
Figura 36 – Os cangaceiros Corisco e Dadá (foto de Benjamin Abrahão/acervo do Instituto Moreira Salles).	76
Figura 37 – Alforge. Disponível em: < http://coisadecearense.com.br >, acesso em 23/1/2019.	77
Figura 38 – Registro de conversa com um dos vaqueiros entrevistados (F.A.).	78
Figura 39 – Vaqueiro especializado em resgate de bois usando celular (Foto de Moisés Saba). Disponível em: < http://domacedo.blogspot.com/2010/01/celular-ii.html >, acesso em 23/1/2019.	79
Figura 40 – Sela sertaneja (F.A.).	80
Figura 41 – Partes do arreo: o estribo (F.A.).	81
Figura 42 – Partes do arreo: as rédeas, o cabresto e a embocadura (F.A.).	81
Figura 43 – Partes do arreo: as esporas presas às botas do vaqueiro (F.A.).	82
Figura 44 – Desafio de toadas entre vaqueiro e aboiador, durante pega de boi (F.A.). ...	83
Figura 45 – O chocalho, um dos artefatos usados para conduzir e facilitar o manejo do gado. Disponível em: < http://blogdoinhare.blogspot.com/2017/06/por_11.html >, acesso em 23/1/2019.	84
Figura 46 – Cavalo sem ferraduras usando <i>clothes</i> (F.A.).	85
Figura 47 – Cavalos com guarda-peito (F.A.).	85
Figura 48 – Chapéu de couro produzido por Irineu do Mestre (F.A.).	87
Figura 49 – Vaqueiro posicionado junto ao cavalo (Ilustração do autor).	87
Figura 50 – Peça de divulgação de pega de boi. Disponível em: < http://www.eliaspublicidades.com.br/2014/07/convite-pega-de-boi-no-mato.html >, acesso em 23/1/2019.	88

LISTA DE FIGURAS

Figura 51 – Peça de divulgação de pega de boi.	89
Figura 52 – Peça de divulgação de pega de jegue. Disponível em: < http://www.seri-dopb.com.br/2016/10/cubati-dia-29-de-outubro-acontece.html >, acesso em 23/1/2019.	89
Figura 53 – Chapéu de couro.	90
Figura 54 – Vaqueiro vestindo a perneira. Fragmento de vídeo disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=9LDueQBjqCg >, acesso em 23/1/2019.	91
Figura 55 – Perneira produzido por Irineu do Mestre (F.A.).	91
Figura 56 – O guarda-peito.	92
Figura 57 – Luvas do vaqueiro sertanejo produzidas na oficina de Espedito Seleiro. Disponível em: < http://www.acasa.org.br/objeto/MF-04552 >, acesso em 23/1/2019.	93
Figura 58 – Calçados de couro (F.A.).	94
Figura 59 – Distintos modelos de gibão (F.A.).	95
Figura 60 – Os quatro gibões escolhidos para a análise (F.A.).	96
Figura 61 – Os sete cortes principais: três para o tronco e duas usadas para montar cada um dos braços.	99
Figura 62 – Gibão com bolsos externos fotografado na Feira de Caruaru, em 2015 (F.A.).	99
Figura 63 – Réplica de traje usado por Luiz Gonzaga em 1954, ainda sem ornamentos coloridos (F.A.).	101
Figura 64 – Réplica de traje usado por Luiz Gonzaga na década de 1980 (F.A.).	102
Figura 65 – A parte que mais se desgasta no gibão: a região das axilas.	103
Figura 66 – Desenho planejado do gibão G3 (F.A.).	104
Figura 67 – Bolso interno do gibão G3 (F.A.).	105
Figura 68 – Gola do gibão G3 (F.A.).	105
Figura 69 – Funcionários trabalhando na oficina de Espedito Seleiro (F.A.).	107

LISTA DE FIGURAS

Figura 70 – Desenho planejado do gibão G5 (F.A.).	108
Figura 71 – Gibões produzidos por Romildo Aprijo: o G6 e o gibão exposto no museu Cais do Sertão (F.A.).	109
Figura 72 – Desenho planejado do gibão G6 (F.A.).	110
Figura 73 – Romildo Aprijo com seu pai, José, na sua oficina em Ouricuri.	111
Figura 74 – Costura ornamental do gibão G6.	112
Figura 75 – Bolsos internos do gibão G6.	113
Figura 76 – Desenho planejado do gibão G7 (F.A.).	114
Figura 77 – Oficina de Irineu do Mestre.	114
Figura 78 – Montagem do gibão G7 (F.A.).	115
Figura 79 – Detalhes do gibão G7 (F.A.).	116

LISTA DE TABELAS

Gráfico 1 – Municípios visitados durante a pesquisa, todos eles localizados na área do semiárido.	40
Gráfico 2 – Ranking mundial de rebanhos e produção de carne bovina.	49
Gráfico 3 – Mapa dos municípios que compõem o semiárido brasileiro.	51
Gráfico 4 – Sobreposição dos limites da Caatinga, dos municípios que sofrem a influência do semiárido e o Sertão.	54
Gráfico 5 – Em destaque Arcoverde, município considerado em Pernambuco a 'entrada do Sertão'.	55
Gráfico 6 – Evolução da participação regional (em %) no efetivo nacional de rebanhos bovinos durante o século XX e início do século XXI.	67
Gráfico 7 – Evolução do número de cabeças de gado no Brasil durante o século XX e início do século XXI.	68
Gráfico 8 – Tabela com efetivo dos rebanhos (cabeças) de Equinos nos Estados da Região Nordeste.	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEGA	Associação de Vaqueiros de Pega de Boi na Caatinga do Alto Sertão de Pernambuco
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNFCP	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
EPI	Equipamento de proteção individual
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
1.1	Objetivo geral	20
1.2	Objetivos específicos	23
1.3	Justificativa	23
1.4	Método	25
1.4.1	<u>Motivação</u>	25
1.4.2	<u>Pesquisa de campo</u>	31
1.4.3	<u>Corpus</u>	42
2	A IMPORTÂNCIA DO PASTOREIO	46
2.1	O semiárido brasileiro	51
2.2	O vaqueiro do semiárido	57
2.3	Como o gado chegou no Brasil e por que ele foi parar no Sertão?	62
2.4	A pecuária nordestina nos dias de hoje	67
2.5	Os herdeiros da “Civilização do Couro”	70
3	OS EQUIPAMENTOS DE TRABALHO DO VAQUEIRO SERTANEJO ..	73
3.1	Detalhando os equipamentos do vaqueiro sertanejo	77
3.1.1	<u>Artefatos que se prestam a permitir a montaria e facilitar a cavalgada</u>	79
3.1.2	<u>Artefatos usados para conduzir e facilitar o manejo do gado</u>	83
3.1.3	<u>Artefatos usados para a proteção do cavalo</u>	84
3.2	O equipamento de proteção individual do vaqueiro sertanejo	86
3.2.1	<u>O chapéu de couro</u>	86
3.2.2	<u>A perneira</u>	90
3.2.3	<u>O guarda-peito</u>	92
3.2.4	<u>As luvas</u>	93
3.2.5	<u>Os calçados</u>	93
3.2.6	<u>O gibão</u>	94
4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS GIBÕES SELECIONADOS	96
4.1	Descrição dos gibões adquiridos durante a pesquisa e selecionados para análise	97
4.1.1	<u>Gibão G3</u>	103
4.1.2	<u>Gibão G5</u>	106
4.1.3	<u>Gibão G6</u>	108

SUMÁRIO

4.1.4	<u>Gibão G7</u>	113
4.2	Fichas técnicas	117
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
	REFERÊNCIAS	128
	GLOSSÁRIO	135
	ANEXO A - Entrevistas.....	138
	ANEXO B - Efetivo dos rebanhos (cabeças) - Bovinos.	184
	ANEXO C - Locais e eventos importantes para a pesquisa.	185

1 INTRODUÇÃO

1.1 Objetivo geral

Pesquisar um determinado artefato e as condições histórico-culturais que viabilizam a sua existência e que criam sentidos para aqueles que o produzem e para os seus usuários é o objetivo geral deste trabalho. O artefato, ou o conjunto de artefatos, neste caso, é a roupa produzida por mestres do couro (artesãos) sertanejos e usada por vaqueiros da Região Nordeste do Brasil durante parte da sua atividade laboral (figura 1). Uma roupa suficientemente boa para condições de trabalho bem específicas, uma vez que serve de equipamento de proteção individual (EPI)² em um ambiente extremamente hostil por seu clima, sua geografia, sua flora e sua fauna: o semidesértico interior nordestino, região que apresenta intensos períodos de secas e temperaturas médias elevadas.



Figura 1 – Vaqueiro nordestino vestido com o traje de couro. Fotografado em julho de 2015, a 256 Km de Recife, próximo à cidade de Arcoverde (PE), popularmente chamada de 'porta de entrada do Sertão' (foto do autor).

² EPIS são quaisquer meios ou dispositivos destinados a ser utilizados por uma pessoa contra possíveis riscos ameaçadores da sua saúde ou segurança durante o exercício de uma determinada atividade.

Roupa de trabalho essa que é considerada um patrimônio cultural nacional e é, como será evidenciado mais adiante, um elemento importante para a interpretação da identidade sertaneja, nordestina e brasileira. Patrimônio cultural nacional, segundo os artigos 215³ e 216⁴ da Constituição Brasileira de 1988, são os bens de natureza imaterial e material portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais e os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Por estar relacionado à produção de artefatos de design imemoriais, ligado a afazeres tradicionais nacionais, este projeto se insere na linha de pesquisa de História do Design Brasileiro. A pesquisa, que abrange questões tecnológicas ligadas à produção de artefatos de couro cru utilizados para a proteção do vaqueiro (e do seu cavalo) que, sob a influência do clima tropical semiárido, atua na atividade de pecuária⁵ extensiva de baixa tecnologia desenvolvida no sertão nordestino, engloba, também, possíveis manifestações simbólicas envolvidas nos usos desses artefatos. Fazendo uso das palavras de um dos mestres do couro entrevistados para a pesquisa (Reinaldo Gomes da Silva), é possível dizer que o foco aqui é o pastor sertanejo responsável por cuidar de rebanhos de gado bovino e a vestimenta que eles usam para entrar “no mato” (pág. 139), parte fundamental dessa atividade (figura 2), e, em um segundo plano, os equipamentos, técnicas e procedimentos utilizados pelo artesão que a produz. ‘O mato’, ao qual se refere este artesão norte-rio-grandense, é a esbranquiçada savana estépica da Caatinga, de vegetação “[...] espinhenta, rala e de folhas caducas” (FARIA, 1969: pág. 17), único bioma exclusivamente brasileiro⁶ e campo de atuação do vaqueiro sertanejo.

³ Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_215.pdf>, acesso em: 23/10/2018.

⁴ Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_216.pdf>, acesso em: 23/10/2018.

⁵ A palavra pecuária vem do latim '*pecus*', que significa cabeça de gado. A palavra tem a mesma raiz latina de 'pecúnia' (moeda, dinheiro).

⁶ Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/noticias/infraestrutura/2013/10/projeto-sao-francisco-apoia-pesquisa-da-flora-na-caatinga>>, acesso em: 23/10/2018.



Figura 2 – Vaqueiro cavalcando pela vegetação esbranquiçada característica da Caatinga.

Antes de dar continuidade a esta introdução com a apresentação dos objetivos específicos, da justificativa, do método e da descrição das etapas da pesquisa na sequência em que foram executadas, é importante que sejam antes definidos alguns termos importantes que são aqui recorrentes: o termo ‘sertão’, por exemplo, como alerta Antonio filho (2011), apresenta origens e significados “os mais diversos, induzindo, muitas vezes, ao uso inadequado ou impreciso”. O mesmo acontece com os termos ‘sertanejo’, ‘agreste’ e ‘caatinga’ e, por isso, foi decidido, então, tratar aqui Sertão e Agreste como sub-regiões da Região Nordeste do Brasil (uma das cinco regiões definidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em 1969), e Caatinga como um bioma, uma unidade biológica ou espaço geográfico caracterizado de acordo com o clima, aspecto da vegetação, tipo de solo e a altitude específicos. O termo ‘sertanejo’, mais amplo aqui nesta pesquisa, se refere ao indivíduo que nasce ou habita no interior da Região Nordeste e o interior da parte norte de Minas Gerais. Por último, temos as expressões ‘sertão nordestino’ ou ‘sertões nordestinos’, nas quais incluímos o Sertão e o Agreste, sub-regiões que apresentam a Caatinga e sofrem, da mesma forma, a influência do clima semiárido.

1.2 Objetivos específicos

Definidas no início da jornada, as ações que secundariamente contribuíram para que o objetivo principal pudesse ser alcançado foram agrupadas em cinco momentos:

1. Visitar museus e feiras populares nordestinas, participar de missas do vaqueiro e peças de boi⁷;
2. Identificar e entrevistar mestres do couro e vaqueiros sertanejos;
3. Documentar e fotografar todo o processo, criando desse modo um registro iconográfico;
4. Registrar as técnicas de produção e comercialização de peças que compõem a roupa de trabalho/EPI do vaqueiro, confeccionadas por mestres do couro sertanejos;
5. Descrever e analisar as peças de couro encontradas e adquiridas durante a pesquisa de campo.

1.3 Justificativa (ou por que pesquisar a roupa de trabalho do vaqueiro dos sertões nordestinos?)

O tema escolhido é um desdobramento dos achados da pesquisa feita durante o mestrado, iniciado em 2006 e concluído em 2008. Pesquisar o Movimento Armorial de Ariano Suassuna (movimento artístico-cultural pernambucano que busca produzir uma arte erudita a partir da cultura popular) resultou na aproximação à produção material (e imaterial) de uma parcela específica do povo nordestino: daqueles que estão ligados à pecuária (ou que envolvem a criação de gado) nos sertões nordestinos, remanescentes e/ou herdeiros de sertanejos que faziam parte do que foi chamado pelo historiador cearense Capistrano de Abreu (1853–1927) de “Civilização do Couro” (BARROSO, 2003). Entre outras singularidades que os distinguiam dos habitantes das zonas litorâneas e que serão posteriormente detalhadas, os sertanejos que

⁷ Excluindo as vaquejadas e rodeios (práticas esportivas), as cavalhadas folclóricas (celebração tradicional) e as cavalgadas amadoras, por não serem manifestações nas quais a roupa de trabalho do vaqueiro sertanejo é utilizada.

pertenciam a esse grupo social (ou fenômeno sociocultural) sofriam com a falta de toda sorte de insumos por viverem isolados em áreas pouco povoadas, mas por outro lado tinham acesso a couro animal em abundância e, com ele, desenvolveram numerosos artefatos para uso cotidiano.

Além de enfatizar a concordância do tema desta pesquisa com o de trabalhos anteriores, é importante comentar, já a princípio, que registrar o patrimônio cultural brasileiro, o que inclui os processos e técnicas utilizadas para a sua produção, além de ser uma pauta concordante com a área de estudos da História do Design de nosso país, é também uma obrigação legal. O texto constitucional deixa claro, também, que o Poder Público deve, com a colaboração da comunidade, promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro, “por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento [...] e de outras formas de acautelamento e preservação”. Esta pesquisa é amparada, ainda, na concepção contemporânea e oficial —destacada no site⁸ do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN— de registro dos processos produtivos que amplia tal patrimônio para limites que vão além de imóveis oficiais, igrejas ou palácios, estendendo-os, da mesma forma, aos modos de produção de utensílios e outros bens móveis, como é o caso do traje do vaqueiro sertanejo escolhido aqui como objeto de pesquisa. Vale dizer que dois Estados da Região Nordeste, Paraíba e Bahia, possuem leis específicas que reconhecem o “modo de vida, os saberes e os fazeres” do vaqueiro como sendo parte do seu patrimônio cultural imaterial⁹.

A pesquisa, a análise e o registro dos processos de produção e dos artefatos desenvolvidos pelos mestres do couro, também em concordância com os objetivos do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP/IPHAN)¹⁰, além de valorizar um ofício ou fazer tradicional, pode ampliar o entendimento acerca da cultura do povo sertanejo e do design vernacular brasileiro (o design praticado antes da existência de escolas ou diplomas design e o design popular, informal, não acadêmico)¹¹. Vale recuperar a conhecida imagem do estilingue, proposta por

⁸ Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/>>, acesso em: 23/10/2018.

⁹ Lei nº 13.193, de 13/11/2014, que reconhece o ofício do vaqueiro como patrimônio cultural imaterial do Estado da Bahia. Disponível em: <<http://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-13193-2014-bahia-aprova-o-plano-estadual-de-cultura-da-bahia-e-da-outras-providencias?q=jequi%C3%A9>>, acesso em: 23/10/2018; e lei nº 10.862, de 25/03/2017, que reconhece o próprio vaqueiro como manifestação cultural popular e patrimônio cultural imaterial do Estado da Paraíba. Disponível em: <<http://static.paraiba.pb.gov.br/2017/04/Diario-Oficial-04-04-2017.pdf>>, acesso em: 23/10/2018.

¹⁰ Sua missão consiste na pesquisa, documentação, difusão e execução de políticas públicas de preservação e valorização dos mais diversos processos e expressões da cultura popular. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/400>>, acesso em: 23/10/2018.

¹¹ Segundo Priscila Farias, design vernacular no Brasil possui essas duas acepções (FARIAS, 2003: pág. 125).

Aloisio Magalhães —“Quanto mais se puxar o elástico para trás, mais longe a pedra chegará” (MAGALHÃES, 1997: pág. 102)—, pois ela serve como um ponto de partida e lembrete que ao retroceder na história, buscando uma fundação sólida, teremos mais subsídios para discutir e ir mais longe em temas tão complexos como os relacionados ao patrimônio cultural de um povo.

Este trabalho também pode contribuir para a consolidação e divulgação de técnicas e saberes regionais que podem se perder com o passar dos tempos (podem?), já que as forças e dinâmicas conjunturais que contribuíram historicamente para a configuração e permanência desse tipo de cultura e a produção desse tipo de roupa, como veremos mais à frente, estão passando por inevitáveis alterações. Cabe lembrar que o artesanato brasileiro, do qual a tradição dos mestres do couro faz parte, sofreu um descrédito cultural acentuado nos últimos 60 anos, anos esses correspondentes à fase de industrialização do país. Como resultado, como explica Adélia Borges:

As ricas tradições de produção manual, nas quais as comunidades faziam produtos para consumo próprio, começaram a sofrer devido à concorrência de produtos industriais importados da China, e os artesãos começaram a repetir as formas industriais e/ou a adotar estereótipos na produção. Em todas as regiões do Brasil, os mesmos “motivos” puderam ser vistos: cenas de neve ou ursos polares fofos, bagas e outras iguarias exclusivas do hemisfério norte que apareceram em uma variedade de produtos artesanais, desde cerâmica a bordados e pintura de panos¹².

1.4 Método

1.4.1 Motivação

No primeiro semestre de 2013, o primeiro pré-projeto desta pesquisa foi elaborado para ser submetido à banca examinadora do processo seletivo para o curso de doutorado. No entanto, como foi mencionado brevemente na justificativa, o primeiro contato direto com o universo dos vaqueiros sertanejos aconteceu oito anos antes, em 2005, durante as pesquisas preparatórias para o processo seletivo do mestrado, iniciado no ano seguinte. Como a intenção era dissertar sobre as possíveis relações entre Design Gráfico e o Movimento Armorial de Ariano Suassuna, e pouco material de pesquisa havia sido coletado até então, foram feitas visitas a artesãos

¹² Disponível em: <<http://www.designbrasil.org.br/entre-aspas/adelia-borges/>>, acesso em: 23/10/2018.

nordestinos, produtores de elementos considerados importantes para a definição da chamada 'arte armorial' que o escritor paraibano começou a desenvolver a partir da década de 1950 e que estão presentes no manifesto que o grupo publicou em 1971. Na mesma oportunidade, foi realizada uma entrevista com o fundador e protagonista desse movimento artístico-cultural pernambucano.

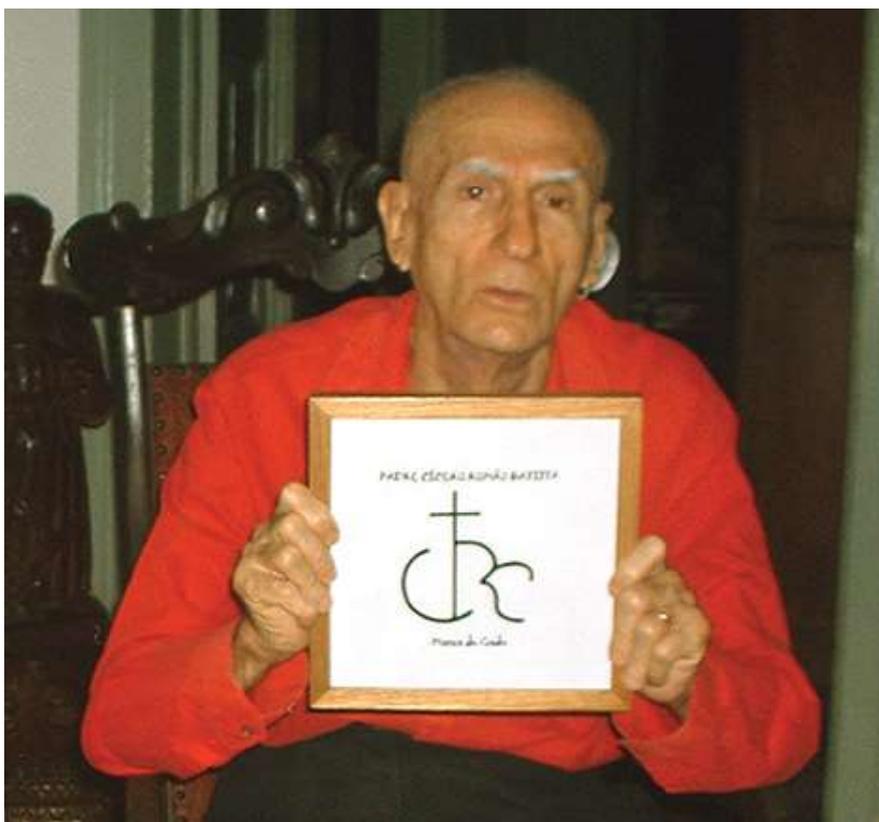


Figura 3 – Ariano Suassuna sustenta o ferro de Cícero Romão Batista, o Padre Cícero de Juazeiro (CE). O escritor chamou a atenção para os aspectos semânticos: além das iniciais ‘C’ e ‘R’, pode-se perceber a representação de crucifixo e a alusão ao Espírito Santo, através do meio traçado do perfil de uma pomba (foto do autor).

O encontro com Ariano Suassuna foi determinante para que, durante o mestrado, maior atenção fosse dada às manifestações ligadas ao universo dos vaqueiros sertanejos. Suassuna chegou a comentar em entrevistas que a heráldica sertaneja manifestada nos ferros-de-marcaboi, ou os ferros, herança da participação do escritor no Gráfico Amador¹³, foi um elemento de vital importância para que ele pudesse definir o conceito de ‘arte armorial’ (figura 3), além de ter deixado registrado que o “sertão mítico”, um Sertão quase que impermeável a qualquer mudança, foi sempre sua fonte de inspiração¹⁴:

O sertão dos jagunços, majoritariamente nordestino. Assim como o inegável arcaísmo

¹³ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2901200120.htm>>, acesso em 24/11/2018.

¹⁴ Disponível em <<http://www.academia.org.br/noticias/impressoes-do-sertao>>, acesso em 24/11/2018.

do Nordeste, a conservação de suas condições materiais e espirituais quase da Idade Média. Além, é claro, de sua organização social essencialmente feudal e que preservou essa parcela da nacionalidade de todo o modelo incaracterístico do Ocidente moderno (em entrevista para o Jornal do Brasil, em 14 de março de 2006).

Naquele momento, o recorte da pesquisa fez com que os ferros-de-marcar-boi, junto com o Alfabeto Sertanejo —caracteres alfabéticos idealizados por Suassuna (figura 4) na década de 1970 a partir das formas dos ‘ferros’ anotadas por um familiar—, passassem a ser estudados, além das distintas propostas de fontes tipográficas digitais inspiradas em ferros do Nordeste brasileiro, criadas a partir do primeiro projeto caligráfico desenvolvido pelo escritor.



Figura 4 – Alfabeto Sertanejo, elemento visual considerado pelo autor como de grande importância para sua Arte Armorial. Estes caracteres alfabéticos foram criados por Ariano Suassuna com inspiração nos símbolos encontrados na manifestação sociocultural de ferragem de gado.

Ainda em 2005, no Cariri cearense, um segundo evento relevante para este trabalho aconteceu: na cidade de Nova Olinda foi possível encontrar Espedito Velozo de Carvalho (1939), ou ‘Seu Espedito Seleiro’, durante visita à oficina do artesão¹⁵. Nessa oportunidade, foi comprado o primeiro artefato confeccionado por um mestre do couro sertanejo, artefato este que, mais tarde, tornou-se parte do *corpus* desta pesquisa: um par de sandálias (figura 5). Hoje,

¹⁵ Rua Monsenhor Tavares, n.º 318.

o trabalho de Espedito, que é mestre da cultura reconhecido oficialmente pelo Governo do Estado do Ceará e pelo Ministério da Cultura e é seguramente o mais renomado mestre do couro do país na atualidade, é parte desta pesquisa.



Figura 5 – Sandália de couro comprada na oficina de Espedito Seleiro em 2005.

Um terceiro contato importante para esta pesquisa aconteceu dois anos depois, em 2007, já durante o mestrado. Ao visitar a cidade paraibana de Taperoá para acompanhar as gravações da minissérie ‘A Pedra do Reino’, projeto televisivo baseado na obra de Ariano Suassuna, foi possível conhecer e observar o trabalho dos artesãos que construíram os cenários e os figurinos. A amizade com dois desses profissionais, os paraibanos Sérgio Nascimento e Alex Sandro Porto Nascimento, que atuaram como aderecistas na produção, destacando-se na confecção de trajes para cangaceiros e armaduras de couro para outros personagens (figura 6), se estende até os dias de hoje. Sérgio reside hoje em dia em Campina Grande e é expositor no salão de artesanato da Paraíba (Ateliê Sérgioarts¹⁶), evento que ocorre duas vezes ao ano, no verão na capital João Pessoa e em junho em Campina Grande¹⁷. Já Alex, artesão do couro, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde desenvolve sua atividade (Ap Couro e Arte).

¹⁶ E-mail para contato: sergioarts@hotmai.com.

¹⁷ Evento do Programa de Artesanato da Paraíba, vinculado à Secretaria do Turismo e do Desenvolvimento Econômico do Governo do Estado.



Figura 6 – Exemplo do figurino da minissérie ‘A Pedra do Reino’, baseada na obra de Ariano Suassuna. Alex Porto, artesão paraibano, confeccionou o gibão do protagonista, na esteira da proposta realista-fantástica da estética armorial.

Toda a exploração realizada durante o desenvolvimento do mestrado, as viagens e o contato com artesãos foram importantes para que uma primeira base de dados fosse produzida (por meio de aquisição de bibliografia especializada, além da produção de registros fotográficos e entrevistas) e para que as primeiras noções com relação ao tema pudessem ser aclaradas, já que a cultura material sertaneja fazia parte do pesquisa, ainda que naquele momento não existisse a ideia de concentrar uma maior atenção no estudo do personagem central da cultura pecuária sertaneja e da sua roupa de trabalho. Apesar disso, o caso é que essas ações pretéritas hoje ajudam a responder os objetivos aqui propostos. Objetivos de uma pesquisa que começou oficialmente no dia 3 de dezembro de 2013, com a divulgação do resultado do processo seletivo para o ingresso no curso.

Em um primeiro momento, foi necessário realizar uma revisão bibliográfica para determinação do estado da arte, buscando textos de autores, documentos e demais registros que pudessem fornecer dados para fundamentar o contexto explorado, esclarecer fatos importantes relacionados ao universo dos vaqueiros da Região Nordeste e que pudessem ajudar a interpretar a historiografia desse grupo social, além daqueles que pudessem auxiliar a elucidar questões referentes à noção de patrimônio cultural material e imaterial vigente no Brasil. Vale dizer que historiadores renomados pesquisaram o universo da pecuária no sertão nordestino: Capistrano de Abreu (1853–1927), Gustavo Barroso (1888–1959), Luís da Câmara Cascudo (1898–1986), Gilberto Freyre (1900–1987), Manuel Correia de Oliveira Andrade (1922–2007), Caio da Silva Prado Júnior (1907–1990), Nelson Werneck Sodré (1911–1999) e Clarival Valladares (1918–1983) são exemplos de autores brasileiros que trataram do tema. Mais recentemente, Frederico Pernambucano de Mello (1947), que integrou a equipe de Gilberto Freyre na Fundação Joaquim Nabuco, se ocupou de pesquisar esse universo, com foco no fenômeno do cangaço e sua raiz pastoril.

Assim como a historiografia brasileira, a nossa literatura também se interessou pelo tema, este vinculado ao regionalismo sertanejo. Antes disso, o vaqueiro apareceu no poema ‘O Cancioneiro’ (1874) de José de Alencar (1829–1877). Renato Pires Castello Branco (1914–1995) publicou, em 1942, ‘A Civilização do Couro’ e Ariano Suassuna (1927–2014), como já foi dito, fez da cultura sertaneja parte fundamental da sua arte. Euclides da Cunha (1866–1909) contribuiu enormemente para aumentar o valor simbólico do vaqueiro e de sua roupa de trabalho com a descrição dos atores envolvidos na atividade da pecuária sertaneja que apresentou em ‘Os Sertões’ (1902) e Guimarães Rosa (1908–1967) ajudou a divulgar a vida do povo sertanejo com o seu livro ‘Grande Sertão: Veredas’ (1956), dois dos mais importantes livros da literatura nacional. O discurso do designer Aloisio Magalhães (1927–1982) foi sempre levado em conta quando questões relacionadas ao patrimônio cultural nacional foram levantadas. Por último, o designer e educador austríaco Victor Papanek (1923–1998), que, pelos estudos que fez a respeito da produção material realizada em condições ambientais extremas, tornou-se também um autor fundamental para este trabalho.

1.4.2 Pesquisa de campo

Já com o doutorado em andamento, três viagens para pesquisa de campo e produção de dados *in loco* foram feitas, cada uma delas planejada de forma e com estratégias distintas¹⁸. Além de servir para visitas a museus, reconhecimento e exploração do cenário, a primeira viagem ao Sertão, feita em junho de 2014, serviu também para que artesãos que produzem as peças que compõem a roupa de trabalho do vaqueiro pudessem ser encontrados, para que um primeiro contato pudesse ser com eles estabelecido, artefatos de couro adquiridos, e para que entrevistas não-estruturadas fossem feitas (pág. 138). Antes dessa primeira incursão, uma cooperativa e dez possíveis artesãos foram mapeados por meio da revisão bibliográfica e através de pesquisas na Internet. Partindo de um roteiro estabelecido previamente para tornar viável a identificação do maior número de artesãos nesses onze destinos (figura 7), foi possível visitar na primeira viagem cinco cidades espalhadas por quatro estados da Região Nordeste (Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco) e, nessas cinco cidades, quatro oficinas foram visitadas, peças de seis artesãos distintos foram compradas e três deles puderam ser entrevistados.

Na Vila do Artesão, um dos centros culturais da cidade paraibana de Campina Grande, foram compradas peças de dois artesãos que não constavam na lista inicialmente preparada: **(1)** Roosevelt Fernandes da Silva (1975), proprietário da loja/oficina ‘Gibão de Cor’¹⁹, e **(2)** ‘Maurício’, amigo do primeiro. Cinco peças expostas no estabelecimento de Roosevelt foram compradas nessa ocasião: um chapéu de couro e um gibão ornamentado feito pelo proprietário (figura 8) —que segundo Jeane Pereira, sua esposa, foi a primeira peça por ele produzida—, e um conjunto formado por um gibão, um guarda-peito e uma perneira de autoria de Maurício. Um par de luvas foi também encomendado nessa ocasião (com a esposa de Roosevelt) para completar o conjunto.

¹⁸ Para que fosse economicamente viável, todas as três viagens foram iniciadas e finalizadas em Recife.

¹⁹ Rua Aristides Lobo, n.º 87 – Bairro São José, Campina Grande/PB – CEP: 58400-384.

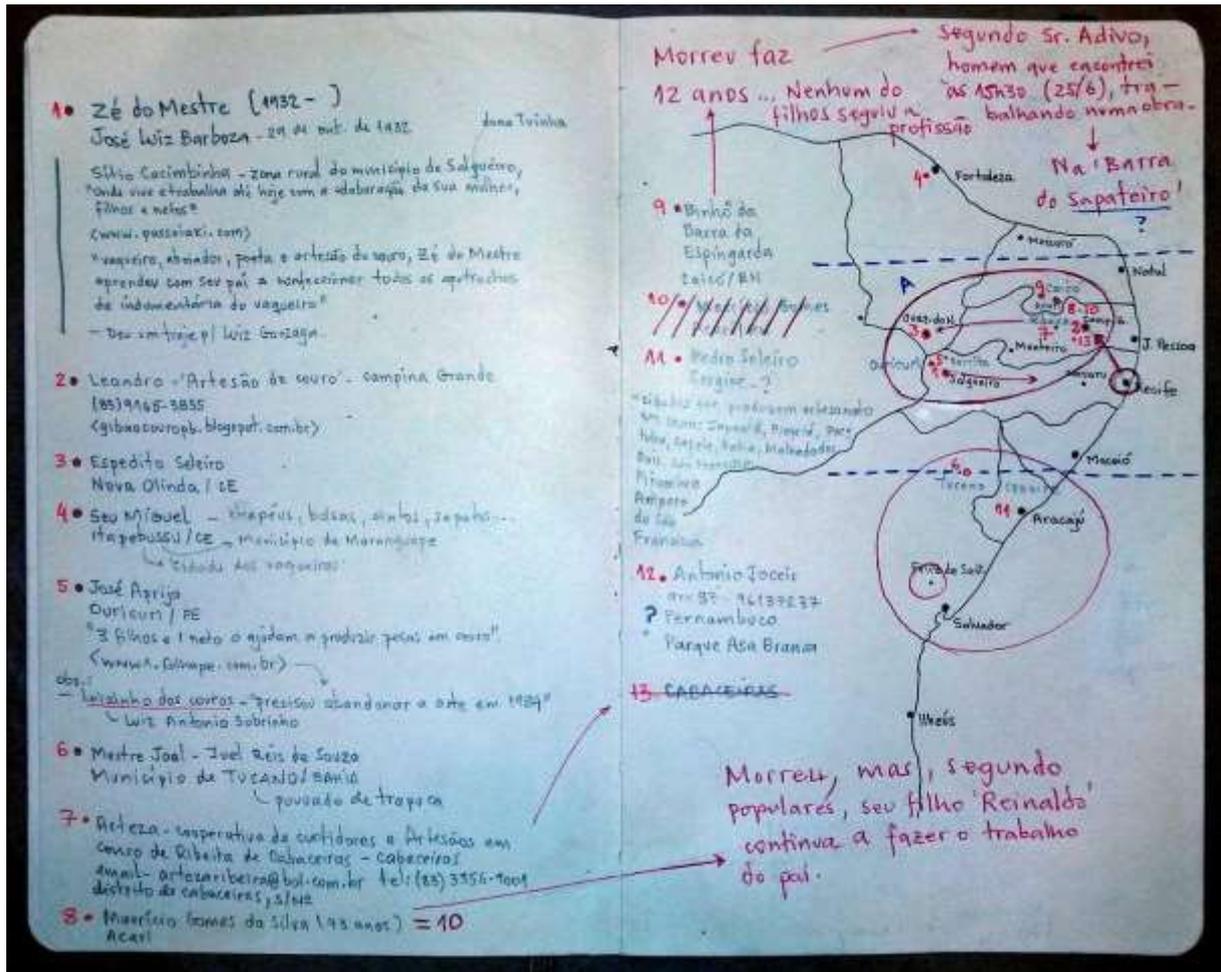


Figura 7 – Roteiro da primeira viagem, feita em junho de 2014 (foto do autor).

Na cidade de Acari²⁰, no Rio Grande do Norte, mais um mestre do couro foi identificado: (3) Reinaldo Gomes da Silva (figura 9), mencionado brevemente no início desta introdução. Reinaldo não constava na lista inicial, mas seu pai, o também artesão do couro (seleiro) Maurício Gomes da Silva, falecido em 2002, sim. Reinaldo, com sessenta e três anos na data da entrevista, começou a trabalhar com couro aos vinte e seis anos de idade, e foi o único dos filhos que seguiu a profissão do pai —“os outros não sabem nem botar bainha em faca” (pág. 140), disse ao ser entrevistado. Ele foi localizado exercendo o ofício de barbeiro, sua principal atividade naquela data, e nesse encontro com o artesão, um gibão, um guarda-peito e um par de luvas foram encomendados.

²⁰ Rua Aurélio Pires, S/N, esquina com Rodovia RN-288.



Figura 8 – Gibão festivo confeccionado por Roosevelt Fernandes da Silva, proprietário da loja/oficina ‘Gibão de Cor’, inspirado no modelo usado por Luiz Gonzaga (pág. 102) na década de 1980 (fotos do autor).

Em Caicó, ainda no Rio Grande do Norte, outras peças (um gibão, um guarda-peito, uma perneira e um par de luvas) foram adquiridas em uma loja de produtos agropecuários (Comercial J Sobrinho). Com o proprietário desse estabelecimento comercial²¹, que afirmou não ter turistas como o seu público-alvo, foi possível descobrir informações sobre o (4) artesão que as confeccionou para futuro contato. A quarta parada aconteceu na cidade de Nova Olinda, no Ceará, a 350 quilômetros de Caicó. Ali, gravações de áudio foram feitas e foram comprados peças (um gibão, um guarda-peito e um par de luvas) na oficina de (5) Espedito Seleiro (figura 10), bisneto de Antônio, neto de Gonçalves e filho Raimundo Veloso, todos seleiros (profissional que fabrica a sela de montaria), e aquele que foi o primeiro dos artesãos identificados, antes mesmo do início 'oficial' da pesquisa. Apesar da beleza, da qualidade técnica e da variedade de modelos por ele produzido, foi selecionado de sua produção um gibão de um só material, de cor uniforme (gibão G5), mantendo a unidade do *corpus*.

²¹ Rua Olegário Vale, n.º 781, Caicó/RN.



Figura 9 – Mestre do couro Reinaldo Gomes, na sua barbearia em Acari, no Rio Grande do Norte, em junho de 2014 (foto do autor).



Figura 10 – Funcionário de Espedito usando um molde para desenhar ornamentos (foto do autor).

Os últimos produtores foram encontrados em Ouricuri, Pernambuco. José Aprijo (6), que chegou a fazer roupas para o músico regionalista Luiz Gonzaga, já constava na lista inicial,

mas foi finalmente localizado após visita ao Museu Cais do Sertão²² (pág. 110), em Recife, no dia 21 de junho de 2014. Romildo Aprijo Lopes (7), filho de José, hoje praticamente aposentado, confeccionou as réplicas de um dos trajes de Lampião, assim como dos trajes usados por Luiz Gonzaga, até hoje lá expostos (inclusive uma réplica de um dos trajes que seu pai produziu para o músico exuense), e o endereço da loja/oficina desses artesãos foi encontrado justamente nas etiquetas desses trajes. Durante a visita à oficina dos Aprijos (figura 11), realizada no dia 26 de junho de 2014, um chapéu ornamentado foi comprado e outras peças foram encomendas²³: um gibão e um guarda-peito. Esses dois mestres do couro, José e Romildo Aprijo, mais Reinaldo Gomes de Acari, foram os três artesãos entrevistados nessa primeira viagem ao Sertão.



Figura 11 – José Aprijo e seu filho Romildo Aprijo, mestres do couro pernambucanos, na oficina/loja comercial ‘Arte em Couro’²⁴ em junho de 2014 (foto do autor).

²² Avenida Alfredo Lisboa, s/N, Bairro do Recife.

²³ Cenas da entrevista de José e Romildo Aprijo: <<https://www.youtube.com/watch?v=ObNoj8rUOzY>>.

²⁴ Rua Fábio Lins, n.º 118, Ouricuri – PE.

Existiam dois objetivos maiores na segunda das viagens de pesquisa de campo, realizada em 2015: fazer entrevistas semiestruturadas com artesãos (adquirindo se possível mais peças de couro) e conhecer a missa do vaqueiro realizada na cidade de Serrita (figuras 12 e 13), a 536 km do Recife, no sertão pernambucano, ponto de encontro de vaqueiros, mestres do couro da região e outros amantes dessa nova tradição, ou tradição inventada²⁵, para usar o termo de Hobsbawm (1984). Isso porque, ainda que existam nos dias de hoje numerosas missas do gênero, essa prática de natureza ritualística e simbólica, que estabelece continuidade com um passado histórico apropriado, foi inaugurada em 1971 com a missa de Serrita²⁶, a primeira nesse formato. A missa ao ar livre, celebrada em homenagem ao vaqueiro Raimundo Jacó, que era primo de Luiz Gonzaga e foi assassinado por outro vaqueiro em 1954, atrai anualmente milhares de visitantes (em média, setenta mil pessoas nos três dias de evento²⁷) e acontece sempre no terceiro domingo do mês de julho, no Parque Estadual João Cândio²⁸, onde foi construído um altar em forma de ferradura.



Figura 12 – Missa do Vaqueiro no Parque Estadual João Cândio, no município de Serrita – PE (foto do autor).

²⁵ “Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado” (HOBSBAWM, 1984: págs. 9–23).

²⁶ O evento é promovido pela Fundação João Cândio, em parceria com a Prefeitura Municipal de Serrita e a Associação de Vaqueiros de Pega de Boi na Caatinga do Alto Sertão de Pernambuco – APEGA (Sítio Lajes, S/N, Serrita – PE, CEP: 56140-000).

²⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2017/04/missa-do-vaqueiro-de-serrita-pode-nao-acontecer-por-falta-de-recurso.html>>, acesso em 18/01/2019.

²⁸ Vaqueiros encourados entrando no Parque João Cândio. Disponível em: <<https://youtu.be/NJDDI4rA4PQ>>, acesso em 18/01/2019.

20 A 23 JULHO 2017

PARQUE ESTADUAL JOÃO CÂNCIO

MISSA DO VAQUEIRO
47 ANOS
SERRITA - PE

A MAIOR FESTA DO SERTÃO

PROGRAMAÇÃO

DIA 20 - QUINTA em Ipuera a partir de 21h:
Leninha de Badocó

DIA 21 - SEXTA Parque Estadual João Cândio **DIA 22 - SÁBADO**

Roda de Forró: Elmo Oliveira e Cosmo do Acordeon
Abertura do Palco: Donizete Batista
Kinho Calhou | Farrozão Rei do Gado Caninana | Pedrinha Pegação

Roda de Forró: Erilson Romão e Vital Barbosa
Abertura do Palco: Joquinha Gonzaga
Flávio Leandro | Flávio José Erika Diniz

Parque Estadual João Cândio **DIA 23 - DOMINGO** **Em Serrita**

Celebração da 47ª Missa do Vaqueiro
Desfile dos Vaqueiros às 8h - Missa às 10h
Celebrante: Dom Magnus
Josildo Sá | Flávio Leandro
Coral de Aboios

Aboiadores:
Chico Justino
Fernando | Ronaldo
Repentista Pedro Bandeira

Ranieri
próximo ao ginásio poliesportivo a partir das 14h

SOU JACOZEIRO

REALIZAÇÃO: Associação João Cândio, Associação dos Vaqueiros do Nordeste de Serrita, APEGA

APOIO: FUNDAÇÃO PADRE JOÃO CÂNCIO, CABERÊ CANGAÇO

PATROCÍNIO: Prefeitura e Municipal de Serrita, Pernambuco Secretária de Turismo, CAMPETUR

Figura 13 – Programação da 47ª Missa do Vaqueiro de Serrita (2017).

Nessa mesma ocasião, em Salgueiro (PE), cidade próxima ao município de Serrita, foi possível também contatar e entrevistar os artesãos Irineu José Barbosa²⁹, ou Irineu do Mestre (figura 14), e um dos seus filhos, Irineu Jr., e visitar a oficina da sua família no Sítio Cacimbinha, na zona rural do município. Irineu é filho do ex-vaqueiro, aboiador, poeta e artesão do couro, hoje aposentado, José Luiz Barbosa, ou Zé do Mestre (1932), um dos mestres do couro elencados na lista que foi preparada para a viagem de 2014 (figura 7). Nessa oportunidade, um artigo de couro foi comprado (um guarda-peito equino confeccionado por Irineu Jr. —figura 15), um chapéu, um gibão, um guarda-peito, um par de luvas, um par de botas e uma perneira foram encomendados e os dois artesãos, pai e filho, foram entrevistados.

²⁹ Edição do Viva Caatinga! que trata do Mestre Irineu. Viva Caatinga é um programa exibido pela Rádio e WEBTV educativas da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SEtWOFmiCBw>>, acesso em 29/10/2018.



Figura 14 – Irineu José Barbosa, ou Irineu do Mestre (foto do autor).



Figura 15 – O guarda-peito comprado na ocasião (foto do autor).

Na terceira e última viagem, feita em 2017, entrevistas semiestruturadas foram feitas com aqueles que usam as roupas produzidas pelos mestres do couro, os vaqueiros sertanejos. Participar como espectador de uma pega de boi, competição nascida a partir das festas de aparição (ver subcapítulo 3.2.1) e que se tornou um esporte no universo sertanejo, foi a solução encontrada para observar esses usuários com o traje característico, no cenário no qual de fato atuam. Apenas dois artigos de couro foram comprados, um chapéu de vaqueiro, novamente na oficina de Espedito Seleiro, e um chocalho. No entanto, durante a pega de boi realizada na zona rural da cidade de Serrita (como parte dos festejos da missa do vaqueiro), cinco vaqueiros de idades e gêneros variados e origens distintas puderam ser entrevistados, e um sexta entrevista aconteceu em uma nova visita ao Parque João Cândio. Durante a pega de boi, Vinícius, um jovem vaqueiro de apenas dezessete anos, Francisco, um vaqueiro de trinta e oito anos, e Antônio, já veterano com os seus sessenta seis anos, foram entrevistados. Completam a lista, Francinilda, uma mulher que participava do evento no passado, e Jonas, vaqueiro de cerca de vinte anos (vinte ou vinte e dois, segundo o próprio vaqueiro) que se encontrava visivelmente embriagado na ocasião da entrevista. Embriaguez até justificada, e que não impediu a entrevista, pois aguardente de cana-de-açúcar é de fato abundantemente consumido em eventos do tipo, como afirmou Irineu do Mestre na sua entrevista (pág. 160):

Pesquisador – Então, bebe-se muito então não festas, né?

Irineu – Cachaça mesmo. O que mais se consome junto com a festa do vaqueiro é as cachaças mesmo. Seja ela de qual for marca, dependendo de região. De região por região, o pessoal tem uma preferência. Mas é a cachaça mesmo. Alguns têm a preferência da marca.

A última entrevista, realizada no Parque João Cândio após a celebração da missa em homenagem ao falecido Raimundo Jacó, foi feita, no dia 23 de julho de 2017, com João Paulo dos Santos, um vaqueiro de trinta e quatro anos.

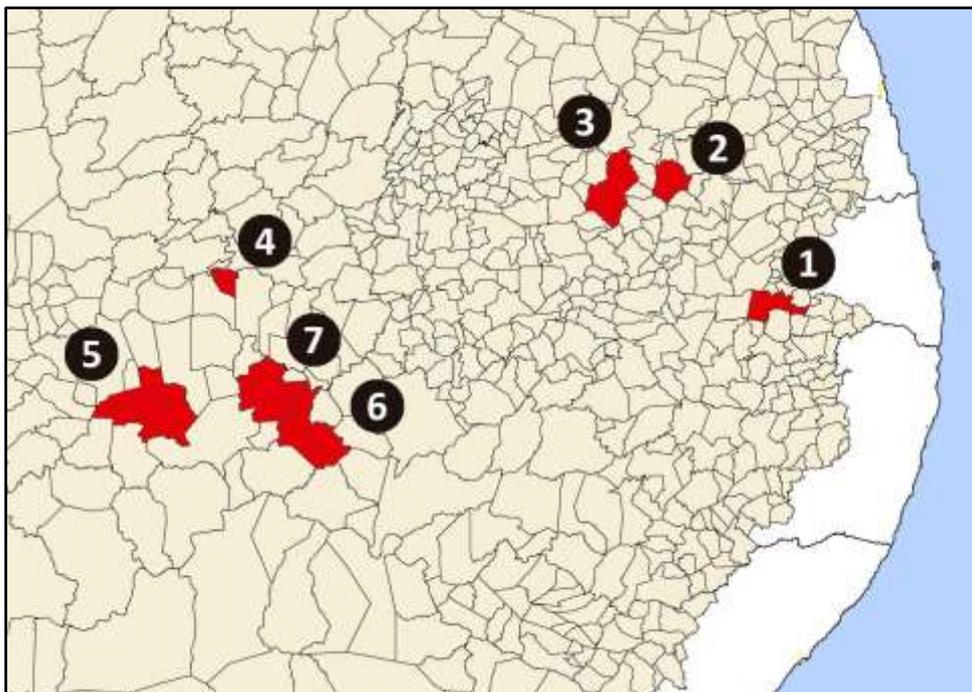


Gráfico 1 – Os municípios visitados durante a pesquisa, todos eles localizados na área do semiárido: 1. Campina Grande (Paraíba); 2. Acari (Rio Grande do Norte); 3. Caicó (Rio Grande do Norte); 4. Nova Olinda (Ceará); 5. Ouricuri (Pernambuco); 6. Salgueiro (Pernambuco) e 7. Serrita (Pernambuco).

Foram, portanto, trinta peças compradas nas três viagens realizadas: sete gibões, seis guarda-peitos, cinco pares de luvas, cinco chapéus, três perneiras, um par de sandálias, um par de botas, um guarda-peito equino e uma polaina:

Mestre do couro	Cidade/Estado	Peça	Cód.	Custo
Roosevelt Fernandes da Silva	Campina Grande/PB	1 gibão ornamentado	G1	R\$ 600,00
		1 chapéu 1 par de luvas	C1 L1	R\$ 1.200,00
Maurício	Campina Grande/PB	1 gibão 1 guarda-peito 1 perneira	G2 GP1 PE1	
Reinaldo Gomes da Silva	Acari/RN	1 gibão 1 guarda-peito 1 par de luvas	G3 GP2 L2	R\$ 500,00 + R\$ 100,00 (p/ gastos com o correio)
Artesão anônimo	Caicó/RN	1 gibão 1 guarda-peito 1 perneira 1 par de luvas	G4 GP3 PE2 L3	R\$ 450,00
Oficina do Espedito Seleiro	Nova Olinda/CE	1 chapéu 1 gibão 1 guarda-peito 1 par de luvas	C2 G5 GP4 L4	R\$ 940,00

		1 par de sandálias	S1	
Oficina dos Aprijo	Ouricuri/PE	1 chapéu 1 gibão 1 guarda-peito	C3 G6 GP5	R\$ 800,00
Irineu José Barbosa Irineu Jr.	Salgueiro/PE	1 guarda-peito equino (Irineu Jr.)	GE1	R\$ 200,00
		1 chapéu 1 gibão 1 guarda-peito 1 perneira 1 um par de luvas 1 par de botas	C4 G7 GP6 PE2 L5 B1	R\$ 800,00
Artesão anônimo	Rio de Janeiro/RJ (Feira de São Cristóvão)	1 chapéu 1 polaina	C5 PO1	R\$ 70 R\$ 70
				Total: R\$ 5.730,00

Durante todo o processo, foram realizados registros fotográficos (e também videográficos e áudios) que serão apresentados gradualmente nos próximos capítulos. As entrevistas que foram consideradas mais importantes foram transcritas e editadas (constam nos anexos – pág. 138), e todo o material (as peças compradas e os registros feitos, além das entrevistas realizadas) foi catalogado, e descrito, para facilitar a pretendida análise.

2104	1. Entrevista do artesão Reinaldo Gomes da Silva	25.06.2014
	2. Gravações na oficina do artesão Espedito Seleiro	26.06.2014
	3. Entrevistas dos artesãos Romildo e José Aprijo	26.06.2014
2105	4. Entrevista dos artesãos Irineu do Mestre e Irineu Jr.	24.07.2015
2107	5. Gravações no reencontro com artesão Romildo Aprijo	21.07.2017
	6. Entrevista de Francinilda, ex-participante de pega de boi	22.07.2017
	7. Entrevista de Vinícius, vaqueiro de 17 anos	22.07.2017
	8. Entrevista de Antônio Alves dos Santos, vaqueiro de 66 anos	22.07.2017
	9. Entrevista de Francisco Sérgio Lopes, vaqueiro de 38 anos	22.07.2017
	10. Entrevista de Jonas, vaqueiro de 20 anos	22.07.2017
	11. Entrevista de Vaqueiros de Moreilândia no parque João Cândia	23.07.2017
	12. Gravações no encontro com Seu Espedito Seleiro	21.07.2017

1.4.3 *Corpus*

Muitos fatores contribuíram para a definição do recorte que foi estabelecido para a análise das peças de couro que foram compradas entre 2014 e 2017. Pela impossibilidade de aquisição de ‘conjuntos completos’, ideia descartada logo de entrada, e por influência também da bibliografia, desde o início foi definido que uma maior atenção seria dada ao gibão, o casaco de couro, peça que representa o conjunto metonimicamente, tanto na literatura como no linguajar popular. Ainda que outras peças tenham sido compradas, a intenção ‘sempre’ foi a de adquirir, pelo menos, um casaco de couro de cada um dos artesãos que fossem eventualmente encontrados, deixando claro que isso não diminui a relevância de outras peças que podem até mesmo ser objeto de estudos futuros.

A escolha pelo gibão se deu também por um interesse em estudar essa habilitação do ofício exercido pelo mestre do couro, pois, devido à complexidade de execução dos equipamentos usados pelo vaqueiro, muitas vezes os artesãos se especializam na fabricação de algumas ou tão somente uma das partes desse sistema. Ainda que muitos possam ter a capacidade de fazê-lo, não são todos os que se dedicam a produzir o conjunto completo (ver página 74), ainda mais se levarmos em consideração partes do arreio, como a sela, como componentes constituintes desse sistema. É comum, portanto, encontrar artesãos especialistas na fabricação de itens específicos, com destaque para a fabricação do chapéu de couro, de calçado ou da sela. O enfoque do presente trabalho, porém, é o uso e a confecção dos casacos mais conhecido como gibões. Vale observar que por ser um conjunto cujo preço é elevado e de uso específico, os trajes do vaqueiro não são os principais produtos de venda, tanto na loja do Espedito Seleiro, como na loja da família Aprijo.

Três critérios foram utilizados para selecionar os gibões que passariam por uma análise mais detalhada: que tivessem sido eles confeccionados por artesãos identificados, contatados e entrevistados nas viagens que foram feitas ao Sertão, e que todos esses artesãos fossem mestres do couro com tradição familiar.

Critérios usados para a seleção dos gibões analisados:

1. Gibões confeccionados por artesãos identificados, contatados e entrevistados;
2. Gibões confeccionados por artesãos com tradição familiar;
3. Gibões feitos de couro cru curtido sem tingimento.

Dos sete gibões adquiridos, quatro cumprem essas duas exigências: os gibões produzidos por Irineu do Mestre (figura 19) e Reinaldo (figura 18), além dos saídos da oficina de Seu

Espedito (figura 17) e Romildo Aprijo (figura 16), são o resultado do trabalho de quatro artesãos entrevistados durante a pesquisa, todos eles filhos e alguns netos (e até bisnetos, como é o caso de Espedito) de artesãos que trabalharam com couro. Irineu do Mestre, outro exemplo, é neto de Luiz Eugênio Barbosa, o Mestre Luiz, nascido em 1896, e que, segundo o seu neto, já trabalhava com couro. A escolha dentre os gibões selecionados recaiu naqueles que apresentavam confecção em couro cru curtido sem tingimento, portanto um terceiro critério decisivo.



Figura 16 – Gibão (G3) produzido por Reinaldo Gomes (foto do autor).



Figura 17 – Gibão (G5) produzido na oficina do Seu Espedito (foto do autor).



Figura 18 – Gibão (G6) produzido por Romildo Aprijo (foto do autor).



Figura 19 – Acima, o gibão (G7) produzido por Irineu do Mestre (foto do autor).

A partir dos aprendizados logrados durante os anos de pesquisa e com o apoio das entrevistas realizadas com mestres do couro e vaqueiros, foram observadas na análise dos gibões escolhidos questões relativas à sua fabricação, aquelas relacionadas à morfologia e as de conteúdo simbólico, além de questões de uso desses artefatos que se relacionam com essas três primeiras dimensões.

Foram observadas na análise dos gibões questões relativas à:

1. fabricação;
2. morfologia;
3. simbologia.



Figura 20 – Os quatro gibões escolhidos para a análise: da esquerda para a direita, dois do tipo fraque (G7 e G6), um tipo casaco (G3) e outro tipo paletó (G3) – (foto do autor).

Com relação à estrutura deste estudo, convém mencionar que após uma aproximação ao universo da pecuária extensiva de baixa tecnologia sertaneja, com especial atenção dada ao cenário e ao personagem principal, será apresentado o resultado das pesquisas feitas o intuito de aclarar as condições histórico-culturais que viabilizam a existência da roupa de trabalho do vaqueiro.

No terceiro capítulo, são descritos os equipamentos que compõem o conjunto de artefatos que podem ser, e tradicionalmente são, utilizados pelo vaqueiro que atua na Região Nordeste do Brasil durante sua entrada na Caatinga, destacando a roupa de couro, seu equipamento de proteção individual³⁰.

Dando a devida importância ao objeto de estudo, o quarto capítulo é reservado para a descrição e análise do material adquirido durante os anos pesquisa, destacado um elemento desse conjunto, o gibão.

Por fim, as considerações finais que compõem o quinto capítulo.

³⁰ Para ser considerado legal, o EPI produzido e utilizado no Brasil deve possuir certificado de aprovação (CA) emitido Ministério do Trabalho e do Emprego: CLT, artigo 166, inciso 6.3, subitem A e artigo 167, inciso 6.2.

2 A IMPORTÂNCIA DO PASTOREIO³¹

O pastoreio é uma das mais antigas atividades humanas. Antes da invenção da escrita, os seres humanos evoluíram aos poucos da condição de nômades caçadores-coletores, nosso primeiro modo de subsistência, passaram a desenvolver gradualmente a agricultura, e, por força da necessidade, passaram a domesticar animais³², selecionando, adaptando e procurando melhorar a qualidade daqueles considerados úteis para suprir suas necessidades. Tudo isso a partir da Revolução Neolítica (ou Revolução Agrícola), entre dez e quatro mil anos antes de Cristo.

Ocorre que o pastoreio está tão presente no desenvolvimento humano que pode ser encontrado já na explicação do mundo natural oferecida pela mitologia bíblica: no Gênesis, o primeiro livro da Bíblia e o que descreve a criação do universo, o próprio Jeová abre caminho para esse tipo de atividade ao estabelecer, no sexto e penúltimo dia de trabalho, que o recém criado homem deveria dominar os animais que haviam sido previamente concebidos. “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”, sentenciou, ordenando que dominássemos a partir dali toda a terra, destacando “os peixes do mar”, “as aves dos céus”, “o réptil que se move sobre a Terra” e o “gado,”³³. Ainda no terreno bíblico, é possível encontrar o pastoreio ligado àquele que as sagradas escrituras tratam como o maior dos reis de Israel, Davi, personagem do Antigo Testamento citado 1.139 vezes no texto. Segundo essa tradição, Davi, além de ter sido pastor de ovelhas “em pastos verdejantes”, também apresentou o seu ofício em sentido figurado em fala registrada no poético Salmo 23: “O Senhor é meu Pastor e nada me faltará”. Segundo a mesma mitologia, ainda que praticasse outro ofício, esse sim diretamente ligado ao Campo do Design (“Não é este o carpinteiro?”³⁴), o mesmíssimo Jesus Cristo fez algo semelhante ao se autodefinir com “o bom Pastor”:

Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas.
Mas o mercenário, e o que não é pastor, de quem não são as ovelhas, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge; e o lobo as arrebatou e dispersa as ovelhas.
Ora, o mercenário foge, porque é mercenário, e não tem cuidado das ovelhas. Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido.
(João: 10, 11–18).

³¹ **V. pastorear:** 1. Conduzir e/ou vigiar o gado no pasto; pastorar.

³² A domesticação é um processo pelo qual uma população animal se adapta ao homem e uma situação de cativeiro através de uma série de modificações genéticas que ocorrem ao longo de gerações e através de uma série de processos adaptativos produzidos pelo ambiente e repetido por gerações (PRICE, 1984).

³³ Gênesis: 1, 26.

³⁴ Marcos: 6, 3.

Dentre os animais, dotados com condições básicas para a domesticidade³⁵ que Humanidade progressivamente selecionou para criação, passando pelos estágios da prisão, mansidão e domesticação, e buscando com isso aumento de produção e benefícios que vão da alimentação e vestimenta à tração e transporte³⁶, estão os bovídeos e os equídeos, duas famílias de mamíferos que historicamente foram muito bem aproveitadas pelos humanos.

Os bovídeos são uma família de mamíferos ruminantes à qual pertencem animais como a ovelha (*Ovis aries*) e a cabra (*Capra aegagrus hircus*), os primeiros a serem domesticados por serem mais dóceis (TORRES, 1957), e o boi (*Bos taurus*). Já os equídeos constituem uma família de mamíferos ungulados (que abarca tão-somente o gênero *Equus*) representados pelo cavalo e o pônei (*Equus ferus caballus*), pelo asno (*Equus africanus asinus*), também chamado de jumento, jegue ou burro, pela híbrida mula (também muar ou besta), originária do cruzamento da égua com o asno macho e pelo pouco conhecido e também híbrido bardoto, que vem do cruzamento do cavalo com o asno fêmea. Os cavalos e outros equídeos, domesticados entre cinco e quatro mil anos antes de Cristo (TORRES, 1957), até meados do século XX ainda eram usados de forma intensa em guerras.

Os auroques (*Bos primigenius*), grandes bovinos que habitavam Europa, Ásia e África e que foram extintos no século XVII, foram domesticados entre sete e seis mil anos antes de Cristo (TORRES, 1957) e a Humanidade, por meio desses ancestrais, cujas representações podem ser vistas entre as pinturas rupestres da caverna de Lascaux (figura 21), na França, teve a oportunidade de gerar e modificar, buscando melhorias, diversas outras raças de bovinos que compõem o rebanho mundial da atualidade, que na lógica da monocultura alcançou o número de 998,31 milhões de cabeças em 2017. Dessas, 226,03 milhões de cabeças, 22,04% do total, estão no Brasil, o segundo maior produtor mundial, seguido pela China, Estados Unidos e União Europeia (tabela 3). Vale mencionar que os quatro maiores rebanhos representam mais de 70% dos animais ao redor do mundo.

³⁵ São elas: sociabilidade, mansidão e reprodução em cativeiro (TORRES, 1957).

³⁶ Segundo Domingues (1928), as funções econômicas da domesticidade são: 1) Produtos alimentares; 2) Matéria-prima da indústria manufatureira; 3) Força Motriz; 4) Adorno; 5) Faro e coragem; 6) Função afetiva; 7) Detritos e excreções e 8) Capital vivo.



Figura 21 – Representações de auroques na caverna de Lascaux.

O boi e o cavalo foram introduzidos (ou reintroduzidos como diz a Arqueologia) no continente americano a partir dos eventos, as tais invasões, que convencionalmente e convenientemente passamos a chamar de ‘descobrimientos’. Trazidos para o Brasil já na implantação dos primeiros engenhos de cana-de-açúcar, a colonização portuguesa inventou uma pecuária de gado bovino extensiva na Região Nordeste do Brasil (que só passou a ser chamada assim em 1938) a partir do século XVI. Isso fez com que ajuntamentos de pessoas permanecessem praticamente isoladas naquela região entre os séculos XVII e XIX. Esse isolamento de pessoas em terras hostis, e sob condições de trabalho ainda mais agressivas, contribuíram para o surgimento de um reconhecido tipo brasileiro e de toda uma cultura na qual o ele é o protagonista, o vaqueiro do semiárido (figuras 22 e 23).

Rebanho bovino, em milhões de animais				Produção de carne bovina em milhões de ton.			
Mundo		998,31		Mundo		60,48	
Rank	País	2017	%	Rank	País	2017	%
1	Índia	303,35	30,39%	1	Estados Unidos	11,38	18,83%
2	Brasil	226,03	22,64%	2	Brasil	9,28	15,35%
3	China	100,08	10,03%	3	União Européia	7,85	12,98%
4	Estados Unidos	93,50	9,37%	4	China	6,90	11,41%
5	União Européia	89,25	8,94%	5	Índia	4,25	7,03%
6	Argentina	53,51	5,36%	6	Argentina	2,60	4,30%
7	Austrália	27,75	2,78%	7	Austrália	2,07	3,43%
8	Rússia	18,43	1,85%	8	México	1,88	3,11%
9	México	16,50	1,65%	9	Paquistão	1,75	2,89%
10	Turquia	14,04	1,41%	10	Turquia	1,58	2,62%

Gráfico 2 – Tabela com o ranking mundial de rebanhos e produção de carne bovina³⁷.



Figura 22 – Vaqueiro do semiárido (foto do autor).

³⁷ Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Disponível em <<https://www.fas.usda.gov>>, acesso em 22/12/2017.

A escassez de recursos no semiárido contribuíram para que artífices sertanejos configurassem toda a sorte de equipamentos destinados ao ofício do vaqueiro fazendo uso do couro animal; e dentre esses equipamentos foi elaborado um traje, sem o qual esses pastores não conseguiriam sobreviver à jornada, que contribuiu para que o vaqueiro tenha se tornado um tipo brasileiro, um herói e um símbolo da cultura sertaneja.



Figura 23 – Tipos e aspectos do Brasil: vaqueiro típico da Região Nordeste na interpretação de Percy Lau, ilustrador peruano que se radicou no Brasil. Ilustração publicada em 1956, na 6ª edição da Revista Brasileira de Geografia (IBGE/Conselho Nacional de Geografia).

2.1 O semiárido brasileiro

A ideia de sertão serviu, no período colonial brasileiro, como uma forma de nomear o desconhecido. Em oposição ao civilizado litoral, o sertão era considerado um lugar inóspito, uma região habitada tão-somente por selvagens (ARRUDA, 2000). Ainda hoje, para quem desconhece os pormenores da história da colonização portuguesa no Brasil e a investida dos nossos colonizadores no semiárido (gráfico 3), pode parecer difícil entender como eles puderam ter escolhido uma zona de natureza tão hostil para ali desenvolver a pecuária, uma atividade que se mostrou tão importante para o estabelecimento e o crescimento do país, e que acabou se tornando fundamental para o seu destino —basta dizer que nosso país era, em 2016, o segundo maior exportador de carne do mundo. Mas quais seriam essas condições naturais tão terríveis que o Sertão apresenta e que foram destacadas na Lei que oficializou o ofício do vaqueiro em 2013 justamente por contribuírem para tornar ainda mais difícil a já complexa rotina desse profissional? Bom, três grandes inconveniências naturais podem ser inicialmente destacadas e estão elas relacionadas às características climatológicas, às características geológicas (e geomorfológicas) e, especialmente, à flora sertanejas.



Gráfico 3 – Mapa dos municípios que compõem o semiárido brasileiro, que se estende pelos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, atingindo ainda o norte do Estado de Minas Gerais, conforme delimitação feita pelo Ministério da Integração Nacional em 2005.

O clima, em uma das numerosas definições científicas disponíveis, é o “estado médio e o comportamento estatístico da variabilidade dos parâmetros do tempo (temperatura, chuva, vento etc.) sobre um período, suficientemente, longo de uma localidade”³⁸. Em outras palavras, para fugir desta hermética definição, o clima pode ser entendido como o conjunto de condições atmosféricas que caracterizam uma determinada região. Pois o que predomina na quente região semiárida nordestina brasileira, que se estende pelos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, atingindo ainda o norte do Estado de Minas Gerais³⁹ (atingindo 1262 dos 5570 municípios brasileiros), e que afeta a vida dos sertanejos e condiciona o trabalho do vaqueiro, é um clima do tipo tropical seco com a evaporação excedendo a precipitação, com ocorrência de pequenos períodos de chuvas sazonais. Ou seja, chove pouco no Sertão e perde-se muita água. Chove muito pouco no Sertão. De fato, é a sub-região que apresenta o menor índice pluviométrico de todo o país, e por não serem essas chuvas distribuídas uniformemente na zona, determinadas áreas, as mais secas, podem ficar anos sem a presença de chuva. É, portanto, uma tarefa difícil produzir culturas que necessitem de regularidade hídrica nessa região (COUTINHO, 2013). Chove pouquíssimo lá e, para piorar, os rios secam! A principal característica hidrográfica do semiárido brasileiro, diretamente relacionada com a precipitação da região, é o caráter intermitente de seus rios. Segundo Maltchik (1999: pág. 78), “os rios e riachos são irregulares, onde o fluxo de água superficial desaparece durante seu período de estiagem”. Entretanto, ainda que inconstantes, tais rios são ecossistemas indispensáveis para as estratégias de sobrevivência da população humana local (MALTCHIK, 1996) e acabam sendo mais um fator, além das questões de mercado, que obriga o pecuarista, que sempre teve a seca como parte da sua realidade, a deslocar constantemente seus rebanhos pela região. Chove pouquíssimo, os rios secam e, para complicar as coisas, o sol está sempre presente no Sertão (figura 24). Em alguns pontos, o sertanejo é esturricado por três mil horas/luz por ano, o que faz com que a temperatura nos meses de seca, “quando o vento açoitava a vinte quilômetros por hora, chegava a 60°C, escaldando os que lá vivem” (FARIA, 1969). Para alguém que viva em regiões de climas mais amenos, o Semiárido brasileiro, constantemente acometido por grandes eventos extremos de secas, é, indubitavelmente, um inferno na terra.

³⁸ Disponível em <<http://www.cptec.inpe.br/glossario.shtml#8>>, acesso em 20/12/2018.

³⁹ Os critérios para delimitação do Semiárido como região e área de atuação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) foram redefinidos em 2017 (resoluções n.º 107, de 27/07/2017, e n.º 115, de 23/11/2017) e são eles: a baixa precipitação pluviométrica, o alto índice de aridez e o alto percentual de déficit hídrico, considerando todos os dias do ano. Disponível em <<http://sudene.gov.br/images/arquivos/semiario/arquivos/infografico-semiarido-delimitacao.png>>, acesso em 20/12/2018.



Figura 24 – Semiárido em tempos de seca.

A segunda inconveniência natural das três aqui destacadas são as características geológicas sertanejas. Em termos geológicos, a Região Nordeste inteira é basicamente constituída por dois tipos de estrutura: o embasamento cristalino, que representa 70% da região semiárida, e as bacias sedimentares. No embasamento cristalino, os solos geralmente são pouco profundos (cerca de 60 cm), apresentam baixa capacidade de infiltração de água, alto escoamento superficial e reduzida drenagem natural. “É como se estes solos estivessem sobre um prato, onde a pouca quantidade de água que consegue se infiltrar é armazenada no fundo”, explica João Suassuna, pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco⁴⁰. Pobres em matéria orgânica, os solos do Sertão, além pouco profundos, são geralmente pedregosos, quase sempre inadequados para uma agricultura convencional (SILVA, 2006). Como exceção à regra, João Suassuna pondera, ao comentar que também existem vários tipos de solos com vocação agrícola na região. O relevo do Sertão, com seus solos com alta salinidade, é marcado pela presença de superfícies aplainadas (planícies de erosão) associadas a resistentes e elevados inselbergs (do alemão, *insel* [ilha] + *berg* [montanha]), relevos residuais rochosos (figura 25) que se destacam na paisagem (RIBEIRO, 2010).

⁴⁰ Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=659&Itemid=376>, acesso em 20/12/2018.



Figura 25 – Inselbergs, relevos residuais rochosos que se destacam na paisagem.

Passando brevemente pelas características climáticas e geológicas sertanejas, fica claro que se é bastante laboriosa a tarefa dos agricultores do semiárido, não é menos trabalhosa a jornada daqueles que cuidam de rebanhos sob a influência das já citadas ‘inconveniências naturais’. Contudo, vamos por um momento desconsiderar o clima seco, o sol forte, a escassez d’água e o terreno pedregoso. Equacionadas todas essas questões que impactam no campo de atuação do vaqueiro, ainda nos resta a pior das inconveniências naturais inicialmente destacadas: a flora sertaneja. Nos resta a Caatinga e não é nada fácil mover-se na mata branca (do tupi, *ka'a* [mata] + *tinga* [branca]), que apresenta árvores baixas e arbustos que, em geral, perdem as folhas na estação das secas (espécies caducifólias).

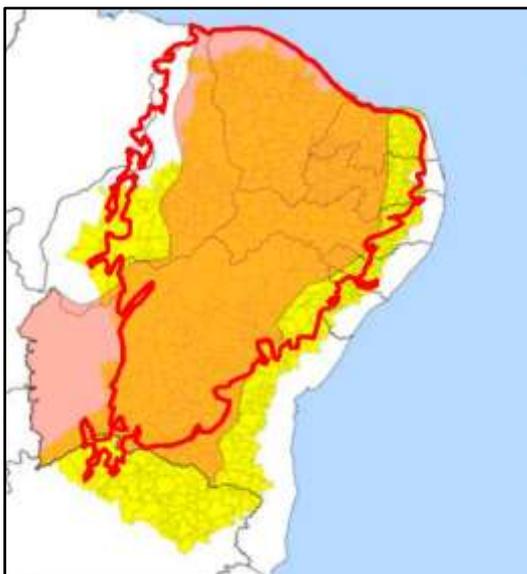


Gráfico 4 – Sobreposição dos limites da Caatinga (linha vermelha), dos municípios que sofrem a influência do clima semiárido (em amarelo) e o Sertão (em rosa), uma das quatro sub-regiões do Nordeste brasileiro.



Gráfico 5 – Em destaque Arcoverde, município considerado em Pernambuco a 'porta de entrada do Sertão' (a 250 Km de Recife).

Além das muitas plantas cactáceas (cactos), a vegetação xerófila, de árvores secas e espinhentas adaptadas ao clima seco e à pouca quantidade de água, faz do cenário um labirinto de espinhos impenetráveis, e o vaqueiro sertanejo, na sua luta diária, precisa entrar lá constantemente. Entre as espécies mais comumente encontradas no bioma, adaptada às condições de extrema aridez, estão a catingueira⁴¹ (*Caesalpinia pyramidalis*), o mandacaru⁴² (*Cereus jama-caru*) (figura 27), termo que vem do tupi e que significa “espinhos agrupados danosos”, a amburana⁴³ (*Amburana cearensis*) (figura 28), o xique-xique (*Pilosocereus polygonus*), de espinhos, fortes e pontiagudos (figura 29), o resistente umbuzeiro⁴⁴ (*Spondias tuberosa*), a psicoativa jurema-preta (*Mimosa hostilis*) e a multifuncional macambira (*Bromelia laciniosa*), uma das muitas plantas usadas para alimentar o gado e até os próprios vaqueiros em tempos de seca extrema (figura 30). Por perderem quase que totalmente suas folhas ao diminuir a transpiração em épocas de seca, uma das características adaptativas desenvolvidas por esse tipo de vegetação como recursos de sobrevivência, a Caatinga se torna um emaranhado de arbustos com galhos retorcidos e cheios de espinhos que os vaqueiros precisam enfrentar. Na Caatinga, ‘a parte que lhe cabe no latifúndio’, o vaqueiro conversa com a morte todos os dias (figura 26).

⁴¹ Também conhecido como pau-de-rato ou catinga-de-porco.

⁴² Também cardeiro ou jamaru.

⁴³ Também cumaru-nordestino.

⁴⁴ Também jique.



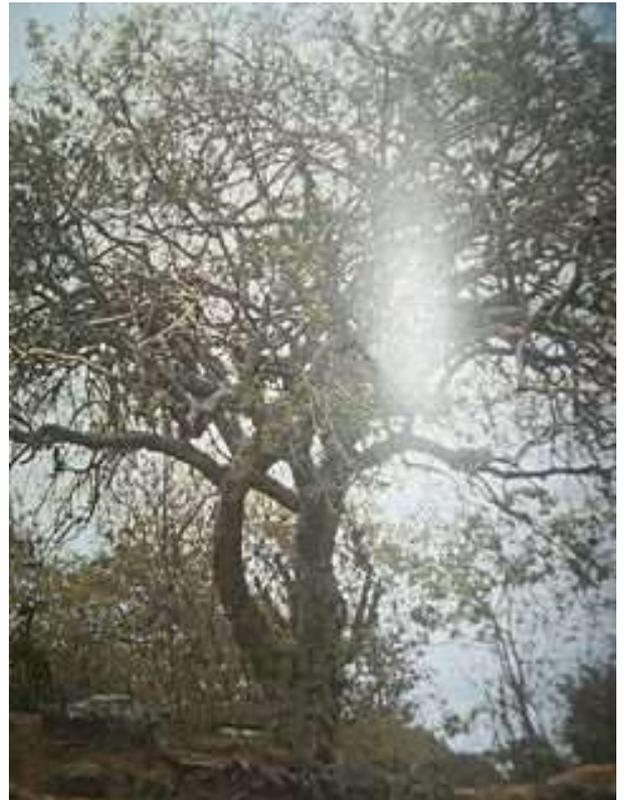
Figura 26 – Vaqueiro na Caatinga.

No Sertão tem *Faxeiro*
 Angico e Catingueira
 Velame e Mororó
 Quixaba e Pau-Pereira
 Calumbé e Mulungú
Agaroba e Arueira

Tem Mandacaru e Imbú
 Tem Siriguela e Cajá
 Tem Baraúna e Arueira
 Macambira e Gravatá
 Tem Emburana e Angico
 Tem Quixabeira e Ingá

Tem *Agaroba* e *Avelói*
 Tem o Pau Burra Leteira
 Tem Pitambura e Velame
 Tem a fruta da Quixabeira
 Tem Melão de São *Caitano*
 E tem a catingueira rasteira
 (José Severino Cristovão)⁴⁵

⁴⁵ CRISTOVÃO, 20-?: pág. 4.



Figuras 27, 28, 29 e 30 – Mandacaru, imburana, macambira e xique-xique.

2.1 O vaqueiro do semiárido

Vaqueiro é pra pegar touro,
 Amansar bezerro e vaca,
 Cortar pau, fazer estaca
 E consertar bebedouro;
 Fazer queijo, fazer soro,
 Curtir couro, raspar sola,
 Fazer freio e rabichola,
 Tanger cabra e capar bode;

Quem é vaqueiro não pode
Ser cantador de viola
(Severino Pinto)⁴⁶

Um vaqueiro é, de forma geral, um indivíduo que pastoreia gado bovino. Esta definição pode parecer adequada para descrever o profissional e a sua atividade, porém, esse não é o único vocábulo da língua portuguesa que pode ser empregado para se referir a pessoas que pastoreiam bois e vacas. Guardadores e/ou tangedores de bois são também chamados de boieiros e, excluindo a Região Nordeste, é mais comum no Brasil, por exemplo, o uso do termo peão de boiadeiro (figura 31), ou simplesmente peão. Já em Portugal, além de vaqueiro, há o termo campino, que é como são nomeados os camponeses cavaleiros típicos da região da histórica província do Ribatejo (figura 32). O caso é que ainda que atuem em cenários distintos, todos eles são pastores. Seja o vaqueiro sertanejo ou o peão boiadeiro, assim como o campino português ou o pastor ganadero espanhol, sem esquecer do caubói (*cowboy*) norte-americano (figura 33), todos eles se dedicam à criação e aos cuidados de bovinos, ao ar livre, com a finalidade de satisfazer necessidades humanas, em termos de bens ou serviços. O personagem central desta pesquisa, contudo, é o já mencionado pastor de gado bovino brasileiro, o guardador de vacas, que atua na zona que sofre a influência do clima semiárido: o vaqueiro do sertão nordestino, ou, como é mais conhecido, o vaqueiro sertanejo.



Figura 31 – O peão boiadeiro do região Centro-Oeste.

⁴⁶ MAIA, 2004: pág. 40.



Figura 32 – Campino com seu colete encarnado.



Figura 33 – O cowboy norte-americano.

E é no clima semiárido, como já foi dito, que atua o personagem central desta pesquisa: o vaqueiro sertanejo, que ainda nos dias de hoje faz uso das tradicionais roupas de couro. Um personagem que começou a ser construído já nas primeiras décadas após o início da colonização portuguesa, ainda que a sua profissão só tenha sido oficialmente regulamentada em 2013. Foi no dia 15 de outubro daquele ano que a presidenta Dilma Rousseff, durante o seu primeiro mandato, sancionou a Lei 12.870⁴⁷, reconhecendo e regulamentando a atividade de vaqueiro no país. Tal Lei, publicada no Diário Oficial da União um dia depois da aprovação do projeto, descreve de forma genérica aquelas que seriam as obrigações desse profissional (que ultrapassam o dever de abrir cacimbas, buraco que se cava até encontrar água, e bebedouros). Segundo o texto legal, o vaqueiro deve realizar práticas relacionadas ao “trato, manejo e condução” de animais da subfamília dos bovinos, incluindo os búfalos (gênero bubalino), e da subfamília dos caprinos, que abarca as cabras e as ovelhas (gêneros capra e ovino). Além de todos esses ruminantes que pertencem à mesma família de mamíferos (os bovídeos), o texto inclui também os indivíduos do gênero equino (os equídeos), onde se classificam o cavalo e o asno, considerando também a híbrida mula. Para mais, também passou a ser oficialmente reconhecido como vaqueiro quem não trabalha montado, mas cuida da ordenha e da alimentação ou auxilia nos cuidados necessários para a reprodução assistida de animais, sob a orientação de profissional veterinário e técnicos qualificados. É o que está no texto de 2013 e segundo ele, todos esses profissionais são legalmente vaqueiros, ainda que sejam cavaleiros e não atuem diretamente como pastores. O documento legal descreve também algumas outras atribuições do vaqueiro, que seriam a de cuidar da forragem (revesti mento do local onde dorme o animal), pastos e outras plantações destinadas à alimentação dos animais, cuidar da saúde dos rebanhos sob sua responsabilidade e treinar e preparar animais para eventos culturais e sócio-esportivos, garantindo que não sejam submetidos a atos de violência, além de efetuar manutenção nas instalações dos animais que estão sob seus cuidados.

Os deputados federais Edigar Mão Branca e Edson Duarte, autores do projeto que gerou a Lei sancionada em 2013⁴⁸, deixaram claro no texto que o Nordeste não é a única Região brasileira que conta com essa atividade e mencionaram outros modos de atuar em outras pecuárias nacionais. No entanto, a proposta desses dois deputados baianos teve por objetivo, claro e manifesto, a melhoria da condição de vida do vaqueiro que atua no Sertão. Infelizmente, a

⁴⁷ Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12870.htm>, acesso em 20/12/2018.

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=369050>>, acesso em 20/12/2018.

descrição das atividades e as atribuições registradas no texto sancionado pela presidenta não chega a evidenciar as dificuldades enfrentadas pelos pastores vaqueiros, trabalhadores que acordam cedo e que sabem a hora de sair, mas não sabem a hora em que chegarão em casa. que atuam nesse cenário. No entanto, na justificativa do projeto que gerou a Lei, foi descrita, ainda que de forma breve, a batalha diária que esses pastores sertanejos enfrentam:

O semiárido brasileiro, em sua amplitude trágica e cruel, tem exigido do sertanejo um esforço imenso para se adaptar e sobreviver à região. A natureza cruel fez surgir o trabalhador especialista em tocar o gado em meio à caatinga, com sua raridade de água e sua flora espinhenta. É o vaqueiro —o tocador de gado, o homem que conhece o sertão, o que corre atrás da novilha em meio aos mandacarus e xique-xiques, pega o boi pelo laço, entoa o aboio em meio às noites enluaradas (Projeto de Lei nº 1530 de 2007)⁴⁹.

De fato, tudo fica mais difícil na Caatinga. Contudo, os deputados acabaram deixando de enfatizar na própria Lei que visa, também, equilibrar as relações de trabalho, o impacto que essas relações desiguais sempre exerceram no cotidiano dos trabalhadores rurais que atuam naquele contexto. No Sertão, por exemplo, foi estabelecida uma forma de remuneração que vigorou durante muito tempo, segundo a qual cada quatro ou cinco novilhos nascidos —número que dependia do acerto entre os empregados e os proprietários das fazendas —, um passava a ser do vaqueiro, sendo que muitas vezes o pagamento em forma de animais só se concretizava após alguns anos de trabalho (ENCOURADOS, 2006). Uma versão que levasse em conta esses aspectos poderia incluir alguns outros vilões nessa história e o resultado poderia ser algo como o seguinte texto: O semiárido brasileiro, inserido nas dinâmicas da produção capitalista, em sua amplitude trágica e cruel, tem exigido do sertanejo um esforço imenso para se adaptar e sobreviver às condições de trabalho praticadas na região. A prática naturalizada de um capitalismo cruel fez surgir o trabalhador especialista em tocar o gado em meio à Caatinga, exposto a toda sorte de produção de mais valia, em condições adversas, com sua raridade de água e sua flora espinhenta. É o vaqueiro —o tocador de gado, o trabalhador que conhece o sertão, o que corre atrás da novilha em meio aos mandacarus e xique-xiques, pega o boi pelo laço, entoa o aboio em meio às noites enluaradas, sem receber por isso hora extra, entendendo que noites enluaradas não deveriam fazer parte da jornada de trabalho.

Fica também a pergunta: a natureza é de fato tão agressiva ou a crueldade está em tentar adaptar a natureza aos interesses do negócio? A crueldade atribuída à natureza pode ser entendida como consequência da apropriação daquele espaço pelos colonizadores e suas futuras

⁴⁹ Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=358851>>, acesso em 21/12/2018.

investidas em negócios que não condiziam com as condições naturais.

2.1 Como o gado chegou no Brasil e por que ele foi parar no Sertão?

Se são tantas as dificuldades, por que e como em um país de dimensões continentais como o nosso a pecuária foi instalada logo no semidesértico Sertão? É preciso deixar claro, antes de começar a responder a essa pergunta, que a historiografia é concordante ao afirmar que não havia gado *vacum* e cavalos no Brasil antes da chegada dos portugueses. Foram, portanto, os nossos colonizadores os principais responsáveis pela introdução de bois e cavalos no país. A historiografia concorda, também, que esses animais foram inicialmente trazidos diretamente do arquipélago de Cabo Verde (FREYRE, 1951 e SODRÉ, 1968). Localizado no Oceano Atlântico, a 540 km de distância da costa ocidental da África, o arquipélago igualmente pertencia à coroa portuguesa no século XVI (sua independência só vai acontecer no século XX, em 5 de Julho de 1975) e funcionava, também, como ponto de escala para as embarcações, sendo naquele momento um importante apoio para o tráfego e comércio de escravos.

Identificar a origem, nesse caso, é bem mais fácil que comprovar a data exata da chegada dos bovinos e equinos, e os historiadores, de fato, estabelecem datas distintas para a entrada deles na Colônia do Brasil do Reino de Portugal. O que é possível assegurar, a partir de um registro datado de 18 de junho de 1551, é que por volta de 1550 já era possível encontrar gado bovino, um dos protagonistas desta pesquisa, no Brasil. É o que se pode encontrar na carta que o primeiro governador-geral, Tomé de Souza, que administrou a Colônia entre 1549 e 1553, enviou ao D. João III, chamado de ‘O Colonizador’, Rei de Portugal e Algarves entre 1521 e 1557. Na tal carta, Tomé de Souza relata ter encontrado animais do tipo trazidos de Cabo Verde:

“Este anno passado veo a esta cidade a caravela Galga de V. A. com gado *vacum* que he a mayor noobreza e ffatura que pode aver nestas partes e eu a mandy tornar a caregar a Cabo Verde do mesmo gado” (FARIA, 1969: pág. 12).

O que é bastante concordante entre os historiadores que interpretaram o Brasil do primeiro século após a investida dos colonizadores é que a criação de gado bovino foi iniciada assim que foram criadas as primeiras vilas e implantados os primeiros engenhos de cana-de-açúcar. O trabalho agrícola, que era fundamental para a manutenção das recém criadas vilas, tornou o gado *vacum* peça importante da propriedade escravista, e com o beneficiamento da

cana, esses animais passaram a ser indispensáveis. Ao considerar a instalação de engenhos de cana-de-açúcar como ponto de partida para a entrada regular de bovinos no país, podemos considerar também registros que indicam que antes mesmo de Tomé de Souza ter sido nomeado, Duarte Coelho, o primeiro capitão-donatário da Capitania de Pernambuco, que governou entre 1534 e 1554, já iniciava oficialmente, em 1542, a cultura da cana na ‘Região Nordeste’ ao incentivar lá a fundação dos primeiros engenhos (MEDEIROS, 2011).

Contudo, a expedição colonizadora do nobre português Martim Afonso de Souza e a respectiva fundação de São Vicente, a primeira vila da América portuguesa, da qual ele passou a ser donatário, em 1532, são os eventos normalmente considerados como pontos de partida para o início do segundo ciclo econômico do Brasil colonial, o ciclo do gado, logo após o período em que os esforços foram concentrados na extração do pau-brasil. O desejo da coroa portuguesa de estabelecer uma produção regular de açúcar na colônia só poderia se concretizar com a fundação de uma vila, e foi o que Martim Afonso de Souza fez ao criar uma infraestrutura mínima que permitiu a fixação dos colonizadores no território e a construção dos primeiros engenhos (entre ele o Engenho do Governador, posteriormente ‘dos Erasmos’, que, com sua data de construção remontando a 1534, é a mais antiga evidência física preservada da colonização portuguesa em território brasileiro).

Se nos dias de hoje a pecuária exerce o papel de protagonista na economia brasileira, o cenário não era o mesmo no século XVI. Apesar da importância, ela desempenhava um papel secundário na estratégia mercantilista implantada pela coroa portuguesa. Naquela fase, além de servir de meio de transporte de carga e de pessoas nos carros-de-boi, o gado fornecia a carne para alimentação da população local e a força de trabalho para a moenda, onde passou a substituir a força do trabalho escravo, por exigência do aumento de escala de produção (SODRÊ, 1968). Faria (1969), ao concordar que o gado foi de fato trazido inicialmente para trabalhar nos engenhos, para serem usados para mover os trapiches, detalha que as máquinas destinadas a moer a cana-de-açúcar podiam requerer até sessenta bois, “os quais moviam de doze em doze”.

Outros registros importantes, ainda do século XVI, são as cartas que o padre português Fernão Cardim escreveu no Brasil e endereçou a padres provinciais de Portugal relatando a situação da Colônia entre 1585 e 1590 e o ‘Tratado descritivo do Brasil em 1587’, escrito em 1588 pelo sertanista e memorialista, também português, Gabriel Soares de Sousa, e impresso após edição em 1851, pela Tipografia Universal da Laemmert, no Rio de Janeiro: no primeiro caso, o jesuíta acabou registrando o encontro com Garcia de Souza D’Ávila (1528-1609) na capitania da Bahia. Cardim menciona que Garcia D’Ávila, filho do mencionado Tomé de Souza e fundador da Casa da Torre, um grande latifúndio que apresentava características feudais, era

tão rico e tinha tanto gado que desconhecia o número de cabeças que possuía (CARDIM, 1847). No segundo caso, Gabriel Soares de Sousa (SOUSA, [1851] 2001), além de ter registrado em seu texto, que tinha por objetivo atrair atenção de patrocinadores, numerosos engenhos que encontrou nas suas andanças pela colônia, deixou também registrado o local de origem dos bovinos: Cabo Verde.

No princípio, a pecuária limitava-se, então, a esses objetivos secundários: era usado para a alimentação das pessoas que se estabeleciam na área de influência de cada engenho e também para fazê-los funcionar. Progressivamente, passou a haver o aproveitamento econômico da carne, do leite e o do couro, mas, para exemplificar o quanto isso tardou, pode-se elencar o caso da exploração organizada da indústria de couros e peles no Região Nordeste, que só foi surgir em Pernambuco em fins do século XIX⁵⁰, com a fundação, em 1891, do Curtume Didiá, situado no município de Olinda (FARIA, 1969: pág. 16). Apesar da lentidão, pouco a pouco a pecuária passou a apresentar outras feições vindo a ser mais uma força paralela à indústria açucareira, e tornando-se aos poucos e de forma constante, autônoma desta.

O gado no Sertão: “o Açúcar no litoral, o gado no interior”

Durante o século XVI, os portugueses pouco entraram no sertão (DIÉGUES JÚNIOR, 1955). Contentavam-se com “andar arranhando ao longo do mar como caranguejos”, como registrou o Frei Vicente Salvador⁵¹ em 1627, ao descrever as características da Colônia. A atenção dos nossos colonizadores estava direcionada à proteção do extenso litoral, e os esforços reservados à formação de alianças com indígenas e à luta com os demais impérios europeus interessados na Colônia (SIERINGSEG, 2008). O que acabou sendo determinante para que a criação de gado passasse a ser desenvolvida em territórios afastados do litoral foi justamente o atraente e lucrativo “sistema geral da economia e da agricultura brasileira, voltadas para a produção absorvente de uns poucos gêneros destinados ao comércio exterior, e com a monocultura que daí resulta” (PRADO, JR., 2011: pág. 196). A ocupação do país se dava em função da exportação e pela facilidade de transporte dos produtos da Colônia para a Corte pelo atlântico. Foi justamente no final do século XVI, por volta de 1590, que se deu a primeira vitória econômica mundial do Brasil colonial, precisamente quando arrebatou o protagonismo da produção de açúcar da cana que antes pertencia à Ilha da Madeira e às ilhas de São Tomé e Príncipe, também

⁵⁰ ETENE–BNB – Estruturas da indústria pernambucana. Fortaleza, agosto/1962.

⁵¹ História do Brasil, de Frei Vicente do Salvador: disponível em <<http://purl.pt/154/1/index.html#/5/html>>, acesso em 20/12/2018.

colônias portuguesas. Três anos depois, as capitanias de Pernambuco e Itamaracá já seriam responsáveis por sessenta por cento da produção da Colônia, despontando nos mapas europeus como um polo de riqueza universal: “uma caprichosa economia-mundo azeitada na fonte pelo sangue do índio e do negro escravizados, e pela seiva da mata devastada” (MELLO, 2012). Um dos resultados do êxito da produção de açúcar, foi precisamente a insaciável ocupação das terras aproveitáveis da zona litorânea, tanto pela sua quantidade como localização ao alcance do comércio exterior, não sobrando espaço para outras indústrias.

Segundo Gilberto Freyre (1951), gados de raças —ou subespécies— variadas chegaram ao sertão nordestino e, para o autor de *Casa-Grande & Senzala*, a presença desses animais na região, elementos estranhos àquele ambiente, acabou contribuindo para “alterar a fisionomia da paisagem em tantos dos seus traços essenciais”. Freyre comenta, baseando-se em afirmação de José Capistrano de Abreu presente no seu livro ‘Capítulos de história colonial’ (ABREU, 1998), que ainda que não seja possível estabelecer com inteira segurança a sua procedência, se chegavam ao Nordeste vindos diretamente de Cabo Verde ou se vinham da Capitania de São Vicente, o certo é que em princípios do século XVII “estavam inçadas de gado as duas bandas” do rio São Francisco, o rio dos currais, em seu curso inferior.

O distanciamento natural decorrente da especificidade organizacional das fazendas de gado, durante todo o século XVII, foi reforçado por lei, que tornou proibida a criação de gado em terras próximas do litoral e nas proximidades de rios por serem elas boas para o plantio. A preocupação com “roças e as lavouras” levou a Coroa portuguesa a determinar, através da carta Régia de 7 de fevereiro de 1701, que a pecuária se afastasse dez léguas marítimas (aproximadamente 55 quilômetros) do litoral, área que estaria, então, reservada para a agricultura:

[...] tivesse efeito não somente nas dez léguas do Recôncavo, mas em toda a parte aonde chegasse à maré, correndo as mesmas dez léguas da margem dos rios pela terra adentro e que a nenhum dos sítios, nem nas três capitanias do Camamu, houvesse a inovação do gado de criar e só lhes fosse lícito terem o de serviço, fazendo as pessoas que tivessem pasto fechado, com cercas tão fortes, que lhe não pudesse sair e fazer prejuízo às roças e lavouras vizinhas’ (PRADO JR., 2011: pág. 89).

No século XVII, quando a pecuária toma o seu primeiro grande impulso, tem início também a cultura do fumo e com ela se abria um vasto campo para o emprego do couro, como envoltório dos rolos de tabaco (FARIA, 1993). Os crescentes rebanhos, no entanto e segundo a lei, tinham que ser criados longe, “retirado de sertão adentro pelo menos de dez léguas arredado dos canaviais”, como comenta Faria (1969), pois “o massapê fresco do litoral, era para situar a cana-de-açúcar”. Com tal medida, a pecuária acabou se tornando definitivamente um elemento

preponderante no desbravamento das terras brasileiras, além de sua costa litorânea: à procura de novos pastos mais amplos e com uma independência considerável do policiamento do governo lusitano, a pecuária adentraria pelos sertões, seguindo os cursos dos rios, conquistando novas terras e dando ocupação do interior nordestino, chegando a adquirir um papel de comunicador entre as diferentes regiões do Brasil e, conseqüentemente, do seu fluxo de mercadorias (FARIA, 1993). É importante lembrar que não havia arame farpado naquele contexto, somente cercas de pedras, pau a pique e varas (que, nos dias atuais, ainda são bastante utilizadas no sertão). Esse recurso aparentemente simples mas que teve o poder de transformar a propriedade em todo o mundo só seria inventado no século seguinte, em 1874 nos EUA, e só passaria a ser importado pelo Brasil no início do século XX, em 1913, passando a ser fabricado em 1940 pela Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira (BARROS, 2018). O gado era então, como ainda o é comum no sertão, criado solto em pastos comuns e, à procura de melhores pastagens, percorriam longas distâncias. Por este motivo, a pecuária, que por natureza requer muito espaço foi relegada aos setores afastados e impróprios para a agricultura (PRADO JR., 2011). Contribuiu para que o gado fosse criado longe, também, o fato de ser ele auto-transportável, mas o certo é que, àquela altura, a coroa não podia permitir que os bovinos devorassem os valiosos canaviais, “moeda e riqueza de Portugal” (ENCOURADOS, 2006).

A pecuária foi para o Sertão, mas os donos das fazendas não: à diferença dos currais e das terras destinadas ao cultivo de cana-de-açúcar, nos quais, pela localização, o patrão estava sempre presente, nas fazendas sertanejas a administração ficava à cargo de funcionários de confiança (ENCOURADOS, 2006). Prado Jr. (2011: pág. 198) explica que o “grande proprietário absentista, senhor às vezes de dezenas de fazendas,” vivia no litoral e o único contato que estabelecia com suas propriedades se dava em função do recebimento dos rendimentos. Ele deixa claro, também, que os processos empregados na criação nos 'sertões do nordeste' eram os mais rudimentares e primitivos e que os que atuavam nessa atividade estavam, de fato, abandonados à própria sorte.

Ainda assim, a pecuária foi fundamental para a ocupação das terras sertanejas, região “colonizada a partir do século XVIII, por famílias do litoral” (VASSALLO, 1993), já que “[..] não *havi*am atrativos econômicos e climáticos. Depois de alguns anos de ocupação, o vaqueiro se fixa nessas regiões e chega a montar cidades, monta a população como um todo”. Foram os primeiros, segundo Queiroz (2013), a conviver com "os agrestes e as caatingas nas amplidões do Sertão, constituindo o sopro inicial urbano com a fixação do primeiro mourão e o estabelecimento dos primeiros currais e depois casas de fazenda". Para o antropólogo Washington Queiroz, o vaqueiro é figura central da expansão/ocupação e estruturação sociocultural realizada

pela pecuária extensiva no ciclo do couro, que se inicia em meados do século XVI e vai até o início do século XX, quando aparece o arame farpado. Essa conjuntura que, na prática, restringia a pecuária a zonas afastadas e/ou semi-isoladas, sujeita à influência do clima semiárido tropical, impactou diretamente no modo de produção material dos sertanejos ligados à essa atividade.

2.4 A pecuária nordestina nos dias de hoje

A análise de dados oficiais que comprovam que a participação e o protagonismo das Regiões brasileiras nas quais a pecuária é desenvolvida foram radicalmente alterados durante o século XX e início do século XXI. Essa mudança no cenário, com o deslocamento da produção para zonas menos hostis (ver gráfico 6), o possível abandono de técnicas tradicionais (além do uso de modelos de pecuária intensiva) podem impactar diretamente na produção de um traje que existe para atender uma demanda bem específica.

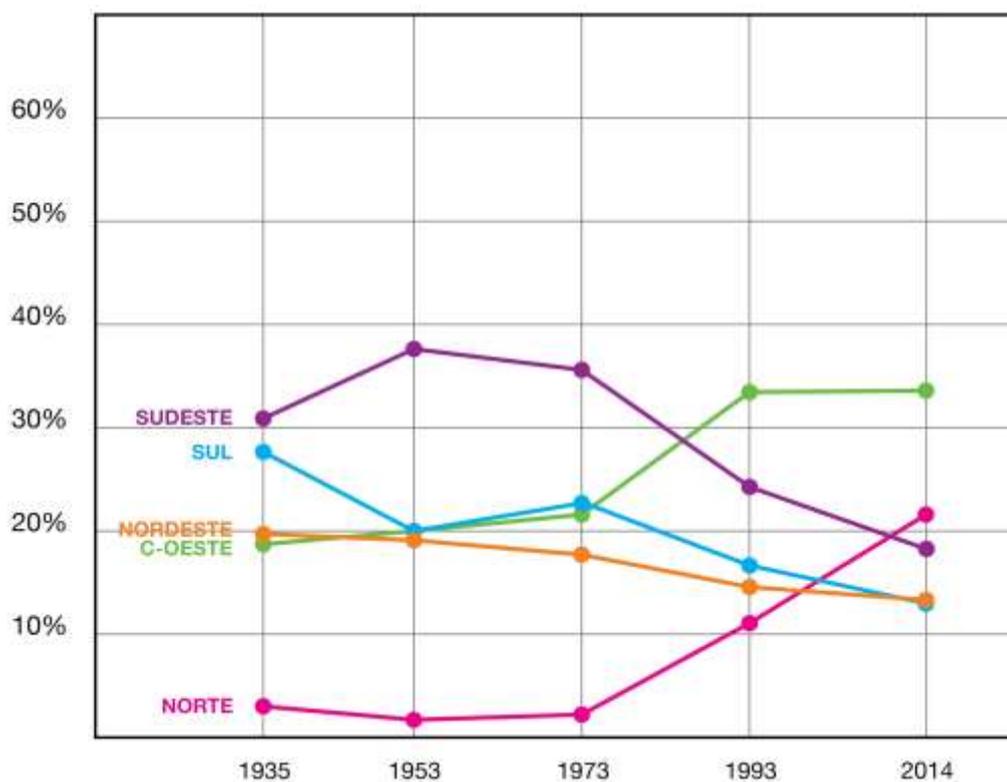


Gráfico 6 – Evolução da participação regional (em %) no efetivo nacional de rebanhos bovinos durante o século XX e início do século XXI (dados retirados dos anuários estatísticos divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE). Obs.: Na construção do gráfico, foi considerada a atual divisão regional do país.

Qualquer pesquisador pode analisar o estado e o desenvolvimento da pecuária brasileira, e de suas respectivas regiões administrativas, consultando os dados registrados nos anuários estáticos que passaram a ser publicados a partir de 1935 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Ao examinar a situação da pecuária no Nordeste durante o século XX e início do século XXI, a partir de cinco anuários publicados em intervalos de aproximadamente vinte anos (1935, 1953, 1973, 1993 e 2014)⁵², o que se pode perceber é que a participação da Região no efetivo nacional de rebanhos bovinos apresentou uma redução progressiva e gradual.

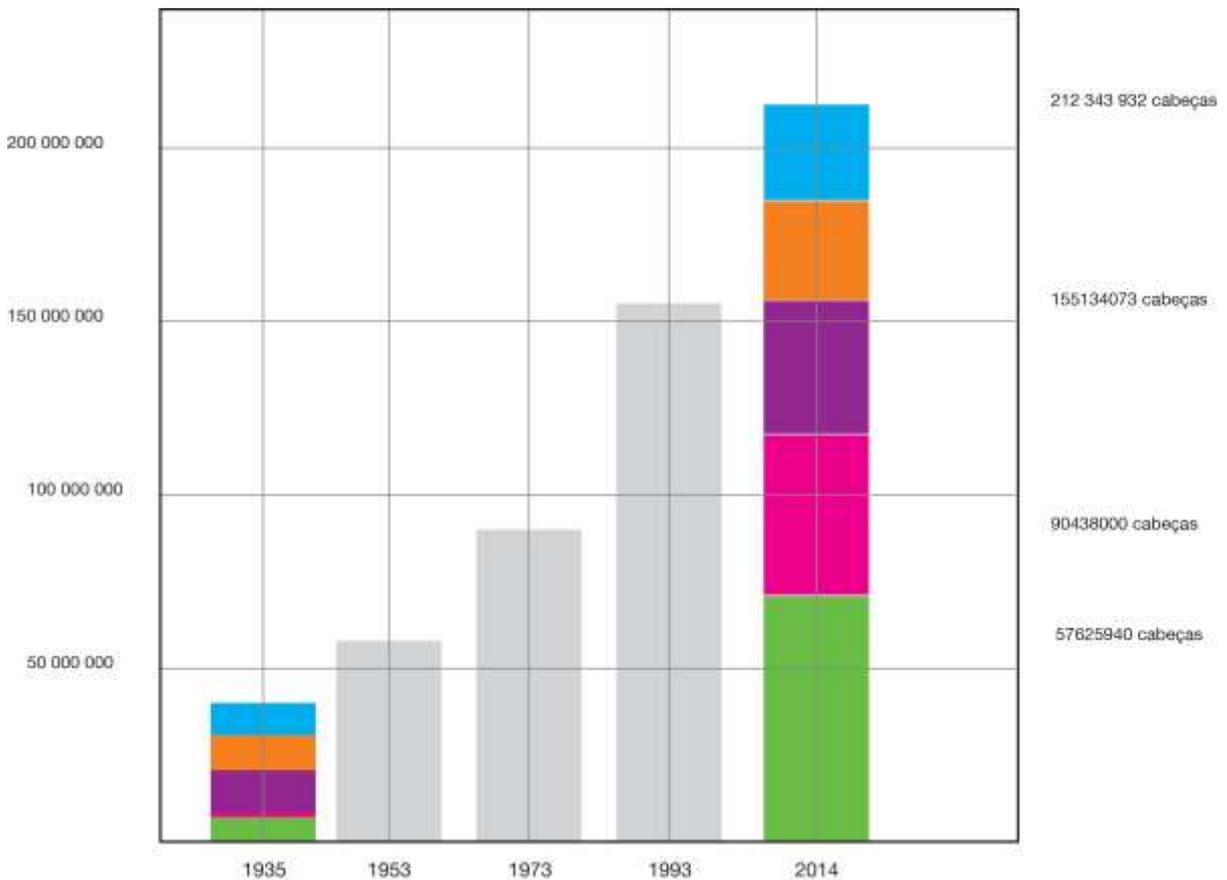


Gráfico 7 – Evolução do número de cabeças de gado no Brasil durante o século XX e início do século XXI, e a participação de cada uma das cinco Regiões. (dados retirados dos anuários estatísticos divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

O Nordeste foi a única das cinco regiões que apresentou queda na participação nacional em todos os anuários consultados. Sua produção, que representava 20% do montante nacional em 1935 passou a representar 14,5% após seis décadas (1993). Em 2014, 19 anos depois, a participação nordestina passou a ser de 13,6%, e ainda que o número de cabeças de gado possa parecer relevante (13,6% representava 28.958.676 animais naquele ano), o que os dados

⁵² Por não serem eles publicados em intervalos regulares.

demonstram é que a região está perdendo gradativamente a relevância que antes tinha e o protagonismo nesse setor, que antes era da região Sudeste, passou a ser do Centro-Oeste, que em 1935 ocupava apenas o quarto posto (ver gráfico 7).

O protagonismo da região Centro-Oeste nesse setor e o aumento expressivo do número de cabeças de gado na região Norte, que ganhou três posições nos últimos 25 anos, põem em relevo uma alteração no modelo da pecuária nacional. O modelo hoje dominante, que privilegia Estados que não sofrem a influência do clima semiárido, representa por si só, um risco direto para a existência do ofício do vaqueiro sertanejo e, conseqüentemente, da sua roupa de trabalho. Some-se a isso a já citada substituição de técnicas extensivas por intensivas e a substituição de técnicas e aparatos tradicionais por outros tecnologicamente mais avançados.

Um exemplo de substituição tecnológica que está impactando diretamente na cultura sertaneja como um todo, não somente no segmento da pecuária, é justamente o abandono do uso de animais como meio de transporte e carga na região e sua progressiva troca por veículos automotores, com predomínio das motocicletas. Desde a primeira década do século XXI, viabilizada pelo acesso ao crédito que permitiu que a população de menor renda pudesse ter acesso a este econômico, inanimado e pouco tradicional meio de transporte, animais antes fundamentais para as tarefas sertanejas (asininos e muares, mais que outras espécies), passaram a ser abandonados em todos os Estados da Região Nordeste, chegando a causar problemas ambientais e de segurança nas rodovias nordestinas, como informa reportagem publicada no jornal O Globo, em 18 de maio de 2013. Segundo o depoimento de Luiz Gonzaga Borges Pereira, dono de um armazém à beira da rodovia estadual MA-122, no município de Buritirama, no Maranhão, a serventia desses animais não é mais a mesma, pois:

o jumento estraga o pasto, compete com o boi pela comida. Os grandes [fazendeiros] não querem mais, e os pequenos não têm nem lugar onde pôr. Antes ele prestava para carregar carga, agora todo mundo tem seu carrinho. A gente fica com pena do bichinho, mas fazer o quê?⁵³

Ainda que asininos e muares possam ser aproveitados para este fim, na montaria nos pastos a preferência sempre foi pelo cavalo, mais ágil e imponente. No entanto, ainda que a motocicleta não seja um meio de transporte adequado para fazer frente à geografia e a flora dos sertões, Queiroz (2013) registra que desde a década de 1980 já se podia ver no município de Feira de Santana, na Bahia, “vaqueiros motorizados tangendo o gado em suas motocicletas”. O

⁵³ Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/jumento-nao-mais-irmao-no-nordeste-8432309>>, acesso em 23/01/2019.

que podemos afirmar aqui, com base em dados oficiais, é que o número de equinos na Região Nordeste é, nos dias de hoje, bem menor do que era em 1935 (gráfico 8). Houve, nos últimos 80 anos uma redução de 24% do efetivo, sendo Maranhão o único Estado que apresentou crescimento na sua produção durante esse período.

	1935	2014
Alagoas	80.000	60.414
Bahia	600.000	470.761
Ceará	230.000	131.851
Maranhão	161.100	176.718
Paraíba	120.000	49.975
Pernambuco	163.000	125.994
Piauí	150.000	99.679
Rio Grande do Norte	75.000	62.654
Sergipe	60.000	68.425
Total:	1.639.100	1.246.471

Gráfico 8 – Tabela com efetivo dos rebanhos (cabeças) de Equinos nos Estados da Região Nordeste (dados retirados dos anuários estatísticos divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

Pode ser elencado, também, como fator de risco para a existência da cultura dos vaqueiros sertanejos o próprio desinteresse dos mais jovens em seguir com essa simbólica, porém exaustiva, arriscada e pouco rentável⁵⁴ atividade laboral (ver entrevista do artesão Reinaldo Gomes). Queiroz (2013), que pesquisa a cultura dos vaqueiros da Bahia há mais de 30 anos, comenta que durante suas pesquisas “pôde constatar o declínio da profissão entre os mais jovens, com queixa generalizada dos pais de que seus filhos não queriam aprender e seguir a profissão”.

2.5 Os herdeiros da “Civilização do Couro”

Além de enfrentar o calor e a falta d’água, o terreno pedregoso e a vegetação espinhenta, o vaqueiro sertanejo, afastado por força das circunstâncias dos centros litorâneos, sempre precisou lidar, também, com a extrema escassez de recursos materiais. Contudo, apesar de todas as restrições e da total carência de bens essenciais causada pelo isolamento da zona criatória

⁵⁴ Disponível em <<https://www.trabalhabrasil.com.br/media-salarial-para-vaqueiro>>, acesso em 20/12/2018.

mais antiga do país, sempre existiu naquele contexto uma matéria-prima abundante e de boa qualidade: a pele dos animais pastoreados e dos animais do entorno. O couro, e não só o couro bovino e caprino, animais parceiros da jornada laboral, mas também o de cervídeos que vivem na região, como o do veado-catingueiro, espécie que em outras regiões do Brasil ainda é abundante. A apontada boa qualidade da farta matéria-prima pode ser explicada pela incidência constante do sol escaldante, que, apesar de ser uma das ‘inconveniências naturais’ que contribui para tornar a sobrevivência humana no Sertão desafiadora, é também responsável pela quase “inexistência de ectoparasitas” nos rebanhos que sofrem tal influência (FARIAS, 1969). O resultado da equação é que, com restrições por um lado, mas com abundância de matéria prima animal, apreciada por estar livre do ataque de carrapatos e bernes, adequada para as necessidades locais e apropriada para o comércio de exportação, os sertanejos ligados à pecuária naturalmente se valeram da peles de animais para a produção dos mais diversos bens materiais.

“Civilização do Couro” é a expressão usada por alguns autores que se debruçaram sobre o tema, como Gustavo Barroso (1888–1959) em 1912, para dar nome aos grupos de sertanejos que, atuando na atividade de pecuária simplista e de requisitos mínimos, desenvolvida no sertão da Região Nordeste e do norte da Região Sudeste, faziam a partir do couro praticamente todos os objetos importantes para as tarefas cotidianas e a própria sobrevivência. Para Faria (1969: pág. 13), em comentário feito no seu livro que se concentra na produção norte-rio-grandense, é possível imaginar que “tão cedo os colonizadores assentaram as estacas dos primeiros currais na Caatinga seridoense, ainda no século XVII”, começaram “a se valer do couro para as mais diferentes necessidades do seu mundo”. E como o gado precisa se movimentar naquele cenário hostil e o vaqueiro precisa estar adequadamente protegido para conduzi-lo, destaca-se, dentre esses artefatos produzidos na esteira da chamada Civilização do Couro, a roupa de trabalho do pastor de gado sertanejo, protagonista desse contexto e foco desta pesquisa.

Em 1954, Capistrano de Abreu registrou alguns dos artefatos desenvolvidos com a pele de animais, incluindo no seu texto equipamentos indispensáveis para o ofício do vaqueiro:

De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz (ABREU, 1978: pág. 153).

Registros desse fenômeno são também encontrados no romancelheiro popular. No início do século XX, Moisés Sesiom, repentista de Caicó, município de Rio Grande do Norte, glosava

o seguinte mote, no qual descreve alguns dos muitos elementos que compõem a indumentária do vaqueiro:

Dá sapato e dá gibão
Toda obra o couro dá.
Dá manta, bota e silhão,
Dá chapéu, dá bandoleira,
Dá carona e dá perneira,
Dá sapato e dá gibão.
Pra se fazer matulão
O couro é como não há,
Serve até pra caçuá,
Dá peia, da rabichola,
Se prendendo a couro ou sola,
Toda obra o couro dá.
(FARIA, 1969).

3 OS EQUIPAMENTOS DE TRABALHO DO VAQUEIRO SERTANEJO

A pecuária chegou ao Brasil no século XVI e, como poderá ser visto mais à frente, existem registros desse tipo de roupa de trabalho que datam do século XVII. Elas existiam no Brasil Colônia (1500–1815) e continuam existindo nos dias atuais, sendo vendidas não somente por encomendas feitas diretamente com os mestres do couro, mas também em lojas corriqueiras especializadas em produtos, ferramentas e equipamentos agropecuários, que revendem a produção artesanal. Objetivamente, é possível dizer que ela passou a existir para atender a uma atividade laboral bem específica (a pecuária extensiva de técnicas tradicionais simplistas e de requisitos mínimos), contribuindo para a sua configuração o fato de ser abundante e de boa qualidade naquele contexto o material utilizado para sua execução (o couro), sendo ele suficientemente adequado para permitir a entrada do vaqueiro/usuário em um ambiente extremamente agressivo (a Caatinga, de mata espinhosa e ‘agreste’).

Uma descrição detalhada do traje de um vaqueiro nordestino foi feita, no início do século XIX, pelo viajante luso-britânico Henry Koster (1793–1820). Filho de um comerciante inglês, Henry Koster ou Henrique da Costa, como era chamado no Brasil, nasceu em Lisboa, mas acabou se tornando proprietário de engenho e terras no Brasil entre 1809 e 1820. Ao descrever o vaqueiro que encontrou em terras brasileiras e o conjunto de apetrechos do qual ele se valia, no seu livro 'Viagens ao Nordeste do Brasil', publicado originalmente em Londres em 1816, Koster mencionou numerosos artefatos e, entre eles, oito diferentes feitos de couro, cinco deles usados efetivamente como vestimenta e para a proteção do vaqueiro (a perneira, o guarda-peito, o gibão, o chapéu e os calçados, que no caso, eram, segundo sua descrição, chinelos), dois elementos de apoio ou acessórios de montaria (correias e boldrié) e o chicote, que faria parte dos instrumentos usados para facilitar o manejo do animal:

Sua roupa consistia em grandes calções ou polainas (1) de couro taninado⁵⁵, mas não preparado, de cor suja de ferrugem; amarrados da cinta e por baixo víamos as ceroulas de algodão onde o couro não protegia. Sobre o peito havia uma pele de cabrito (2), ligada para detrás com quatro tiras, e uma jaqueta (3), também feita de couro, a qual é geralmente atirada num dos ombros. Seu chapéu (4), de couro, tinha a forma muito baixa e com as abas curtas. Tinha calçados os chinelos (5) da mesma cor e as esporas de ferro eram sustidas nos seus pés nus por umas correias (6) que prendiam os chinelos e as esporas. Na mão direita empunhava um longo chicote (7) e, ao lado, uma espada, metida num boldrié (8) que lhe descia da espádua. No cinto, uma faca, e um cachimbo curto e sujo na boca (KOSTER, 1942: pág. 33).

⁵⁵ Taninos são substâncias químicas de origem vegetal, capazes de se combinar com proteínas da pele animal inibindo o processo de putrefação, razão pela qual são utilizados no processo de curtimento do couro.

Outro importante registro foi feito, ainda no século XIX, por Maximiliano de Wied-Neuwied (1782–1867), naturalista, etnólogo e explorador alemão que se radicou no Brasil no início daquele século, para estudar a flora, a fauna e as tribos indígenas locais. Maximiliano, que era príncipe da Renânia (região oeste da Alemanha) e terminou seus dias em Pernambuco, descreveu, em janeiro de 1817, os vaqueiros que observou próximo aos limites de Minas Gerais, registrando a experiência no seu livro ‘Viagem ao Brasil’ (1989). Em um primeiro momento, Maximiliano expõe a oportunidade que teria tido ao “travar conhecimento com os homens encarregados de guardar o gado. [...] vaqueiros ou campistas, como os chamam em Minas Gerais, vestidos de couro de veado da cabeça aos pés”. Em seguida, o explorador alemão enaltece a funcionalidade da vestimenta para o ofício que praticam, já que no seu entendimento, apesar de parecer à primeira vista um tanto extravagante, seria ela “muito adequada, pois esses homens têm muitas vezes de correr atrás do gado, que foge através dos arbustos espinhosos e das caatingas, ou então são obrigados a fazer passar o gado por aí, para reuni-lo”. Finalmente, ao separar os distintos elementos que compõem a roupa do vaqueiro, Maximiliano sustenta que são elas sete peças feitas de couro. No entanto, assim como Henry Koster, ele menciona tão-somente cinco artefatos usados como vestimenta e para a proteção do vaqueiro: o chapéu, o gibão ou jaqueta, o guarda-peito, as perneiras ou calções e os calçados, sendo que neste caso, o vaqueiro descrito vestia botas de couro e não chinelos (ou alpercatas), como na descrição de Koster. Além desses cinco artefatos usados como vestimenta e para a proteção, o príncipe renano registrou outros dois elementos usados para facilitar o manejo do animal, uma longa vara e um laço, e a sela, um dos dispositivos que permitem a montaria, facilitam a cavalgada e fazem a conexão entre o vaqueiro e o cavalo:

O chapéu (1), pequeno e arredondado com abas estreitas, que se alarga e alonga para trás para formar uma pala que abriga o pescoço; o gibão ou jaqueta (2), aberto na frente, por baixo do qual está o guarda-peito (3), largo pedaço de couro que desce até à barriga; as perneiras ou calções (4), por debaixo das quais estão as botas (5) munidas de esporas. Uma vestimenta desse gênero dura muito tempo, é fresca, leve e defende os dos espinhos e das pontas dos galhos. O vaqueiro, montado num bom cavalo sobre uma sela acolchoada, leva na mão uma longa vara cuja extremidade é guarnecida por uma ponta de ferro rombuda, com que abate ou afasta os bois furiosos; às vezes, leva também um laço para pegar os animais mais bravios" (MAXIMILIANO, 1989: pág. 376).

No século XX, a roupa foi novamente detalhada, dessa vez por Euclides da Cunha. Em 1902, no seu livro-reportagem ‘Os Sertões’, o escritor apresenta uma descrição detalhada —e reproduzida à exaustão na bibliografia especializada— do traje e do que experimentou ao se deparar com um vaqueiro caracterizado em terras baianas. Associando o ofício do vaqueiro ao

esforço bélico, o primeiro-tenente reformado Euclides fez uso de termos militares ao apontar o propósito da roupa, pois para ele, “as vestes são uma armadura” que “envolve ao combatente de uma batalha sem vitórias” (CUNHA, 1984: pág. 211). Uma armadura, porém, vermelho-parda, fosca e poenta, “como se fosse de bronze flexível”, com um aspecto que, à primeira vista, o fez recordar o guerreiro medieval quando “exausto da refrega”. Em um trecho menos divulgado da descrição de Euclides, no entanto, é possível perceber que o escritor não foi capaz de enxergar beleza nessa “vestimenta original, de uma só cor —o pardo avermelhado do couro curtido— sem uma variante, sem uma lista sequer diversamente colorida”, a qual tachou de monótona e feia, e lamentou que apenas em raras ocasiões fosse possível encontrar “um colete vistoso de pele de gato do mato ou de suçuarana, com o pelo mosqueado virado para fora, ou uma bromélia rubra e álcere fíncada no chapéu de couro”. Ao separar os distintos elementos da roupa, o escritor registra também cinco peças de couro, esquecendo o fundamental chapéu, mas incluindo as importantes luvas de couro, que não foram registradas nas outras duas descrições já apresentadas:

Envolto no gibão (1) de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete (2) também de couro; calçando as perneiras (3), de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até às virilhas, articuladas em joelheiras de sola, e resguardados os pés e as mãos pelas luvas (4) e guarda-pés de veado (5)— é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo (CUNHA, 1984: pág. 211).

Exaltando o aspecto funcional da roupa do vaqueiro, que para ele se transforma na armadura flexível do jagunço, Euclides da Cunha completa a descrição dos acessórios e peças de indumentária usadas pelo sertanejo que exerce esse tipo de atividade comentando que vestidos de “outro modo eles não romperiam, incólumes, as caatingas e os pedregais cortantes”.

Ao analisar a origem pastoril da roupa do cangaceiro, a partir da fala do escritor Clarival Valladares, o pesquisador Frederico Pernambucano de Mello vai mais longe que Euclides da Cunha ao afirmar que, ainda que o existam “alfaias magras” (MELLO, 2010: pág. 49), ou pobres e escassos adornos, a existência de cada um dos elementos que compõem a roupa do vaqueiro pode ser explicada por sua funcionalidade (ver análise: pág. 96), diferentemente do que ocorre com as peças luxuosas e os componentes de exageradas dimensões que podemos encontrar na indumentária dos cangaceiros (figuras 34, 35 e 36), que, na sua fase final, povoaram e aterrorizaram o Sertão na primeira metade do século XIX.



Figuras 34 e 35 – Reconstituição uns dos trajes do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, Lampião (1898–1938). De autoria de Romildo Aprijo, um dos mestres do couro entrevistados para esta pesquisa, o traje está permanentemente exposto no Museu Cais do Sertão, em Recife.



Figura 36 – Os cangaceiros Corisco e Dadá em 1936, nas proximidades do rio São Francisco.

3.1 Detalhando o equipamento do vaqueiro sertanejo

São muitos os elementos que compõem o conjunto de artefatos⁵⁶ que podem ser utilizados pelo vaqueiro durante a sua entrada na Caatinga, e, por serem numerosos, são ainda maiores as possibilidades de configurações distintas. Esse conjunto se divide basicamente em dois subconjuntos: o dos artefatos que são essenciais para a montaria e para o manejo do gado naquele cenário e o subconjunto formado pelos numerosos acessórios que podem servir como elementos de apoio. Elementos de apoio não tão dispensáveis naquele contexto, como a ‘borracha’, uma espécie de odre de couro que era usado para carregar água, importante no passado, e ainda hoje a corda, o serrote, o facão e a faca, mencionada por Koster (na pág. 68), além da bruaca, uma mala de couro, e o alforje (ou alforge) – (figura 37), a bolsa dividida em dois compartimentos, usada para carregar mantimentos e que é colocada sobre o dorso do cavalo (uma de cada lado) de modo que o peso fique distribuído entre os dois lados.



Figura 37 – Alforje.

⁵⁶ Ornamentados com pespontos.

Outra descrição do alforje foi apresentada, por meio de versos, pelo artesão Irineu do Mestre, durante entrevista realizada para esta pesquisa (pág. 167):

O alforje é duas bolsas
que o cavalo leva dos lado
com queijo, rapadura
e farinha misturado
mata a fome do vaqueiro
quando vai tanger o gado

Pode-se incluir nesse subconjunto os *smartphones* com seus aplicativos de acesso à Internet e uso de rede sociais, pois na atualidade, também os vaqueiros fazem uso da informática em sua atividade. Foi justamente por meio do WhatsApp (aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*), por exemplo, que o contato com uns dos vaqueiros entrevistados para esta pesquisa, Francisco Sérgio Lopes, pôde ser continuado (figura 38). Outro exemplo apareceu em uma postagem publicada no portal do Jornalista Luís Nassif: Diógenes da Silva, o 'Guaxinim', um vaqueiro de 42 anos especializado em resgate de bois fugitivos, mora e trabalha no interior do município de Barras, no Piauí (a 127 km de Teresina), e utiliza o aparelho de telefone celular para acertar serviços e indicar aos seus clientes o paradeiro do gado fugido (figura 39).



Figura 38 – Registro de conversa com um dos vaqueiros entrevistados durante a pesquisa de Campo.



Figura 39 – Diógenes da Silva, o 'Guaxinim', vaqueiro especializado em resgate de bois fugitivos usando o seu aparelho de telefone celular.

O subconjunto dos artefatos essenciais para a atividade que o vaqueiro exerce é também numeroso e para facilitar a sua descrição foram divididos aqui em quatro categorias: na primeira, estão os artefatos que se prestam a **(1)** permitir a montaria e facilitar a cavalgada. Na segunda categoria, os que são usados para **(2)** conduzir e facilitar o manejo do gado, e na terceira, os que servem para a **(3)** proteção da integridade física do cavalo. Na quarta e última categoria, estão aqueles usados como **(4)** vestimenta e que servem para a proteção individual do vaqueiro, foco desta pesquisa, e, por esse motivo, eles serão descritos com mais detalhes no capítulo seguinte.

3.1.1 Artefatos que se prestam a permitir a montaria e facilitar a cavalgada

A maior parte dos artefatos que são idealmente usados para permitir a montaria e facilitar a cavalgada pertence à subcategoria chamada de arreio, nome dado aos equipamentos que são colocados no animal para este fim. Faz parte desta subcategoria a sela (figura 40), a estrutura de suporte que vai amarrada ao dorso do animal na qual se senta a pessoa que o conduz. A sela pode apresentar borrainas (ou burranhas), uma parte estofada, ou abas e sobreabas, e por

debaixo dela se estende uma manta, a gualdrapa, ou uma capa de couro. A sela usada pelo vaqueiro durante o ciclo do couro seria bem mais simples e foi descrita da seguinte forma por José Alípio Goulart:

A sela é feita de madeira em três peças: a lua da sela, que é a parte da frente, a meia lua, que é a parte de trás, e as espendas, que são traves laterais ligando aquelas duas partes. Feito o esqueleto, é este coberto com couro cru de boi, espichado, o que chamam de enervamento e que serve para reforçar a infraestrutura (GOULART, 1966: pág. 28).



Figura 40 – Sela com abas e sobreabas fotografada no Museu do Couro, em Nova Olinda, Ceará (foto do autor).

Também pertence a essa subcategoria o estribo (figura 41), a peça de metal na qual o vaqueiro se apoia e usa para impulsionar-se ao montar o cavalo. O estribo, que pode apresentar

um protetor de couro para o pé do vaqueiro, auxilia e reforça os comandos derivados da pressão das pernas do cavaleiro, ficando preso nas laterais da sela por meio de uma cinta de couro chamada de loro. Passando por baixo do rabo, para prender-se à cilha, uma cinta larga que envolve a barriga animal e que serve para apertar a sela, está a rabicheira (ou rabicho), também parte do arreio e que tem com função principal evitar que a sela ou a carga se desloque para a frente. Evitar que a sela se desloque para trás é a função do peitoral (ou peiteira), uma peça em couro que passa pelo peito do cavalo, prendendo-se nas duas laterais da sela. Também pertencem a essa subcategoria as rédeas, a correia que se prende ao cabresto (ou cabeçada) e à embocadura (freio, bridão ou bride/brida), todos usados pelo vaqueiro para controlar a marcha do animal, e a gamarra, uma peça de três extremidades que se prende na embocadura (figura 42) e na cilha e que tem a função controlar o posicionamento da cabeça do animal.



Figura 41 – Partes do arreio: o estribo (fotos do autor).



Figura 42 – Partes do arreio: as rédeas, presas ao cabresto, que envolve a cabeça do cavalo, e à embocadura. Por debaixo do cabresto, também envolvendo a cabeça, está a gamarra (foto do autor).

Além de todos esses equipamentos que compõem o arreio, podem ser incluídos na categoria criada para agrupar os artefatos usados para permitir a montaria e facilitar a cavalgada as esporas (figura 43), que são adaptadas ao calçado, e os instrumentos de açoite feitos de corda ou couro, usados para incitar ou castigar animais, como o chicote (chibata, reio ou ligeiras) ou o rebenque, um pequeno chicote de couro geralmente com forma de bengala. Não é foi observado durante a pesquisa de campo o uso de antolhos (tapas) nos animais, que são as peças colocadas ao lado dos olhos para reduzir a sua visão lateral, evitando que eles se espantem.



Figura 43 – Partes do arreio: as esporas presas às botas do vaqueiro (foto do autor).

3.1.2 Artefatos e recursos usados para conduzir e facilitar o manejo do gado

Parte importante do trabalho do vaqueiro é a condução do gado que está sob o seu cuidado. Assim sendo, o vaqueiro deve levar os animais pelas pastagens e precisa devolvê-lo ao curral em segurança. Essa condução, nos sertões nordestinos, tem início com o aboio (figura 44), um canto vagaroso, melancólico e sem letra, que ecoa como um lamento, e com as toadas⁵⁷, que possuem a mesma base melódica do aboio porém apresentam letras ligadas ao romanceiro popular, com métricas semelhantes às do repente. A toada e o aboio são cantados pelos vaqueiros no ritmo do movimento dos animais, com o objetivo de estabelecer uma comunicação com eles. As toadas estão também presentes em todos os encontros e momentos festivos dos vaqueiros e eles, de fato, se orgulham desse lado musical.



Figura 44 – Desafio de toadas entre o vaqueiro Francisco Sérgio Lopes e o aboiador Pedro de Granito, durante pega de boi. Disponível em: <<https://youtu.be/6kFL5quxTBU>>.

O berrante, a buzina feita com o chifre de bovinos, pode ser encontrado no Sertão, mas não é tão utilizado no Nordeste como em zonas de pecuária do Centro-oeste e do Sul do país. Muito usado é o chocalho (figura 45), que denuncia a presença da rês. Varas, mencionadas por Maximiliano de Wied-Neuwied (ver pág. 75), geralmente de madeira, também podem ser utilizadas para esse propósito. Na sua rotina, além conduzir, o vaqueiro precisa derrubar e imobilizar o gado fujão. Nessa situação, cordas para são indispensáveis para laçar e enrubar o animal, e máscaras de couro são usadas para tranquilizá-lo.

⁵⁷ Filme de curta-metragem ‘Aboio, a poesia do vaqueiro’ (direção de Tércio Araújo), gravado no município de Lajes, Rio Grande do Norte, em 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/DikSjNBXF94>>, acesso em 5/01/2018.



Figura 45 – Artefatos usados para conduzir e facilitar o manejo do gado: chocalho.

3.1.3 Artefatos usados para a proteção da integridade física do cavalo

Estão agrupados aqui nesta categoria os equipamentos que servem para proteção da integridade física do cavalo, pois não somente o vaqueiro carece de cuidados durante a condução do gado pela Caatinga. O equipamento mais conhecido usado para esse fim é justamente a ferradura, peça teoricamente fundamental para a proteção e para a prevenção de problemas ortopédicos no animal, mas que é pouquíssimo utilizada no Sertão. O caso é que o rústico Cavalo Nordestino (Cavalo de Mourão, Cavalo Crioulo Nordestino ou simplesmente Mourão), uma raça de porte médio que se formou no Brasil a partir da introdução de cavalos do norte da África e da península ibérica (MELO, 2011) e que já habita a região há mais de quatro séculos, além da pouca exigência de água e de alimentação, é altamente adaptado ao terreno pedregoso e quente, além de suportar bastante o desgaste do casco das patas por ser eles muito duros (e por isso o Cavalo Nordestino é popularmente chamado de “pé duro”). Em bem menor número, é possível observar nos dias de hoje cavalos usando os *clothes* (figura 46) no Sertão, que são peças produzidas em material plástico que têm a função de proteger os cascos e a coroa contra batidas e toques.



Figura 46 – Cavalo sem ferraduras usando *clothes* (foto do autor).

Completa a categoria o guarda-peito (ou peitoral), colocado na altura do peito do animal para protegê-lo de chifradas (figura 47), caso algum animal bravo avance de frente sobre ele. Irineu do Mestre, na sua entrevista (pág. 163), explicou a função dessa peça por meio de versos:

O cavalo com o colar
fica até diferente
Com peitoral de sola
pra proteger a frente
Contra as pontas de pau
e pontas de touro valente



Figura 47 – Cavalos com guarda-peito (foto do autor).

3.2 O equipamento de proteção individual do vaqueiro

Neste subcapítulo serão descritas as seis peças de couro que compõem a vestimenta e que servem para a proteção individual do vaqueiro. Os versos do cordelista Ernando Alves de Carvalho são oportunos para iniciar essa descrição:

Convém aqui registrar
 A grande transformação
 Que se opera no vaqueiro
 Quando veste o seu gibão
 E calça suas perneiras
 As luvas e joelheiras
 Que lhes dão a proteção
 Calçando as luvas de couro
 Pra proteger cada mão
 Colocando guarda-peito
 Por cima do seu gibão
 O sertanejo valente
 Enfrenta assim seu batente
 Nessa dura profissão
 (CARVALHO, 2009: pág. 3)

3.2.1 O chapéu de couro

Se o critério de escolha for o de assegurar a integridade física do usuário, o chapéu de couro (figura 48) deve ser considerado a peça mais importante dentre todas as que compõem o equipamento de proteção individual do vaqueiro sertanejo. Nesse sentido, ele é mais importante até que o gibão, pois ao seguir tal critério, deve-se observar a proteção à cabeça, tanto de choques e espinhos quanto do sol abrasador característico do semiárido.

Tal como o capacete para o motociclista, o chapéu protege o mais vital dos órgãos do vaqueiro e é indispensável quando, na caça de um boi fujão, ele é obrigado a se embrenhar na Caatinga. Cumprindo essa função, o chapéu —que fica preso à cabeça por obra do barbicacho (ou barbela), uma tira de couro que passa por baixo do queixo ou fica presa à nuca, podendo ter o seu comprimento regulado— protege o vaqueiro dos constantes impactos externos e pode minimizar o dano em caso de quedas ou colisões. Suas curtas abas protegem também os olhos do vaqueiro, especialmente quando o cavaleiro se posiciona junto ao cavalo (figura 49). No passado, segundo comenta Motta (2016), as abas, cônicas ou arredondada, dobradas para cima, possuíam variações que permitiam que um vaqueiro reconhecesse de qual região era o outro.



Figura 48 – Chapéu de couro com barbicacho, produzido por Irineu do Mestre (C4).



Figura 49 – Vaqueiro posicionado junto ao cavalo.

Para dar uma ideia do papel que cumpre o chapéu quando a finalidade é assegurar a integridade física vaqueiro, vale comentar que esse ‘capacete sertanejo’ é o única parte do equipamento que não pode deixar de ser usada pelos competidores nos desafios de pega de boi na atualidade. A pega de boi, a corrida de mourão e a vaquejada, hoje um popular e polêmico

esporte com regras definidas, se desenvolveram a partir da prática da apartação, período no qual se procedia a separação dos rebanhos para a sua identificação —que caiu em desuso quando propriedades passaram a ser completamente cercadas—, e das brincadeiras das festas de apartação, “onde os vaqueiros queriam demonstrar suas destrezas” (FERREIRA, 1999: pág. 26). Pois na pega de boi (figuras 50 e 51) esportiva dos dias de hoje⁵⁸, assim como na menos recorrente pega de jegue⁵⁹ (ou de jumento), a regra é: ‘pode entrar no mato sem terno [gibão], mas não pode sem o ‘capacete’. Ainda assim, acidentes graves acontecem nesse esporte, como o que foi divulgado pelo portal G1 no dia três de setembro de 2018:

Um vaqueiro morreu na tarde do domingo (2), no município de Camalaú, no Cariri paraibano. De acordo com o boletim de ocorrência registrado na Polícia Civil de Monteiro, a vítima participava de uma competição na caatinga conhecida como “Pega de Boi”, quando caiu do cavalo.⁶⁰

Convite 03/08/2014

Zé Filho convida todos os vaqueiros, amigos e o povo em geral para participar da 2ª grande Pega de Boi no mato no Sítio Contendas São José do Belmonte, Que será realizada 03/08/2014

Inscrições:
Vaqueiros R\$ 35,00

PROGRAMAÇÃO:
14:00HS SOLTA DO GADO

PREMIAÇÃO:
3 Novilha quem pegae será o dono
5 Novilhas no valor de R\$ 100,00
2 Novilhas Pé de Porteira no valor de R\$ 100,00

às 14:00hs muito Forró com Luiz de Verdejante

Figura 50 – Peça de divulgação de pegas de boi.

⁵⁸ Pega de boi nas cercanias de Serrita, em 2017. Disponível em: <https://youtu.be/_FgrnCnkU8E>. Acesso em 18/01/2019.

⁵⁹ Exemplo de pega de jegue (2017). Disponível em: <<https://youtu.be/c2FEcBsEYoc>>. Acesso em 18/01/2019.

⁶⁰ Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2018/09/03/vaqueiro-morre-apos-cair-de-cavalo-durante-pega-de-boi-em-camalaui-pb.ghtml>>. Acesso em 18/01/2019.

FAZENDA ALEGRIA / GRANITO - PE Tem festa nas caatingas do sertão

15ª PEGA DE BOI NO MATO

TROFÉU EDUARDO CAMPOS / VAQUEIRO DAS CONQUISTAS DE PERNAMBUCO

VAQUEIRO ANTONIO MURITIBA 11/07/2015

R\$ 6.000,00
EM PRÊMIOS

- JUNHO CALLOR • OS TRÊS DO CARRI
- DANIL PERAMBUCANO • JORGE DE ALTINO
- GERALDINHO LINS • FORRÔ REI DO GADO
- FORRÔ DO CHEFE • WANNESA E WALÉRIA

EDUARDO CAMPOS
VAQUEIRO DAS CONQUISTAS
DE PERNAMBUCO

REALIZAÇÃO - MAURILIO SAMPAIO
ORGANIZAÇÃO - MAURILIO SAMPAIO E EDIVAN

EMPETUR SECRETARIA DE TURISMO, ESPORTE E LAZER Pernambuco

Figura 51 – Peças de divulgação de pegas de boi.

1ª Pega de Jegue

Sítio João Gerônimo - Cubati / PB

29 OUTUBRO 2016




**Premiação
do
1º ao 4º Lugar**

**Organização
Matuzalém**

Figura 52 – Peça de divulgação de pegas de jegue.



Figura 53 – O chapéu de couro.

3.2.2 A perneira

É muito comum encontrar vaqueiros usando apenas partes do que seria idealmente o seu equipamento de proteção individual, e quando perguntados sobre qual seria a peça mais importante desse conjunto, apresentam eles respostas variadas. Nas entrevistas realizadas para a pesquisa, os vaqueiros Vinícius, Francisco Sérgio Lopes e João Paulo dos Santos indicaram o chapéu de couro, o capacete do vaqueiro, como a peça indispensável. Jonas e seu pai, Jorge, citaram o “terno”, ou o gibão, como a peça principal, e para Antônio Alves dos Santos, o vaqueiro de 66 anos, é a perneira (figuras 54 e 55) a peça mais importante. Porém, independente do uso e da preferência individual, o que é concreto é que esses elementos interdependentes quando juntos, formam um todo organizado, ou seja, um sistema. Nesse sistema, as perneiras, são calças de couro postas sobre roupa do vaqueiro (muitas vezes sobre uma ceroula comprida de pano de algodão), são fundamentais para protegê-lo de investidas de bois e da flora, e também para proteger suas roupas. Antes de vestir o alardeado gibão e o guarda-peito, o vaqueiro veste a perneira, que cobre da virilha até os pés do vaqueiro, protegendo os membros inferiores dos espinhos, mas deixando livres suas nádegas.



Figura 54 – Fragmento de vídeo no qual se exhibe um vaqueiro vestindo sua perneira e as demais peças do vestuário.



Figura 55 – Perneira produzido por Irineu do Mestre (P4).

3.2.3 O guarda-peito

Depois de colocar a perneira, chega a vez do guarda-peito (peitoral ou parapeito), a peça de couro semelhante a um avental, usado sobre a camisa e sob o gibão, que protege o tórax do vaqueiro. O guarda-peito (figura 56) fica preso ao vaqueiro por meio de tiras que passam pelo pescoço e pela cintura do vaqueiro. Não tão conhecido como o chapéu e o gibão, o guarda-peito não é uma peça de menor importância. É em muitos casos a peça que efetivamente protege o peito do vaqueiro de espinhos e do contato com o cavalo, já que determinados modelos de gibão são usados abertos. Durante a pesquisa de campo, foi possível observar vaqueiros usando somente o guarda-peito, sem o gibão por cima, quando o serviço não exigia a entrada na Caatinga.



Figura 56 – O guarda-peito.

3.2.4 As luvas

As luvas de couro (figura 57) usadas pelo vaqueiro sertanejo se diferenciam das tradicionais luvas hípicas. Sua principal característica, observada na pesquisa bibliográfica e na pesquisa de Campo, que a diferencia das tradicionais e que as identifica como tal, é o fato de que elas cobrem apenas o polegar, deixando os outros dedos livres, protegendo desse modo as costas da mão do vaqueiro, sem prejudicar a mobilidade para o manuseio das rédeas e dos demais equipamentos.



Figura 57 – Luvas do vaqueiro sertanejo produzida na oficina de Espedito Seleiro: protegem as mãos deixando os dedos livres.

3.2.5 Os calçados

As alpercatas e as sandálias de couro estão associadas ao universo sertanejo. Estão associadas ao que foi chamado de a ‘Civilização do Couro’, mas escapam desse universo, sendo facilmente encontradas em mercados litorâneos ou em outros centros econômicos do país e, por

serem exportadas, do exterior⁶¹. No entanto, para entrar na Caatinga, o ‘guarda-pé’ do vaqueiro é quase sempre o “sapato grosseiro do mato” (figura 58), que foi como nomeou Reinaldo Gomes, um dos mestres do couro entrevistados para a pesquisa, a bota de meio cano ou botina de couro comumente usada na região. Na pesquisa de Campo, foi esse o tipo de calçado de couro mais observado e registrado.



Figura 58 – Calçados.

3.2.6 O gibão

O exaltado gibão de couro (figura 59), peça nunca esquecida nas descrições da vestimenta registradas pela literatura e pela historiografia, e que em muitos momentos representa o restante dos equipamentos, possui muitos sinônimos no linguajar sertanejo: pode ser chamado de terno, de véstias, de jaleco, de jaqueta, de paletó ou de casaco. São variados também os modelos existentes de gibões, equiparados pela função principal que essa peça tem, no conjunto de equipamentos usados para proteção individual, que é a de proteger as costas e os membros superiores do vaqueiro.

⁶¹ Disponível em <http://redeglobo.globo.com/al/tvgazetaal/noticia/2015/03/sandalias-feitas-no-sertao-alagoano-serao-exportadas-para-europa.html>, acesso em 18/01/2019.



Figura 59 – Distintos modelos de gibão (fotos do autor).

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS GIBÕES SELECIONADOS

Como foi mencionado na introdução (pág. 39), os artefatos selecionados para a análise correspondem à produção de artesãos com tradição familiar identificados, contatados e entrevistados nas viagens que foram feitas ao Sertão. Os quatro que cumprem as exigências da pesquisa (figura 60), como também foi mencionado, são os gibões produzidos por Reinaldo Gomes (G3), os saídos da oficina de Seu Espedito Seleiro (G5) e da oficina de Romildo Aprijo (G6), além do gibão confeccionado por Irineu do Mestre (G7).

Autor	Cidade/Estado	Código
Roosevelt Fernandes da Silva	Campina Grande/PB	G1
Maurício	Campina Grande/PB	G2
Reinaldo Gomes	Acari/RN	G3
Artesão anônimo	Caicó/RN	G4
Oficina do Espedito Seleiro	Nova Olinda/CE	G5
Oficina dos Aprijo	Ouricuri/PE	G6
Irineu do Mestre (e Irineu Jr.)	Salgueiro/PE	G7



Figura 60 – Os quatro gibões escolhidos para a análise: da esquerda para a direita, um do tipo jaqueta (G3), um do tipo sobretudo (G3) e dois do tipo fraque (G6 e G7).

4.1 Descrição dos gibões adquiridos durante a pesquisa e selecionados para análise

A partir da comparação das peças, foi constatada a existência de três categorias nas quais foram incluídos os quatro gibões que foram aqui selecionados para a análise. Essas categorias foram nomeadas segundo a semelhança morfológica dos gibões encontrados durante a pesquisa de campo com outros trajes mais habituais. Foram encontrados gibões com forma semelhante à da casaca ou sobrecasaca cortada (peça que compõem o fraque), com sua parte frontal mais curta que a parte traseira. Também aqueles que, diferentemente, possuem a parte frontal mais longa que a parte traseira, o que faz com que sua forma seja semelhante a de um sobretudo, dos que se vestem por cima do terno usual, e faz com que o vaqueiro obrigatoriamente tenha que utilizá-lo com as abas abertas. Também foi possível encontrar gibões com a forma semelhante à de uma jaqueta, um casaco mais curto que bate à altura da cintura. São esses, então, os três modelos básicos estudados neste trabalho.

O gibão de Reinaldo Gomes (G3), comprado em Acari, no Rio Grande do Norte, é do tipo jaqueta, e o saído da Oficina do Espedito Seleiro (G5), de Nova Olinda, Ceará, é do tipo sobretudo. Tanto o gibão comprado na oficina dos Aprijo (G6), em Ouricuri, como o gibão feito por Irineu do Mestre (G7), adquirido em Salgueiro, ambos em Pernambuco, foram categorizados aqui como sendo do tipo fraque (figura 60).

Apesar de apresentarem formas bem distintas, todos os quatro gibões escolhidos foram confeccionados com somente três materiais —cortes (ou pedaços) e tiras de couro curtido sem tingimento, linha de costura industrial (de cor branca ou amarela) e cola adesiva. Couros de animais variados são utilizados na fabricação desses gibões: couro de bovinos, de caprinos (pelica) e até de cervídeos, como o do veado catingueiro (*Mazama gouazoubira*), animal hoje ameaçado de extinção. Por apresentarem, tais couros, por causa dos processos de beneficiamento utilizados, uma face lisa e outra acamurçada, a primeira é em todos os casos destinada à parte interna do traje, a que fica em contato com o muitas vezes descamisado vaqueiro. O aspecto do gibão pouco a pouco vai se alterando, pois tanto a face lisa quanto a face acamurçada do couro, inevitavelmente e paulatinamente, escurecem com a ação tempo, e o esse processo se acelera quando ele é exposto ao sol.

Ainda que três dos mestres do couro (Reinaldo, Romildo e Espedito) responsáveis pela confecção dos gibões selecionados tenham deixado claro em entrevistas que conhecem o processo de curtimento tradicional do couro, os quatro artesões confeccionam suas peças com couros já curtidos e, quando é o caso, tingidos. No caso de Romildo Aprijo e de Espedito Seleiro,

seria de fato inviável que seguissem eles todo o processo tradicional diante da demanda que atendem na atualidade. Um dos funcionários de Espedito confidenciou em entrevista (pág. 149):

Pesquisador – Vocês fazem tudo com o couro, mas vocês também preparam o couro pro trabalho ou já chega o couro pronto?

Maninho – Couro pronto, já.

Couro pronto para evitar justamente o que o artesão Reinaldo Gomes relatou ao descrever o processo por ele utilizado no passado (pág. 146):

Reinaldo – [...] Olha, primeiro você compra o couro. O couro vem bruto. Você vai com ele no facão, tira aquela casca grossa que tem. Depois vai lixar. Você preste bem a atenção: vai lixar, aí quando tá bem lixadinho, o que é que você faz? Você bota ele na... você faz aquele cimento de mamona. Você mói um montão que dê pra dez couro ou quinze. Você bota numa vasilha grande, bota de molho.

Pesquisador – De molho com?

Reinaldo – Você mói o caroço. Fica tipo um azeite... assim um óleo.

Pesquisador – Tipo um óleo de mamona?

Reinaldo – Pronto, é, e quando acabar, tira, passa um dia ou dois ali dentro, aí vai pra um canto que tenha muita água pra lavar, pra bater pra tirar aquela golda.

Pesquisador – Fica lavando e lavando.

Reinaldo – É. Você bate numa tábua, numa pedra, num negócio, pra tirar aquela golda. Quando sai aquela golda, quando você termina, fica da cor do farol do seu carro, bem vermelhinha. Acredita?

Pesquisador – É mesmo?

Reinaldo – É... aquela golda. Porque é tipo a casca do angico e a casca do angico tem uma golda. Aí quando terminar, tá pronto pra fazer a peça, você vai espichar.

Pesquisador – No sol isso?

Reinaldo – Espichar, você... Aí você vai tratar com outro tipo de óleo, óleo de algodão, para o couro não ficar fedido. Aí vai espichar com vara. Aquelas varas pra você espichar. Um montão de vara, vai colocar no lugar certo [inaudível]. É trabalhoso.

Pesquisador – Isso é só pra começo de conversa. Isso é só pra preparar o couro.

Romildo, descrevendo brevemente uma parte do processo, deixou claro que já não é mais possível seguir todas as práticas tradicionais de beneficiamento do couro (pág. 154):

Pesquisador – [...] vocês tão fazendo a roupa no processo inteiro, do começo ao fim, ou vocês já tão comprando couro pronto.

Romildo – Não, comprando couro industrializado.

Pesquisador – Porque senão você não conseguiria atender, tá.

Romildo – Porque aquelas tradições [inaudível] de setenta, cem anos atrás, o vaqueiro mesmo curtia o couro.

Pesquisador – Seu pai fazia? Curtia o couro?

Romildo – Ele curtia o couro, ele grosava o couro, pegava aquele couro, botava no grosador. [inaudível] Tinha que pegar o couro bruto, pra grosar ele usavam uma madeira e um facão bem amolado, apoiava aqui e ficava tirando esses pelos tudinho ali no alto. É complicado.

Pois para que cada um dos quatro gibões escolhidos aqui fosse montado, sete cortes de couro principais, já curtidos, foram necessários. Costurados à máquina, dois desses cortes são destinados à parte frontal do traje, um é destinado às costas e outros dois são usados para montar cada um dos braços (figura 61).

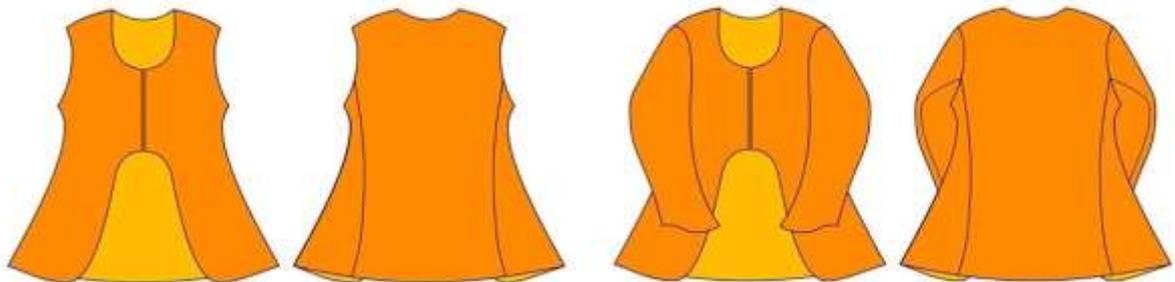


Figura 61 – Os sete cortes principais do modelo fraque: três para o tronco e duas usadas para montar cada um dos braços.

Muitos gibões apresentam bolsos internos, mas essa não é uma característica comum a todos: estão presentes, por exemplo, em três dos quatro gibões aqui selecionados (G3, G5 e G6). São ainda menos comuns os bolsos na parte externa do gibão, ausentes na amostragem, mas que puderam ser observados durante a pesquisa de campo (figura 62).



Figura 62 – Gibão com bolsos externos fotografado na Feira de Caruaru, em 2015, durante pesquisa de Campo (foto do autor).

O que sim é constante é o fato de suas abas serem fechadas por meio de furos e de suas respectivas correias atacadeiras (tiras de couro), uma adesão ao tradicional, evitando-se os botões ou o zíper (ou fecho-éclair) que constam nos casacos e jaquetas atuais. Outra característica comum aos gibões é fato de serem eles, em menor ou maior grau, sempre ornamentados por meio da costura, de furos e de camadas de couro sobrepostas aos cortes principais, assim como acontece com as outras peças da vestimenta. Nas viagens feitas para a pesquisa de campo, especificamente para a pega de boi e para a missa do vaqueiro, foram observados gibões com ornamentos e detalhes coloridos, com os cortes de couro e traçado da costura formando arabescos, mas, a grande maioria era de coloração de couro cru simplesmente.

No entanto, ainda que existam gibões de trabalho com ornamentos coloridos, visando conservar a unidade da amostragem e que correspondesse, essa amostragem, às descrições básicas da roupa do vaqueiro, a “vestimenta original, de uma só cor —o pardo avermelhado do couro curtido” (CUNHA, 1984: pág. 211), desde o início da pesquisa foi dada preferência, quando encomendados e no momento da compra, a gibões que não apresentassem elementos de couro tingidos. Sendo uma veste tradicional, que consta de descrições desde o início do século XIX (ver pág. 73), foi buscado, ao formar o *corpus*, gibões que não apenas estivessem no mercado contemporâneo, mas que se assemelhassem aos descritos por historiadores e escritores, comprovando em certa medida a continuidade do design destas peças. Não obstante, existem gibões de trabalho bastante ornamentados e coloridos, assim como existem aqueles com ornamento mínimos.

Ao tratar dos arabescos que adornam os trabalhos em couro do Brasil sertanejo, Motta (2016) comenta que parecem ressurgir neles o vasto acervo da representação visual moura, com suas folhas e folhagens estilizadas, traduzidas em elementos geométricos abstratos. Apoiando-se em Frederico Pernambucano de Mello, Motta comenta que:

o mais provável é que venham da junção de elementos de muitas origens os arabescos monocromáticos —marcado por pespontos e pontilhados— da roupa do vaqueiro e os arabescos coloridos —bordados ou vazados— do exuberante traje mítico do cangaço (MOTTA, 2016: pág. 122).

Variantes ainda mais ornamentadas e festivas passaram a existir desde que Luiz Gonzaga, grande incentivador da cultura do vaqueiro, passou a se apresentar, a partir da década de 1940, usando a roupa do vaqueiro. Inicialmente, Luiz Gonzaga fez uso da tradicional roupa usada pelo vaqueiro para entrar na Caatinga (figura 63). Posteriormente, passou a fazer uso de gibões e chapéus multicoloridos (figura 64), inspirados nas roupas extremamente ornamentadas e cheias de significados místicos utilizadas pelo bando de Lampião na sua fase final (durante

as décadas de 1920 e 1930). Coube, portanto, ao cantor Luiz Gonzaga levar a roupa do vaqueiro, e sua variante, para o palco e, desde então, outros artistas populares nordestinos (geralmente músicos) que buscam se identificar com o universo sertanejo passaram a seguir essa prática, fazendo uso do chapéu, do gibão e/ou do colete de couro. É possível que essas interpretações espetaculares do gibão e do chapéu sertanejo tenham sido responsáveis em até um certo ponto pela manutenção de um artesanato cada vez menos necessário numa época em que o gado se deslocou para as regiões Centro-oeste e Norte, na qual a “armadura” é dispensável. Cabe lembrar que Luiz Gonzaga, ao criar a missa do vaqueiro original em homenagem a seu primo Raimundo Jacó⁶², ajudando a criar a figura mítica do vaqueiro ideal (existem até milagres atribuídos ao mártir vaqueiro), deu notável apoio ao vaqueiro sertanejo e à articulação destas festas com a indumentária típica como a aqui estudada.



Figura 63 – Réplica de traje usado por Luiz Gonzaga em 1954, ainda sem ornamentos coloridos. Peça exposta no Museu Cais do Sertão (foto do autor).

⁶² Depoimento sobre a morte do vaqueiro Raimundo Jacó. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=i4hcAtHOWJE>>, acesso em 23/01/2019.



Figura 64 – Réplica de traje usado por Luiz Gonzaga na década de 1980. Peça exposta no Museu Cais do Sertão (foto do autor).

Em três dos quatro gibões —excluindo o gibão do Espedito (G5)— cortes de couro foram fixados às mangas, aos ombros, às bases e às extremidades das abas frontais, sobrepostos à primeira camada de couro. Os cortes são fixados, principalmente, com cola adesiva, a costura feita à máquina com linha industrial, mais o pesponto feito à mão com tiras de couro. Seguindo à lógica ornamental, tais cortes formam arabescos que se articulam com o traçado da costura feita à máquina, com o pesponto de tiras de couro e com furos feitos com vazador, furos esses que só não estão presentes no gibão do Reinaldo (G3).

Os ornamentos, sob a forma de camadas sobrepostas de couro, de fato, deixam mais rígidas as extremidades das peças. No entanto, atribuir a eles a função de reforço estrutural pode gerar um questionamento: se a intenção é também a de reforçar a peça, por que não há reforço nas partes da roupa que mais se desgastam? Como observou a Prof.^a Dr.^a Aline Monçores, em encontro realizado para análise das peças, no caso do gibão, por conta dos movimentos de braços que o vaqueiro precisa executar durante sua entrada na Caatinga, a parte que mais se desgasta é a região das axilas, e não foi difícil encontrar durante a pesquisa vaqueiros trajando gibões abertos nesse local (figura 65).



Figura 65 – A parte que mais se desgasta no gibão: a região das axilas.

Os ornamentos estão, de fato, sempre presentes na roupa de trabalho de vaqueiro. No entanto, quando o mestre do couro Romildo Aprijo, um dos entrevistados, foi questionado sobre qual tipo de gibão é preferido pelo vaqueiro, se aqueles mais decorados ou os mais simples nesse sentido, respondeu: “ele prefere o que seja resistente” (pág. 154).

4.1.1 Gibão G3

O gibão G3, comprado em Acari, é do tipo jaqueta (figura 66) e é o único dos quatro que apresenta gola (figura 68), e não somente uma moldura de acabamento como nos outros três casos. O G3 é, também, o único que possui bolsos internos com fechos de couro (figura 67). O fechamento das abas do gibão G3 se faz por meio de dois pares de correias atacadeiras, localizadas uma na gola e a outra no centro da parte frontal.



Figura 66 – Desenho planificado do gibão G3.

A face lisa do couro não é exposta no gibão feito por Reinaldo. Por ser sempre visível a face acamurçada do couro, tanto na primeira camada como nos cortes ornamentais, seu gibão apresenta um aspecto cromático mais uniforme, diferente dos contrastes de cores e textura, ainda que suaves, que podem ser observados nos outros três gibões escolhidos. Camadas de couro foram sobrepostas às mangas, aos ombros, às extremidades das abas e na base do gibão. Nas costas, ornamentos foram colocados na região da escápula. No gibão G3, além da cola adesiva, os cortes sobrepostos foram costurados com pesponto feito à mão com tiras de couro e costura de ponto reto feita à máquina com linha industrial de cor branca, o que a torna visível pelo contraste com o couro. Além de ajudar na fixação de elementos que foram acrescentados aos cortes principais, como a gola e os bolsos, a costura feita à máquina é utilizada para formar traçados ornamentais, no caso do gibão G3, mais retilíneos do que os que podemos encontrar no demais gibões da amostragem.



Figura 67 – Bolso interno do gibão G3.



Figura 68 – Gola do gibão G3.

Conforme Certeau (1994), há sempre o espaço da resignificação, da atualização e da produção de sentidos feita por cada praticamente cultural. Espaço esse que Reinaldo, durante a entrevista, deu a entender que ocupa: ao ser perguntado se seguia modelos fixos ou se se permitia inovar no momento da sua produção, o mestre do couro respondeu explicando também porque para ele é fundamental confeccionar as peças sob encomenda (pág. 106):

Reinaldo – Rapaz, às vezes a gente pega uma peça velha. Achou o modelo bonito, a gente faz. A gente bota um aumento. A roupa de couro, pra usar, tem que tirar as medidas.

Pesquisador – Por isso que o senhor faz por encomenda.

Reinaldo – É. Porque às vezes tem pra vender e chega o rapaz “isso não presta pra mim”. Aí tem aquelas coisas. Quando eu comecei a mexer com couro, eu comecei nas feiras. Eu fazia Caicó, a feira daqui, fazia a de Currais Novos e a de Cruzeiro. E lá mesmo eu tirava as medidas do cabra. [inaudível] Tirava as medidas dele e entregava pra papai.

Foi perguntado, também, quanto tempo de trabalho é necessário para a produção da peça, sendo que no caso de Reinaldo, como foi comentado na introdução, não há uma dedicação integral à atividade, pois ele exerce também o ofício de barbeiro (pág. 139):

Pesquisador – Mas... E quanto tempo leva pra fazer um gibão?

Reinaldo – Você quer a roupa toda ou somente o...

Pesquisador – Não quero o casaco.

Reinaldo – Só o casaco. Rapaz, duas semanas pra gente fazer.

Pesquisador – Duas semanas.

Reinaldo – No meu caso, porque vou fazendo devagar, porque eu não faço só...

[...]

Pesquisador – E o senhor hoje em dia é mais barbeiro ou mais artesão do couro?

Reinaldo – É os dois. Tem hora que dá serviço aí demais. Agora, eu faço muito serão de noite e aqui vem gente aqui cortar o cabelo e a barba e eu tenho que atender, não pode ficar esperando.

4.1.2 Gibão G5

O gibão G5, comprado na oficina de Espedito Seleiro, o mais consagrado dos artesãos selecionados, é único do tipo sobretudo. Dos artesãos contatados, é Espedito o que conta com o maior número de colaboradores. “Dezesseis pessoas” em 2015, a maioria trabalhando em casa, segundo Maninho, um dos funcionários entrevistados naquela ocasião: “a gente manda o material e eles fazem em casa” (pág. 146). No entanto, ficou claro nas duas visitas feitas à

oficina (figura 69) que os funcionários de Espedito, muitos deles parentes seus, tão-somente colaboram para a confecção daquelas que são as peças mais vendidas pela hoje marca Espedito Seleiro. Espedito vem fabricando, desde 1992, numerosos artigos de couro com ornamentos coloridos, num efeito agradável que faz com que pessoas de fora do meio sertanejo se interessem em adquiri-los, especialmente as bolsas e sandálias produzidas com inspiração na estética do cangaço (o gibão de trabalho adquirido na ocasião sequer estava exposto entre as mercadorias da loja anexa à oficina).



Figura 69 – Funcionários trabalhando na oficina de Espedito Seleiro.

Ficou claro também que seus funcionários seguem e repetem exatamente os modelos definidos por Espedito (nem sempre com a mesma qualidade técnica de execução) e que peças mais elaboradas, como o gibão de trabalho do vaqueiro, não fazem parte dessa produção coletiva. É o que se pôde perceber nas visitas realizadas e a partir de respostas dadas a perguntas feitas aos funcionários durante as entrevistas feitas (pág. 143):

Pesquisador – Hum... O molde já tá feito. Mas se você quiser inventar, pode?

Funcionário – Como assim?

Pesquisador – Sei lá, criar uma forma nova.

Funcionário – Você?

Pesquisador – Não, eu digo você.

Funcionário – Eu? Eu não consigo não. É com o Espedito mesmo.



Figura 70 – Desenho planificado do gibão tipo sobretudo (G5) de Espedito Seleiro.

As abas do G5, o gibão sobretudo (figura 70), se fecham por meio de correias atacadeiras e cinco pares de furos, localizadas na parte frontal superior. O G5 recebe o reforço ornamental nas mangas e nos ombros, mas é o único do quatro que não apresenta os cortes de couro ornamentais nas extremidades das abas e na base do traje (e que as deixariam mais rígidas). Apresenta, além de uma costura ornamental nos ombros, feita à mão com tiras de couro, um ornamento na parte superior das costas, que consiste em um corte de couro sobreposto à primeira camada, nos quais o traçado da costura feita à mão com tiras de couro e à máquina com linha industrial de cor branca, se articulam ao traçado feito com furos. Nas mangas, nos ombros e nas extremidades, a costura feita à mão com tiras de couro está sempre acompanhada da feita à máquina, e como no gibão G3, por ser branca a cor da linha, se torna visível pelo contraste com o couro.

4.1.3 Gibão G6

Ao criar um novo gibão, o mestre do couro pode, como disse Reinaldo, “botar um aumento”, no entanto, fica latente a importância dos pré-estabelecidos moldes, que puderam ser observados em todas as oficinas visitadas, para facilitar o processo. O gibão produzido na oficina de Romildo Aprijo (G6) exemplifica isso. Confeccionado a partir da encomenda feita em

2014, o traje apresenta morfologia idêntica ao traje que o mesmo artesão produziu para a exposição permanente do museu Cais do Sertão (figura 71), inaugurado no mesmo ano.



Figura 71 – Gibões produzidos por Romildo Aprijo: o G6 e o gibão exposto no museu Cais do Sertão (fotos do autor).

O gibão G6 (figura 72) é um dos dois selecionados que pertencem à categoria fraque. Durante entrevista, Romildo defendeu a morfologia do casaco, explicando que o que o leva a fazê-lo dessa forma é justamente o posicionamento do vaqueiro ao cavalgar (pág. 153):

Pesquisador – Isso é interessante, isso que você tá me dizendo porque eu conheci um cara em Campina Grande, que ele começou a fazer, ele desmontou um casaco, só que o gibão não é casaco simples. Ele tem uma forma específica, né?

Romildo – Ele tem uma forma pra quando colocar ele tem que fazer isso aqui, que é pra cobrir a sela.

Pesquisador – Ah, ele tem que cobrir a sela. Por isso que ele tão grandão às vezes aqui.

Romildo – Ele tem que colar aqui.

Pesquisador – E o chapéu, tá. E a luva aqui.

Romildo – Corretamente.

Pesquisador – O cara fica numa armadura, né?

Romildo – Com certeza.



Figura 72 – Desenho planificado do gibão G6.

Romildo Aprijo e os demais artesãos sertanejos, autores dos gibões aqui selecionados, usam basicamente as mesmas ferramentas e processos. Por trabalharem com o couro já beneficiado, o facão de grosar já não é mais necessário. Contudo, as régua e o compasso, assim como as facas e o estilete, foram observados em todas as oficinas visitadas (figura 73). O mesmo acontece com o brunidor, usado para polir ou alisar o couro, o pé-de-ferro, importante para a confecção de calçados, a tesoura, o martelo (ou maço para couro) e os cinzéis (furadores ou vazadores), usados para fazer os furos no couro. O torquês, um tipo de alicate, em que as extremidades podem ser afiadas para cortar e a goiva, usada para fazer sulcos e para facilitar as dobras do couro, bem como para fazer figuras decorativas, também fazem parte desse conjunto, sem esquecer, é claro, da máquina de costura, além dos importantíssimos e sempre presentes moldes de papel.



Figura 73 – Romildo Aprijo com seu pai, José, na sua oficina em Ouricuri – PE.

No entanto, ainda que os mestres do couros selecionados aqui utilizem ferramentas similares, Romildo Aprijo, orgulhando-se de seu arcaísmo, fez questão de comentar, durante entrevista, que na sua oficina não são utilizadas máquina de costura elétrica, diferentemente do que ocorre na oficina do seu concorrente Espedito Seleiro (pág. 152):

Romildo – Sabe qual é o lance de ali do Espedito, é que ele usa aquele maquinário industrial, é aquela máquina que corta, e ali o pessoal só não cria a arte.

Pesquisador – O seu é todo manual?

José – É manual.

[...]

Romildo – O maquinário nosso não é motor industrial não, é tudo pedal mesmo, é coisa artesanal mesmo.

Pesquisador – É mesmo, rapaz!

Romildo – É tudo no pedal, não era nada no motor, não. O negócio é rústico mesmo.

As abas do gibão tipo fraque G6 se fecham por meio das correias atacadeiras e quatro pares de furos, localizadas na sua parte frontal. Ele apresenta os ornamentos (cortes de couro

sobrepostos à primeira camada que se articulam com o traçado da costura com linha de cor branca e com o traçado feito com furos) nas mangas, nos ombros, nas extremidades da abas, na base do traje, na parte superior das costas e na região escapular. Também apresenta nos ombros, como no gibão G5, uma costura ornamental feita à mão com tiras de couro, simulando um reforço estrutural (figura 74). Os bolsos internos presentes no gibão G6 são mais complexos que os presentes nos outros dois gibões que contam com esse elemento, apresentando dois outros pequenos compartimentos (figura 75).



Figura 74 – Costura ornamental do gibão G6.



Figura 75 – Bolsos internos do gibão G6.

4.1.4 Gibão G7

O gibão produzido por Irineu do Mestre, grande incentivador da missa do vaqueiro de Serrita, o gibão G7 (figura 76), foi o último a ser adquirido. Assim com o gibão G6, ele pertence à categoria fraque, e suas abas, também como as do G6, se fecham por meio das correias atacadadeiras, sendo que no caso do G7 são oito os pares de furos localizadas na sua parte frontal. O posicionamento dos ornamentos é também semelhante, contudo, dos gibões selecionados, o G7 é o único que apresenta em praticamente todos os cortes ornamentais (com exceção dos localizados nos ombros), a face lisa do couro, que contrasta com a face acamurçada da parte externa do gibão (figura 76). O G7 também apresenta nos ombros, como o G6, uma costura feita à mão com tiras de couro, que simula um reforço estrutural.

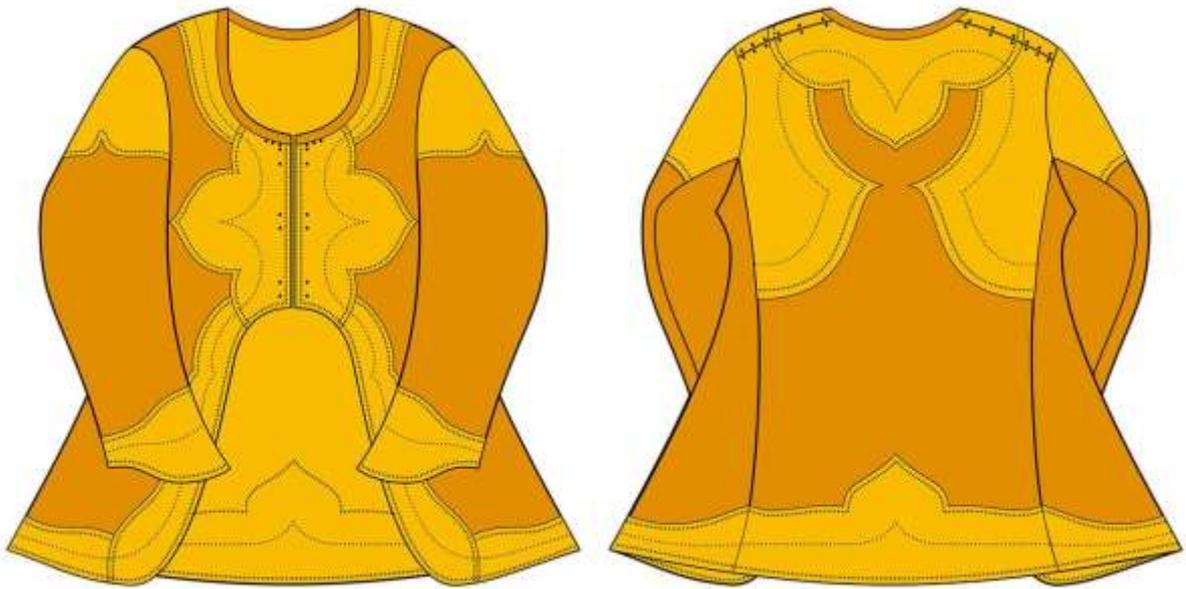


Figura 76 – Desenho planificado do gibão G7.



Figura 77 – Oficina de Irineu do Mestre.

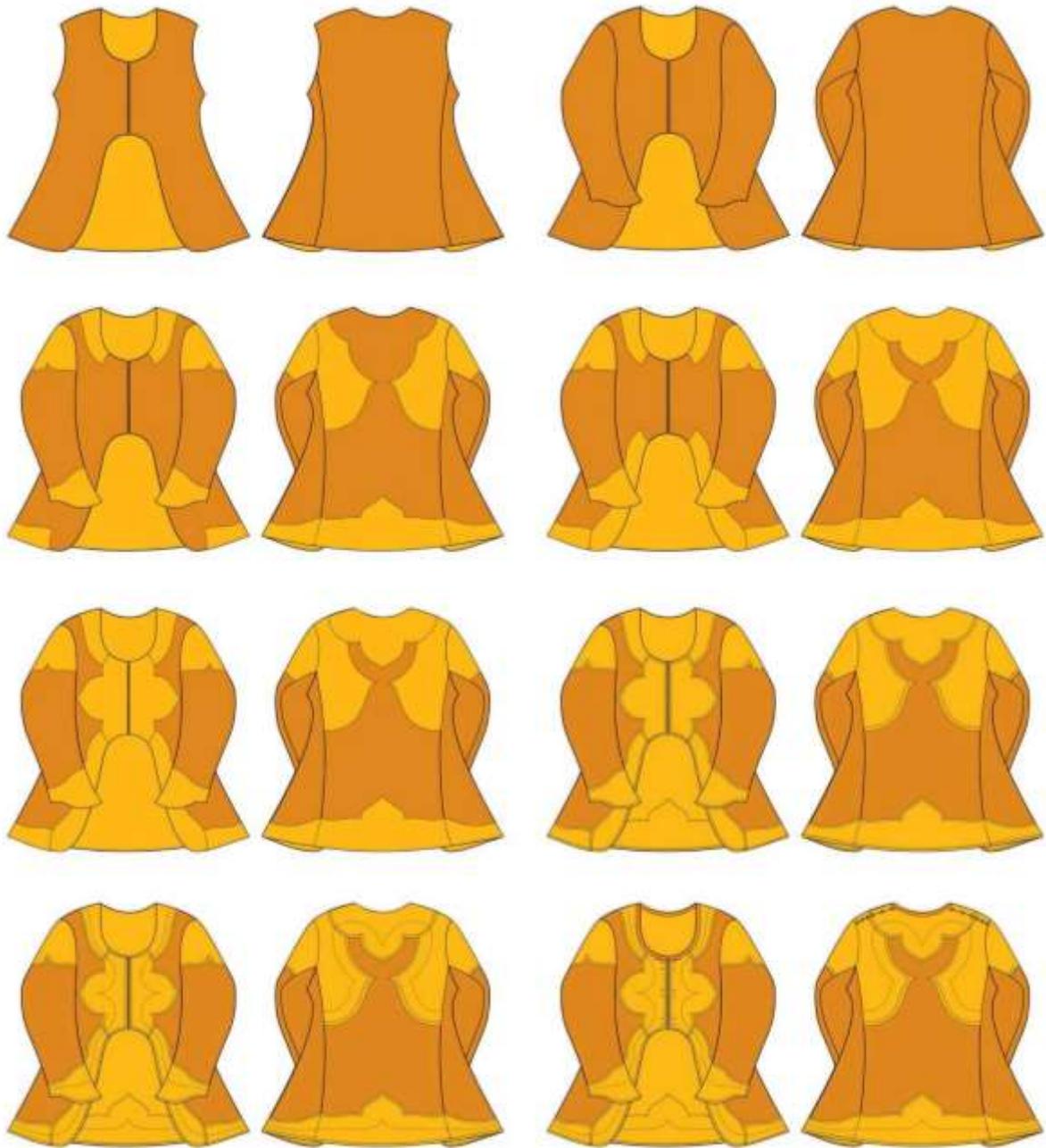


Figura 78 – Camadas ornamentais do gibão G7.

Outra característica observada é a repetição das formas. Comparando os desenhos formado pelos cortes de couro sobrepostos ao G7, foi possível perceber que o mesmo molde, ou molde similar, foi utilizado para a elaboração dos ornamentos (figura 77).

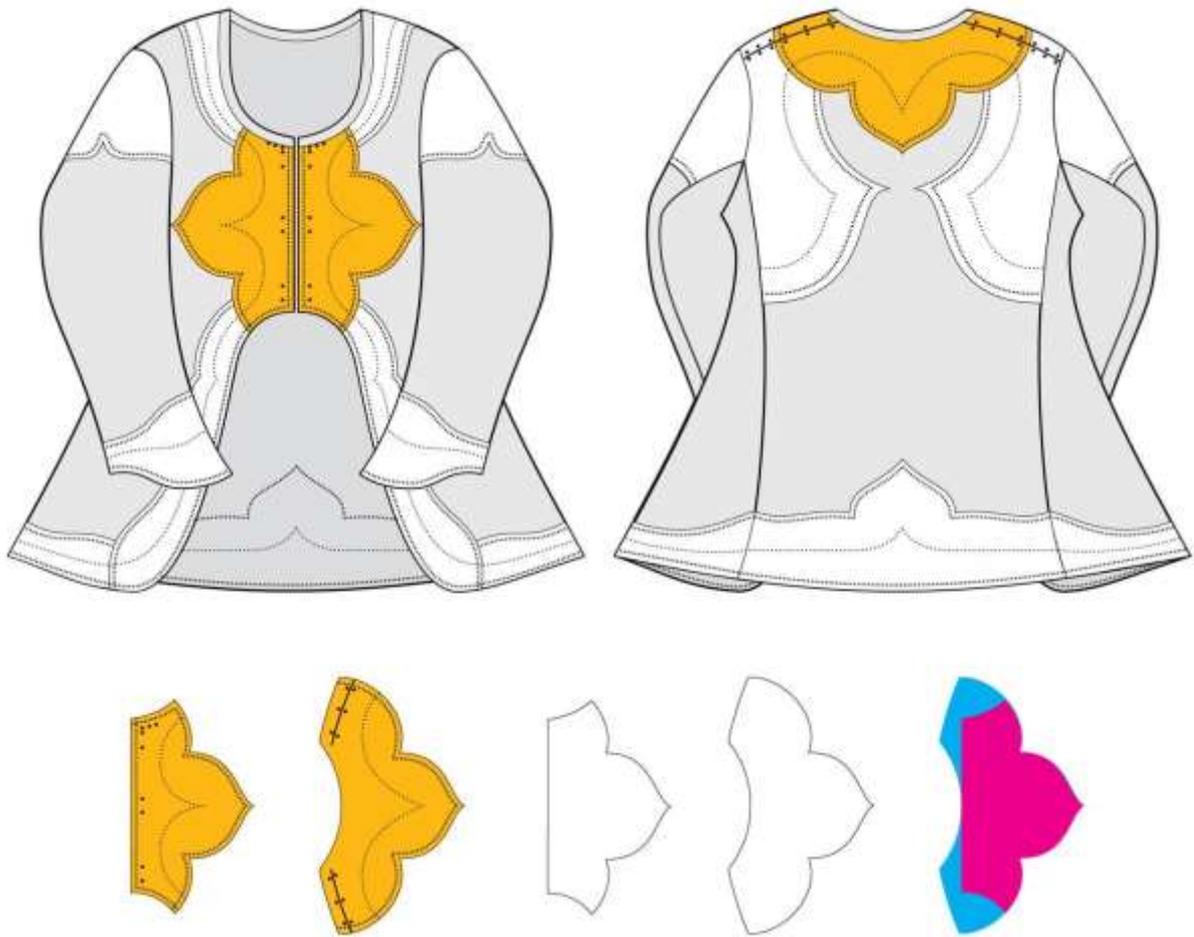
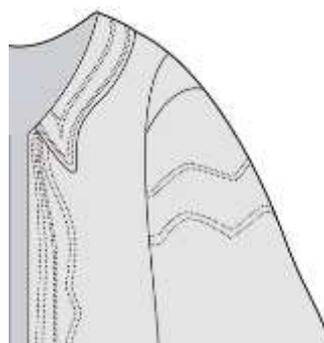
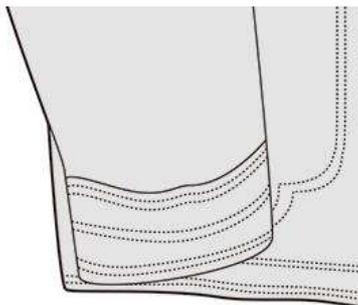


Figura 79 – Repetição de formas no gibão G7.

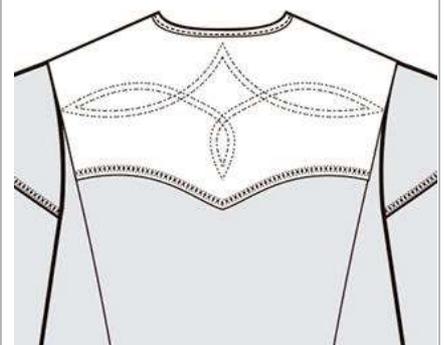
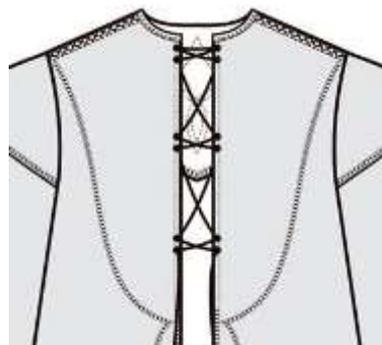
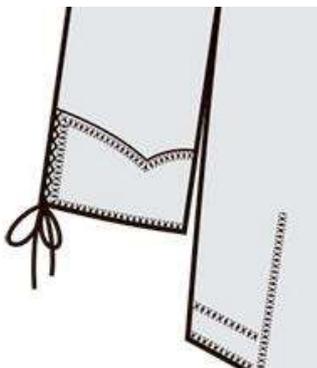
4.1.5 Fichas técnicas**Gibão G3**

Desenho planificado (frente e verso)

**Breve descrição:** Gibão de serviço/parte do EPI**Código de catalogação:** G3**Fabricante:** Reinaldo Gomes da Silva**Ano de produção:** 2014 / **Origem:** Acari/RN**Modelo:** Jaqueta**Matéria prima principal:** Couro beneficiado de animais diversos**Cores:** Couro cru sem tingimento**Técnica/aviamentos:** Curtimento/costura (ponto reto e pesponto) feita à máquina com linha industrial (cor branca) e à mão com tiras de couro**Ornamentos:** Por meio de uma segunda camada de couro sobreposta ao corte principal e da costura (ponto reto e pesponto) com linha e tiras de couro**Preço:** R\$500,00 (+ guarda-peito e luvas)**Data da foto:** 30/10/2016 (foto do autor)**Detalhes**

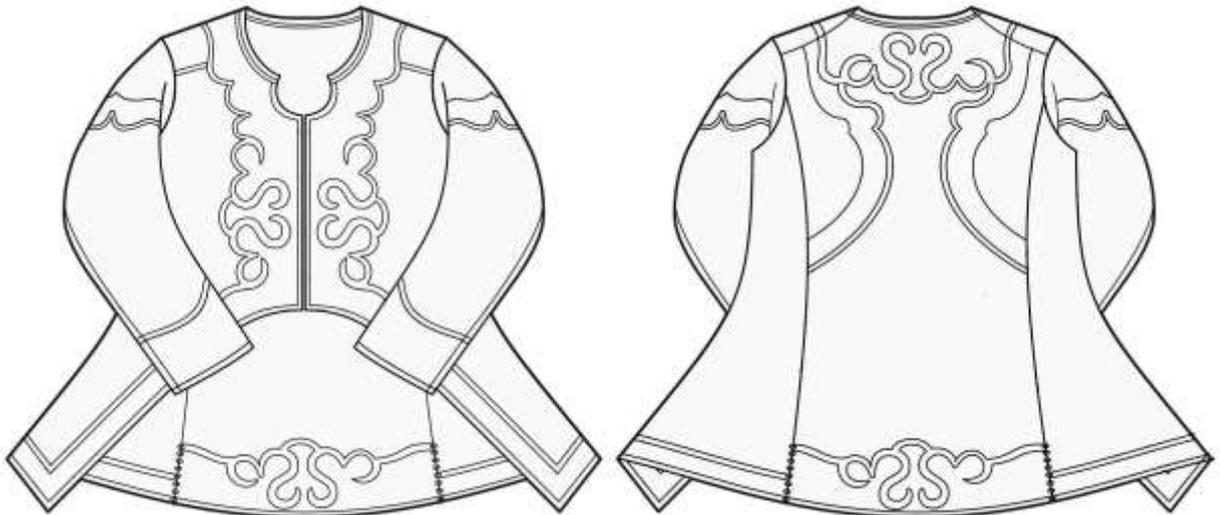
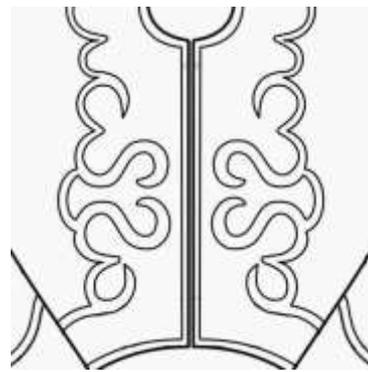
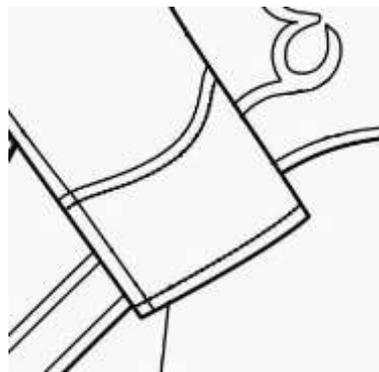
Gibão G5

Desenho planificado (frente e verso)

**Breve descrição:** Gibão de serviço/parte de EPI**Código de catalogação:** G5**Fabricante:** Espedito Veloso de Carvalho**Ano de produção:** Não estabelecido / **Origem:** Nova Olinda/CE**Modelo:** Sobretudo**Matéria prima principal:** Couro beneficiado de animais diversos**Cores:** Couro cru sem tingimento**Técnica/aviamentos:** Curtimento/costura (ponto reto e pesponto) feita à máquina com linha industrial (cor branca) e à mão com tiras de couro**Ornamentos:** Por meio de uma segunda camada de couro sobreposta ao corte principal e da costura (ponto reto e pesponto) com linha e tiras de couro**Preço:** R\$600,00 (+ guarda-peito)**Data da foto:** 23/08/2016 (foto de autor)**Detalhes**

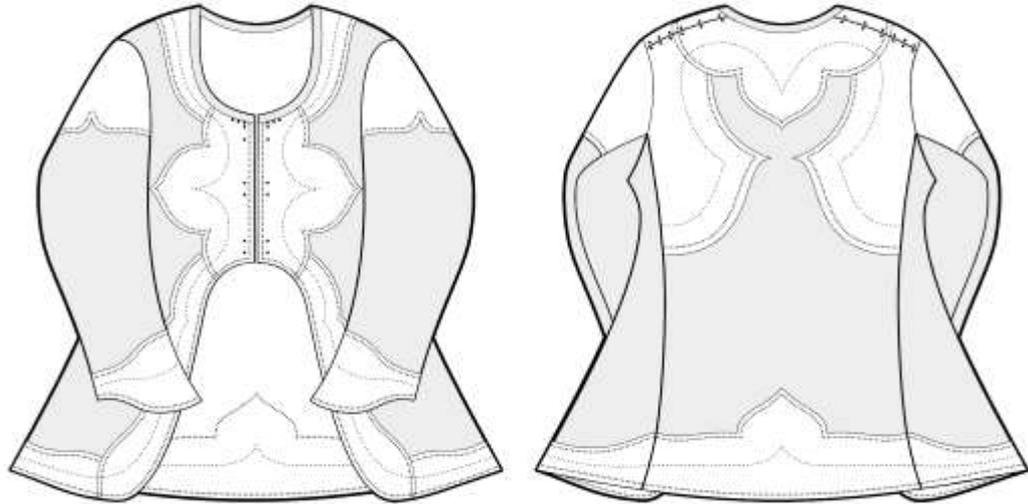
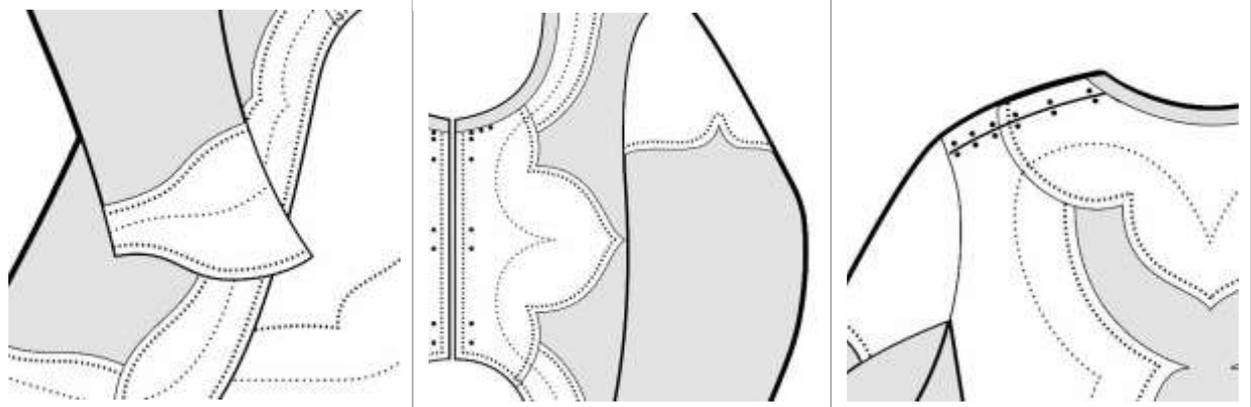
Gibão G6

Desenho planificado (frente e verso)

**Breve descrição:** Gibão de serviço/parte de EPI**Código de catalogação:** G6**Fabricante:** Romildo Aprijo**Ano de produção:** 2014 / **Origem:** Ouricuri/PE**Modelo:** Fraque**Matéria prima principal:** Couro beneficiado de animais diversos**Cores:** Couro cru sem tingimento**Técnica/aviamentos:** Curtimento/costura (ponto reto e pesponto) feita à máquina com linha industrial (cor branca) e à mão com tiras de couro, couro vazado**Ornamentos:** Por meio de uma segunda camada de couro sobreposta ao corte principal, da costura (ponto reto e pesponto) com linha e tiras de couro e de furos**Preço:** R\$720,00 (+ guarda-peito)**Data da foto:** 29/10/2016 (foto de autor)**Detalhes**

Gibão G7

Desenho planificado (frente e verso)

**Breve descrição:** Gibão de serviço/parte de EPI**Código de catalogação:** G7**Fabricante:** Irineu José Barbosa (e Irineu Jr.)**Ano de produção:** 2015 / **Origem:** Salgueiro/PE**Modelo:** Fraque**Matéria prima principal:** Couro de animais diversos**Cores:** Couro cru beneficiado sem tingimento**Cores:** Couro cru sem tingimento**Técnica/aviamentos:** Curtimento/costura (ponto reto e pesponto) feita à máquina com linha (cor branca) e à mão com tiras de couro, couro vazado**Ornamentos:** Por meio de uma segunda camada de couro sobreposta ao corte principal, da costura (ponto reto e pesponto) com linha e tiras de couro e de furos**Preço:** R\$ 450,00 (+ chapéu, guarda-peito, perneira, luvas e par de botas)**Data da foto:** XX/XX/XXXX (foto do autor)**Detalhes**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados da pesquisa, nestas considerações, são articulados às falas dos mestres do couro e vaqueiros entrevistados durante a fase de pesquisa de campo, pois o estudo aqui apresentado tem uma particularidade que nem sempre ocorre com pesquisa do design vernacular. Recorrer a objetos sob a guarda de museus, bibliotecas e arquivos públicos é a forma mais comum de aproximação a esses itens. É o caso da recente pesquisa de Helena de Barros (2018) sobre métodos de impressão em cromolitografia de embalagens sob a guarda da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e do Arquivo Nacional. De modo distinto, os gibões e demais apetrechos dos vaqueiros nordestinos, puderam ser adquiridos diretamente nas oficinas dos artesãos, mestres do couro, nos locais em que são feitos e vendidos aos usuários. Nesse caso, assemelham-se às coleções de objetos populares reunidos por Adélia Borges para o Museu da Casa Brasileira: ao recolher os itens da coleção foram produzidos dados que permitem situá-los em seu ambiente produtor⁶³. Da mesma forma a indumentária dos vaqueiros foi sendo adquirida no curso das viagens de campo, a partir do contato com diferentes artesãos e seus produtos e de acordo com as oportunidades apresentadas. Similar a uma curadoria de uma exposição, apenas com o conjunto completo foi possível examinar cada item para propor um corpus para a análise. Com isso temos uma unidade espaço-temporal: são todos feitos sob influência do clima semiárido e são contemporâneos entre si, datando de 2014 a 2017. As condições da pecuária nordestina descritas no capítulo 2.1 são as mesmas para todos os usuários. Os mestres do couro partilham das condições atuais de seu trabalho, assim como os usuários pretendidos também, ou seja, o público para o qual produzem é o mesmo basicamente em todos os casos.

Antes, porém, que um corpus fosse estabelecido, um questionamento influenciou as primeiras tomadas de decisão e norteou as primeiras ações de pesquisa no início da jornada: a tradicional roupa de couro usada pelo vaqueiro sertanejo para entrar na Caatinga estaria correndo o risco de desaparecer? Essa questão, que foi levantada já na entrevista realizada durante o processo seletivo para ingresso no curso de doutorado, pode estar relacionada a um cacoete típico de quem está envolvido com pesquisas na linha de história do design no Brasil: o desejo de resgatar e registrar o patrimônio cultural material nacional e os saberes regionais, ainda pouco estudados quando nos comparamos a sociedades socioeconomicamente mais desenvolvidas.

⁶³ <http://www.designbrasil.org.br/entre-aspas/adelia-borges/>

Tal questionamento foi formulado, inicialmente, com base no entendimento de que a existência desse tipo de roupa laboral tal como é conhecida, importante elemento da identidade sertaneja, nordestina e brasileira, depende de condições políticas, econômicas e sociais bem específicas, descritas nos dois primeiros capítulos desta tese. Soma-se a esse entendimento, a percepção inicial de que as forças e dinâmicas conjunturais que contribuíram historicamente para a configuração e permanência desse tipo cultura e a produção desse tipo de roupa sofreram grandes alterações nas últimas décadas. O receio de que essas técnicas e os saberes poderiam ser perdidos em um futuro não tão distante, foi alimentado, também, pela influência de notícias divulgadas pela mídia tradicional, revelando o abandono de animais de montaria nas estradas e rodovias nordestinas, tanto pelo avanço e pela substituição tecnológica, como pelas melhorias econômicas alcançadas na década de 2010.

A percepção inicial de que a lógica da pecuária nacional havia sido alterada, e que isso poderia de fato impactar na pecuária extensiva de baixa tecnologia desenvolvida no Sertão, foi confirmada quando os anuários estatísticos e seus números oficiais foram analisados e, a partir deles, gráficos com curvas decrescentes acentuadas foram elaborados, como foi observado no capítulo 2.4, mostrando que a região, de fato, foi pouco a pouco perdendo seu protagonismo nesse segmento e que isso se intensificou nas últimas quatro décadas. Tal receio de que o tradicional gibão do vaqueiro pudesse desaparecer, permanecendo apenas nos museus (o que no Brasil da atualidade não é garantia de sobrevivência, vide o recente incêndio no Museu Nacional, que até setembro de 2018 figurava como um dos maiores museus de história natural e de antropologia das Américas) acabou motivando a elaboração de perguntas que foram feitas aos artesãos nas entrevistas realizadas durante pesquisa (pág. 140):

Pesquisador – Me diga uma coisa, Sr. Reinaldo. O senhor não tem medo, você não acha que essa profissão pode vir a acabar? De artesão do couro?

Reinaldo – Rapaz, haja vista que no tempo que nós trabalhava diminuiu muito, demais, sabe por quê? Porque hoje ninguém quer ter trabalho. Se for pra ensinar um cabra pra trabalhar em couro do jeito que a gente faz, o cabra não quer não. Um dia desses chegou um cabra fazendo uma pesquisa dessas, disse “eu quero que o senhor me ensine como é que faz o couro pra terminar de fazer aquela peça que não tá pronta”. Aí eu fui ensinar e ele “Virgem Maria! É muito complicado”.

No entanto, apesar dos avanços tecnológicos, das melhorias econômicas alcançadas na década de 2010 (que sempre podem ser revertidas) e da perda do protagonismo no segmento econômico, foi possível constatar nas viagens de campo quão profundas são as raízes da cultura do vaqueiro no universo sertanejo. As próprias definições do termo vaqueiro, apresentadas no capítulo 2.2, perdem um pouco o sentido quando no entendimento de um sertanejo. Como

deixou claro Irineu do Mestre (pág. 163), se alguém monta a cavalo e faz os traquejos, é vaqueiro. Nos sertões nordestinos, vaqueiro não é só quem pastoreia gado bovino e quem anda encourado, e as definições oficiais não dão conta da variedade de significados que o termo pode comportar.

Constitui a maior felicidade para um sertanejo, segundo Prado Jr. (2011: pág. 140), “merecer um dia o nome de vaqueiro”. O sertanejo se orgulha e procura se identificar com o vaqueiro, e isso pode ser observado, por exemplo, na relação que ele estabelece com o chapéu de couro. O chapéu de couro, peça de extrema importância dentre as que compõem a roupa do vaqueiro, ultrapassou os limites da pecuária e até mesmo os limites geográficos dos sertões nordestinos: o chapéu é usado, nos dias atuais, por sertanejos que se dedicam a outras atividades, nordestinos do litoral e nordestinos que vivem em outros Estados do país, que não exercem necessariamente ofícios ligados à pecuária, mas que se identificam e querem exaltar essa parte da cultura sertaneja, e no caso dos nordestinos migrados, também para sinalizar sua origem e como forma de serem reconhecidos como alguém ligado à Região Nordeste. Irineu do Mestre comentou na sua entrevista que (pág. 160):

O pessoal aqui no sertão, que admira essa questão do sertão, defende a cultura, faz questão de andar com um chapéu de couro na cabeça. Seja esse moderno, mais bem trabalhado, modelo de chapéu de artista, ou o rústico mesmo.

Mesmo quando o vaqueiro dispensa o gibão, o chapéu característico está sempre presente, protegendo-o do sol, de impactos e demonstrando que é um vaqueiro sertanejo. Na mesma linha de Irineu, registrou Severino Xavier de Souza, compositor paraibano, mais conhecido como Biliu de Campina na sua canção 'chapéu de couro':

Quem usa chapéu de couro
simboliza a região,
tem as raízes da terra
plantadas no coração.⁶⁴

Também foi possível observar nas viagens de campo a relevância da prática da pega de boi na cultura do vaqueiro. Estabelecido com base em uma prática secular, a pega de boi tornou-se na atualidade, de fato, um esporte com regras bem definidas, ainda que circunscrito ao Sertão. Segundo as regras atuais, o participante não tem mais a obrigação de imobilizar o boi (ou o

⁶⁴ Processo de produção artesanal do chapéu de couro exibido no quadro Coisas da Gente do programa Vaquejada no Ar, programa exibido na Paraíba pela TV Borborema, afiliada do SBT, aos domingos. O vídeo inclui o clipe musical de Biliu de Campina. Disponível em <<https://youtu.be/ZVs9zSo4wFo>>, acesso em 23/01/2019.

jegue), precisando somente apanhar a tabuleta que fica presa no pescoço do animal. Como explicou Francinilda, uma ex-participante entrevistada, “tira a tabuleta e deixa o boi pra lá pra caatinga. O que vale aqui é só trazer a tabuleta pra cá” (pág. 174).

Nessas competições, nas quais o gibão se faz presente como equipamento de proteção indispensável, pode-se perceber o quanto é exaltada a figura do vaqueiro, sendo a valentia um atributo sempre a ele associado, pois como afirmou o vaqueiro João Paulo dos Santos em entrevista, “entrar dentro do mato aí não é para qualquer um não” (pág. 180). Quando, na fase de entrevistas, Irineu do Mestre foi questionado a respeito do motivo que levava o vaqueiro a sair comumente com o rosto cortado da Caatinga, mesmo trajando a roupa de couro que tem a função de protegê-lo, respondeu da seguinte forma (pág. 160):

Irineu – Aquele arranhão que ele fica com ele na cara se demorar a sarar aí que ele acha bom, porque aquilo é um troféu pra ele. Até pra conquistar a própria mulher que está ali debaixo de uma barraca, ‘eita! Esse vaqueiro é macho, o cabra é macho mesmo’.

Todos os vaqueiros apresentam marca e cicatrizes no rosto, marcas essas que segundo o jovem Vinícius, “o vaqueiro gosta de mostrar” (pág. 175).

Nessas incursões, também foi observado que as roupas em uso, gibões surrados e envelhecidos pelas “entradas no mato”, eram portadas com orgulho por seus proprietários, prova viva de sua intimidade com a refrega com o boi na Caatinga inóspita. Com as viagens e as aquisições pouco a pouco foi possível melhor interpretar o significado dessa roupa protetora, e a partir desse conhecimento foi possível formatar o corpus desta pesquisa. Uma das decisões mais importantes foi a escolha de roupas em couro cru, sem ornamentos de couro tingido, numa tentativa de aproximação aos tradicionais gibões descritos pela historiografia e pela literatura. Vale lembrar o fala de Euclides da Cunha, logo após exaltar a eficiência da “armadura sertaneja”: “Nada mais monótono e feio, entretanto, do que esta vestimenta original, de uma só cor —o pardo avermelhado do couro curtido— sem uma variante, sem uma lista sequer diversamente colorida”.

A parte do que é a tradição, foi verificada a existência de uma tipologia, ou seja, de diferentes modelos básicos que se repetem, ainda que não seja possível, por conta a amostragem necessariamente pequena, afirmar que só existem os três tipos encontrados. Cada tipo representa uma forma de cavalgar, de “entrar no mato”. Há modelos fechados e curtos que podem ser usados em qualquer situação e longos que, estando o cavaleiro debruçado sobre a montaria oferecem proteção extra para o cavalo.

Foi verificado, também, no processo de aquisição dos equipamentos, o alto custo do gibão (entre R\$450,00 e R\$600,00) para a realidade econômica dos vaqueiros sertanejos, que segundo os dados oficiais, recebem em média R\$1.278,60 por uma jornada de 44 horas de trabalho semanais⁶⁵ (aqueles contratados formalmente). Diferentemente do que acontece com o chapéu de couro, peça muito divulgada e adquirida por turistas como souvenir em mercados populares de capitais nordestinas (e pode ser facilmente encontrado, por exemplo, na Feira de São Cristóvão, na zona central do Rio de Janeiro), o gibão de trabalho, pelo alto custo, salvo exceções, só o vaqueiro compra e com ele se relaciona. Por sua durabilidade, são poucos os gibões que o vaqueiro adquire durante a vida, chegando a herdar peças que pertenceram a outros vaqueiros, e fazendo da aquisição dessas vestes um momento importante em suas existências. Um dos momentos esperados da missa do vaqueiro de Serrita, por exemplo, é justamente a hora do sorteio dos poucos gibões (entre outros brindes) que são distribuídos para estimular a participação dos vaqueiros. Ao ser indagado a respeito dessa questão, o vaqueiro Jonas foi explícito na sua resposta (pág. 180):

Pesquisador – Você já teve muitas roupas de couro? Na vida de um vaqueiro você tem muitas roupas de couro?

Jonas – É não, só é uma.

Pesquisador – Ou seja, o que é uma boa roupa de couro? A roupa é melhor quando nova ou quando você vai usando?

Jonas – Rapaz, quanto mais o gibão mais fica velho, mais prazer ele dá ao cabra.

Pesquisador – Tá.

Jonas – Porque se você pegar uma novilha em tal canto, você diz, ‘eu peguei uma novilha com esse gibão velho’. Aí passa a mão nele e dá carinho (inaudível). Eu amo esse gibão e esse gibão é velho, mas não troco ele por um novo.

A roupa representa mais do que um equipamento de proteção, e os vaqueiros também foram perguntados, nas entrevistas feitas durante a pesquisa de campo, a respeito do que sentiam ao vestir o gibão para entrar no mato, o que é segundo, o vaqueiro João Paulo dos Santos, “a parte mais difícil da profissão do vaqueiro”. As respostas foram variadas, mas concordantes na admiração clara que os vaqueiros demonstram ter pelo tradicional terno de couro. O veterano vaqueiro Antônio, respondeu da seguinte forma (pág. 176):

Pesquisador – E qual é a importância da roupa de couro para você?

Antônio – É muito importante a roupa de couro pro vaqueiro... É muito importante isso aí. É muito importante.

⁶⁵ <https://www.salario.com.br/profissao/vaqueiro-cbo-623110/>

Pesquisador – O que é que você sente, o que é que um vaqueiro sente quando ele veste a roupa de couro?

Antônio – Ah! Tudo na vida. De tudo o que de bom aparece no pensamento dele. De tudo de bom. Só tem prazer. O vaqueiro só tem prazer.

Francisco Sérgio Lopes, o vaqueiro de 38 anos, respondeu da maneira mais detalhada e relacionando o seu sentimento ao vestir o gibão a uma conquista acadêmica (pág. 178):

Pesquisador – [...] qual é a importância dessa roupa pro seu trabalho?

Francisco – Ah, rapaz, aqui é uma coisa muito grã-fina. Às vezes você vê um doutor formado, com um paletó, com dinheiro no bolso, às vezes você acha que ele está com tudo na vida, mas a educação vem d'um vaqueiro. A roupa do vaqueiro significa... É igual ao senhor pegar o seu diploma na mão, quando se formar um dia no maior estudo que você já se formou. O gibão ele se transforma no paletó mais lindo do mundo, até melhor do que o do presidente. Que protege dos espinhos da jurema, da catingueira. Às vezes você até dorme em cima dele [sob o] sol do meio-dia. O gibão de couro é uma coisa importante, é um 'artesão' que protege você. O guarda-peito também protege o peito e o coração.

Pesquisador – E o que você sente quando veste o gibão, a roupa completa, o terno completo?

Francisco – Aí você vai pra guerra, né? É porque se você vestir aquelas mangas de guerra, pra você ir guerrilhar, você sabe que está trajado.

Jonas respondeu também de modo emotivo e fez, como Francisco, referência à figurada guerra que enfrentam (pág. 180):

Jonas – Eu estando com esse gibão, eu abraço e beijo todo dia, eu sou mais do que estar com a farda da polícia. Porque o gibão aqui, aqui dói meu coração se um dia acabar a pega de boi.

Pesquisador – Perfeito.

Jonas – Eu amo. Eu amo isso aí.

Pesquisador – Ou seja, eu ia perguntar, você já respondeu: o que você sente quando veste a roupa do vaqueiro.

Jonas – Rapaz, eu me sinto realizado. Um homem pra ir pra toda batalha.

Vinícius, o jovem vaqueiro de apenas dezessete anos, na sua resposta deixou clara a importância das vestes para a sua satisfação pessoal (pág. 176):

Pesquisador – Qual é a importância da roupa de couro pro vaqueiro?

Vinícius – É um troféu. É que nem o paletó do presidente [...].

Pesquisador – É o que você sente quando veste a roupa do vaqueiro?

Vinícius – Dá uma emoção. Sinto que eu estou mais vivo.

Ainda que o artesanato brasileiro, do qual a tradição dos mestres do couro faz parte, tenha um descrédito cultural acentuado nos últimos 60 anos, anos esses correspondentes à fase de industrialização do país, com o explicou como explica Adélia Borges (na página 21), curiosamente, o que ocorreu com os gibões e as demais peças da vestimenta de vaqueiros vai de encontro a estas afirmativas a autora, já que eles continuam sendo produzidos em oficinas tradicionais nos sertões nordestinos, ainda que nem sempre o processo de trabalho seja inteiramente artesanal (como é o caso do uso de couro já tratado e beneficiado). Vinícius se sente vivo com seu gibão e viva está a cultura dos vaqueiros nos sertões nordestinos.

..

REFERÊNCIAS

- ABREU, José Capistrano de. **Capítulos de história colonial: 1500–1800**. Rio de Janeiro: Livraria Briguiet, 1954.
- _____. **Capítulos de história colonial**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978. p. 153.
- _____. **Capítulos de história colonial: 1500–1800**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.
- ANTONIO FILHO, Fadel David. **Sobre a palavra “sertão”: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da Ciência Geográfica)**. *Ciência geográfica*, Bauru, v. XV, n.º 1, p. 84–87, jan./dez., 2011.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Brasil, história, costumes e lendas**. São Paulo: Ed. Três, 1982. v. 2, p.168–169.
- ARAÚJO, Carla de Quadros. **Guardados da memória: matas do sertão de baixo, longos serões do campo e fidalgos e vaqueiros** / Carla de Quadros Araújo – 2008. 166 f.: il.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. **Fidalgos e vaqueiros: de momento antropológico a ode do universo agropastoril**. *Légua & Meia*, v. 5, p. 7–19, 2009.
- ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre história e a memória** (Coleção História). Bauru: Edusc, 2000.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O Feudo – a Casa da Torre de Garcia D’Ávila**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BARRETO, José Ricardo Paes. **Vaqueiro: vida, lazer e religiosidade**. Recife: Fundaj. Inpso. Centro de Estudos Folclóricos, 1984. (Folclore, 164).
- BARROS, Gustavo. **Dimensionando o problema siderúrgico nacional: a demanda por produtos siderúrgicos no Brasil (1901–1940)**. *Rev. Hist. (São Paulo)* [online]. 2017, n.º 176, a08416. Epub Jan 08, 2018.
- BARROS, Helena de. **Em busca da cor: rótulos cromolitográficos do Arquivo Nacional e da Biblioteca Nacional (1876–1919)**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: ESDI/UERJ, 2018.
- BARROSO, Gustavo. **Terra de Sol: natureza e costumes do norte**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, Coleção Clássicos Cearenses, 2003 (reedição histórica: original de 1912).
- BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgo e vaqueiros**. Salvador, UFBA/Centro Editorial e Didático, 1989.
- BRANCO, Renato P. Castello. **A civilização do couro**. Teresina: D.E.I.P., 1942.
- CARDIM, Pe. Fernão. **Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1847.

- CARVALHO, Ernando Alves de. **Vida de vaqueiro**. Recife: Editora Coqueiro, 2009.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina**. MA – Serviço de Informação Agrícola, Rio de Janeiro: Fundação José Augusto, Natal, 1956.
- _____. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória – sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- COUTINHO, Maria J. F.; CARNEIRO, Maria S. S.; EDIVAN, Ricardo L.; PINTO, Andréa P. **A pecuária como atividade estabilizadora no semiárido brasileiro**. Veterinária e Zootecnia, 2013.
- CRISTOVÃO, José Severino. **O Sertão e o sertanejo** (Literatura de Cordel). 20ª Edição. Caruaru: Gráfica Santos, 20-?.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Editora Três, 1984.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Formação das populações nordestinas**. Rio de Janeiro: Cultura, 1955.
- DOMINGUES, Otávio. **Introdução ao estudo do melhoramento dos animais domésticos**. Piracicaba, 1928.
- ECO, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval**. Rio de Janeiro: Globo, 1989.
- _____. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004
- FARIA, Eloísa Maria de. **Estudo da vaquejada inserida no contexto do sertanejo rural: o vaqueiro**, 1993.
- FARIA, Oswaldo Lamartine. **Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó**. Natal: Fundação José Augusto, 1969.
- FARIAS, Priscila & PIQUEIRA, Gustavo (orgs.). **Fontes digitais brasileiras: de 1989 a 2001**. São Paulo: Rosari, 2003.
- FERRAZ, Maria Clara Souto. **O Sertanejo nordestino: representações culturais brasileiras de resistência e de fé** (dissertação de mestrado) – Uberlândia, 2004. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp075933.pdf>>. Acesso em 26/11/2018.
- FERREIRA, José Aderaldo de Medeiros. **Tradições ruralistas: marcas de gado, experiências, clima e outras histórias**. João pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da Política Federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996
- GOULART, José Alípio. **O ciclo do couro no Nordeste**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1966.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KOSTER, Henry. **Viagens ao nordeste do Brasil**. Trad. e notas Luís da Câmara Cascudo. São Paulo: Nacional, 1942.

LEITE, João de Souza. **Aloisio Magalhães: aventura paradoxal no design brasileiro, ou o Design como instrumento civilizador?**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

MAGALHÃES, Aloisio. **Artesanato e desenho industrial: um processo contínuo**. Aloisio Magalhães, Flávio Motta e outros. NDI/CIESP, São Paulo, 1981.

_____, Aloisio. **E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, Fundação Roberto Marinho, 1997.

_____, Aloisio. **Da invenção e do fazer – reflexão sobre: o artesanato e o homem**. Revista Pernambucana de Desenvolvimento, jan./jun. Recife, 1997.

MAIA, Virgílio. **Rudes brasões: ferro e fogo das marcas avoengas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

MALTCHIK, Leonardo. **Ecologia de rios intermitentes tropicais**. In: Marcelo L.M. Pompeo. (Org.). *Perspectivas da limnologia no Brasil*. São Luís: Gráfica e editora União, 1999, p. 77-89.

MALTCHIK, L. 1996a. **Nossos rios temporários, desconhecidos mas essenciais**. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, 21 (122): 64–65.

MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. **Viagem ao Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1989.

MEDEIROS, Mércia Carréra de. **A lógica de planejamento português na Capitania de Pernambuco – 1535 /1555**. Tese (Doutorado em Arqueologia). Faculdade de Letras. Universidade do Porto, 2011.

MELLO, Frederico Pernambucano. **Estética de couro: a estética do cangaço**. São Paulo: Editora Escrituras, 2010.

_____. **Benjamin Abrahão: entre anjos e cangaceiros**. São Paulo: Editora Escrituras, 2012.

MELO, Jânio Benevides de. **Caracterização zoométrica do remanescente da raça equina Nordestina nos Estados de Pernambuco e Piauí**. 2011. 118 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Zootecnia) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

MILLER, Daniel. *Material Cultures: why some things matter*. Chicago: University of Chicago, 1998.

MORAES, Dijon de. **Análise do design brasileiro: entre a mimese e a mestiçagem**. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

MOTTA, Eduardo. **Meu coração coroadado, Mestre Espedito Seleiro**. / Eduardo Motta; apresentação Adélia Borges; prefácio Xico Sá; fotografia Hélio Filho. Fortaleza: Senac Ceará, 2016.

PAPANEEK, Victor. **Arquitetura e design – ecologia e ética**. [The Green Imperative]. Lisboa: Edições 70, 1995.

- PRADO, Jr., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PRICE, Edward Owen. *Behavioral aspects of animal domestication*. Q. Rev. Biol. v. 59, p.1–32, 1984.
- QUEIROZ, Washington. **Histórias de vaqueiros: vivências e mitologia**. Salvador: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, 1987.
- _____. **Ofício de vaqueiro patrimônio cultural da Bahia: breve histórico**. Salvador: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, 2013.
- RIBEIRO, Prado. **Vida sertaneja: usos e costumes do sertão baiano**. Bahia: Gráfica d'A Luva, s/d.
- RIBEIRO, Simone C.; MARCAL, Mônica S.; CORRÊA, Antônio C. B. **Geomorfologia de áreas semiáridas: uma contribuição aos estudos dos sertões nordestinos**. Revista de Geografia. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 27, n. 1, jan./mar. p. 120–137, 2010.
- SIERINGSEG, Friedrich. **Conquista e dominação dos povos indígenas: resistência no sertão dos Maracás (1650- 1701)**. Programa de Pós-Graduação em História da UFBA, 2008.
- SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o semiárido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento**. 2006. 298 f., il. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia Sertaneja**. 1ª ed. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2009. v. 500. 157 p.
- _____. **Paisagens, narrativas e inscrições de si**. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. XXVI Simpósio Nacional de História, 2011.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1962, 5ª ed., 1968.
- SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. 1ª edição 1851. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.
- WOODWARD, Ian. *Understanding material culture*. London: Sage, 2007.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. Brasiliense, 1968.
- SUASSUNA, Ariano. **Ferros do Cariri: uma heráldica sertaneja**. Recife: Ed. Guariba, 1974
- _____. **Manifesto do Movimento Armorial**. Recife: UFPE, 1976.
- _____. **O manifesto Armorial**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1974.
- TORRES, A. Di Paravicini. **Melhoramento dos rebanhos**. 2ª Edição. Edições Melhoramentos. BAM, São Paulo, 1957.
- VALLE, Francisco Beltrão do. **As relações entre design e o Armorial de Suassuna**. Dissertação (mestrado em design) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial. Rio de Janeiro, 141 f. 2008.
- VALLE, Francisco Beltrão do; LIMA, Guilherme Cunha. **Uma breve história das fontes tipográficas sertanejas: a trajetória de distintas propostas de caracteres tipográficos**

inspirados em ferros-de-marcador-boi do Nordeste brasileiro. In: III Congresso Internacional de Design da Informação, 2007, Curitiba. Anais do III Congresso Internacional de Design da Informação. Curitiba – PR: SBDI / UNICEMP, 2007. v. 1. p. 001-011.

VASSALLO, Lígia. **Sertão medieval: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

Revistas, periódicos, catálogos:

CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio histórico e artístico*, n.º 23, 1994. p. 95–115.

BRASIL. Lei n.º 12870, de 15 de outubro de 2013. Dispõe sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro. *Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF*, 16 de out. 2013. Seção 1, p. 5.

ENCOURADOS: Um inventário fotográfico, investigação sonora e registros escritos sobre o vaqueiro e a lida com o gado / fotografias: Geyson Magno; textos: Adriana Victor. Recife: B52 Desenvolvimento Cultural, 2006.

TIPOS e aspectos do Brasil (excertos da *Revista Brasileira de Geografia*). Ilustrações de Percy Lau, 6ª ed. Rio de Janeiro: IBGE/Conselho Nacional de Geografia, 1956.

PARIS, Raquel. A modernidade Medieval do Mestre Seleiro. *Revista Cariri*, Fortaleza, 2011.

Artesanato e desenho industrial: um processo contínuo. Aloisio Magalhães, Flávio Motta e outros. ND1/C1ESP, São Paulo, 1981.

Ofício de vaqueiro / Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2013 (Cadernos do IPAC, 6). 9788561458614 ISBN: 94 p.: il.

Vídeos:

Entrevista de Frederico Pernambucano de Mello no programa Jô Soares, em outubro de 2010. Disponível em <<https://youtu.be/8eZoRfK-Los>>, acesso em 20/10/2017.

O Homem de Couro (1969-70) – roteiro e direção: Paulo Gil Soares, produção: Thomaz Farkas, fotografia: Thomaz Farkas, som direto: Sidnei Paiva Lopes, música: Banda de Pífanos de Caruaru e Cego Birrão do Crato, narração: Lênio Braga, produção executiva: Edgardo Pallero, montagem: Geraldo Veloso.

Vaqueiros em Ourolândia e Umburanas: Patrimônio Cultural em Movimento – Vídeo parte dos resultados do Programa de Gestão dos Bens Culturais – Ofício do Vaqueiro, realizado em 2017, em atendimento à Instrução Normativa IPHAN nº 01/2015, para o licenciamento da Linha de Transmissão Campo Largo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=gwpcgmb-OHE>>, acesso em 20/10/2017.

A Cultura dos Vaqueiros – Vídeo produzido pela Miração Filmes e dirigido por Sergio Roizenblit. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4c_XAoCQREQ>, acesso em 5/11/2017.

Programa Provocações (113) com **Frederico Pernambucano de Mello - bloco 01**. Disponível em <http://youtu.be/l_YrVqpJGGk>, acesso em 20/10/2017.

Sites consultados:

Alagoas, do mar ao sertão

Disponível em: <<http://gabeira.com.br/tag/jumentos/>>. Acesso em: 20/10/2015.

Aprendendo a conviver com o Semiárido (Repórter Brasil, 28 de novembro de 2007)

Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2007/11/aprendendo-a-conviver-com-o-semi-arido/>>. Acesso em: 10/01/2015.

Comentário de Frederico Pernambucano de Mello em entrevista no programa do Jô Soares

Obs.: Falando do tipo de costura: “Ponto corrido ou Ponto de matiz” (2:40)

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FpW9WnmjAKA>>. Acesso em: 20/10/2015.

Entrevista de Adélia Borges (2007)

Disponível em: <<https://www.designbrasil.org.br/entre-aspas/adelia-borges/>>, acesso em: 23/10/2018.

Espedito Seleiro

Disponível em: <http://www.artesol.org.br/rede/membro/espedito_seleiro>. Acesso em: 20/10/2016.

Exposição ressalta o ofício do vaqueiro como manifestação cultural do sertão

Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=FA75FA236A8444DD0E43F5412FCC2DD4?id=17938&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>>. Acesso em: 20/10/2013.

Exposição resgata imagem do vaqueiro

Disponível em: <<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/website/noticias.asp?id=6737>>. Acesso em: 20/10/2017.

Exposição fotográfica conta vida dos Encourados

Disponível em: <<http://www.brasilnordeste.com.br>>. Acesso em: 08/10/2018.

Fidalgos e vaqueiros: de monumento antropológico a ode do universo agropastoril

Disponível em: <http://leguaemeia.uefs.br/5/5_02Fidalgos.pdf>. Acesso em: 20/10/2014.

Hemeroteca Digital Brasileira (Fundação Biblioteca Nacional)

Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 20/10/2015.

Impressões do sertão (Ariano Suassuna mostra as xilogravuras que fez para ilustrar o seu próximo)

Disponível em: <<http://www.academia.org.br/noticias/impressoes-do-sertao>>. Acesso em: 20/10/2017.

IPAC lança livro sobre Ofício dos Vaqueiros na Celebração das Culturas dos Sertões

Disponível em: <<http://www.cultura.ba.gov.br/2013/05/03/ipac-lanca-livro-sobre-oficio-dos-vaqueiros-na-celebracao-das-culturas-dos-sertoes/>>. Acesso em: 20/10/2015.

Jumento sai de cena do nordeste

Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/economia/pernambuco/noticia/2016/07/17/jumento-sai-de-cena-do-nordeste-244675.php>>. Acesso em: 20/10/2017.

Manejo e condução do rebanho

Disponível em: <<http://www.diadecampo.com.br/zpublisher/materias/Materia.asp?id=22119&secao=Manejo>>. Acesso em: 20/10/2018.

Morar: Cariri, na GNT (oficina do mestre do couro Espedito Seleiro)

Disponível em: <http://globosatplay.globo.com/-/auth/gplay/?callback=http://s.videos.globo.com/p2/close_box_login.html?provider_id=52dfc02cdd23810590000f57&redirect_to=http%3A%2F%2Fglobo.com%2Fgnt%2Fmorar%2Fv%2Fcariri%2F3470568%2F>. Acesso em: 20/10/2016.

Ofício dos Vaqueiros integrará “Livro do Registro Especial dos Saberes e Modo de Fazer”

Disponível em: <<http://www.cultura.ba.gov.br/2012/04/17/oficio-dos-vaqueiros-integrara-%E2%80%9Clivro-do-registro-especial-dos-saberes-e-modo-de-fazer%E2%80%9D/>>. Acesso em: 20/10/2014.

Ofício de Vaqueiro e Boa Morte bilíngue serão lançados na abertura da Bienal do Livro

Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/2013/11/07/oficio-de-vaqueiro-e-boa-morte-bilingue-serao-lancados-amanha-na-abertura-da-bienal-do-livro/>>. Acesso em: 20/10/2016.

Ofício de vaqueiro é patrimônio cultural da Bahia: Conheça um breve histórico

Disponível em: <http://www.interiordabahia.com.br/p_cultura/25282.html>. Acesso em: 20/10/2016.

Portal do IPHAN

Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 20/10/2015.

Programa de Fernando Gabeira sobre o fim dos jegues

Disponível em: <<http://globo.com/globonews/fernando-gabeira/v/abandono-de-jegues-no-nordeste-torna-se-problema-social/3294101/>>. Acesso em: 20/10/2015.

Raízes do Sertão

Disponível <<http://tuica-silva.wixsite.com/raizes-do-sertao>>. Acesso em: 10/01/2014.

Regulamentada a profissão de vaqueiro no país

Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2013/10/regulamentada-a-profissao-de-vaqueiro-no-pais>>. Acesso em: 20/10/2018.

Senado aprova projeto que reconhece profissão de vaqueiro

Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=366945>>. Acesso em: 20/10/2016.

Sertão nordestino: Características da região (29 de novembro de 2007)

Disponível em:

<<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/sertao-nordestino-caracteristicas-da-regiao.htm>>. Acesso em: 10/01/2014.

GLOSSÁRIO

Algaroba – Algarrobo, algarroba ou algaroba podem se referir à alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*), também conhecida como pão-de-João ou pão-de-São-João, figueira-de-pitágoras e figueira-do-egipto. É uma árvore de folha perene, cujo fruto é o alfarrobo.

Alazão – Diz-se de cavalo que ou o que tem o pelo cor de canela, com uma tonalidade simultaneamente castanha e avermelhada.

Almanjarra – Pau ou eixo a que se prendem os animais, para fazer girar o moinho.

Angico – Designação comum a várias árvores nativas da América tropical, exploradas e/ou cultivadas devido à boa qualidade da sua madeira.

Aroeira – Aroeira ou arrueira é o nome popular de várias espécies de árvores da família Anacardiaceae.

Arreio ou arnês – Designação de toda a estrutura que se veste em um cavalo para permitir uma cavalgada.

Aviamento – Cada um dos itens necessários à costura ou ao bordado (botão, colchete, linha, tecido para forro etc.).

Bandoleira – Correia usada para conduzir armas longas.

Banguê – Padiola tosca para carregar terra e materiais de construção.

Baraúna – É uma árvore da família das Anacardiaceae (*Schinopsis brasiliensis*), nativa do Brasil, especialmente das regiões Nordeste.

Boldrié – Correia a tiracolo, e a qual se prende a espada ou outra arma.; correia us. tiracolo para apoiar a haste de bandeira ou estandarte; Cinturão de couro.

Bruaca – Mala de couro cru para transporte de objetos, víveres etc. em cavalgaduras.

Bornal – Saco que contém a comida das cavalgaduras; embornal.

Borracha – Oudre de couro bojudo, com bocal, para conter líquido.

Boroaca – Mala de couro cru, com sua tapadura do mesmo, cosida nos quatro cantos, em que se carregam as coisas, pendendo por aselhas das cangalhas"; dizem os sertanejos bruacas.

Caçua – Depósito com alças nas pontas que se prendem, aos pares, nos cabeçotes das cangalhas. Feito de cipó, couro cru ou talo de carnaúba; quando de couro, se denomina uru.

Calumbé – Vasilha cônica para lavar o cascalho de ouro ou diamante; gamela; batéia; carimbé.

Catingueira – Planta da família das leguminosas (*Caesalpinia pyramidalis Tul*), originária das áreas do bioma da Caatinga; pau-de-rato; catinga-de-porco.

Corona – Peça de couro curtido com desenhos pespontados contendo bolsos onde conduzem roupas e objetos quando em viagem; é usada à guisa de capa, sobre a sela.

Curiar – Observar, assistir, presenciar, voyerar, brechar.

Esbrabejar – Exprimir-se aos berros, com fúria; vociferar; esbravejar.

Escanchar – Desconjuntar; abrir ou separar ao meio.

Facheiro – É uma planta da família das cactáceas (*Pilosocereus pachycladus*). Endêmico nas caatingas, o facheiro tem muitos espinhos e atinge até dez metros de altura. É utilizada como suplemento alimentar para os animais; facheiro-azul ou mandacaru-de-facho.

Ferrão – Vara com ponta de ferro usada para picar bois.

Ferro-de-marcador-boi ou ferro-de-marcador – Os termos se referem à ferramenta utilizada para marcar o gado com o símbolo correspondente ao seu proprietário. A marca é obtida através do contato desta ferramenta em brasa com o couro do animal. Já o vocábulo ferro, como alguns dicionários também admitem, tem neste contexto o significado de marca feita no gado com um ferro em brasa, sendo também um termo empregado para se referir ao símbolo. É importante dizer que estes termos normalmente se confundem no linguajar coloquial, sendo o seu significado destacado pelo contexto em que é empregado.

Gibão – Casaco de couro curtido que usa o vaqueiro para campear; o mesmo que véstia.

Golda – Infusão, beberagem.

Gravatá – Designação comum às plantas pertencentes a vários gêneros da família das bromeliáceas, epífitas e terrestres, bastante cultivadas como ornamentais

Guarda-pé – Certo tipo de botas usadas por vaqueiros.

Imbú – Fruto do umbuzeiro (*Spondias tuberosa*); umbu.

Macambira – Planta terrestre ou epífita, da família das bromeliáceas, de folhas verdes com linhas róseas, armadas de espinhos curvos. Nativa do Brasil, a macambira (*Bromelia laciniosa*) pode ser encontrada nas caatingas do Nordeste. É usada para extração de fibras ou como ração.

Magote – Ajuntamento de pessoas ou coisas; bando, multidão; rancho; acervo.

Manta – Couro curtido (conservando o pelo) usado como forro para as selas.

Matulão – Saco de couro de carneiro curtido com a lã para fora, onde conduzem, principalmente, a roupa.

Mocó – Alforje de couro usado para carregar comida, papéis, etc.

Mororó – Árvore leguminosa (cesalpinácea) de valor medicinal; bauínia; pé-de-boi; unha-de-boi, unha-de-vaca.

Mourão – Esteio ou tronco, em geral grosso e forte, que se utiliza para amarrar o gado ou estender arames de cercas.

Mulungu – Nome comum a duas árvores ornamentais brasileiras.

Pau-pereira – Árvore brasileira pertencente à família Fabaceae (*Platycyamus regnellii*).

Peia – Algemas de couro que se prendem nas mãos (peia-de-mão) dos animais para, quando soltos, serem impedidos de correr ou se afastar.

Peia – Ferramenta de corda ou ferro com que se imobiliza as pernas dos animais.

Pelico – Roupas usadas pelos pastores, geralmente feitas de pele de carneiro.

Perneira – Calça de couro curtido que compõe a indumentária de campo do vaqueiro.

Quixaba – Árvore de até 15 m de altura, nativa do Brasil (*Sideroxylon obtusifolium*). É típica das caatingas onde ocorre em solos de textura argilo-arenosa. A madeira é dura e a casca tem propriedades adstringentes e tonificantes. As folhas e os frutos são forrageiros, servindo de alimento para o gado na época das secas; quixabeira; quixaba-preta; sapotiaba; espinheiro; coronilha; maçaranduba-da-praia; rompe-gibão.

Rabichola – Tira larga de couro curtido, usada abaixo do rabicho para evitar que a sela se desloque para a frente.

Reio – Açoite de corda ou couro para incitar ou castigar animais.

Safão – Espécie de tecido antigo.

Silhão – Sela de mulher de um só estribo. A dama cavalga de lado, com uma perna estribada e a outra curva, apoiada em um suporte existente logo abaixo da lua da sela.

Surrão – Espécie de bornal de couro usado pelos pastores para levar comida e objetos de seu uso.

Velame – (*Macrosiphonia velame*) é um subarbusto; velame-branco; babado; babasco; barbasco, flor-de-babeiro; jalapa; jalapa-branca; velaime.

Anexo A: Entrevistas

2104	1. Entrevista do artesão Reinaldo Gomes da Silva	25.06.2014
	2. Gravações na oficina do artesão Espedito Seleiro	26.06.2014
	3. Entrevistas dos artesãos Romildo e José Aprijo	26.06.2014
2105	4. Entrevista dos artesãos Irineu do Mestre e Irineu Jr.	24.07.2015
2107	5. Gravações no reencontro com artesão Romildo Aprijo	21.07.2017
	6. Entrevista de Francinilda, ex-participante de pega de boi	22.07.2017
	7. Entrevista de Vinícius, vaqueiro de 17 anos	22.07.2017
	8. Entrevista de Antônio Alves dos Santos, vaqueiro de 66 anos	22.07.2017
	9. Entrevista de Francisco Sérgio Lopes, vaqueiro de 38 anos	22.07.2017
	10. Entrevista de Jonas, vaqueiro de 20 anos	22.07.2017
	11. Entrevista de Vaqueiros de Moreilândia no parque João Cânciao	23.07.2017
	12. Gravações no encontro com Seu Espedito Seleiro	21.07.2017

1. Entrevista do artesão Reinaldo Gomes da Silva

<https://soundcloud.com/francisco-valle-302444709/entrevista-de-reinaldo-gomes-da-silva-2014/s-Etita>



Realizada no dia 26 de junho de 2014, na Barbearia de Reinaldo Gomes, na rua Aurélio Pires, sem número, Acari, Rio Grande do Norte.

Pesquisador – Eu estou vindo pra tentar identificar os artesãos, tal, não sei o que. Eu consegui identificar em Caicó, Acari... Em Campina Grande eu já estive. Agora, daqui a pouco, eu tô indo lá pra Juazeiro do Norte porque ali perto tem o Seu Espedito. Mas, o que o meu orientador quer é justamente que eu identifique os estilos, a maneira como cada um

produz, um pouco disso, e eu acho que vou precisar encomendar alguma coisa do senhor.

Reinaldo – Faz chapéu, faz sapato, sapato grosseiro do mato [inaudível]...

Pesquisador – Mas o que mais estou interessado é no gibão, mas não o gibão de festa, o gibão utilizado no dia a dia.

Reinaldo – Do mato mesmo.

Pesquisador – Claro, sem tantos...

Reinaldo – É o do mato mesmo.

Pesquisador – Ornamentos. Mas... e quanto tempo leva pra fazer um gibão?

Reinaldo – Rapaz, você quer a roupa toda ou somente o...

Pesquisador – Não, quero o casaco.

Reinaldo – Só o casaco. Rapaz, duas semanas pra gente fazer.

Pesquisador – Duas semanas.

Reinaldo – No meu caso, porque vou fazendo devagar, porque eu não faço só...

Pesquisador – Então você é também da barbearia?

Reinaldo – É. Trabalho aqui, mas eu vou...

[interrupção]

Pesquisador – Seu Reinaldo, e me diga uma coisa, como é que eu vou entrar em contato com o senhor estando lá no Rio de Janeiro? Tem telefone?

Reinaldo – Tenho, tenho... tenho celular, acho que dá certo, não dá?

Pesquisador – Dá. Porque, por exemplo, se eu quiser encomendar alguma coisa, eu tenho primos que moram em Campina Grande, mas eu só vou voltar aqui provavelmente, agora na próxima viagem, depois de identificar, eu quero voltar em julho do ano que vem porque acontecem missas de vaqueiros.

Reinaldo – É.

Pesquisador – E aí eu não vou conseguir pegar isso. Aproveitei as férias que tive lá no trabalho e vim dar uma pesquisada. Mas... a primeira coisa, deixe eu anotar o seu telefone, os seus dados. Qual é o endereço daqui?

Reinaldo – O endereço daqui é sem número.

Pesquisador – Reinaldo... Qual é o nome da rua?

Reinaldo – Aqui é Aurélio Pires.

Pesquisador – Aurélio Pires sem número... É a barbearia.

Reinaldo – É.

Pesquisador – Seu nome completo, posso anotar?

Reinaldo – Reinaldo Gomes da Silva.

Pesquisador – Gomes da Silva.

Dila – Pronto, vocês já estão aí se resolvendo...

Pesquisador – Muito obrigado viu, Dila. Estava precisando encontrar aqui o... O senhor tem quantos anos?

Reinaldo – Sessenta e três e oito meses.

Pesquisador – Ou seja, eu acabei encontrando uma notícia que era um pouco antiga, né? Do seu pai.

Reinaldo – É... demais.

Pesquisador – Quando ele tinha setenta e três! Me

diga uma coisa, seu Reinaldo. Eu estou lhe ocupando o tempo?

Reinaldo – Ave Maria! Eu tô aqui à vontade. Tenho o dia todo.

Pesquisador – Tá tranquilo? Porque eu queria fazer algumas perguntinhas, eu posso?

Reinaldo – Pode, pode. Se eu puder responder, eu respondo.

Pesquisador – Por exemplo, começando pelo senhor. O Senhor aprendeu com o seu pai, foi?

Reinaldo – Não. Umas coisas foi, agora outras coisas... Chinelo, sapato, chapéu de couro eu não aprendi com ele. O que eu aprendi foi só o negócio da roupa de couro, porque eu trabalhava mais ele e aí [inaudível].

Pesquisador – Ou seja, mas você primeiro aprendeu com ele ou primeiro aprendeu sozinho?

Reinaldo – Esse negócio de couro, de roupa de couro eu aprendi com ele. Agora, outras coisas aprendi da minha cabeça mesmo...

Pesquisador – Aí você foi fazendo.

Reinaldo – Fui fazendo.

Pesquisador – E uma dúvida que eu tenho é a seguinte, você seguia modelos ou vai inventando?

Reinaldo – Rapaz, às vezes a gente pega uma peça velha. Achou o modelo bonito, a gente faz. A gente bota um aumento. A roupa de couro, pra usar, tem que tirar as medidas.

Pesquisador – Por isso que o senhor faz por encomenda.

Reinaldo – É. Porque às vezes tem pra vender e chega o rapaz “isso não presta pra mim”. Aí tem aquelas coisas. Quando eu comecei a mexer com couro, eu comecei nas feiras. Eu fazia Caicó, a feira daqui, fazia a de Currais Novos e a de Cruzeiro. E lá mesmo eu tirava as medidas do cabra. [inaudível] Tirava as medidas dele e entregava pra papai.

Pesquisador – Aí o cara volta um tempo depois.

Reinaldo – O cabra vem pegar, pronto, aí tá certo.

Pesquisador – E o senhor começou a trabalhar com isso a partir de que idade?

Reinaldo – Rapaz, eu comecei a trabalhar com couro eu tinha vinte e seis anos. Morava num sítio, trabalhava numa fazenda de vaqueiros. Papai foi aprendendo a fazer roupa de couro pra ele e arreio de animal pra ele. Só pra ele mesmo. As pessoas começaram a ver e começaram a encomendar.

Pesquisador – E o seu pai era conhecido?

Reinaldo – É. Aí, deu uns tempos, casou dois irmãos meu, só ficou eu e mais dois em casa. Aí papai... problemas de gerente. Você sabe aquelas coisas, gerente, não dava certo. Estava acostumado com o dono, aí morreu, ficou sob a ‘gerente’ de

genro, aí papai disse “não, vamos se embora [inaudível], tenho minha profissão”. Aí comecei, fiz uns cursos pra cortar cabelo, passei, pronto, aí vivi do cabelo [inaudível] pra arranjar o pão.

Pesquisador – E aí seu pai veio pra cá, pra Acari?

Reinaldo – Foi. A gente veio tudo morar aqui na frente. Você quando veio ele morava aqui na frente, não era?

Pesquisador – Não, na verdade eu vi uma reportagem, eu não cheguei a vir.

Reinaldo – Ah, você não conheceu ele não. Ah, rapaz...

Pesquisador – Eu não conheci ele. Ele morava aqui na frente? A oficina dele onde era?

Reinaldo – Era aqui na frente. Aqui nessa rua aqui. Bem em frente aqui.

Pesquisador – E o senhor continua usando a oficina que era dele?

Reinaldo – Era, era. Aí depois ele morreu. Ele casou... papai casou três vezes: mamãe morreu, casou com outra velha, morreu, aí casou com outra velha, morreu. Agora...

Pesquisador – Mas eram só três filhos?

Reinaldo – Não, só foi ter filho da primeira. Da primeira [mulher] foi sete filhos.

Pesquisador – Você é um dos sete.

Reinaldo – Eu sou o primeiro, o mais velho.

Pesquisador – Ah, você é o mais velho?

Reinaldo – Aí tem cinco homens e duas mulheres. Só moram dois aqui, o resto mora tudo em Uberlândia.

Pesquisador – Uberlândia? Minas Gerais? Mais velho de sete filhos. Ou seja, e o senhor foi o único que seguiu com o ofício do seu pai?

Reinaldo – Os outros não sabem nem botar bainha em faca [risadas].

[...]

Pesquisador – E o senhor hoje em dia e mais barbeiro ou é mais artesão do couro?

Reinaldo – Mas é os dois. Tem hora que dá serviço aí demais. Agora, eu faço muito serão de noite e aqui o cliente vem cortar o cabelo ou a barba e eu tenho que atender ele, ele não pode ficar esperando. Aí quando saio, pego de novo. Fico pra lá e pra cá.

Pesquisador – Muito bom.

Reinaldo – E a oficina é só um *triinho* aqui dentro. Só eu mesmo que eu, que eu... A gente teve que alugar a casa porque são sete herdeiros. Aí, casa fechada, rapaz, se acaba. Você sabe, ela parada, né? A gente estava perdendo duzentos e cinquenta [reais] aí todo mês de aluguel. Não, não dá. Eu me viro. Aqui eu boto as minhas coisas aqui dentro,

pertinho, mas só eu dá certo demais.

Pesquisador – O senhor é solteiro?

Reinaldo – Sou solteiro, mas vivo com uma mulher... é, sou casado.

Pesquisador – Não teve filhos?

Reinaldo – Não, não tive não. Com a primeira foi que eu tive quatro. Morreu um, um menino, e tem três moças. São divorciadas, separadas.

Pesquisador – Tá. E nenhum seguiu esse caminho também?

Reinaldo – Nenhum, nenhuma. Minhas meninas são muito inteligentes, todas as três. Eu tenho três bolas de ouro e minha ex-mulher é uma boa de ouro também.

Pesquisador – Não moram aqui?

Reinaldo – Elas moram aqui também. Aí eu arranjei outra mulher, mas também não moro com ela não. Moro praticamente aqui. Passo um dia mais ela ou uma noite, mas sempre vivo aqui direto. Faz tudo pra mim, é boa demais, mas é um negócio meu mesmo, não querer mais ninguém pra morar. Uma mulher muito boa e eu andei com uns negócio de um namoro por aí, ela não gostou, aí deu pra trás. E é assim mesmo.

Pesquisador – E me diga uma coisa, seu Reinaldo. O senhor não tem medo, você não acha que essa profissão pode vir a acabar? De artesão do couro.

Reinaldo – Rapaz, haja vista que no tempo que nós trabalhava diminuiu muito.

Pesquisador – Diminuiu muito, né?

Reinaldo – Demais, sabe por quê? Porque hoje ninguém quer ter trabalho. Se for pra ensinar um cabra pra trabalhar em couro pra fazer do jeito que a gente faz, o cabra não quer não. Um dia desses chegou uma cabra fazendo uma pesquisa dessas, disse “eu quero que o senhor me ensine como é que faz o couro pra terminar de fazer aquela peça que não tá pronta”. Aí eu fui ensinar e ele “Virgem Maria! É muito complicado”. Olha, primeiro você compra o couro. O couro vem bruto. Você vai com ele no facão, tira aquela casca grossa que tem. Depois vai lixar. Você preste bem a atenção: vai lixar, aí quando tá bem lixadinho, o que é que você faz? Você bota ele na... você faz aquele cimento de mamona. Você mói um montão que dê pra dez couro ou quinze. Você bota numa vasilha grande, bota de molho.

Pesquisador – De molho com?

Reinaldo – Você mói o caroço. Fica tipo um azeite... assim um óleo.

Pesquisador – Tipo um óleo de mamona?

Reinaldo – Pronto, é, e quando acabar, tira, passa um dia ou dois ali dentro, aí vai pra um canto que tenha muita água pra lavar, pra bater pra tirar

aquela golda.

Pesquisador – Fica lavando e lavando.

Reinaldo – É. Você bate numa tábua, numa pedra, num negócio, pra tirar aquela golda. Quando sai aquela golda, quando você termina, fica da cor do farol do seu carro, bem vermelhinha. Acredita?

Pesquisador – É mesmo?

Reinaldo – É... aquela golda. Porque é tipo a casca do angico e a casca do angico tem uma golda. Aí quando terminar, tá pronto pra fazer a peça, você vai espichar.

Pesquisador – No sol isso?

Reinaldo – Espichar, você... Aí você vai tratar com outro tipo de óleo, óleo de algodão, para o couro não ficar fedido. Aí vai espichar com vara. Aquelas varas pra você espichar. Um montão de vara, vai colocar no lugar certo [inaudível]. É trabalhoso.

Pesquisador – Isso é só pra começo de conversa. Isso é só pra preparar o couro.

Reinaldo – Preparar o couro pra depois fazer a peça. Pra você cortar pra emendar [inaudível].

Pesquisador – Seu Reinaldo, qualquer tipo de couro ou é só couro de vaca que vocês usam, hein?

Reinaldo – Rapaz, a gente usa pra roupa de couro só presta couro de criação. Agora a perneira, a calça...

Pesquisador – Criação você diz, pode ser tanto de bode também, não?

Reinaldo – Não, o couro de bode é bom tanto faz o gibão como a perneira, a calça. A perneira que eu chamo é a calça.

Pesquisador – Certo.

Reinaldo – Agora, aqui tem uns vaqueiros que usam o couro de um garrote curtido, é mais grosso que o couro de um bode grande, mas pouca coisa, sabe? A gente faz.

Pesquisador – Tá.

Reinaldo – Dois garrotes, um *garrotão* tipo um bezerrão, a gente faz, compra dois couros de garrote e faz...

Pesquisador – Dá pra fazer duas perneiras.

Reinaldo – É, porque fica mais reforçado, porque aqui tem muito xique-xique e o vaqueiro [inaudível] espinho assim, entendeu?

Pesquisador – É basicamente pra proteger dos espinhos, né?

Reinaldo – É.

Pesquisador – Agora, seu Reinaldo, e como é que você cobra? Como é que são os preços de uma coisa dessa? Você vai...

Reinaldo – Rapaz, o couro de bode aqui a gente compra a quarenta e cinco [reais] a peça. Dependendo do couro, tem o couro grande, é um preço e o pequeno é mais barato. [inaudível] Eu aqui tenho

uns curtumes aqui perto [inaudível]. Pequena é trinta e cinco e grande é quarenta e cinco. O grande que a gente fala é o maior. Aí o couro do boi é pra fazer arreio, faz arreio de cavalo, sabe?

Pesquisador – Ah, sim. Por que é mais resistente, é?

Reinaldo – É, mais grosso... e pra fazer sela. Aquelas capas tudo a gente faz. Já o couro das capas da sela tem que ser com o couro de bode. Porque o couro do boi não dá pra fazer a sobrecapa não. A sobrecapa é [pra] cobrir a sela, sabe aqueles couros?

Pesquisador – Tá.

Reinaldo – É. Aí o couro do bode a gente faz tudo [inaudível] dá certo pra fazer. E o couro do boi é grosso, não presta pra fazer isso. A gente faz [inaudível], sela, silha de atacar o animal. Aí couro de gado, só presta couro de gado. Couro grosso. Se não for não presta não.

Pesquisador – E quanto é que pode custar um gibão, mais... gibão, digo, o casaco, mais... peitoral que se chama, né?

Reinaldo – É, o guarda-peito.

Pesquisador – O guarda-peito e mais as luvas? Luvas o senhor faz também?

Reinaldo – Luvas também faz.

Pesquisador – Porque o conjunto: casaco, guarda-peito e luva, né?

Reinaldo – É.

Pesquisador – É um bom conjunto. Guarda peito e luva. Quanto é que pode custar uma coisa dessa, seu Reinaldo?

Reinaldo – É mil reais a roupa completa.

Pesquisador – Completa você diz com perneira.

Reinaldo – Tudo, tudo.

Pesquisador – Mil reais a roupa completa... Inclui o chapéu?

Reinaldo – Não, o chapéu não. O chapéu é independente.

Pesquisador – A roupa completa que você está dizendo: gibão, guarda-peito, luva e perneira.

Reinaldo – É.

Pesquisador – Porque na verdade o vaqueiro não usa uma calça, ele põe a perneira por cima da calça dele, né?

Reinaldo – É, com certeza.

Pesquisador – E sapato pra ele tanto faz?

Reinaldo – Não, eles usam um sapato mais grosseiro, mas se for uma bota boa ele vai botar [inaudível] faz na mão que é mais grosseiro.

Pesquisador – Claro.

Reinaldo – Fazia muito [inaudível] aqui em Acari tem uns rapazes que trabalham [inaudível] com um couro que já vem preparado, um couro bem fininho

[inaudível].

Pesquisador – Deve rasgar mais fácil?

Reinaldo – É, é fino demais, uns courinhos bem fininho. Tem até uns couros que vem preparado [inaudível] parece um papelzinho, bem fininho.

Pesquisador – É seu Reinaldo, os moldes você tem já na cabeça ou você tem lá na oficina, preparadinho, os moldes pra cada peça?

Reinaldo – A roupa de couro se você encomendar uma tem que tirar as medidas, né? Você diz, pronto, se você não quiser tirar as medidas, você diz ‘eu quero que dê pra um homem meio gordo, meio forte’.

Pesquisador – Eu tô pensando aqui que quero encomendar com o senhor, mas eu estou pensando aqui em como é que eu vou fazer pra pegar esse negócio. Porque... A não ser que eu deixe... O senhor tem conta em banco?

Reinaldo – Não, tenho não. Podia botar no correio também.

Pesquisador – É.. mas é porque... E aqui tem correio, né? Em própria Acari. Eu posso dar uma averiguada pra ver quanto vai ser esse envio, e já deixar o valor do envio. Só que eu, na verdade, seu Reinaldo, eu não sei se queria levar a roupa completa. Porque eu não vou ter dinheiro pra ficar comprando roupa completa dos artesão todos, então eu tenho que me concentrar...

Reinaldo – Mas agora tem tantos por aí. Em Caicó mesmo, lá talvez tenha quem faça mais barato. Tem lá um senhor chamado Nivário [inaudível] Rapaz não dava conta de fazer, nós não dava conta de fazer.

Pesquisador – Nivário?

Reinaldo – Seu Nivário.

Pesquisador – É, mas eu queria, eu queria ver a sua, né? Porque a sua, é... de certa forma, é algo que você herdou do seu pai, né?

Reinaldo – É, exatamente. Aí, olha [inaudível] pra vender [inaudível] modelo lá bem pequenininho. Não sei como [inaudível] roupa de couro lá em Caicó. E o couro ele pega toda qualidade de couro, e a da gente é só escolhido, só couro grande, couro bom. O couro pequeno não presta. Pra nós não presta não porque é muito fino.

Pesquisador – Pra quem vai trabalhar mesmo na roça, não dá, né?

Reinaldo – Aí os vaqueiros acostumados com as da gente, aí só vêm comprar da gente. Porque é fazer bem feito e boa. Reforçada.

Pesquisador – É bonita.

Reinaldo – É. Tem gente por aí que faz, mas... mas esse menino faz também, mas tu chega por aqui [inaudível] fina demais. Se rasga. É, se rasga muito.

Não sei não... Quando papai morreu, eu pensei em fazer pra se manter aqui, pro cabra chegar, né? Mas não presta não. Não dá certo por conta desse negócio das medidas. Porque se você encomenda, pronto, eu quero uma roupa, começa a fazer, vamos dizer, é um homem, né? [inaudível] às vezes entra, faz duas, três, o cabra chega, ‘não, assim não presta, não quero não’. Aí chega outro, ‘esse chapéu é muito grande’.

Pesquisador – Claro, não dá certo.

Reinaldo – É que nem o sapato: sapato você só compra se for...

Pesquisador – Se for a medida certinha.

Reinaldo – Se não for, não presta. Por isso que a gente não faz pra vender. A gente tá até precisando pegar naquele dinheiro, o cabra chega, ‘rapaz, eu não compro porque não presta pra mim’. Aí tirou as medidas, eu quero ver.

Pesquisador – Mas assim, seu Reinaldo, se o senhor tivesse pronto, eu até levaria uma pronta, mas já que o senhor vai ter que fazer, aí posso fazer na minha medidas, né?

Reinaldo – Pode, já tô com um modelo lá que dá certinho pra você.

Pesquisador – É?

Reinaldo – É, quando eu vejo um cabra eu já sei.

Pesquisador – Então vamos chegar a um acordo. Vamos chegar a um acordo. Se eu lhe comprar um gibão, um guarda-peito e uma luva, por quanto o senhor vai fazer isso pra mim?

Reinaldo – Rapaz, o preço é quinhentos reais cada peça, né?

Pesquisador – Quinhentos é o gibão? Mas é que o guarda-peito e a luva?

Reinaldo – Completo.

Pesquisador – Ah! Já faz parte.

Reinaldo – Já é obrigação, a luva e o guarda-peito.

Pesquisador – A parte de cima por quinhentos reais o senhor me faz? E vou fazer o seguinte então: eu vou no Banco do Brasil... Porque a gente vai ter que ir lá tirar as medidas, né?

Reinaldo – Não, no seu caso não precisa não.

Pesquisador – Não? Mas é porque eu quero saber o seguinte: eu vou ter que botar um a mais pro envio. Então se o senhor me disser onde fica os correios, de repente eu vou lá e já vejo quanto é que custa isso.

Reinaldo – Correio tem que ser pelo quilo, pelo peso, né?

Pesquisador – Mas é assim, a gente faz uma estimativa. Deve ser o quê? Dez quilos?

Reinaldo – Não, não pesa dez quilos não. Você pode botar oito quilos, porque os couro da gente é meio grosso. O correio fica de frente à matriz ali.

2. Gravações na oficina do Espedito Seleiro

<https://soundcloud.com/francisco-valle-302444709/sets/gravacoes-feitas-na-oficina-do-seu-espedito-seleiro-2014/s-zVdIR>



Realizada no dia 26 de junho de 2014
(Parte 1 - 5:52 min.; Parte 2 - 16:02 min.; Total: 21:54 min.)

PARTE 1:

[Na loja do Seu Espedito]

Atendente – Todas são pra trabalhar, não pra festa, assim... Festa seria um colete.

Pesquisador – Ah...

Atendente – É, você tem o e-mail daqui?

[Na oficina de trabalho]

Pesquisador – Oi, boa tarde?

Funcionário trabalhando (Francisco) – Oi, boa tarde.

Pesquisador – Posso dar uma olhadinha?

Francisco – Pode.

Pesquisador – Eu sou... Ah! Que legal... Gente, mas faz rápido o negócio, eu achava que era devagarzinho.

Francisco – Não.

[pausa]

Pesquisador – Que loucura, rapaz... Mas começa aqui você... você marca.

[pausa]

Pesquisador – Aqui é todo munda da família, é?

Francisco – Não, eu trabalho pra eles. Nós trabalha pra eles, todo mundo trabalha pra eles. Só eles dois...

Pesquisador – São filhos, é?

[pausa]

Pesquisador – Quando eu vim aqui, era só aqui. Não tinha isso. Eu vim em 2006... Não tinha...

Francisco – A loja era aqui.

Pesquisador – A loja era aqui.

[pausa]

Pesquisador – Me diz uma coisa, não é qualquer máquina que faz isso não, né? Tem que ser uma máquina pra couro.

Francisco – É, tem que ser uma industrial mesmo. Industrial pra couro.

Pesquisador – Ah tá, ah tá. Isso vai virar o quê? Ah... Que maravilha.

[pausa]

Pesquisador – Hum... O molde já tá feito. Mas se

você quiser inventar, pode?

Francisco – Como assim?

Pesquisador – Sei lá, criar uma forma nova.

Francisco – Você?

Pesquisador – Não, eu digo você.

Francisco – Eu? Eu não consigo não. É com o Espedito mesmo.

Pesquisador – É ele que cria esses negócios?

Francisco – É, ele e o filho dele aí.

[pausa]

Pesquisador – Tudo bom, querido? Você é filho dele, é?

Funcionário trabalhando (Maninho) – Tudo.

Pesquisador – Qual é o seu nome?

Maninho – Maninho.

Pesquisador – Então, Maninho, sou Francisco... Eu tô aqui... Quer dizer, eu já vim aqui em 2006, né? Conheci seu pai inclusive, e dessa vez eu voltei porque eu tô... eu tô estudando, eu tô visitando várias cidades do Nordeste, e visitando artesãos do couro. O Seu Espedito na verdade é o mais famoso de todos, inclusive não nem tem muito sentido fazer entrevista, porque ele já foi entrevistado por todo mundo, né? Mas eu vim pegar um gibão, eu quero comprar um gibão. Aí, a moça falou que normalmente vendem a peça completa. Mas é possível comprar só o casaco? Não, é porque senão fica muito caro, e inviabiliza. E só com o gibão eu já vou conseguir. Aí ela disse pra esperá-lo, pra ver se ele... Talvez com você mesmo, até porque...

Maninho: Ei, mostra ali o gibão a ele?

Pesquisador – O problema é que não tem o preço dele sozinho. Quantas pessoas trabalham aqui agora?

Maninho – Dezesseis pessoas.

Pesquisador – Dezesseis? E se revezam um pou-

quinho ou todo mundo junto aqui às vezes?

Maninho – Não, é porque a maioria trabalha em casa.

Pesquisador – Ah, é?

Maninho: A gente manda o material e eles trabalham em casa.

Pesquisador – Mas fazendo isso que eles tão fazendo?

Maninho – É.

Pesquisador – É mesmo? Eu fiquei impressionado, eu fui lá no... Parei num hotel agora em... em... como é, agora em Juazeiro. Aí as cadeiras com cobertura do Seu Espedito, lá em Recife eu vi coisa do Seu Espedito, lá no Rio eu vejo. Falei, não é possível, tem muita gente trabalhando então, realmente... Mas o... o... criação quem faz mesmo?

Maninho – Só meu pai mesmo.

Pesquisador – Só seu pai...

Maninho: Mas as vezes eu faço também.

Pesquisador – Você também pegou... Olha, Maninho estou vendo uma coisa, eu fui visitar várias figuras que trabalham com couro em Acari, Caicó, Rio Grande do Norte. Tá todo mundo morrendo... E os filhos não tão fazendo, não estão assumindo o trabalho do pai, mas você aqui vai manter, né?

Maninho – Com certeza.

funcionário: É o gibão completo? Só tem desse.

Pesquisador – Não, não. Por isso queria só o casaco.

Maninho – É aquele que você quer, o que tá pendurado?

Pesquisador – Na verdade, ainda não escolhi se eu puder...

[pausa]

Pesquisador – Brigadíssimo, viu? Ah, perdão, querida.

PARTE 2

Pesquisador – Vocês fazem tudo com o couro, mas vocês também preparam o couro pro trabalho ou já chega o couro pronto?

Maninho – Couro pronto, já.

Pesquisador – Tá.

Maninho – Antigamente a gente preparava...

Pesquisador – Inviabilizou, né?

Maninho – Aumentou, né? A gente procura comprar o material já pronto.

Pesquisador – Claro.

Maninho – O que a gente faz mesmo aqui é só o tratamento, é o pintar o couro. E não é todos não, a maioria a gente já compra pintado mesmo.

Pesquisador – Mas me diz uma coisa, porque é assim: eu imagino que vocês atendem agora o mundo, né? Mas o vaqueiro, ele continua usando?

Maninho – Rapaz, usa, mas é pouco.

Pesquisador – É pouco.

Maninho – É mais coisa pro pessoal pra guardar em casa mesmo, pro pessoal do teatro...

Pesquisador – Mas isso é porque tem pouco vaqueiro, é? Ou...

Maninho – Acredito que o vaqueiro tá mais moderno. Não quer mais andar de cavalo, tem a moto, tem uma coisa aí. No lugar do chapéu, usar um boné.

Pesquisador – Isso é muito triste... Isso é muito triste, é por isso que eu tô estudando isso, porque eu não quero que morra.

Maninho – É.

Pesquisador – Como é que pode? Quer dizer que vaqueiro agora, eu, vaqueiro de moto... E eu acho que assim, por exemplo, você tá falando... Eu conversei com um artesão lá em Caicó, ele me explicou como que é o processo pra você preparar o couro. É uma coisa de maluco! É uma coisa de maluco, você deixa de molho no óleo de mamona, aí depois você deixa de molho numa...

Maninho – É.

Pesquisador – É uma coisa que inviabiliza.

Maninho: Pra um único couro ficar pronto, é uns quarenta, cinquenta dias. Mas eles colocam um monte, né?

Pesquisador – Claro. Mas não dá pra essa produção toda.

Maninho – E ele só sai assim, natural, né? O que a gente pode fazer aqui, conseguiu fazer é assim, natural.

Pesquisador – Mas é tudo couro de boi ou tem couro de bode aí também junto?

Maninho – Dos dois.

Pesquisador – Os dois? Então uma peças mais fininhas...

Maninho – Isso aqui, ó. Isso é bode, e isso já é boi.

Pesquisador – Essa daqui?

Maninho – Esse da costura é bode.

Pesquisador – É um trabalho... Que bom que vocês tão crescendo porque é um trabalho muito bonito mesmo.

[pausa]

Funcionário (Elton) – Esse que tá pendurado é 800 [reais].

Pesquisador – Hum, me mostra lá.

[pausa]

Elton – É 800.

Pesquisador – Certo, ele não falou daquele ali não, né?

Elton – Esse outro aqui, né?

Pesquisador – É, porque, poxa, tinha que ser um pouquinho mais barato, você não disse que era mil e tal toda?

Atendente – Toda.

Pesquisador – É porque o gibão é a parte mais cara, é?

Elton – É, é completo, com a perneira com...

Pesquisador – O casaco.

Elton – É 800.

Atendente: Só esse?

Elton – Só esse aqui.

Atendente: A mesma coisa, né? Porque ele quer saber a diferença...

Pesquisador – Essa é uma pergunta que eu posso fazer pra você. Eu achava, na minha ignorância, que esse era pra festa.

Elton – Isso aqui quem usa mais é sanfoneiro, pra teatro.

Pesquisador – Tá certo. Mas de repente lá na missa do vaqueiro o cara pode ir com um desse?

Elton – Isso, também.

Pesquisador – E isso aqui é mais uma coisa pro dia a dia.

Elton – É, esse daqui é rústico, é do vaqueiro mesmo. Pra entrar no mato.

Pesquisador – E o preço que você tá falando valeria pro rústico também?

Elton – Não, esse daqui é seiscentos.

Pesquisador – E é, esse é Seu Espedito também? De vocês? Feito por vocês.

Elton: É.

Pesquisador – Feito por vocês. Porque na verdade na minha verdade o mais importante é esse: por mais que eu ache esse aqui uma coisa maravilhosa, mas esse aqui é do vaqueiro.

Elton – Quer tirar? Quer que eu tire?

Pesquisador – Quero, por favor. É o do vaqueiro mesmo... É o único rústico que tem aqui na loja?

Elton – Dá uma olhadinha.

Pesquisador – Só pra eu comparar. Quer dizer, então assim, por mais que ele seja rústico, os desenhos e tal são os mesmos que vocês usam.

Elton – É, tem que ter... esses desenhos.

Pesquisador – Deixa eu ver na frente.

Elton – Isso aí tudo é feito à mão.

Pesquisador – Tudo feito à mão? Tudo em couro, a única coisa sintética deve ser a linha. Isso aqui é à mão? Aqui não, claro.

Elton – Aí é na máquina.

Pesquisador – Na máquina... Gente, tá muito bacana.

[pausa]

Elton – Esse já é outro modelo, ó.

Pesquisador – Como é que eu vou saber qual é o que tenho que levar, meu Deus?

Atendente – É quase a mesma coisa.

Pesquisador – É só... É diferença de ornamento, cadê, é diferença dos desenhos. Deixa eu ver, você acha que o molde do casaco é o mesmo?

[pausa]

Elton – Só tava esse lá? E tem que esse que o trabalho é diferente, ó.

Atendente – Tá na cadeira.

Pesquisador – Ele que tem que me dizer, o que eu ele acha, qual que ele acha mais bonito, mais bem trabalhado.

Atendente – É quase a mesma coisa...

Pesquisador – É muito parecido, né? O fato de ser feito à mão é que é muito importante. Muito legal. E de repente... eu posso levar, pra não... Quanto é que é só a luva? Vende luva separado ou não?

Atendente – Vende.

Pesquisador – Só pra ter uma lembrança da marca do Seu Espedito. O Seu Espedito ainda continua trabalhando?

Atendente – Continua.

Pesquisador – Continua?

Atendente – Ele trabalha sim, aí ele só saiu pra almoçar mesmo.

[pausa]

Pesquisador – Não achou não o outro, foi?

Elton – Não, é a mesma coisa

Pesquisador – Ah, é a mesma coisa? E me diga: tem alguma diferença no couro? Me parece que esse couro é um pouco mais...

Elton – Muda só o couro. O couro é mais grosso... Né?

Pesquisador – Esse aqui é mais grosso, não é?

Elton – É.

Elton – Eu acho que eu vou no mais resistente. Isso aqui por exemplo, esse tipo de coisa, com o sol ele ficando, você vai deixando ele mais avermelhado, não vai?

Elton – É, escurece mais.

Pesquisador – Vai escurecendo, né?

Elton – Vai escurecendo mais ainda esse daí.

Pesquisador – Muito legal... Então eu vou... Vem cá, você tem débito? Tem né? E esse aqui você disse seiscentos?

Elton – Seiscentos.

Pesquisador – E a luva ainda é... Não, isso aqui... Ano que vem eu vou voltar aqui, aí eu... eu de

repente levo... Mas eu tenho... Eu quero comparar vários desse estilo, já comprei três.

Elton – Faz coleção, né?

Pesquisador – É meu doutorado, rapaz... É o traje do vaqueiro sertanejo, e se vocês não continuarem com isso, vai acabar. Tava ali o Maninho falando que as pessoas não... Que vende muito mais pra turista do que pra vaqueiro.

Elton – Aqui, antigamente, vinham atrás de vaca de burro, de cavalo... Agora é de moto, né?

Pesquisador – É isso que ele estava falando... De moto e de boné. Que coisa triste, rapaz. Mas e aí? Mas os espinhos continuam lá.

Elton – Não, mas nós estamos seguindo a tradição. Nós fazendo, mostrando pro pessoal. O pessoal compra e leva.

Pesquisador – Tem que fazer isso. Tem que fazer isso... Agora, eu vou fazer um pedido: façam mais daquelas sandálias do Lampião. Porque toda vez que eu venho aqui... Toda vez não, só vim duas vezes. Mas, não tinha... Agora me diz uma coisa... Essa seria mais pra mostrar pros alunos... Eu dou aula numa faculdade, né? Mostrar pros alunos como curiosidade. Olha aqui ó, como era a estratégia do Lampião. Eu já tenho em casa esse aqui... Esse aqui é bem Maria Bonita, né?

Atendente – Não, Maria Bonita é a sandália.

Pesquisador – A sandalinha?

Atendente – É.

Pesquisador – Com o bico mais quadrado... Tá, eu vou pagar aqui esse aqui, só vou ali tirar umas fotinhos, pode?

Elton – Pode ficar à vontade.

Pesquisador – Obrigado, querido.

[Pausa]

Atendente – Aqui a da Maria Bonita.

Pesquisador – Ela é mais quadradinha...

Atendente – É. Não é nem assim, o formato do pé, da palmilha. É esse modelo aqui que ela usava.

Pesquisador – [...] e pelo que eu vi, é o Espedito que cria tudo, né?

Atendente – É.

Pesquisador – Eu perguntei ali pro menino que tava fazendo o molde e perguntei “Você consegue criar coisa nova?” e ele “não”. Então é só o Seu Espedito.

Atendente – É.

Pesquisador – Você é filha de um filho... Pera aí... Você é filha de um...

Atendente – Sobrinha dele.

Pesquisador – Sobrinha dele... A família é grande, é?

Atendente – Super.

Pesquisador – Ah é? Olha, quanta gente... Aqui deve tá cheio de gente famosa, né?

Atendente – Tá. Se você olhar aí direito vai ver que você vai conhecer.

Pesquisador – Olha, o Luciano Huck ali, e tal. Não, vamos lá, vou levar esse gibão. Vou levar esse gibão e... Ele falou que a luva junto, é?

Atendente – É.

Pesquisador – Ai, que maravilha!

Atendente – Esse aí é o de seiscentos, né?

Pesquisador – Isso.

Atendente – E o que mais que você levou?

Pesquisador – Não, eu vou levar só isso. Eu queria a sandalhinha do Lampião, mas eu vou... ano que vem eu vou voltar. Doutorado são quatro anos, esse ano eu tô fazendo primeiro a coleta de material, e depois eu vou ter que vir pra fazer umas entrevistas melhorzinhas. E vem cá, então tá, como é que eu pago esse negócio?

Atendente – (...)

Pesquisador – Você já tem cartãozinho também?

Atendente – Tem sim.

Pesquisador – Deixa eu ver se já tá com a cara do Seu Espedito... Tá...

Atendente – A marquinha dele aqui.

Pesquisador – Vou levar.

[pausa]

Pesquisador – Mas eu gosto das coisas mais tradicionais, eu não gosto disso aqui. Das bolsas... Isso eu não curto muito não. Agora, o sapato é uma maravilha.

[pausa]

Pesquisador – Dar um jeitinho de dobrar pra ocupar menos espaço. Como que eu vou levar esse negócio no avião? Depois que estica volta ao normal, né?

Atendente – Bota numa caixa assim envelopada, né?

Pesquisador – Eu acho que sim, porque... O problema é que são vinte e três quilos que eles deixam a gente levar.

Atendente – Só isso?

Pesquisador – Só isso, um gibão desse aí deve ter um oito quilos, se bobear. Quer ajuda?

Atendente – Não, tá maneirinho.

Pesquisador – Sabe que no Rio maneiro quer dizer outra coisa, né? No Rio de Janeiro maneiro é uma coisa muito legal. Você falou maneiro como quem diz leve, né?

Atendente – É, ué.

[pausa]

Atendente – Cada canto tem o seu... Como é que se diz? Cada canto tem o seu entendimento da fala.

Pesquisador – Claro. Francisco Valle... Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro... Hoje é dia vinte seis ou vinte e sete?

Atendente – Vinte e seis.

Pesquisador – Vinte e seis? Ou esse povo fez errado...

Atendente – É vinte e seis mesmo.

Pesquisador – É mesmo?

[pausa]

Pesquisador – Vinte e seis do seis do catorze... Deixa eu ver quando começa... Ah esse aqui é só desse ano. De 2006 meu nome tá lá.

Atendente – Você veio aqui em 2006?

Pesquisador – Vim. Nessa visita eu conversei com seu tio... Tirei foto... Mas não tinham dezesseis pessoas trabalhando como disse ali o Maninho, não. Era bem menos.

Atendente – É que ele não tinha muita encomenda.

Pesquisador – Não tinha, mas já tinha feito peça lá pra São Paulo. Pra peça de teatro, já tinha começado a, essa loucura. Um dia eu vi na rua um diretor da Globo lá, o Guel Arraes, com a sandália do Seu Espedito. Mas agora tem até no aeroporto. Vocês vão ficar ricos.

Atendente – Que nada.

Pesquisador – Eu torço pra que fiquem, cara. Porque eu acho que é uma das coisas mais bonitas que eu já... O artesanato mais bonito que tem é esse. Aqui do Cariri... Eu vou pagar no débito.

Atendente – É seiscentos que tá, né?

Pesquisador – Isso.

[pausa]

Pesquisador – Muito bem, esse finalzinho da passagem.

Elton – Tudo certo?

Pesquisador – Certíssimo, muito obrigado, tô contente. Ainda ganhei um brinde. Seu nome é...

Elton – Elton.

Pesquisador – Elton, Maninho e...

Francisco – Francisco.

Pesquisador – Francisco também, meu xará. Francisco, tem que inventar também rapaz, não pode só repetir não. Tem que começar a criar. Mas tem que ser outro estilo, não pode ser copiado. Vou tirar aqui uma foto pra comparar com a foto que eu tirei em 2006. Gente, tchau. Muito obrigado, viu? Até a volta.

3. Entrevistas dos artesãos Romildo e José Aprijo

<https://soundcloud.com/francisco-valle-302444709/sets/entrevista-de-romildo-e-jose-aprijo-2014/s-uXInO>



Parte 1 - 7:31
 Parte 2 - 25:27
 Parte 3 - 0:19
 Parte 4 - 5:39
 Total - 38:16 min.

Pesquisador – Eu sou um pesquisador, estou começando um doutorado agora...

Romildo – Certo.

Pesquisador – E o meu tema de pesquisa é a roupa do vaqueiro sertanejo, né?

Romildo – Certo.

Pesquisador – Estou fazendo uma viagem, estou em começo de pesquisa, né? Mas fazendo uma viagem, cheguei lá em Recife, aluguei um carro e estou viajando o Nordeste visitando artesãos. Já fui em Rio Grande do Norte, acabei de vir lá do seu Espedito Seleiro, que fica lá em Nova Olinda...

Romildo – Nova Olinda.

Pesquisador – E José Aprijo era uma das paradas que eu tinha que fazer. O Seu José Aprijo ainda tá vivo?

Romildo – Tá vivo.

Pesquisador – Ah tá, porque eu vi numa matéria no jornal que os filhos dele [inaudível].

Romildo – Com certeza. Senta aí.

Pesquisador – Você é o filho dele?

Romildo – Sou filho dele.

Pesquisador – Ah, qual é o seu nome? Eu sou Francisco.

Romildo – Eu sou Romildo.

Pesquisador – Ah, você é o Romildo?! Então foi você que fez as roupas do Lamp... do... do... do...

Romildo – Do Cais do Sertão.

Pesquisador – Do Cais do Sertão. Pois é, porque eu quase que não vinha aqui, mas aí eu fui lá no

Cais do Sertão agora no início da viagem, consegui tirar foto do chapéu com seu nome lá. Aí eu falei, ‘pô, agora’... Só que eu não tinha certeza também se vocês eram parentes.

Romildo – Sou filho do Aprijo.

Pesquisador – E... eu, eu, eu achei a qualidade do trabalho ali, as réplicas que vocês fizeram tá fabulosas, né? Quanto tempo de trabalho foi aquilo, hein?

Romildo – Viajei mesmo ali naquilo ali. [inaudível] tudo nas características originais, né?

Pesquisador – No que, a partir de foto?

Romildo – Foi, foi foto.

Romildo – Essa... esse daqui não. Daqui foi dos anos oitenta foi que meu pai que confeccionou.

Pesquisador – Seu pai fazia pro Luiz Gonzaga?

Romildo – Ele fez, dos anos oitenta pra cá.

Pesquisador – Então, se o Seu Espedito diz que o pai dele fazia pro Lampião, seu pai fazia pro Luiz Gonzaga, e do Seu Espedito ninguém sabe se é verdade, aqui tem foto.

Romildo – É isso.

Pesquisador – Então, só que aí na verdade vocês não tinham mais registros disso, mais moldes, nem nada.

Romildo – Não.

Pesquisador – Você teve que fazer a partir das fotos.

Romildo – A partir das fotos aí foi que eu fui resgatando.

[pausa]

Pesquisador – Olha! Com a roupa do seu pai?

Romildo – E aí fui muita coisa, eu pude ir bolando ali. Eu digo, ‘eu acho que ia nesse rumo aqui’.

Pesquisador – Eu... Na verdade eu não sei se estou te interrompendo, eu cheguei meio...

Romildo – Não.

Pesquisador – Porque é o seguinte, essa é minha primeira viagem e eu vou voltar ano que vem, e no ano que vem eu gostaria inclusive de fazer uma entrevista com você, fazer uma coisa mais certinha. Porque... A primeira viagem é pro mapeamento. Mas algumas coisas que eu gostaria de comentar com você que eu fiquei um pouco impressionado. Primeiro: vários artesãos que eu fui visitar já tinham morrido e os filhos não seguiram o trabalho, né?

Romildo – Correto.

Pesquisador – Que mais? Eu viajando pelo sertão não vi um vaqueiro vestido, paramentado. Só vejo moto pra cima e pra baixo, né? E lá no Seu Espedito, eu perguntei: e aí, vocês vendem pra quem? Eles vendem na verdade pra turista.

Romildo – Pra turista...

Pesquisador – Só que tem o seguinte, no agronegócio se você for... Eu fui lá em Caicó, numa loja de agronegócio, numa loja de produtos dos agropecuários e tal, tem lá o gibão pro cara comprar. Ou seja, então ainda tem gente que usa.

Romildo – Tem muito. [inaudível] Você vai ver aqui nessa região de Serrita, capital do vaqueiro.

Pesquisador – Pois é, eu tenho que vir, ano que vem eu vou vir em julho, que é...

Romildo – Missa do vaqueiro.

Pesquisador – A missa.

Romildo – Que regional mesmo, tem muita, tem muita festa do vaqueiro hoje. Hoje em dia é a pega do boi, e tá voltando com força.

Pesquisador – Mas eu digo: a roupa pra ser usada no dia a dia.

Romildo – A roupa do pra ser usada do vaqueiro

Pesquisador – No dia a dia. E... mas aqui por exemplo já é uma...

Romildo – É um colete.

Pesquisador – Já é uma coisa mais pra festa.

Romildo – Mais pra festa, é.

Pesquisador – Já é uma adaptação.

Romildo – Trabalho muito pra artista hoje, pra shows...

Pesquisador – Certo. Porque aí eles querem ter a roupa igual a que teve o Luiz Gonzaga.

Romildo – Com certeza.

Pesquisador – Mas me diga uma coisa, Romildo,

você... É o nome do meu pai. É... vocês tão fazendo a roupa no processo inteiro, do começo ao fim, ou vocês já tão comprando couro pronto.

Romildo – Não, comprando couro industrializado.

Pesquisador – Porque senão você não conseguiria atender, tá.

Romildo – Porque aquelas tradições [inaudível] de setenta, cem anos atrás, o vaqueiro mesmo curtia o couro.

Pesquisador – Seu pai fazia? Curtia o couro?

Romildo – Ele curtia o couro, ele grosava o couro, pegava aquele couro, botava no grosador. [inaudível] Tinha que pegar o couro bruto, pra grosar ele usavam uma madeira e um facão bem amolado, apoiava aqui e ficava tirando esses pelos tudinho ali no alto. É complicado.

Pesquisador – E... e... e ficaria inviável hoje em dia?

Romildo – Inviável.

Pesquisador – Mas nessa época aqui seu pai fazia? Desse jeito.

Romildo – Desse jeito não, nos anos oitenta não, aí já foi, esse material foi, já foi o rei que trouxe mesmo. Só o material.

Pesquisador – Ah, ele chegava pra você, pá! Que aí, de primeira.

Romildo – E aí meu pai criava. Aqui é um gibão que eu estou fazendo para um cara de São Paulo. Junto com o meu pai, José Aprijo, ele tá aí.

Pesquisador – Eu quero, se eu puder conhecê-lo. Agora...

Romildo – Tá, ele chegou aí agora.

Pesquisador – Chegou agora? Tá bom. Mas Romildo, você basicamente faz sob encomenda, vou ter como comprar um aqui seu hoje ou tem algum de reserva aí?

Romildo – Não, não. Não temos.

Pesquisador – Nada?

Romildo – Não tenho nada porque eu dei sorte. Eu terminei o Cais do Sertão, eu tinha muita peça. Aí terminei o Cais do Sertão. Aí ficou meus clientes da Bahia, dos estados tudinho que eu compro tudo os anos. Agora eu tenho outro em Recife, aí tenho que enviar o material deles todo. Eu tô sem nenhuma peça, tô começando agora...

Pesquisador – Mas eu posso encomendar se for o caso?

Romildo – Pode encomendar qualquer modelo, qualquer coisa.

Pesquisador – Na verdade, o que me interessa, o meu foco de estudo é a roupa... É porque eu não consegui entender ainda a diferença. É porque tem a mais rústica.

Romildo – A rústica, é a do vaqueiro.

Pesquisador – Mas isso, qual é a mudança? Vai pela preferência do vaqueiro?

Romildo – Não, a rústica eu vou te explicar. Ela é o couro do boi, que ela é pra mata, né? Pra Caatinga. Ali é... a ferradura do vaqueiro. Ela é uma roupa mais... Digamos assim, a perneira, a perneira não pode ser... Ela só é flexível aqui na parte, ela tem que ser aqui na caneleira reforçada. É... Costurada a mão, em correia.

Pesquisador – Por que senão não resiste?

Romildo – Não resiste. Costurada a mão.

Pesquisador – O couro tem que ser bem grosso... Não pode vacilar...

Romildo – [inaudível] Chama vaqueta. E o couro do bode...

Pesquisador – A vaqueta é o quê?

Romildo – O couro do boi

Pesquisador – Do boi.

Romildo – Feito artesanalmente, um trabalho natural.

Pesquisador – Certo.

Romildo – Não vem industrializado que nem os couros daqui.

Pesquisador – Porque esse aqui... Ele acaba... Ele é bem menos resistente já, né?

Romildo – É, bem resistente ele já é [inaudível] Deixa eu pegar uma camisa, que eu estava aqui tirando um...

Pesquisador – Não, fique à vontade.

[pausa]

Pesquisador – Tudo bom?

Funcionário – Tudo bom

Pesquisador – A lojinha aqui também faz parte, né?

Funcionário – Faz.

Pesquisador – E... Tá fechada?

Funcionário – Não.

Pesquisador – Mas tem coisa ali pra eu ver?

PARTE 2

Romildo – Você não viu lá no Cais do Sertão não, o rústico?

Pesquisador – Fui lá. Não, vi. Eu comprei, eu já tenho alguns rústicos. Agora... o que eu quero é justamente é comparar o estilo dos artesãos em cada Estado, e tal. Agora... E eu tinha essa dúvida, não entendia a diferença entre... Quando é que o vaqueiro usa o rústico e quando é que ele usa isso aqui?

Romildo – O rústico é pra Caatinga mesmo.

Pesquisador – Pra se meter no meio do...

Romildo – É, do mato

Pesquisador – E você faz a indumentária inteira, de luva até lá embaixo. Esse é um daqueles que foi lá pro... esse é do que tá lá exposto, né?

Romildo – É, esse é rústico mesmo.

Pesquisador – Que o Luiz Gonzaga chegou a se apresentar com isso, não foi?

Romildo – Foi.

Pesquisador – No começo da carreira.

Romildo – Ele gravou parece que o estúdio em Fortaleza. Cada peça daquela tem sua história, né?

Pesquisador – Que bacana. E aí, de certa maneira ele divulgava, né?

Romildo – Divulgava. Você tá olhando aí, olha, ele vai...

[pausa]

Romildo – Tudo feito à mão;

Pesquisador – À mão.

Romildo – A correia é tirada do couro mesmo.

Pesquisador – Porque tem que ser bem resistente, né? Basicamente tudo à mão, né? Mas mesmo assim você mantém os detalhes. Isso aqui, esses moldes, você trouxe do seu pai? Você pegou...

Romildo – [inaudível]

Pesquisador – Então você cria, você muda?

Romildo – [inaudível]

[pausa]

Romildo – Isso é um gibão que o cara quer pra apresentação.

Pesquisador – Certo. Uma pergunta, quantas pessoas trabalham hoje com seu pai?

Romildo – Trabalham seis comigo.

Pesquisador – Contando seu pai?

Romildo – Tem três irmãos que trabalham aqui.

Pesquisador – Romildo e quem mais?

Romildo – Romildo, William e o Izídio.

Pesquisador – Que maravilha.

Romildo – Aqui as costas e aqui a frente.

Pesquisador – Eu acho que o seu acabamento é muito bom. Um acabamento que parece... Quando eu vi aquelas roupas lá, parece industrial.

Romildo – É. Mas é tudo feito à mão.

Pesquisador – A costura inclusive?

Romildo – A costura não.

Pesquisador – A costura não, a costura é vai na máquina industrial. Mas, isso aqui... isso aqui você vai...

Romildo – É manual.

Pesquisador – É manual é? Qual é o nome da ferramenta que faz isso?

Romildo – É o vazador.

Pesquisador – Então é o vazador que faz esse picotador, né? Que maravilha, rapaz...

Romildo – Esse gibão aqui ele é a réplica de um que resgatei lá do Gonzagão.

Pesquisador – Certo. Mudando as cores ou as mesmas cores?

Romildo – Não, as cores eu já modifiquei aqui. Essa é a sandália que eu fiz lá do Lampião, o acervo do Lampião fiz também.

Pesquisador – Ah, você também fez ali... Ah, é verdade, eu tirei até foto da roupa. Tem a roupa do vaqueiro exposta... Eu digo, não a do Luís Gonzaga, mas lá dentro.

Romildo – Lá dentro. Eu não vi.

Pesquisador – Ah, você não foi lá ainda?

Romildo – Não, fui não.

Pesquisador – Gente, a exposição tá muito bonita, tá muito bonita. Tem também uma roupa azul do Lampião com algumas peças de couro que eu acho que você fez algumas delas.

[inaudível]

Romildo – Aqui, tudo costurado à mão.

Pesquisador – E será que o Luís Gonzaga, no caso, ele, ele pedia alguma coisa ou dava liberdade total pra vocês? Será que ele já vinha: Ah, quero um branco assim, assim.

Romildo – É, o que ele falava pra meu pai, né? Ele chegava com o material e falava, ‘olha, fica a seu critério. Agora, eu quero uma coisa diferenciada, porque os outros mestres já fizeram muita estrela pra mim, essas coisas. Quero um negócio totalmente diferente’. Esse gibão aí meu pai se inspirou-se no sol e no girassol. O casamento perfeito aí pra Luiz Gonzaga.

Pesquisador – Você lembra a década que ele usou esse?

Romildo – Lembro. Esse gibão...

Pesquisador – Esse amarelado...

Romildo – Esse gibão aí foi feito em oitenta, em

setenta e nove.

Pesquisador – Inspirado no girassol e no sol?

Romildo – Meu pai se ligou nisso aí e disse: rapaz, que que eu crio pro rei do baião? Não tinha muito contato com ele não, ele já foi... Essa época meu pai trabalhava em Serra Talhada. Meu pai é de Exu.

Pesquisador – Seu pai é de Exu, da terra dele.

Romildo – Mas em Serra Talhada foi que eles marcaram um encontro e ele falou: já *tô* com o material aí no carro, que eu trouxe do Rio de Janeiro, e daí até... Está aí o material, em quanto tempo você me entrega? Eu quero tudo: chapéu, perneira, gibão e sapato. Agora tá a seu critério aí, o que é que você cria aí. Aí o velho disse: porra, bicho! Agora o que é que eu vou fazer... Aí ficou.

Pesquisador – Que responsabilidade, né? Eu fiz um trabalho, eu fiz um trabalho inclusive, o meu trabalho com maior responsabilidade... Grande responsabilidade, que eu *tô* vendo que vocês se inspiraram nele, eu fiz... Eu sou designer, né? Eu fiz a marca, as letras que foram usadas na marca da novela Cordel Encantado.

Romildo – Sei.

Pesquisador – E eu *tô* vendo aqui que vocês fizeram inspirados nas minhas letras.

Romildo – Sim, eu vi aquela novela foi quando o cara grafitou aqui. Eu quero uma coisa assim cara, rústico, alguma coisa a ver com a novela mesmo.

Pesquisador – Eu vou te mandar pra você ver, as letras que eu fiz.

Romildo – É, muito bom.

Pesquisador – Você pegou e adaptou, já temos uma conexão viu?

Romildo – É... Eu gosto disso aqui...

Pesquisador – E sabe, eu fiz isso aí, esse desenho eu me inspirei naquele artista J. Borges.

Romildo – J. Borges.

Pesquisador – Que é o gravador que é fera, né?

Romildo – É fera.

Pesquisador – Romildo, você sabe que eu passei ali na... na... na cidade...

Romildo – Ó o Aprijo.

Pesquisador – É seu pai é? Eu passei ali, a primeira pessoa que eu perguntei o cara já me trouxe aqui, rapaz. Eu me assustei com o tamanho da cidade.

Romildo – A cidade.

Pesquisador – Mas eu tenho que comprar alguma peça do seu pai pra registro.

Pesquisador – Tudo bom? Sou Francisco e vim do Rio de Janeiro especialmente pra visitar os artesãos que trabalham com as roupas de vaqueiro. *Tô* fazendo uma pesquisa de doutorado...

José Aprijo – Chegou até aqui.

Pesquisador – Pois é... (risos) E aí *tô* conversando com seu filho aqui, já me explicou um monte coisa, é... Eu estou super satisfeito porque eu achei aqui por conta da exposição do Cais do Sertão. Eu vi lá na roupa o nome.

José Aprijo – O nome.

Pesquisador – Era Romildo, no símbolo você põe Romildo e o quê?

Romildo – Romildo e Aprijo.

Pesquisador – Romildo e Aprijo?

Romildo – É.

Pesquisador – Porque vocês dois é que são os mais importantes.

Romildo – É.

Pesquisador – Agora, eu vou ter que encomendar o gibão, porque eu imaginava que... Gibão não é assim, gibão você tem que mandar fazer, né?

Romildo – Mas eu *tô* com uns aí que eu vou começar, meu projeto pra semana vai ser gibão. Eu terminei o Cais do Sertão, atendi meu público tudinho agora nas festas, né, juninas, porque é cantor, é loja que compra o nosso material pra revender. Esse chapéu sai muito. Aí eu estou com vários gibões aí cortados, meu projeto todinho esse mês vai ser...

Pesquisador – Mas o que eu quero é um rústico, que é o autêntico.

Romildo – O autêntico mesmo

José Aprijo – Tradicional do vaqueiro.

Pesquisador – E viu seu Aprijo, eu *tô*... eu visitei agora, fui lá em Caicó, em Rio Grande do Norte, pra visitar o tal do Maurício Gomes, que tinha morrido, o filho que anda trabalhando no lugar dele. Fui visitar um tal de senhor Binô.

Romildo – Binô.

Pesquisador – Na Barra da Espingarda, aí um cara falou: Seu Binô morreu há 12 anos. Aí eu falei: Assim não é possível, mas que bom que...

José – É Bianô, não?

Pesquisador – Não sei, Bianô?

Romildo – Bianô, trabalhou comigo em Caruaru, foi em Caruaru não foi? Caruaru é Bianô.

José – Bianô.

Pesquisador – Mas que...

José – Já morreu então?

Pesquisador – É. E... Na verdade, Seu Espedito Seleiro, que é muito bom, mas eu acho assim, que virou marca.

Romildo – Virou marca.

Pesquisador – Virou marca, na verdade tem dezesseis pessoas lá trabalhando, e ele nem deve pegar mais, né?

José – É. Nem deve mais.

Romildo – Sabe qual é o lance de ali do Espedito,

é que ele usa aquele maquinário industrial, é aquela máquina que corta, e ali o pessoal só não cria a arte.

Pesquisador – O seu é todo manual?

José – É manual.

Romildo – Quando eu peguei esse projeto do Museu Cais do Sertão, Paulo Wanderley me deu uma força, é muito amigo de Seu Espedito Seleiro, mas eu disse: Rapaz, eu sei que Espedito não cria não.

Pesquisador – Esse trabalho histórico de resgate que você fez era muito difícil. E pra que que ele vai querer isso? Ele quer vender as bolsas e sapatos, né?

José – É.

Romildo – Era pra eu estar com uma loja vendendo aqui, mas eu não tenho tempo de montar uma loja por esse motivo. Eu pego uma peça, aí eu faço. O ele quiser, nós faz.

Pesquisador – Mas uma coisa que você tem que ter umas peças de... Mas é por causa do Cais do Sertão, né?

Romildo – É, por causa do Cais do Sertão.

Pesquisador – Tem que ter umas peças aí, pra se acontecer algum problema.

Romildo – Seis meses, seis meses parado aí sem fazer peça.

Pesquisador – Agora vai melhorar um pouco, né?

Romildo – Teve peças ali que eu tive que correr atrás, eu tive que ir lá no Recife, fui fotografar. Teve peças, teve semanas que até papelada...

Pesquisador – Você foi pesquisador também, você teve que pesquisar e...

Romildo – [inaudível]

Pesquisador – E tá lindo viu? Tá lindo. Eu até tirei foto lá, depois eu posso... Você tem e-mail?

Romildo – Tenho, tenho.

Pesquisador – Vamos trocar essas informações. Eu queria saber o seguinte: que peça que eu posso levar? Eu não posso chegar lá no Rio de Janeiro sem uma peça.

Romildo – Sem uma peça.

Pesquisador – E aí eu encomendo o casaco.

[Entrando na oficina]

Pesquisador – Eu posso, eu posso dar uma olhada?

Romildo – Pode entrar, fique à vontade.

Pesquisador – Pra entender isso que você tá falando, do maquinário, da diferença do maquinário.

Romildo – O maquinário nosso não é motor industrial não, é tudo pedal mesmo, é coisa artesanal mesmo.

Pesquisador – É mesmo, rapaz!

Romildo – É tudo no pedal, não era nada no motor,

não. O negócio é rústico mesmo. Isso aqui é o colete que eu já estou montando pro show.

Pesquisador – Certo.

Romildo – Pra quando chegar o cliente, esse projeto que você está falando aí. Aqui é os coletes que eu vou montar.

Pesquisador – Maravilha.

Romildo – Vou ter o rústico também, vou trabalhar no rústico.

Pesquisador – Muito bonito... Isso aí vai da sua criação, você inventa.

Romildo – Tem gente que faz vazado, eu não. Isso aqui é manual. Tem cara que faz vazado, aí não dá.

Pesquisador – Você tem que manter essa qualidade. Aqui é o quê?

Romildo – Chapéu... Costurado à mão.

Pesquisador – Posso de repente levar o chapéu porque no chapéu você tem um exemplo da técnica, né? Você põe aqui um corinho pra cobrir...

Romildo – Exatamente.

Pesquisador – Que maravilha... Essa é a diferença: não tem nada ligado na tomada.

Romildo – Tem não, tem não.

Pesquisador – Só o rádio.

Romildo – Só o rádio aqui, a cabeça pra funcionar e pronto.

Pesquisador – Parabéns, viu... Tá. A única coisa que você não conseguiu manter, porque não faz sentido, é trabalhar o couro desde o início.

Romildo – Couro rústico, é esse aqui ó. Esse aqui eu curto.

Pesquisador – O que você vai fazer pra mim, você vai fazer... Desse jeito aí?

Romildo – Esse aqui é o rústico. Esse aqui é o do vaqueiro. Só tem macio, não dá o... movimento do boi. Esse aqui é o couro que é trabalhado pro gibão. Ele vai envelhecendo, fica aquela cor bem...

Pesquisador – Avermelhada, né?

Romildo – Avermelhada.

Pesquisador – Bacana. É mais difícil trabalhar com esse couro?

Romildo – É mais difícil. Esse aqui o pessoal tirava, esses pelos aqui tirava no facão.

Pesquisador – Mas aqui já tá bom, ou precisa tirar mais?

Romildo – Precisa tirar mais, ele tá...

Pesquisador – Na lixa?

Romildo – Na lixa

Pesquisador – Gente, que coisa. E a forma e tal você já tem de cabeça?

Romildo – O molde eu tenho tudo.

Pesquisador – Tá fazendo uma série, né?

José – É.

Pesquisador – É tudo pra mesma peça. Ou não?

Essa aqui.

José – Não, não é pro chapéu.

Pesquisador – Pro chapéu, ah! Pro detalhezinho do chapéu.

[pausa]

Romildo – Mas o gibão tem vários modelos, tem ele com esse corte aqui, reto. Os vaqueiros geralmente usam esse corte aqui. Mais cavado, pra é quando ele fizer isso na cela, não entrar madeira aqui. Tem que colar tudo, o bem cortado é esse.

Pesquisador – Cobre perfeitamente.

Romildo – O cara que não souber cortar um gibão, isso aqui fica aquele... Quando ele abaixa aqui, e passando a madeira aqui. E ele dá a sela.

Pesquisador – Isso é interessante, isso que você tá me dizendo porque eu conheci um cara em Campina Grande, que ele começou a fazer, ele desmontou um casaco, só que o gibão não é casaco simples. Ele tem uma forma específica, né?

Romildo – Ele tem uma forma pra quando colocar ele tem que fazer isso aqui, que é pra cobrir a sela.

Pesquisador – Ah, ele tem que cobrir a sela. Por isso que ele tão grandão às vezes aqui.

Romildo – Ele tem que colar aqui.

Pesquisador – E o chapéu, tá. E a luva aqui.

Romildo – Corretamente.

Pesquisador – O cara fica numa armadura, né?

Romildo – Com certeza.

Pesquisador – Cara, é muito bonito isso. Isso aqui você também faz? Isso aqui é só revenda só, né? Muito legal.

Romildo – Agora eu vou mostrar o busto primeiro aqui. Aqui ó, o Lampião foi isso aqui. Você viu lá?

Pesquisador – Foi, que foi o Frederico Pernambucano de Mello que foi o...

Romildo – Meu tive lá na casa do Frederico lá.

Pesquisador – Foi, em Recife, né?

Romildo – Aí o rústico aí.

Pesquisador – Vou ter que tentar marcar uma visita com o Frederico que ele entende muito, né?

Romildo – O peitoral...

Pesquisador – Tá.

Romildo – O Frederico ele é mais o acervo dele é mais...

Pesquisador – Mais essa coisa cangaço, né?

Romildo – Mais do cangaço.

Pesquisador – Meu interesse maior é pelo vaqueiro.

Romildo – Este de boi é natural, é mais de couro rústico. Ele já tem esse detalhe mesmo, ele é rústico.

Pesquisador – Você, pela sua experiência, o

vaqueiro ele prefere um mais desenhado ou uma coisa mais simples?

Romildo – Ele prefere o que seja resistente.

Pesquisador – Resistente.

Romildo – Porque aquele lá... Tem que ter uma vistazinha, né? Pra não ficar...

[pausa]

Pesquisador – E você tem filho já?

Romildo – Tenho, tenho.

Pesquisador – E... Tem gente já começado a se interessar, ou não?

Romildo – Não, não, meu filho tem quatro anos.

Pesquisador – Ah, tá. Tem que começar cedo. Porque os filhos do J. Borges tudo... Filho, neto tudo faz gravura, e com o estilo dele.

Pesquisador – Bacana, né?

Pesquisador – Você leva o trabalho pra feiras?

Romildo – Só tem uma feira que eu faço, agora eu vou começar a fazer.

Pesquisador – É Fenearte, não?

Romildo – Não, eu faço a Missa do Vaqueiro, tem uma Missa do Vaqueiro, agora esse mês agora. Você ia ver.

Pesquisador – Pois é... Eu aproveitei as férias... É de Serrita, não?

Romildo – É de Serrita.

Pesquisador – É bonito, né?

Romildo – É bonito demais. Lá você vê coisas.

Pesquisador – Ano que vem eu venho pra ela.

Romildo – É do vaqueiro rústico, é cheio de gringo lá. Os americano' tudo fotografando lá, revistas todos os anos é uma porrada lá.

Pesquisador – Eu acho que é sete de julho, ou alguma coisa assim.

Romildo – É vinte e três...

Pesquisador – Ah, é mais no final do mês.

Romildo – Vinte e um de julho a...

[pausa]

Romildo – Aí tu queria comprar o gibão, é?

Pesquisador – É, na verdade é o seguinte, o gibão... Romildo, na verdade é que eu *tô* comprando de muitos artesãos...

Romildo – Eu tenho um gibão desse rústico, tá entendendo? Agora, ele não tá aqui só se eu ligar pro cara... Só poderia tá aqui, talvez amanhã.

Pesquisador – Putz grila, mas é um feito por você?

Romildo – Feito por mim.

Pesquisador – Rústico. E...

Romildo – É do vaqueiro tradicional rústico,

completo. Tá com luva e tudo ele.

Pesquisador – Puxa, mas aí você...

Romildo – Peitoral, peitoral, luva, perneira e gibão. Tá completo.

Pesquisador – Mas ele tá com alguém? Não foi vendido não?

Romildo – Não, foi assim. O cara... Esse gibão foi feito pra um cara de Brasília. Chegou lá, o cara, o cara pesa cento e vinte quilos, e cara chegou aqui, o corpo do cara...

Pesquisador – Não tem vaqueiro de cento e vinte quilos.

Romildo – Não tem, não tem. Ele queria só pra expor lá, pra colocar no escritório lá dele.

Pesquisador – Aham.

Romildo – Aí veja só... Quando ele chegou lá., ele disse, 'Não quero... eu vou mandar de volta, eu quero uma coisa que dê pra mim mesmo'. Aí mandou, e o cara já chegou de Brasília. Só que o cara tá aqui e vai chegar final de semana. Se fosse um negócio de urgência assim.

Pesquisador – Mas com certeza ele...

Romildo – Ele já me devolveu, já tá com ele.

Pesquisador – Mas é assim, como a minha... a minha... o meu... Como eu tenho que comprar muita coisa, eu *tô* pensando em focar no casaco, pra não ter que comprar indumentárias inteiras. porque senão eu não vou ter dinheiro pra fazer essa pesquisa. Mas quanto é que seria esse negócio?

Romildo – Ele hoje tá em torno de mil e quatrocentos.

Pesquisador – Pois é, se fosse só o casaco seria quanto?

Romildo – Se fosse só o gibão tava em torno de oitocentos.

Pesquisador – Mas você me venderia ele, só um pedaço, só uma parte da roupa, só o casaco?

Romildo – Vendia.

Pesquisador – Porque o que eu posso fazer é a gente pode...

Romildo – Amanhã eu vou ter...

Pesquisador – Não, não, o negócio é o seguinte, Romildo: tem como mandar pra mim?

Romildo – Tenho. Pode mandar pra qualquer lugar.

Pesquisador – Porque eu *tô* indo embora hoje, mas eu posso deixar pago e deixo endereço lá do Rio de Janeiro.

Romildo – Eu tenho um tio que viaja todos os anos pro Rio de Janeiro, mas ele só vai dia dez desse mês agora. Ele levava.

Pesquisador – Se quiser pode ser. Pra mim não vai fazer diferença.

Romildo – Todos os anos ele vai, os filhos dele

mora lá. É isso tudo eu já fiz pra São Paulo, aí eu *tô* com esse gibão, é muito bom o gibão. Eu lhe garanto, gibão bom, de primeira.

Pesquisador – Não... Ele já é meu.

Romildo – Ele... Ó isso aqui também. Mas isso aqui já é mais colorido, ele é rústico.

Pesquisador – Esse é um meio termo né?

Romildo – Isso, meio termo. Agora, ele tá nessas características, agora ele é rústico, rústico.

Pesquisador – Mas apesar de rústico ele tem um colorido.

Romildo – E costurado em correia, todo na correia de couro mesmo.

Pesquisador – É meu, é meu.

Romildo – É todo costurado na correia de couro.

Pesquisador – Então, pera aí. Vamos fazer um negócio. Então eu... Você tem débito? Você disse que tem débito.

Romildo – Tenho, mas esse débito meu eu mandei a maquinazinha pra Petrolina, que ela tava dando problema.

Pesquisador – Você tá sem débito aqui?

Romildo – *Tô* sem débito

Pesquisador – Então *‘pera* aí que eu tenho que ir no Banco do Brasil.

Romildo – Olha, Serrita aqui como é que é.

Pesquisador – Em época de festa?

Romildo – Aqui é a estátua do vaqueiro lá do Raimundo Jacó. Aqui foi onde foi encontrado o corpo dele, onde tudo começou. A história é que era um boi que vaqueiro nenhum nunca conseguiria pegar. E ele foi, pegou, amarrou o boi, foi dar uma descansada. Aí quando o vaqueiro, com inveja, foi e matou o cara dormindo, com uma pedra. Aí, trouxe o boi. O boi do cara que tava pego. Aí chegou, foi aquela festa, o herói foi ele, mas a verdade vem depois. O cachorro do cara apareceu, e aí quando o cachorro apareceu, pessoal disse, oxente, *‘cadê o Jacó, que não aparece?’*. Foi lá atrás do cachorro tava lá o corpo degolado. Aí descobriu a verdade.

Pesquisador – Aí virou, virou o...

Romildo – Essa festa.

Pesquisador – Foi isso que deu origem a missa lá?

Romildo – Começou a festa, a origem dessa festa começou...

Pesquisador – Volta aquela, volta aquela. Essa aqui, a outra. O cara botou... Ah, do Suassuna. A Pedra do Reino.

Romildo – Pedra do Reino. Ó esse chapéu aqui também, lá eles usa muito. Esse é o chapéu típico do vaqueiro, esse aqui ó. Tá vendo aqui?

Pesquisador – Muito bacana.

Romildo – Ele... É que o outro computador tinha muita foto. Agora só que ele não está aqui. Esse

gibão que tenho lá, dava certinho pra tu.

Pesquisador – Que bom.

Romildo – Não, e eu passei vinte dias nesse gibão lá. Eu passei vinte dias nesse gibão, todo feito à mão. Mas também eu não trabalhava todo dia não, eu trabalhava dia sim, aí dava uma paradinha, porque é cansativo demais.

Pesquisador – Claro. Vai trocando um pouco as peças, né?

Romildo – Vai trocando as peças.

Pesquisador – Isso aí é aonde? Ah, isso aí é lá no... Olha só...

Romildo – Essa aqui é três, quatro mil reais.

Pesquisador – Que coisa bonita, né?

[pausa]

Pesquisador – Você tem que selecionar, fazer uma categoria aí.

[pausa]

Pesquisador – Eu acho bacana também quando tem essa mistura do meio rústico com o colorido.

Romildo – Só que já não é o tradicional do vaqueiro.

Pesquisador – Já não é o do tradicional. Claro, claro. Você defende também o tradicional, né?

Romildo – É, se você chegar aqui, pra me comprar uma peça dessa, eu querendo vender a você, vou dizer *‘ah, não é do vaqueiro’*. Não vai ser isso.

(...) – Zildo tá aí?

Romildo – Zildo? Ô Zildo! Zildo. Dá uma olhada aqui viu, filha.

[pausa]

Romildo – Esse computador aqui meu não tem mais fonte, aí eu trouxe esse aqui pra trabalhar. Tá arquivada as fotos.

Pesquisador – Sei. Em exposição...

Romildo – Isso é lá na feira.

Pesquisador – Lá na feira?

Romildo – Lá em Serrita.

Pesquisador – Lá em Serrita. Que legal.

Romildo – Isso é cheio de vaqueiro aqui. Aqueles bem velhinhos, que chegam até pretos de tão queimados mesmo, de tanto tempo de uso. Aquele gibão...

Pesquisador – Preto, preto.

Romildo – Preto, preto, preto.

Pesquisador – Quanto mais usado é melhor, é? O pessoal gosta de...

Romildo – Amacia.

Pesquisador – Amacia, é? E continua resistente?

Romildo – Resistente.

Pesquisador – Vem cá, Romildo, o que que eu passo nele. Tem que passar alguma cera, não sei.

Romildo – Ele já vem tratado.

Pesquisador – Não, não precisa passar nada?

Romildo – Não. Já vem tratado. Esse é um óleo,

nós damos óleo de algodão nele.

Pesquisador – óleo de algodão, tá. Aí eu guardo ele, posso guardar fechado no armário?

Romildo – Pode deixar fechado. E o pior é que eu tenho um...

Pesquisador – Não, tudo bem, tudo bem. Já tô mais que satisfeito. Eu preciso ver como é que eu... vou agora.

PARTE 3

Pesquisador – Você vai mandar no dia dez, pronto. A minha vai junto. Vamos fazer o seguinte: eu vou ter que ir atrás de um banco porque eu não tenho esse dinheiro aqui, e eu vou te passar todos os meus dados.

Romildo – Certo.

Pesquisador – Mas, eu ... Deve ter Banco do Brasil por aqui perto.

Romildo – Tem.

Pesquisador – Me explica que eu vou lá então.

PARTE 4

Romildo – Ou óleo de algodão ou óleo de mamona.

Pesquisador – Óleo de algodão ou óleo de mamona, clarinho.

Romildo – É, clarinho. Mas o seu já vai tratado.

Pesquisador – Então eu não preciso me preocupar com isso. Vamos lá. Será que a gente pode pedir pra alguém tirar pra gente?

Romildo – Tira aqui, por favor?

Pesquisador – Poxa, que felicidade.

Romildo – Rapaz, eu tinha tanta peça aí bonita. Eu tinha muita peça aí, mas com o projeto lá do museu, aí eu parei mesmo. Tem que entregar, né? Mas você quer ficar do meio ou do lado?

Pesquisador – No meio, no meio. Isso aí. Muito obrigado.

[pausa]

Pesquisador – Vamos tirar mais uma pra garantir. Que foi? Deu problema?

(...): Ah não, apertei errado isso aqui.

Pesquisador – Ah não, é porque esse negócio aqui tava em cima. Ó lá. Mas tira duas pra garantir.

(...): OK... Tirei umas três.

Pesquisador – Certo. Muito obrigado, querido. Pra finalizar, posso tirar uma da oficina?

Romildo – Oficina aí, o maquinário velho.

Pesquisador – Vai que ano que vem muda. Aí você vai tá com outra...

Romildo – Essas máquinas velha aqui foi presente que Luiz Gonzaga deu a Aprijo.

Pesquisador – Ah, você tá de brincadeira. Sério mesmo? Deixa eu ver. Em quantos anos mais ou menos?

Romildo – Isso aí tem mais de... foi em oitenta e cinco que ele trouxe.

Pesquisador – Então tem trinta anos.

Romildo – É, trinta anos.

Pesquisador – Mas, a sua primeira ainda tá aqui?

Romildo – Não, a primeira tá aposentada, velha.

Pesquisador – Tá aposentada. Seu Aprijo, o senhor começou com que idade?

José – Vinte e três anos.

Pesquisador – Quando tinha vinte e três anos. E agora o senhor, me desculpe pela indelicadeza, tá com...

José – Setenta e três.

Pesquisador – Ou seja, são cinquenta anos de trabalho. Mas vem cá o seu filho já atingiu... Já tem a sua habilidade?

José – Até mais.

Pesquisador – Tá muito bom. Vou tirar aqui uma

foto da oficina de vocês.

Romildo – Pode tirar essa peça aqui do gibão já?

Pesquisador – Cadê?

Romildo – Pode tirar que o Aprijo tá aqui.

Pesquisador – Ah, que bonito. Vocês dois aí. Vocês dois aí. Aí vocês às vezes fazem juntos uma peça?

Romildo – Trabalha tudo junto

Pesquisador – Não tem uma divisão assim, né?

[pausa]

Pesquisador – Quer dizer, ele mesmo sendo assim mais ornamentado, ele tem a forma do gibão.

Romildo – A forma do gibão. É um gibão pra show aqui. Mas é o gibão mesmo.

Pesquisador – Ele passa aqui, né? Ele passa da cintura.

Romildo – Passa, passa da cintura. Que é pra quando fizer isso, pra ele cobrir a sela do vaqueiro.

Pesquisador – Hum, bacana. É muito bacana, né?

Romildo – Olha, nós fizemos um... Ele tá com as características mais do rústico, né?

Pesquisador – Mas eu gostei de ser o modelo ‘Dominguinhos’.

Romildo – Ficou bom.

Pesquisador – Então quer dizer que o Dominguinhos quis fazer também com... Na verdade, quando uma pessoa faz a roupa com vocês, ela tem um pouquinho do Luiz Gonzaga, né? Ela leva um pouquinho do Luiz Gonzaga.

Romildo – Porque, agora as características têm alguma coisa de o Luiz Gonzaga.

Pesquisador – Vocês... Alguma coisa... Olha.

Romildo – Olha.

Pesquisador – E tá cortando a tira que vai fazer os detalhezinhos. Qual é o seu nome?

Mino – É Mino.

Pesquisador – Mino? E o outro...

Willian – William.

Pesquisador – William. Prazer, aqui não são familiares não?

Romildo – Aquele é irmão meu.

Pesquisador – Ah, o William que você falou.

Romildo – Isso aí, quem ajudou lá no projeto lá do Cais do Sertão foi esse aí.

Pesquisador – Vocês fizeram juntos. Eu me impressiono também que vocês são rápidos. Eu cheguei aqui... Mas você conta, por exemplo, dá pra fazer quanto chapéus por dia?

Romildo – O processamento desses chapéus... Isso aí é o seguinte: corta ele, você tem que molhar, aí vai para as formas. As formas é isso aqui, de madeira. É todo artesanal.

Pesquisador – É madeira.

Romildo – A madeira é imburana, estica molhado.

Pesquisador – A imburana tem que ser bem dura.

Romildo – Bem dura e ela aguenta prego, pra não se acabar.

Romildo – Aqui tem um grude de goma, aí bota outra camada por cima. Aí vai pro sol. Se colocar numa estufa não prega. É tudo natural mesma.

Romildo – É artesanal.

Pesquisador – Vou mandar pra você essa do seu pai trabalhando aqui. Você tá precisando de umas fotos boas. Cadê, deixa eu ver aqui.

4. Entrevista dos artesãos Irineu do Mestre e Irineu Jr.

Parte 1

<https://soundcloud.com/francisco-valle-302444709/entrevista-de-irineu-do-mestre-e-seu-filho-junior-2015/s-xeAUc>

Parte 2

<https://soundcloud.com/francisco-valle-302444709/entrevista-de-irineu-do-mestre-e-seu-filho-junior-2015-parte-2>

<https://youtu.be/uQpiBMFORYM>



Realizada no dia 24 de julho de 2015, início às 12h44.

Junior – Hoje à noite deve estar...

Pesquisador – A partir de que horas? Umas oito?

Junior – A partir de umas oito deve estar começando a vaquejada lá no parque, dentro do parque.

Pesquisador – Então não ainda a gente ir pra lá agora... a gente não vai ver nada.

Junior – A essa hora não vai ver nada não.

Pesquisador – A gente pode ir na Pedra do Reino enquanto espera.

Romildo – Almoça-se, come-se alguma coisa.

Sonia – Esperar um pouquinho pra saber se [...]

Pesquisador – Vamos ver se vai chegar...

Pesquisador – Poxa, o Júnior... Então eu vou, eu vou ficar com o seu... Isso é guarda-peito de cavalo, o nome?

Junior – É.

Pesquisador – Guarda-peito de cavalo.

Pesquisador – E eu... sabe que eu vi... que isso é uma... as armaduras mais antigas gregas eram, eram assim... você vestia o vaqueiro e o cavalo da mesma forma, pra ficar uma unidade só, né... *Catafrarias... Catafractaria*. É assim: proteção total, cavalo e cavaleiro.

Junior – Vou ver se eu acho aqui um... umas fotos de um...

Pesquisador – Vinte e sete... você falou vinte e quatro ou vinte e sete peças?

Junior – Vinte e sete peças.

Pesquisador – Pô, vinte e sete peças, cara... Será que conta... Colocam a perneira no cavalo também? Proteção na perna dele?

Sonia – Se ele não achar pode mandar pro teu e-mail.

Romildo – Você tá em conexão 'internética' com...

Pesquisador – Você vai me passar o seu e-mail, né Júnior? Eu preciso... A minha pesquisa é pra Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Aí, claro que eu tenho que falar sobre os vaqueiros, os artesãos e tal, mas o foco, o ponto principal, é o gibão.

Junior – Ó... tem um amigo aqui usando. Essa peça aqui fui eu que dei. Igual a essa daí.

Pesquisador – Essa aqui está mais bonita, hein? Nessa aqui o coração ficou melhor, cadê?

Junior – Aí foi no dia que...

Pesquisador – Porque, se o cavalo entrar sem isso
Junior – Ele já me comprou esse aqui.

ele se machuca também?

Junior – É.

Pesquisador – Caramba...

Junior – Aí é um amigo meu que faz. Ele também faz... ele faz... fazem pega de boi e fazem a vaquejada. Eles têm um parque da vaquejada. A gente... Vocês viram lá o parque da vaquejada?

Pesquisador – Vi, vi. Lá mesmo.

Junior – Aqui foi no dia da pega de boi deles, aqui em junho.

Pesquisador – Que legal.

Junior – A pega de boi deles.

Sonia – Chegou alguém. Acho que é ele. Deixa eu ver o rosto dele. É ele!

Pesquisador – Bom dia! Bom dia ou boa tarde? Já passou do meio-dia?

Romildo – Boa tarde.

Pesquisador – Boa tarde. Desculpe a invasão.

Sonia – Invadimos sua casa.

Romildo – Invadimos lá na Cacimbinha, com dona Antônia... Prazer, Romildo.

Sonia – Sonia.

Romildo – Tudo bom.

Pesquisador – Eu sou o Francisco. Na verdade, eu, eu estou fazendo uma... Somos do Rio de Janeiro, quer dizer, meu pai e minha mãe são de Pernambuco.

Romildo – É. Pernambucano com quarenta e um anos de Rio. Mais da metade da vida no Rio, mas sempre por aqui.

Pesquisador – Eu estou fazendo um doutorado. Eu ou desenhista industrial, mas estou fazendo um doutorado olhando, focado justamente na roupa do vaqueiro sertanejo. Na roupa de trabalho, na roupa de entrar no mato e tal, e aí o Júnior está aqui há quinze minutos contando, explicando um pouquinho a história...

Romildo – Quinze minutos? Que quinze minutos? Quase uma hora, rapaz. Que conversa é essa.

Pesquisador – Aí eu vim atrás na verdade, eu já até tinha visto fotos suas, eu não sabia que o seu pai já tinha parado o trabalho e que você agora é o principal. Aí conversei com a sua mãe lá, fomos até Cacimbinha e aí ela deu orientação pra gente conseguir chegar até a sua casa. Porque eu preciso de um gibão seu. Eu já tenho um gibão do Romildo Aprijo, eu já tenho gibão do Seu Espedito, eu tenho que compará-los, eu tenho que... É uma ordem do meu orientador.

[Trecho inaudível]

Pesquisador – Mas o negócio é assim: o que eu quero é a roupa rústica.

Pesquisador – Esse aqui é meu. Eu ainda não... eu tenho dois completos, mas na verdade, até porque eu não tenho dinheiro, não recebo bolsa da universidade, então, eu resolvi apostar no gibão, que é a peça principal da roupa do vaqueiro, né? E você tem gibão pronto pra vender?

Irineu – Nós damos um jeito.

Irineu – Esse aí você sabe onde é que ele fica?

Pesquisador – Esse aqui ele me deu de presente isso aqui também... Sim! Eu não sabia que eram tantas peças na armadura completa.

Irineu – O Luiz Gonzaga, quando ele, assim que ele iniciou, ele misturou o couro com a música. Aí veio a questão do poeta. O poeta, seja ele que escreve, seja um repentista, ele sempre junta. Aonde a gente se junta pra fazer uma festa com vaqueiro, sempre tem um poeta. Porque o poeta ele anima e aquela coisa feita de repente, o repentista, feita aquela coisa de repente, o vaqueiro gosta demais.

Pesquisador – Certo.

Irineu – Noventa e oito, noventa e nove por cento dos vaqueiros ou cem por cento gostam do repente.

Romildo – Do repente autêntico.

Irineu – É. Tem que fazer na hora.

[Filha de Irineu entra na sala]

Todos – Boa tarde!

Maria Lucimar (esposa de Irineu) – Essa é a mais nova.

Pesquisador – Não mexe com couro não?

[Irineu acene com a cabeça em sinal afirmativo]

Pesquisador – Ah, já!

[Risos]

Irineu – Aí, veja só, quando a gente, lá mesmo na missa do vaqueiro, que tem aquela tradição de rezar uma missa, faz o ofertório na hora da missa, onde a gente tem todas as peças que o vaqueiro, o cavalo e o boi usou. São vinte e sete peças. Aí...

Pesquisador – No vaqueiro são quantas?

Irineu – No vaqueiro...

Pesquisador – Tem que contar.

Irineu – Nós conta, é muito fácil. São só vinte e sete peças. Aí o vaqueiro faz na hora do ofertório, entrega cada peça dessa aí e o repentista fala pra que serve essa peça.

Júnior – Se você quiser depois eu lhe passo uma lista num e-mail com todas as peças. pessoal vem embora, no domingo à tarde na cidade de Serrita é uma verdadeira festa. Os vaqueiros

Pesquisador – Eu quero.

Irineu – Se você quiser eu lhe dou uma estrofe pra cada peça dessa. Quando essa aí o cavalo bota aqui na frente né, pra proteger o peito. Mas aí quando a gente diz, o poeta diz: O cavalo com o colar fica até diferente / com peitoral de sola pra proteger a frente / contra as pontas de pau e pontas de touro valente. Isso é muito bonito, essa mistura do couro com música e com o repente, e a gente vem trazendo ela sempre junto. Nós não faz a festa se não tiver um poeta repentista lá.

Pesquisador – Perfeito. Como se fosse uma coisa integrada.

Irineu – Aí o poeta diz, diz uma poesia com um e com outro que está chegando na festa. Diz com o patrocinador. Diz com o bêbado que aparece abusando. Transforma ele e deixa ele bem descontraído porque ele diz uma poesia com o bêbado, o bêbado acha bom aí já vem meio chutado e emenda na festa.

Pesquisador – Então, bebe-se muito então não festas, né?

Irineu – Cachaça mesmo. O que mais se consome junto com a festa do vaqueiro é as cachaças mesmo. Seja ela de qual for marca, dependendo de região. De região por região, o pessoal tem uma preferência. Mas é a cachaça mesmo. Alguns têm a preferência da marca.

Pesquisador – Deixa eu fazer uma pergunta. No dia da pega que vocês fazem, as mulheres também se interessam muito ou é uma coisa mais dos homens?

Irineu – Mais é dos homens, mas tem mulheres que vai pro mato também.

Pesquisador – Que sobe no cavalo?

Júnior – É que hoje em dia ficou integrado também com a pega do boi tem também o forró, a festa. Integrado, muitas vezes integrado. Amanhã acho que você não vai ver isso não.

Romildo – Forró pé-de-serra?

Júnior – Sim, forró pé-de-serra. Eu acho que amanhã provavelmente você não vai ver isso lá não, mas tem alguns, como o que a gente faz mesmo, que tinha seis grupos musicais.

Irineu – Junto a festa da missa do vaqueiro, eles fazem todo ano o forró na Ipueira.

Pesquisador – Sim! Foi ontem. Foi ontem, né?

Irineu – Aí faz a pega de boi... E já é de tradição. Quando o pessoal vem voltando, e se criou-se até *tandas* de lanches, de bares em Serrita, na passagem de Serrita, porque começou o camarada ‘eita! Vou botar uma barraquinha que o vaqueiro está voltando da festa’. Hoje, quando você vê, deu domingo à tarde, termina a missa do meio-dia, o

parando...

Júnior – O que antes era barraca de lona, e de palha e de madeira, hoje em dia é comércio que funciona durante o ano todo.

Romildo – Nós passamos em Serrita, talvez numa hora não muito boa, vazio, não vimos nada.

Pesquisador – É, a gente passou quando, foi ontem?

Romildo – Ontem.

Pesquisador – Ontem.

Romildo – Hora do almoço... A gente foi até Exu ontem.

Pesquisador – Uma dúvida que tenho, pega de boi pode ser feita a qualquer hora do dia ou é uma coisa mais da manhã?

Irineu – Não, a pega do boi na caatinga ela é feita durante o claro do sol. Durante o dia. Pega de boi, agora...

Pesquisador – Aí a vaquejada já pode ser...

Irineu – A vaquejada não, porque aí o camarada ilumina, pá!

Pesquisador – E Júnior, eu vi que, já vi muitas fotos de vaqueiros saindo sangrando e tal, mas ele fica meio orgulhoso com aquilo, né?

Júnior – Fica, fica.

Romildo – Por quê?

Júnior – Pra ele é um troféu. Pra ele o prêmio não é nem o dinheiro nem o troféu.

Irineu – Aquele arranhão que ele fica com ele na cara se demorar a sarar aí que ele acha bom, porque aquilo é um troféu pra ele. Até pra conquistar a própria mulher que está ali debaixo de uma barraca, ‘eita! Esse vaqueiro é macho, o cabra é macho mesmo’.

Pesquisador – Eu li nuns livros lá, eu li uma frase assim, para um sertanejo a maior glória é receber um nome de vaqueiro, uma coisa assim. Para um sertanejo... É o protagonista do sertão.

Irineu – Tanto é, tanto é que...

Pesquisador – Que legal...

Irineu – Eu não sei porquê foi que você me achou sem estar com um chapéu de couro na cabeça.

Pesquisador – Você está sempre com ele?

Irineu – É. O pessoal aqui no sertão, que admira essa questão do sertão, defende a cultura, faz questão de andar com um chapéu de couro na cabeça. Seja esse moderno, mais bem trabalhado, modelo de chapéu de artista ou o rústico mesmo.

Pesquisador – É pra firmar uma posição.

Irineu – É. Agora mesmo passei lá onde está papai, deixei pra ele ir pra festa, pra missa domingo com aquele que ele trabalha lá no dia a dia. Aquele bem teiros e, por ganhar com isso, ele comprou várias propriedades, quase dez propriedades, fazendas.

rústico, que é o que foi o que ele mais gostou de usar. Ele não gostou de usar esse chapéu bonito, ele gosta de usar essa coisa rústica mesmo. Já passei e deixei o meu pra ele levar e está lá com ele amanhã... Aquele vermelhinho.

Júnior – É foi aquela coisa que você perguntou, o que era que o vaqueiro de verdade gostava. Ele foi vaqueiro a vida toda.

Pesquisador – Ele foi vaqueiro.

Irineu – Ele foi vaqueiro a vida toda.

Romildo – Teu avô.

Pesquisador – Isso é uma pergunta: e você já não, você se tornou artesão, mestre do couro, sem ter sido vaqueiro, né?

Irineu – Toda vida desde os meus seis sete anos de idade já fazia traquejo com gado. Essa tradição de vaqueiro e trabalhar com couro já é... Aí: Com vinte e um anos, vaqueiro [Júnior].

Romildo – Daqui a pouco advogado, vaqueiro...

Pesquisador – Mas isso é o que eu queria saber, Júnior. A maioria desses vaqueiros eles conseguem fazer também, não, ou eles precisam do mestre?

Júnior – A grande maioria não, aliás...

Irineu – A minoria. A minoria que trabalha com isso.

Pesquisador – Agora, os que são mestres de couro muitos foram vaqueiro.

Irineu – Por exemplo, meu avô não era aquele vaqueiro pra estar todo dia pegando boi brabo no mato, mas montava a cavalo e fazia os traquejos, ou seja, era vaqueiro.

Pesquisador – Tá.

Irineu – Meu pai...

Pesquisador – Você falou ‘seu avô’.

Irineu – Luiz Eugênio Barbosa.

Pesquisador – Luiz Eugênio Barbosa.

Júnior – Mestre Luiz.

[Luiz Eugênio Barbosa, Mestre Luiz > Zé do Mestre > Irineu do Mestre > Júnior]

Pesquisador – Ele já começou com a arte?

Irineu – Luiz Eugênio Barbosa. Aí eu vou lhe contar uma história. Entre parêntesis, Mestre Luiz. Aí veja só, ele nasceu em 1896 e, treze anos de idade, ele era de uma família tão pobre que andava descalço. Aí ganhou um dinheiro aí, uns dez contos de réis pra fazer um mandado e comprou a planta de um couro de uma vaca, já curtida assim. Fez o primeiro calçado pra ele em 1909, com treze anos de idade. Até então andava descalço.

Romildo – Por necessidade.

Irineu – Por necessidade. Tornou-se um dos maiores sapateiros dessa terra. Um dos maiores sapa-

teiros. Chegou a possuir dezesseis chiqueiros de bode. Quase, mais de duas mil cabeças de gado. Ele andava nas feiras com oito jumentos, cada jumento com duas malas de couro cheias de calçados. E ele montado num burro. Uma pessoa ajudando a ele, um tropeiro ajudando a ele guiar os burros, os jumentos. Todas essas feiras aqui até extremado com o Piauí, Oeiras, até extremar com...

Romildo – Oeiras!

Irineu – ...Oeiras, no Piauí, vendendo calçado. O ponto de parada dele... Na quinta-feira ele programava, ele andava com uma pé-de-bodezinha, oito baixos, tocava assim uma sanfoninha de oito baixos.

Pesquisador – Quando você falou, música...

Romildo – Pé-de-bode...

Irineu – É o pé-de-bode.

Romildo – ...É a sanfona de oito baixos.

Irineu – sanfona de oito baixos.

Irineu – Mais uns seis sanfoneiros de pé-de-bode. E o ponto de parada dele na quinta-feira era debaixo de um pé de juazeiro na frente da casa de Januário, pai...

Romildo – O que, na casa que nós estivemos ontem?

Pesquisador – Não sei se é aquela mesma casa.

Romildo – Deve ser!

Irineu – Januário, lá debaixo do pé de Juazeiro.

Sonia – É!

Irineu – Debaixo daquele pé de Juazeiro.

Júnior – Em Araripe, Araripe o nome do povoado.

Pesquisador – Não é aquela mesma não porque aquela o Luiz Gonzaga comprou em 1950.

Romildo – Ah, é?

Irineu – Rancharia. Era rancharia, era rancharia o nome do lugar. Que o velho Luiz Eugênio parava na casa de Januário, na rancharia. Aí, teve essa, toda essa amizade com Januário. Zé do Mestre, tsc... Luiz Eugênio Barbosa com Januário.

Romildo – O pai de... O pai de Luiz.

Irineu – Aí veio a missa do vaqueiro.

Romildo – Que já é?...

Irineu – Nos inícios de... Nos inícios dos anos setenta e um, setenta e dois, setenta e três, aí veio caminhando...

Pesquisador – Com a morte desse Raimundo Jacó.

Irineu – Com a morte de Raimundo Jacó. Que... E aí vem a história de Raimundo Jacó que se encontrou com Luiz Gonzaga, padre João Cândia e Pedro Bandeira numa missa no sítio dos Moreira, bem vizinho lá onde é o parque nacional dos vaqueiros. Aí, rodando aquela música no disco do vinil do coloco como um dos maiores incentivadores daquela área ali. Eu agora há dois meses fui

Luiz Gonzaga. Aí o padre disse: ‘Luiz essa música aí, morte do vaqueiro?’ Aí ele disse, ‘não foi um primo meu que mataram, foi assassinado, outro vaqueiro matou ele’. Aí ele disse, ‘já rezaram uma missa pra esse vaqueiro? Disse ‘não’. ‘E aonde foi que foi matado?’ Aí e ele disse, aí acertaram o dia. Padre... Pedro Bandeira estava tocando a viola no coral da missa. Luiz Gonzaga estava na missa pra tocar uma sanfoninha depois, que era uma festazinha de reisado, essas coisas assim. Aí, acertaram o dia e foram rezar. Chegaram empurrando os paus com as pedras pra poder entrar pro local que foi matado, só que... Aí eles foram e levaram uma cruzinha de madeira e botaram no lugar. Plantaram ao lado da cruz um pezinho de xique-xique pra marcar o local, arrodado de pedra. No outro ano foram, ‘eita! A missa nos *rezemos* tal dia’. Aí mandaram fazer uma leito maior, aí foi juntando mais vaqueiros, já fizeram o altarzinho...

Romildo – É onde nós fomos ontem isso?

Irineu – Cobriram...

Pesquisador – É.

Irineu – Cobriram e foi se criando. Só que no setenta em três, isso foi em setenta e um, aí setenta e três aí a gente já foi, a primeira, eu fui com sete anos de idade.

Pesquisador – Eu não perguntei a sua idade... você tem quantos anos?

Irineu – Quatro ponto oito. Quarenta e oito... Aí, veja só, aí fui no ano passado com quarenta e sete, ou seja, no ano passado eu fiz quarenta anos que vou à missa do vaqueiro. Fui com sete anos montado num boi. Assim, a gente levou o boi no carro...

Pesquisador – E todo ano vocês estão lá?

Irineu – Todo ano a gente vai. E a gente é quem faz, nós lá na Cacimbinha, quem faz os ternos de couro, dez, doze ternos de couro pra sortear pro pessoal.

Pesquisador – Sua mãe falou isso...

Irineu – A organização...

Pesquisador – Eu não entendi isso... Mas eles vão sortear?

Irineu – A organização da festa, pessoal que organiza a festa, manda a gente fazer dez ternos de couro pra sortear pros vaqueiros. Assim como eles compram também umas dez garrotas pra sortear, pra dar aquele incentivo pro vaqueiro voltar com um terno de couro novo, voltar com uma garrota, pra criar. Aí isso como incentivo. Aí a gente, a gente... Eu me coloco como um deles, tá. Um pontinho pequeno, mas eu me coloco como um deles, porque se eu fui em setenta e três a primeira, papai também foi a primeira em setenta e três, e a gente nunca mais deixou de ir e só fez incentivar, eu me

mobilizando. Eu acho que da mobilização que eu faço eu levo cinquenta vaqueiro pra aquela festa. Peço ao prefeito, nem só o de aqui de Salgueiro pra organizar caminhão com caravana pra levar vaqueiro pra missa do vaqueiro. Domingo de manhã a gente sai com um caminhão lá do Bezerra do Lopes com dezessete vaqueiros, outro sai daqui do Posto Caravan ali com oito vaqueiros, outro vai pegar a gente lá na Cacimbinha com mais oito vaqueiros, e assim sai de vários pontos. A mobilização que eu faço, eu boto cinquenta vaqueiros naquela missa do vaqueiro. Por isso que eu estou dizendo isso a você, me colocando mesmo como um pontinho pequeno acho que sou um incentivador daquela festa.

Júnior – Aqui umas imagens das primeiras, uma latadazinha... Aqui o Padre João Cânciao...

Pesquisador – Ainda vivo.

Júnior – Não, ele não é mais vivo e deixou de ser padre, ele largou a batina e casou com dona Helena que é quem está à frente do Instituto Padre João Cânciao, da instituição, da Fundação Padre João Cânciao.

Irineu – Aí foi a segunda missa, aí já foi programada, programada uma latadazinha.

Pesquisador – Essa é o que, setenta e dois?

Irineu – Setenta e dois... Setenta e um eles foram por dentro da Caatinga, não tinha programado nada.

Romildo – Não tinha nada.

Pesquisador – Foto interessante, vou buscar. Está na internet, né?

Júnior – Você pode procurar primeiras missas dos vaqueiros de Serrita. Você vai encontrar muita coisa.

Irineu – Ah, sim, a gente não tem dúvida porque da forma que foi não tinha como ter dúvida. Mas aí a prova do crime foi que, o principal, a gente acha porque Luiz Gonzaga foi na casa do [José] Miguel Lopes e disse olha, ‘você diz que não foi, e a gente vai rezar a missa, se você for a gente vai lhe perdoar’, perdoar só tem um que perdoa, ‘mas a gente vai desculpar você’. Mas ele pegou um ônibus três dias antes da missa e ninguém sabia pra onde é que ele foi. Seis, sete anos depois souberam que estava em São Paulo, ele foi embora e não foi pra missa.

Romildo – Passional o crime?

Irineu – Veja só, é uma história comprida, mas eu vou resumir. Dona Tetê [Tereza Teles] era uma viúva, tinha muito gado, tinha vários vaqueiros. Quem comandava e chefiava os vaqueiros de Dona Tetê era o Raimundo Jacó. São do Afero [José de Sá Barreto] era um viúvo lá do pé da Serra do Arripe. Tinha outra fazenda lá. Ficou viúvo também vaqueiro, caçando Raimundo, mas a maioria era vaqueiro. O cachorro se levantou e partiu no meio dos

lá e se encontrando com dona Tetê resolveram juntar os trapos. Tinha outro grupo de vaqueiros trabalhando na fazenda deles. Quem chefiava o grupo lá do São do Afero era o Miguel Lopes, quando juntaram tudo veio, aí criou aquele ciúme. E aí, juntando os trapos, quem é que vai chefiar? A ficou aquela, aí se viu que por conta de que Raimundo era bom de gado e não deixava pra outro pegar, todo mundo achava que Raimundo era o melhor, aí sempre fez isso, encabeçava, encabeçava. Até que se viu que Miguel puxava confusão com Raimundo, Raimundo tomava umas lapadinhas de cana sempre, não tolerava os xingamentos dele, aí, aqui e acolá, eles...

Romildo – As provocações.

Irineu – Eles discutiam. Em um certo dia eles discutiram e tentaram ir às vias de fato, só que o pessoal entraram no meio, apartaram. Aí o Miguel disse, várias pessoas escutaram, ‘eu não lhe pego hoje aqui porque hoje você tem parente, mas depois eu lhe pego’. Pronto, aí ficou, aí acharam que aquilo ali era só por um momento do afobamento, aí um dia, aí numa luta diária, todo dia aquela luta, aquela luta, teve uma novilha que não deu certo vim no gado e foram buscar a novilha. Aí Raimundo se arrumou pra ir, Miguel foi mais ele. Escureceu não apareceu, no outro dia não apareceu, foram na casa de Miguel, ‘Miguel, e aí? Cadê Raimundo? Não, nós achamos a novilha, corremos com a novilha, ele desapareceu, perdi ele, não achei mais não. Ah, pois nós vamos caçar e você vai mais nós. Não, eu vou fazer um serviço ali, não sei o que, não você vai mais nós pra você dizer onde foi que foi achado. Mas homem, eu tenho um serviço pra fazer. Não, vamos mais nós’. Levaram quase à pulso. Até que acharam o local onde eles correram. Estava o rastro da novilha e dos dois cavalos. E andaram, andaram rastejando, até que ele disse ‘não, nós não fomos por aí não por onde vocês estão olhando, nós fomos por cá. Oxente, e cadê o rastro? Olha o rastro do cavalo, dos dois cavalos e da novilha aqui. Não, nós corremos foi pra cá’. Aí já começou a ele dar, entregar os pontos. Quando chegaram lá no local estavam os paus cheios de urubu já com três dias, depois de setenta e duas horas, os paus *cheio* de *urubu*, a novilha amarrada, começado a botar os arreios, as surrupeias dos *pé* pra mão [inaudível], só começado. Já estava com chocalho e a careta, mas a peia não tinha sido terminada. O cavalo amarrado. O cachorro no pé de Raimundo, Raimundo caído morto. O cachorro no pé, não deixou um urubu sentar. Aí quando chegou dezessete, me parece que eram dezessete ou dezoito vaqueiros, era por aí, caçando, dezessete, aliás, pessoas, não era tudo

vaqueiro pra morder Miguel.

Pesquisador – Pô, mais sinal do que isso.

Irineu – ‘O que é isso? O que é isso?’ E o cachorro insistindo, querendo morder.

Pesquisador – Por que foi à bala? Ele deu um tiro, né?

Irineu – Não, Escute. Deixa eu terminar, concluir aqui. Aí... Olharam, deram uma olhadinha, estava a cabeça dele aqui funda, pra dentro, bem aqui, a nuca dele. Aí caçaram ao redor, com uns quinze metros ou mais, uns vinte metros, acharam uma pedra melada de sangue.

Pesquisador – Acharam tudo.

Irineu – ‘Miguel, e isso aqui?’ Ele disse, ‘ah, nem aqui eu andei. Eu não andei aqui não. Tudo o que está aqui foi eles ali. Olha aqui o rastro dos dois cavalos e das da novilha que chegaram aqui. Não, eu não andei aqui. Não andei aqui não’. A toda hora só se chegava à conclusão. Os peritos naquele tempo eram fracos.

Romildo – A polícia técnica.

Irineu – Não tinha peritos tão especializados que nem tem hoje.

Romildo – Hoje em dia.

Pesquisador – Três dias depois.

Irineu – Aí... E ele sustentando que não foi, sustentando que não foi, ainda passou alguns meses, três meses preso, mas aí não se teve uma prova maior. Soltaram o homem.

Romildo – Era a palavra dele.

Irineu – Era a palavra dele contra...

Romildo – Contra os indícios, de rastros e tal.

Irineu – Certo... Aí teve essa questão da missa que ele não foi.

Pesquisador – Não foi, foi embora.

Irineu – Luiz Gonzaga disse: ‘se você não for, aí sim, aí é mais uma prova, a última que nós tem pra fechar a tampa que foi você mesmo’. Ele ficou três dias desaparecido, três dias da missa desapareceu, depois souberam dele com quase dez anos em São Paulo. E morreu de velho pra lá.

Romildo – Não voltou aqui?

Irineu – Não voltou mais não.

Pesquisador – Não quis saber.

Irineu – Aí todo mundo ficou dizendo que foi Miguel que matou por ciúme. Todo mundo ficou dizendo. Eu mesmo, diante dessa história que os historiadores dizem e que contam essa história, todo mundo que sabe dessa história só conta essa que eu estou lhe contando...

Romildo – O senhor pessoalmente tem o convencimento.

escutei ele dizer algumas vezes, ‘permaneci como se fosse uma homenagem a Virgulino, a Lampião.

Irineu – Eu tenho certeza disso. Não tem como não ter sido ele. E que ele tinha ameaçado pouco tempo antes.

Romildo – Tudo leva a crer.

Irineu – É... Aí vem essa história de Luiz Gonzaga e que Luiz Gonzaga tem uma admiração muito grande pela história, não pelo lado bandido, mas sim pelo lado do herói, por ter enfrentado a turma que ele enfrentou, o governo, tanta gente, coronéis por aí, o...

Pesquisador – Lampião!

Irineu – Lampião... Virgulino Ferreira. Aí ele, já quando foi embora, por conta de um amor mal resolvido, aí mãe dele deu uma pisa nele por conta disso, aí ele foi embora pra São Paulo.

Romildo – A história que Luiz Gonzaga conta nos shows.

Irineu – Aí lá virou artista.

Pesquisador – Isso.

Irineu – Aí pediu pra mãe dele, mandou, que uma pessoa que veio de São Paulo, ‘pois diga a mãe que mande fazer um chapéu e trazer pra mim um chapéu igual ao de Lampião’. Aquele *chapeuzão* grande quebrado na testa. Encomendou e a mãe dele mandou fazer. Quando essa pessoa foi voltar pra São Paulo levou o chapéu e entregou a ele.

Romildo – Quem foi que fez o chapéu?

Irineu – Foi ele que mandou um portador que vinha pra cá e depois ia voltar. ‘Diga a mãe que mande fazer um chapéu igual ao de Lampião e trazer pra mim’. Aí foi quando ele foi se apresentar no programa de Ary Barroso, na Rádio Tupy, porque ele tinha um programa de rádio e tinha um clube, Ary Barroso. Aí ele disse, ‘oxente, e esse *chapeuzão*? Tu arrumou isso aonde, Luiz?’. Aí, Luiz caiu na besteira de dizer, aí foi barrado, ‘ah, porque esse aqui era o chapéu de Lampião, e eu admiro demais Lampião. Lampião era cangaceiro, Luiz. E aí, que artista é esse? Um homem popular defendendo um bandido. Ah, mas é pelo lado herói’. Aí ele barrou. Não deixou ele se apresentar com o chapéu. Aí foi o primeiro chapéu que ele usou.

Pesquisador – Eu não sabia disso, quer dizer o Luiz Gonzaga inaugurou essa coisa do forró vestido, o forrozeiro...

Irineu – Aí então algumas pessoas deram a ideia a ele. ‘Luiz, tu quer usar o couro, mas tu volta um pouco pra questão do vaqueiro. Ah, pois rapaz, é mesmo. Então vou usar o gibão e o chapéu’. Aí passou a usar o gibão e o chapéu. Mas aí, não esqueceu a história, mandou fazer modelo bem bonito para parecer com uma coisa folclórica, artístico mesmo, *chapeuzão* grande quebrado na testa, na frente e atrás, e o gibão. Mas permaneceu, ele disse, eu

Mas mudei porque fui barrado’...

Romildo – Se adaptou à situação. Manteve a homenagem...

Irineu – Continuou com aquele chapéu grande. Só tinha ele que usava. Depois aí veio os imitadores e seguidores. Seguidores, imitadores e admiradores de Luiz Gonzaga, usando esse *chapeuzão* grande, que eu já fiz não sei quantos já pro pessoal que manda eu fazer igual ao do Luiz Gonzaga.

Pesquisador – Claro, virou a referência, né?

Irineu – Aí Luiz Gonzaga juntou o couro com a música, pela admiração ao vaqueiro. As festas que ele fazia aqui com o pai dele, os forrozinhos, no meio daquelas festas, lá no campo, nos povoados, tinha um grande público vaqueiro, dentro da festa, e ele via o vaqueiro lá só não estava vendo é com o gibão, mas o chapéu, chegava do traquejo diário, amarrava o cavalo e passava a noite dançando. O gibãozinho pendurado ali ou em cima da sela, aí ele achou por bem, o público maior dele era vaqueiro misturado com couro, aí ele cantou a vida inteira misturado o couro com a música. Hoje tem vários artistas que usa o couro, o chapéu, uma jaquetinha ou o gibão. Eu peço sempre a eles, mesmo que vocês só cantem, que dá muito calor, mesmo que vocês só cantem três músicas, mas cantem com ou couro. Não por defender uma arte de Irineu do Mestre, mas sim por defender uma cultura folclórica que foi levantada por Luiz Gonzaga. Aí tem vários que usam. O Danilo Pernambucano mesmo canta três músicas do Luiz Gonzaga. Aí ele diz assim que eu acho muito bonito, ele diz: Quem inventou o baião / teve um bom pensamento / pernambucano de Exu / Estrela, dom e talento / foi o rei do Baião Luiz / Gonzaga do Nascimento.

Romildo – Ótimo! Luiz Gonzaga do Nascimento era o nome completo?

Irineu – Era.

Júnior – Tem uma coisa que eu acho muito importante que você está procurando que é a origem da indumentária do vaqueiro. Que na verdade, como a gente sabe, o Brasil começou por Pernambuco.

Irineu – Isso.

Júnior – As primeiras atividades, no início até trinta e quatro foi só exploração. A partir de trinta e quatro foi que começou realmente o desenvolvimento do Brasil, a produção no Brasil. Com a cana-de-açúcar no Agreste, na Zona da Mata e aqui gado, criação de gado.

Pesquisador – Que tinha que ser longe do litoral.

Júnior – Tinha que ser fora das plantações de cana

Europa, né, Júnior? Um gado europeu, né?

Júnior – Não, o primeiro gado do Brasil foi da

que não eram cercadas.

Pesquisador – Tá vendo, pai, porque que eram longe. A colônia obrigou a que a pecuária fosse a trinta quilômetros do litoral porque os gados comeriam a cana.

Júnior – A cana que não era cercada.

Irineu – Que não era cercada.

Romildo – Ah!

Pesquisador – Eu pensava, eu pensei que eles destruíam a terra.

Romildo – E o importante era a cana...

Pesquisador – O importante era a cana.

Romildo – Pra economia da colônia.

Irineu – Veja só.

Júnior – Não é nem isso.

Irineu – Tinha as duas importâncias. Eles viam, desculpe aí, eles viam que o rebanho tinha a sua importância, mas é o que Júnior está dizendo. Aí Júnior tu retoma a conversa. É o Júnior está dizendo: eles não impediram que tivesse o criatório, mas que estivesse pelo menos a trinta quilômetros de distância.

Júnior – Mas que é assim, até 1534 o Brasil foi só exploração. Só tirando madeira...

Romildo – Sim, Pau Brasil...

Júnior – Sim. A partir de 34 foi que a coroa portuguesa entendeu que o Brasil deveria ser produtivo.

Romildo – Com a monocultura.

Júnior – Produzindo a cana no Agreste e na Zona da Mata e produzindo a carne e o leite...

Pesquisador – E o couro.

Júnior – Inclusive para o mundo. Inclusive para o mundo como ainda hoje é. Ainda hoje o Brasil exporta, é o maior exportador de carne do mundo.

Romildo – As *commodities* que chamam hoje.

Júnior – Mas tinham que produzir no Sertão, longe da cana de açúcar e se estabeleceu aqui nessa região ao norte do rio...

Pesquisador – São Francisco.

Júnior – Porque tinha que ser perto do rio e longe da cana-de-açúcar. E foi exatamente aqui porque foi aqui que o Brasil começou, e o vaqueiro foi assim uma das primeiras profissões...

Pesquisador – Dizem que é a única roupa do Brasil colônia que ainda existe, que ainda é usada. A única roupa de trabalho do Brasil colônia.

Júnior – Ainda hoje ela é bem parecida com a original, com as primeiras roupas e foi dessa necessidade. O gado lá era criado em pastais...

Irineu – Eu li uma história uma vez. Eu li uma história uma vez de um tal de um Fábio Pessoa, que escreveu um livro. Ele disse que o... eu nem lembro onde foi que eu encontrei isso. Que o cara foi arrodear um gado. Desse gado que veio, a origem é da

África.

Romildo – Ah, é?

Júnior – Que foi o gado que a gente conhece como gado pé-duro, que até já se extinguiu.

Irineu – Foram juntar o gado e não conseguiram, alguns gados mais brabos, não conseguiram. Eles já tinham amansado um animal, só por amansar, no cabresto ali, no cavalo, lá nessa fazenda. Aí o cara [inaudível] montado. Mas sem, só com a corda e não tinha outro arreio pra botar em cima. Aí o cara, passou pela cabeça, montou no cavalo e foi arrodear, e conseguiu arrodear o gado montado no cavalo. Aí foram fazendo sela e depois, pra se defender dos matos, pegaram o próprio couro do animal e fizeram aquela roupa de couro.

Pesquisador – Irineu, você não acha que é porque também é, se não tinha muita coisa, mas couro tinha muito, né?

Irineu – É.

Pesquisador – Porque, digo, por que a roupa do vaqueiro sertanejo é completamente diferente da roupa do vaqueiro lá do Rio Grande do Sul? Por isso que você tá falando.

Júnior – Porque lá são os pampas gaúchos é aberto, é campo aberto.

Pesquisador – Aí não precisaram criar e adaptar.

Júnior – Você até no começo da conversa falou uma coisa que é bem muito interessante: que os cavaleiros europeus também o cavalo é protegido também.

Pesquisador – Isso.

Júnior – Porque o vaqueiro é uma continuidade do...

Pesquisador – É uma unidade.

Júnior – Ele é o cavaleiro europeu adaptado ao Brasil.

Pesquisador – Perfeito.

Júnior – Ele... Foi o europeu que veio, ele já conhecia de montaria de cavalo. Europa o...

Pesquisador – Mas você, você acha que é certo afirmar que o condicionou essa roupa é o terreno, é a mata... é o sol.

Júnior – É sim.

Irineu – Foi a necessidade.

Pesquisador – A necessidade.

Irineu – Foi a necessidade pra se defender dos paus.

Pesquisador – E não fica um calor infernal lá dentro?

Irineu – Fica, e como fica.

Pesquisador – Vocês não têm ideia da temperatura?

foi que fez tudo. Se você não coloca ainda quentinho não tinha pregado'.

Irineu – Mas você tem que resistir por uma necessidade maior de não se relar nos paus.

Pesquisador – Você fica pingando então, depois.

Júnior – Agora, existe também a adaptação.

Irineu – Até mesmo porque o vaqueiro, o vaqueiro da Caatinga mesmo, onde você vê a luta na Caatinga, ele é bem esbelto mesmo. Magro, magro mesmo.

Pesquisador – Você não vê vaqueiro gordo?

Irineu – Agora, hoje você vê. Lá domingo você vai ver [inaudível], porque é o vaqueiro de final de semana.

Pesquisador – Claro.

Irineu – Toma um churrasco, toma uma cerveja, aí...

Pesquisador – E me diga uma coisa, eu sinto falta de uma proteção maior pros olhos. É, é... o pessoal não fura o olho não?

Irineu – Aí é onde está a história. É onde está a história. É a parte que você vê descoberta. Por dois motivos: um...

Pesquisador – Ele tem que enxergar.

Irineu – [inaudível] ele tem que enxergar e a outra é o que Júnior falou no início da conversa dele depois que estou aqui: é a questão do troféu.

Pesquisador – Tem que ter o troféu.

Irineu – Ele quer se exibir.

Romildo – Mas é perigoso isso.

Irineu – Quer mostrar que orelha está faltando um pedaço, ele quer mostrar que orelha está faltando um pedaço, quer mostrar que algum dente já falta por levar pancada de pau, e assim por diante.

Pesquisador – Perde dente também, Júnior?

Irineu – Perde.

Júnior – E olho eu já vi, com...

Pesquisador – Com olho furado?

Júnior – Com olho furado.

Irineu – Eu sei até de uma história que dois vaqueiros vinham correndo atrás de uma rés e uma ponta de pau pegou e arrancou o olho do vaqueiro. Aí o vaqueiro gritou pro outro: ‘arrancou o meu olho!’. Aí ele disse, ‘nós vamos pegar a novilha’. Aí pegaram a novilha. Quando amarram no pasto...

Pesquisador – [risos] nem param, nem param pra pegar.

Irineu – Aí voltaram, né? Aí voltaram. Aí depois que amarraram, aí voltaram. ‘Vamos caçar, vamos caçar’. Aí o outro vinha caçando, ‘aqui, achei!’. Aí ele com a mão aqui, ‘achei’, ou outro ‘achei, achei’. Pegou, sacudiu as folhas [inaudível] disse, ‘ainda tá quentinho’, aí botou no lugar. Aí chegou, foram procurar a cidade. Quando chegaram na cidade, o médico olhou e disse: ‘rapaz, você deu sorte. O tanto que você foi ágil na situação, a sua esperteza

Júnior – Se não tem sacudido também.

[risos]

Irineu – Nordeste, Ceará, Pernambuco tem muito humorista. Tenha cuidado.

Pesquisador – Não, o mais absurdo é o cara nem parar pra pegar.

Irineu – Aí o cara fez umas traquinagens na cidade, aí foi se esconder. Chegou numa fazenda, pediu emprego na fazenda. Aí o cara disse: ‘Rapaz, só tem emprego de ser vaqueiro’. Ele disse, ‘oxe! De onde eu venho eu sou vaqueiro, rapaz’. Pra poder arrumar emprego, mentiu. Nunca tinha nem visto um cavalo. Aí, ‘amanhã bem cedo tem um gado pra nós pegar. Escolha logo um cavalo aí’. Aí ele foi.

Pesquisador – Pegou o mais brabo.

Irineu – Pá! A mão no bucho do cavalo. Pra ver... Todo cavalo que ele batia pulava bem pro lado. Até que ele bateu num bucho de um e cavalo não se mexeu. Aí ele disse: ‘pronto, esse aqui é o meu’. Aí os cabras: ‘eita, peste! Pois o cabra sabe escolher’. Era o que todo mundo pegava pra ir pro mato porque era o melhor que tinha e de tanto pegarem pra levar pro campo, ele era bem mansinho. Ele bateu e ele ficou. Aí, foi cedo, foram. Aí o cabra se *apregou* em riba desse cavalo pra defender o emprego, foi até, quando a rés caiu, ele tropeçou, caiu por riba, os cabras amarraram. Chegaram, ‘ei, foi o homem que pegou. Foi o homem que pegou’. Aí, a filha do dono da fazenda se engraçou logo por ele, porque apesar de tudo mas era um cara bem vistoso, né? ‘E agora que levei uma pancada na perna tem uma pessoa que puxar minha perneira’. A filha do patrão foi e pegou a perneira pra puxar. Quando puxou estava um fedor de merda puro. O cabra tinha cagado na perneira. Ela puxou e disse: ‘que fedor de merda!’. O cabra veio de lá, o velho, dono da fazenda. Pegou pra puxar a outra perna, pra conferir. ‘Eita! Tá mesmo! Cagou, caboclo?’. Ele disse: ‘oxe! Na hora’. Ele disse: ‘que vaqueiro é esse? Oxe! Aqui só deu tempo de uma vez e lá onde eu era vaqueiro, numa viagem daquela ali, eram três vezes que eu cagava.

[risos]

SEGUNDA PARTE:

Pesquisador – Muito legal ver que você vai, que você não vai abandonar a arte... muito legal. E que bonita essa exposição, hein! Que bonita... A exposição...

Romildo – Agora que você vai ficar sabendo, em contato com o Júnior, onde é que a exposição vai estar, se vai ser remontada. Aí você vai ter...

Pesquisador – Você falou da cachaça e eu vi uma aí foto com queijo e rapadura, o pessoal pegando, né?

Júnior – O ofertório lá na missa do vaqueiro é queijo e rapadura, o ofertório lá.

Romildo – No lugar da hóstia?

Irineu – A gente leva no alforje. A gente leva no alforje. O alforje eu lhe digo em poesia: O alforje é duas bolsas / que o cavalo leva dos lados / com queijo, e rapadura e farinha misturado / mata a fome do vaqueiro / quando vai tanger o gado.

Pesquisador – Muito bom, muito bom.

Romildo – Chico.

Pesquisador – Foi, é... Tá, vamos, vamos... Irineu, vou deixar você, vocês em paz aí um pouquinho, acho que o aprendizado já foi, foi demais e eu te conto... eu vou... vocês já, já fazem parte do meu trabalho, né?

Romildo – E o acordo de vocês?

Pesquisador – Não sei, Irineu, você, você vai, você vai me dar... É preço fixo? Como é que é? Depende do gibão? Porque eu posso...

Júnior – Tu quer o terno, né? Gibão, perneira, luva e guarda-peito?

Irineu – O terno completo.

Pesquisador – Eu estava pensando só no casaco, mas eu estou com vontade de pegar o terno completo.

Irineu – É por que... O que você achou daquele? Você pegou, deu uma olhadinha naquele?

Pesquisador – Dei uma olhadinha, achei...

Irineu – Pode ser daquele jeito?

Pesquisador – Pode. Eu perguntei pra ele inclusive isso, se os vaqueiros preferem os mais ornamentados e tal ou os mais simples.

Irineu – O vaqueiro, o vaqueiro que faz da Caatinga, aquele brabo mesmo, é aquele mais rústico.

Pesquisador – É isso o que eu quero.

Irineu – Agora, quando às vezes algum coloca esses enfeites aqui é porque um dia ele vai pra um desfile de vaqueiro, pra uma missa e quer aparecer um pouquinho, mas geralmente é aquele ali.

Pesquisador – Existe também assim, você já tem um terno, aí você coloca alguma coisa nele, você amplia, você coloca algum desenho a mais?

Irineu – Não, não...

Pesquisador – Tá pronto, tá pronto.

Irineu – Tem a questão de gosto, porque tem vaqueiro que é mais vaidoso, manda fazer, outros é mais simples.

Pesquisador – Não, Eu queria que tivesse algum... Como ele fez, quer dizer, o ornamento pela costura.

Júnior – Pronto.

Irineu – Aquele que você viu lá, pode ser daquele jeito ali?

Pesquisador – Pode, pode.

Irineu – Aqueles dali eu estou levando pra sortear, acertado a oitocentos [reais] cada padrão, com quatro peças, é o gibão, perneira, guarda-peito e luva.

Pesquisador – Oitocentos?

Irineu – Oitocentos?

Pesquisador – As quatro peças?

Irineu – As quatro peças.

Pesquisador – Tá ótimo. É isso aí... E você vai querer, você precisa de adiantamento pro material? Eu deposito um pedaço?

Irineu – Se puder deixar alguma coisa pro material...

Pesquisador – Vai ser oitocentos...

Irineu – Se puder deixar um cinquenta por cento.

Pesquisador – E depois vamos fazer o seguinte, você... eu vou deixar um adiantamento e você vai botar no SEDEX, né? Aí eu deposito o SEDEX na sua conta.

Irineu – Não, eu posso botar a cobrar lá.

Pesquisador – Ah, tem isso?

Irineu – Eu mandei agora, recentemente, descobri [inaudível] pra Cuiabá, no Mato grosso, a cobrar lá.

Romildo – A cobrar lá.

Sonia – Mas não é mais complicado não a cobrar? Porque tem que ter gente em casa.

Irineu – Não, eu preciso do CPF dele. Nome completo e tem que deixar o CPF. Bota aí, se for a cobrar lá...

Sonia – Não precisa a cobrar, porque aí pode entregar na minha casa.

Irineu – Não, porque se for a cobrar tem que ir buscar na agência.

Sonia – É... Melhor você botar... dizer quanto que é, e ele acrescenta...

Irineu – Que só sabe na hora porque é no peso.

Romildo – É no peso. Não pode, não tem como.

Pesquisador – Isso vai levar quanto tempo?

Irineu – Tem agência, tem agência de correio perto?

Sonia – Tem, em Botafogo.

Pesquisador – Isso, isso vai levar quanto tempo?

Irineu – Não, é rápido.

Sonia – Então é melhor no meu nome, entendeu? Porque eu sou aposentada.

Irineu – Duas, três semanas.

Pesquisador – Tá bom. Anota o meu CPF.

Sonia – Bote no meu nome [inaudível] porque eu estou aposentada já.

[inaudível]

Pesquisador – Vocês colocaram pra tirar foto aqui do lado de fora ou trabalhavam, né? Eu perguntei pro Júnior, mas a mesa está agora lá dentro, né?

Sonia – Aliás é melhor colocar o nome todo.

Irineu – E ali ao lado, ali ao lado vai ser...

Pesquisador – Aqui tem quatrocentos.

Irineu – A sala pra gente trabalhar.

Pesquisador – Júnior, Júnior, então...

Romildo – Cinquenta por cento.

Pesquisador – Cinquenta por cento e falta o envio, né?

Romildo – Isso é o que, chico? É... quantas peças são?

Pesquisador – Quatro.

Irineu – São quatro peças: gibão, perneira, guarda-peito e luvas.

Pesquisador – Que maravilha!

Romildo – Gibão, perneira...

Irineu – Guarda-peito...

Pesquisador – É melhor pegar as quatro porque depois eu vou me arrepender.

Irineu – É a indumentária completa.

Sonia – O endereço é aquele que você anotou, na rua São Clemente, tá?

Romildo – O chapéu é por fora?

Irineu – O chapéu é por fora. Se você quiser botar o chapéu do vaqueiro aí vai aumentar cem reais. Porque aí fica completo.

Romildo – Mas o teu trabalho é...

Irineu – O chapéu rústico também. Se você quiser botar...

Pesquisador – Eu quero, mas aí tudo bem eu complementar depois? Você tem aí mais cinquenta, mãe? Eu quero...

Irineu – Pra ficar completo de fato tem que botar o chapéu mais a bota. Bota de vaqueiro. A bota que ele trabalha na Caatinga é essa daqui, que é dura aqui na frente.

Pesquisador – Quer dizer... Eu achava que era livre o calçado. Quer dizer que o calçado é mais a bota. A alpercata não usam, né?

Irineu – A bota do vaqueiro. Essa, essa é a que ele usa na Caatinga mesmo: couro de bode.

Pesquisador – É pesada! É pesada... Couro de

bode, mas eu não consigo ver a diferença assim a olho nu não, né?

Irineu – Por exemplo, esse aqui é couro de bode, mas a gente bota um calço aqui de couro de gado pra ficar duro, pro espinho não furar. E aqui, olha, é de couro de gado.

Pesquisador – Ah! Espere aí, então esse aqui é couro de bode?

Júnior – Esse aqui é couro de boi. Esse que é mais grosso aqui é boi.

Irineu – A gente chama de sola.

Pesquisador – E como é que ficou tão duro aqui?

Irineu – Não, tem que ser desse jeito pro espinho não entrar...

Irineu – Tem várias peças aqui...

Pesquisador – Colada uma em cima da outra. Poxa, eu vou ter que levar o sapato. Eu não sabia que o sapato fazia parte da indumentária.

Irineu – Veja só.

Sonia – Não tem um sapato pra vender aí não, pra levar logo?

Irineu – Esse aí.

Pesquisador – Quanto é que é o sapato?

Irineu – Esse é cento e cinquenta.

Pesquisador – Que número é esse?

Irineu – Quarenta e um.

Pesquisador – Quase dá em mim. Eu calço quarenta e um, barra quarenta e dois. Mas é que eu tenho corpo de vaqueiro, rapaz, sou baixinho, sou magro.

Romildo – Você está pensando em fazer a pega do boi?

Pesquisador – Não, não tenho coragem não. E se eu tivesse coragem pra subir num cavalo, eu ia andar de óculos escuros pra não furar o olho. Não é pra mim não, é pra pesquisa.

Irineu – Se você quiser que eu mande o chapéu junto com o terno, aí aumenta só mais cem reais no terno. Aí no caso vai cinco peças.

Pesquisador – Então olha só, pra não confundir as coisas: isso aqui é o sapato: tá pago. Mais cinquenta, Júnior. Eu paguei quatrocentos e cinquenta.

Irineu – Tá faltando, tá faltando o gibão, a perneira, a luva e o chapéu.

Pesquisador – Perfeito.

Irineu – Bote aí ‘haver’, bote aí só ‘haver quatrocentos e cinquenta reais’.

Pesquisador – Tá. Pagar quatrocentos e cinquenta e eu vou receber um gibão...

Irineu – Isso.

Pesquisador – Um gibão, uma perneira, guarda-peito e chapéu... não, luvas... Estou doido pra ver a sua luva, Irineu, porque eu tenho a luva lá também do Seu Espedito... Guarda-peito e perneira... e

chapéu.

Irineu – Dita pra mim pra ver se está tudo aí.

Pesquisador – Gibão, perneira, guarda-peito, luva e chapéu.

Irineu – Gibão, perneira, guarda-peito, luva e chapéu.

Pesquisador – E eu estou levando o sapato...

Irineu – Eu às vezes conto as histórias que passo quando nas minhas lutas diárias.

Pesquisador – Você chama de bota, não é sapato não, né?

Irineu – É, bota de vaqueiro.

Júnior – Essa é bota de vaqueiro.

Irineu – Eu, eu um dia fui sair pro campo meio vexado, aí calcei as botas e deixei aqui, um pé estava imprensando. Digo: ou o meu pé cresceu ou a bota diminuiu. E andei o dia todinho, quando chegou de tardezinha, quando eu tirei o pé, caiu um rato morto de dentro.

Pesquisador – Putz!

Irineu – Matei o rato dentro da bota. Campeei o dia todinho com o rato dentro da bota.

Maria Lucimar – Ele foi tirar a...

Pesquisador – Matou o rato...

Irineu – Ou o meu pé cresceu ou a bota diminuiu.

Pesquisador – Um rato...

[inaudível]

Irineu – Dominginhos tem aquela música. E... ele um dia tocando, né? Aquela música e só repetindo uma coisa só. Aí, aí Luiz Gonzaga disse: ‘o que isso, Dominginhos? Enxugando o rato’. Aí ficou a música e botaram o nome: enxugando o rato.

Romildo – O seu Zé do Mestre você vai conhecer para o ano, né?

Irineu – Você vai estar na missa?

Maria Lucimar – Ele vai estar lá.

Pesquisador – Eu vou embora amanhã de manhã. Eu achava que a missa era o tempo todo. Não sabia que a missa era...

Romildo – O problema é o seguinte: quem está aposentado aqui é ela e eu. Pra mim todo dia é domingo, mas ele já está com uma viagem pra Argentina segunda-feira.

Pesquisador – Eu vou voltar outras vezes. Eu tenho três anos mais de pesquisa.

[inaudível]

Irineu – A propriedade lá, ele corrige a propriedade. [inaudível] Quer dizer, a continuidade está garantida. Mais uma geração.

Sonia – Olha a responsabilidade, hein!

Irineu – Eu digo pra você, eu digo pra você: toda a minha família com essa arte, eu digo em poesia: que sou neto de Luiz Eugênio...

Sonia – Grava aí!

Pesquisador – Espera aí, estou gravando.

Irineu – Sou neto de Luiz Eugênio e Antônia da Conceição.

Pesquisador – São eles!

Irineu – É... Fazendeiros do Olho D’água que foram bons artesãos. Depois você vê, escuta a poesia: sou neto de Luiz Eugênio e Antônia da Conceição / fazendeiros do Olho D’água que foram bons artesãos / montei meu atelier e trabalho com prazer fazendo peças à mão / que eu nasci na Cacimbinha, naquele belo torrão / sou filho de Zé do Mestre e Dona Toinha e também sou artesão / tornei-me um artista nato, hoje vivo do artesanato por ofício e vocação / três filhos maravilhosos chegou sem dizer que vinham / quem ganhou foi Irineu, Lucimar e a Cacimbinha / presente da natureza, Deus me deu essa beleza / Júnior, Bruno e Lavínia / fez ser Irineu do Mestre, esse artesão varonil / fiz chapéu e fiz gibão pros vaqueiro vestir / também fiz chapéu de classe pros artistas do Brasil / porque eu sou filho dessa terra e não nego o meu natural / me sinto muito feliz por lutar com um animal / sempre vivi na labuta [inaudível] a luta e minha escola o curral.

Pesquisador – Posso tirar uma foto com vocês?

5. Encontro com Romildo Aprijo na missa do vaqueiro (2015)

<https://soundcloud.com/francisco-valle-302444709/encontro-com-romildo-aprijo-na-missa-do-vaqueiro-2015>



Realizada no dia 22 de julho de 2017

Pesquisador – Ele está contando aqui, ele está contando aqui a história de como, como... Esse aqui foi o traje que o pai dele fez pro Luiz Gonzaga. Aí, como é que foi? Ele, ele usava muita a estrela, foi fazer um show em Moscou e aí não pôde usar a roupa, porque tinha muita estrela.

Romildo – Ele queria, ele queria um material que fosse conhecido, Luiz Gonzaga, sem esse material ele era um simples cidadão comum, as crianças não o reconheciam, as pessoas. Não era o Luiz Gonzaga, era um cidadão tipo comum. Aí foi quando ele procurou meu pai. Soube que meu pai trabalhava muito bem. Marcou um hotel lá em Serra Talhada já. Meu pai de Exu não conhecia ele. Eu sou filho de Serra Talhada, meu pai é filho de Exu.

Romildo Valle – Seu pai é o?

Pesquisador – José Aprijo!

Romildo – É o Aprijo... Aí veja só, olha, ‘Aprijo, é seguinte, eu sei que você trabalha muito bem. Eu estou com um material no carro que eu trouxe exclusivamente do Rio de Janeiro. Lá tem um material muito bacana [inaudível] e está aqui ao seu critério. Eu quero que você confeccione uma peça... Eu quero completo, dos pés à cabeça’. Aí meu pai olhou assim: ‘mais que responsabilidade [...]. Daqui a dois meses eu mando entregar’. Aí meu pai, ‘vem cá, esse cara já tem estrela, já tem tudo, o que é que eu crio pra ele’. Aí meu pai se inspirou em um girassol.

Pesquisador – Girassol...

Romildo Valle – Ah, tá!

Pesquisador – Porque é uma das fases, no começo Luiz Gonzaga estava de vaqueiro mesmo.

[interrupção]

Romildo – Aí ele foi [inaudível] e começou. E ele no papel, com medo daquela responsabilidade de cortar o material do homem e fazer uma bobagem. Pesada a responsabilidade. Eu na palestra lá falei: foi um desafio.

Pesquisador – E ele contribuiu pra mudar a imagem do Luiz Gonzaga, ficou mais sofisticada.

Romildo – E Luiz Gonzaga estava apagado também, por incrível que pareça.

Romildo Valle – Isso é o ano de?

Romildo – Oitenta. Setenta e nove pra oitenta.

Pesquisador – A fase com o Gonzaguinha, né?

Romildo – Pronto, muito bem.

Pesquisador – O acabamento do Romildo não tem igual. Esse é...

Romildo – Esse é o original... Aí engraçado rapaz, tem tanta história.

Romildo Valle – Uma réplica, né?

Pesquisador – Uma réplica.

Romildo – Bem pertinho tem uns furinhos de máquina. Tem uns furinhos de máquina e meu pai bolou um ‘S’ de Santana e um ‘G’ de Januário, de um lado e do outro. Tem só a pontuaçõzinha de máquina. O ‘S’ de Santana de ‘G’ de Januário.

Pesquisador – Isso aqui é uma réplica. Você refez a pontuação?

Romildo – Isso. Aí colocou em couro mesmo, tá entendendo? Fez o ‘S’ e o ‘G’. Aí veja só: aí no Crato, chegou no Crato, quem veio pegar foi um funcionário, ele deu nada não. Quem veio pegar foi o funcionário dele, lá no Crato. Meu pai entregou tudo e ele: ‘é eu gostei, agora, se o povo gostar’. E

era cheio de onda. E esse ‘s’ eu não gostei não, não o ‘S’ nem o ‘G’ não. Mas meu pai também muito rude, pois pronto, pegou a faquinha, tirou e disse ‘faz outro’. Meu irmão, mas não encaixou nada, ficou só [risos]. Essa porra não me pagou, que porra de Luiz Gonzaga, naquele tempo... Meu irmão, foi o maior sucesso.

Pesquisador – Quem falou isso foi o Luiz Gonzaga, não, foi o funcionário que foi pegar.

Romildo – Foi.

Pesquisador – E acabou que ele adorou?

Romildo – Oxe!

Pesquisador – Ele mandou resposta pro teu pai, pra dizer que tinha gostado?

Romildo – Rapaz, onde ele chegou que a viu, aí ele abraçou. Era louco pro meu pai vim com ele. Era sucesso. Estourou, estourou...

Pesquisador – Que maravilha...

Romildo – Foi tanto que ele levou, ele era um cara que não se separava disso aqui não [o chapéu de couro]. Outra coisa que ele criou — Vou te dar um desse aqui — Outra coisa que ele exigiu, os antigos artesãos dele eram muito rústicos. Ele exigiu. ‘Olha eu quero também o chapéu pra quando eu viajar, colocar aqui na mala...

Pesquisador – Que maravilha!

Romildo – Que não tinha muito espaço. E o chapéu [...] Luiz Gonzaga, não Lampião, pra entrar em todos os países. Aí foi um sucesso, aí simbolizou.

Pesquisador – Esse detalhe é muito importante, já é uma variação, já é uma mudança.

Romildo – Francisco, fique à vontade. Se quiser tirar foto.

6. Entrevista de Francinilda, ex-participante de pega de boi

<https://soundcloud.com/francisco-valle-302444709/entrevista-de-francinilda>

<https://www.youtube.com/watch?v=sYFgJFDd72M>



Realizada no dia 22 de julho de 2017

Pesquisador – Como eu tinha interesse de encontrar uma pessoa, uma mulher que lidasse com a pega do boi e tal, é... foi muito fácil, foi a primeira pessoa com quem eu falei, mas então, Francinilda, qual é a sua idade?

Francinilda – Vinte e três anos.

Pesquisador – Nossa, vinte e três anos! Então, aí você começou a andar de cavalo com que idade?

Francinilda – Depois dos meus dez anos.

Pesquisador – Dez anos. E agora você parou o quê... No ano passado...

Francinilda – Parei, mas todo final de semana eu

estou nas pegas de boi, sempre é mais trabalhando. Mas eu pago pra equipe, a gente é da equipe que corre, você paga pra equipe correr. E se a gente ganhar, é difícil a gente perder, a gente racha o que a gente ganhar.

Pesquisador – Maravilha. Mas você então tem lá o seu gibão, você continua lá tendo o seu gibão e sua roupa completa em casa?

Francinilda – Sim.

Pesquisador – Quem fez a roupa pra você ou você comprou?

Francinilda – Foi o pessoal.... Sabe quem é

Helena Cândia? A mãe de Tiago Cândia, a mulher do finado padre João Cândia. Eles têm uma casa apropriada pra fazer dentro de Serrita.

Pesquisador – Dentro de Serrita... Aí fazem sob medida?

Francinilda – Eles fazem medidas...

[inaudível]

Pesquisador – Depois eu queria ver se você me mandava essa foto então.

Francinilda – Eu tenho um *zap*. Você tem *zap*?

Pesquisador – Tenho... Perfeito. Bom a gente vai continuar conversando, eu vou... Mas me diga uma coisa. Você... É pegar o quê? Você derruba o boi primeiro?

Francinilda – Tem tabuleta, tira a tabuleta e deixa o boi pra lá pra Caatinga. O que vale aqui é só trazer a tabuleta pra cá.

Pesquisador – Ah!

Francinilda – E a solta, geralmente o pessoal aqui faz dez vagas, oito vagas, cinco vagas. Vamos supor, a primeira pega, aí eles não botam muito a premiação porque é a primeira vez que vai fazer. Bota, vamos supor, mil reais, bota cinco vagas de duzentos, todos já pegam o troféu.

Pesquisador – Certo.

Francinilda – Aí eles botam, eles botam um chovalho, às vezes também, às vezes não botam nada, mas aí o vaqueiro tem que ir lá no mato e trazer. Provar que ele pegou. Não sendo, não vale de jeito nenhum.

Pesquisador – Entendi.

Francinilda – Agora a pé de porteira, aí tem que trazer só a tabuleta. Trouxa a tabuleta dentro, em menos do que os três minutos, quem pegar em menos minutos é quem ganha.

Pesquisador – Essa tabuleta a gente não está vendo ainda?

Francinilda – Tá lá na frente.

Pesquisador – Lá na frente tem a tabuleta.

Francinilda – É uma tabuleta assim com a numeração. Eles botam de um até a quantidade de bois. Ano passado foi corrido de um a trezentos e sessenta. Foi a maior pega de boi que teve aqui foi essa. Este ano a gente queria fechar em quatrocentos.

Pesquisador – Bom, vamos lá.

Francinilda – É um cordinha que bota com um pedacinho de couro, aí bota a numeração.

Pesquisador – E a prova de que ele conseguiu pegar.

7. Entrevista de Vinícius, jovem vaqueiro

<https://soundcloud.com/francisco-valle-302444709/entrevista-de-vinicius-jovem-vaqueiro-na-pega-do-boi-de-serrita-2017/s-GQ01A>

<https://youtu.be/QGAz794YWTI>



Realizada no dia 22 de julho de 2017

Pesquisador – Vinícius, qual é o seu nome completo?

Vinícius – Vinícius Paiva da Silva.

Pesquisador – Qual é a sua idade?

Vinícius – Tenho dezessete anos.

Pesquisador – Dezessete anos. Qual é o nome da fazenda onde você trabalha?

Vinícius – Na fazenda, trabalho na Fazenda Onça.

Pesquisador – Fica?

Vinícius – Exu, Pernambuco.

Pesquisador – Perfeito. Perfeito. Você tem filho ainda não, né? Você é novo...

Vinícius – Tá pra chegar um menino.

Pesquisador – Ok. Há quanto tempo você é vaqueiro?

Vinícius – Faz uns cinco anos já.

Pesquisador – Cinco anos. Como você se tornou vaqueiro?

Vinícius – É porque, tradição de família. Do mais velho ao mais novo. Aí vai pegando gosto, aí eu me tornei vaqueiro.

Pesquisador – Então, eu ia perguntar, você tem outros vaqueiros na família, você teve pai, avô vaqueiro, parentes vaqueiros.

Vinícius – Isso.

Pesquisador – Como vaqueiro, qual é a sua rotina de trabalho? Quanto tempo você trabalha por dia?

Vinícius – De manhã cedo, quatro horas da manhã é a hora de tirar o leite, aí quando acaba, vai dar a ração aos bichos, aí quando vai olhar a hora, já é perto da hora do almoço, aí depois vai campear gado.

Pesquisador – Tá. Agora, é.... A roupa de couro você usa em todas as situações, não?

Vinícius – Só quando vai pegar gado na Caatinga, pra caçar uma novilha ou outra coisa assim.

Pesquisador – Uma pergunta que é assim: qual é a importância da roupa de couro pro vaqueiro?

Vinícius – É um troféu. É um troféu. É que nem o paletó do presidente. É [inaudível] demais.

Pesquisador – É o que você sente quando você veste a roupa do vaqueiro?

Vinícius – Dá uma emoção. Sinto que eu estou mais vivo, assim.

Pesquisador – Uma pergunta que não sei se é fácil de responder, assim: uma roupa do vaqueiro dura quanto tempo?

Vinícius – Se todo dia, se a pessoa usar todo dia no meio do mato, não dura quase não, uns dois anos no máximo.

Pesquisador – Essa sua roupa você comprou de alguém, você mandou fazer?

Vinícius – Feita de encomenda.

Pesquisador – Aí você tem o artesão que você gosta?

Vinícius – É o artesão certo pra fazer ela.

Pesquisador – No caso você pode dizer o nome que de quem fez a sua [Vinícius acenou negativamente dando a entender que não se recorda].

Pesquisador – Pra você tem uma peça da roupa que é mais importante que outra?

Vinícius – O chapéu de couro.

Pesquisador – O chapéu é mais importante que o gibão?

Vinícius – É. Porque o chapéu protege de espinhos na cabeça e outras coisas.

Pesquisador – Perfeito. E... Então você respondeu minha... É possível trabalhar sem a roupa, mas entrando no mato o risco de se machucar é muito grande?

Vinícius – É muito grande.

Pesquisador – Eu estou vendo que você está com uns machucados no rosto. Isso são marcas que o vaqueiro gosta de mostrar?

Vinícius – O vaqueiro gosta de mostrar

Pesquisador – Bia, faltou alguma coisa aqui com o Vinícius? Quantas roupas você já teve?

Vinícius – Com essa já é a terceira.

Pesquisador – Terceira. Ah! Uma pergunta importante pra mim: o que faz da roupa do vaqueiro uma roupa boa?

Vinícius – Depende do couro, como é que se diz, do artesão cortar o couro, o tecido ficar no [inaudível] certo.

Pesquisador – E se, e quando a roupa vai envelhecendo ela vai melhorando?

Vinícius – Ela vai se desgastando. Aí tipo, ela vai se desgastando, aí começa a se rasgar, aí vai se acabando.

Pesquisador – Tá, então. Mas quando você compra ela e o couro ainda está duro, o vaqueiro gosta?

Vinícius – O vaqueiro gosta.

Pesquisador – Tá bom.

8. Entrevista de Antônio Alves dos Santos, vaqueiro de 66 anos

<https://soundcloud.com/francisco-valle-302444709/entrevista-de-antonio-alves-1/s-Vn8Bt>

<https://youtu.be/SzSfKvjF8ow>



Realizada no dia 22 de julho de 2017.

Pesquisador – Qual é o seu nome completo?

Antônio – Antônio Alves dos Santos.

Pesquisador – E a sua idade?

Antônio – Sessenta e... Sessenta e seis anos.

Pesquisador – Onde você trabalha como vaqueiro?

Antônio – Trabalho no Saco da Serra, fazenda Novo Horizonte.

Pesquisador – Há quanto tempo você é vaqueiro.

Antônio – A partir de dezesseis anos de idade eu comecei a trabalhar.

Pesquisador – Até hoje?

Antônio – Até hoje, é.

Pesquisador – E você teve filhos?

Antônio – Tenho. Por sinal eu tenho um neto aqui que tá aí correndo aí.

Pesquisador – E que você se tornou também vaqueiro?

Antônio – Vaqueiro, é.

Pesquisador – E como você se tornou vaqueiro? Veio da família?

Antônio – Tem... Descendência da família já...

Pesquisador – Pai?

Antônio – Pai, avô...

Pesquisador – Eram vaqueiros?

Antônio – Tudo já vem de origem.

Pesquisador – Eu tinha essa pergunta, se existem outros vaqueiros na família, você já respondeu, né? E a sua rotina de trabalho como vaqueiro hoje em dia qual é? Você ainda...

Antônio – É tirar o leite, botar o gado no curral, né... Juntar o gado. Agora a minha lida mais só essa aí. Com sessenta e seis anos a minha lida é só essa

daí: juntar o gado, tirar leite, dar ração...

Pesquisador – Mas você já entrou muito no mato pra ir atrás de...

Antônio – Oxe! A minha profissão era essa: pegar boi no mato, era.

Pesquisador – E qual é a importância da roupa de couro para você?

Antônio – É muito importante a roupa de couro pro vaqueiro... É muito importante isso aí. É muito importante.

Pesquisador – O que é que você sente, o que é que um vaqueiro sente quando ele veste a roupa de couro?

Antônio – Ah! Tudo na vida. De tudo de bom aparece no pensamento dele. De tudo de bom. Só tem prazer. O vaqueiro só tem prazer.

Pesquisador – Dá pra você dizer assim, que tem uma peça que mais importante dentro da roupa do vaqueiro? Qual é a peça mais importante?

Antônio – a peça mais importante é a perneira.

Pesquisador – Perneira?

Antônio – Perneira, é...

Pesquisador – Você já teve muitas roupas de couro durante a vida?

Antônio – Várias, várias, várias, várias...

Pesquisador – E o que faz de uma roupa de couro boa? O que é uma boa roupa de vaqueiro?

Antônio – É uma peça, uma perneira bem feita, um gibão bem feito, um guarda-peito bem feito, uma luva bem feita...

Pesquisador – Mas ela é boa quando é nova ou quando vai envelhecendo?

Antônio – Quanto mais você usa mais fica melhor. Mais gosto se cria com ela.

Pesquisador – É possível o vaqueiro trabalhar da mesma forma dentro do mato sem a roupa de couro?

Antônio – É não... É não.

Pesquisador – Não tem mesmo resultado.

Antônio – Fica desprotegido demais. O cabra faz mas é se corta todo. Leva ‘*eslepada*’.

Pesquisador – Uma pergunta última é assim: as mulheres elas admiram a roupa do vaqueiro?

Antônio – Admiram, admiram, admiram, admiram.

Pesquisador – Ou seja, o vaqueiro... O bom vaqueiro ele chama a atenção?

Antônio – Chama, chama, chama... Com certeza.

Pesquisador – Muito bem.

Antônio – Quando o vaqueiro vem pronto a mulher sempre tem por ele, tem atenção por ele.

Pesquisador – Você já se imaginou tendo outra profissão que não de vaqueiro?

Antônio – Não, não... Nunca pensei na minha vida não.

Pesquisador – Nunca pensou?

Antônio – Não... Nunca pensei não.

Pesquisador – Muito bom.

Antônio – Porque eu nasci dentro da luta. Minha

luta toda vida foi, nasci dentro do curral, de pequeno minha família toda tinha gado já. A gente nascemos dentro da luta já. Tirando, eu era um moleque, tirando leite já, aprendi, aí pronto, aí... É tudo assim.

Pesquisador – E na sua vida de vaqueiro você viu mulheres trabalhando como vaqueiras?

Antônio – Já! Já, já... Muitas!

Pesquisador – Boas?

Antônio – Boas, boas, boas... Mulher que faz tudo.

Pesquisador – Tudo? Então não tem preconceito?

Antônio – Não, ela pega na chibata, pega no machado, pega na alavanca, pega na *maceta*, veste os couros pra ir pro mato quando juntar uma réis, pegar, tira leite, faz queijo... A mulher é completa.

Pesquisador – É isso mesmo.

Antônio – É.

Pesquisador – Muito obrigado.

Antônio – De nada.

[...]

Pesquisador – Você acha que o vaqueiro sertanejo vai acabar?

Antônio – Acaba não.

Pesquisador – E a sua roupa de couro continua?

Antônio – Continua, do mesmo jeito. Não se acaba mais nunca na vida.

9. Entrevista de Francisco Sérgio Lopes, vaqueiro de 38 anos

<https://soundcloud.com/francisco-valle-302444709/entrevista-de-francisco-sergio-lobes-vaqueiro-de-38-anos>



Realizada no dia 22 de julho de 2017.

Pesquisador – Sou Francisco. Sou da Universidade ‘Estadual’ do Rio de Janeiro e estou estudando a roupa do vaqueiro. Aí, eu começaria perguntando o seguinte: o seu nome completo?

Entrevistado – Francisco Sérgio Lopes.

Pesquisador – Idade?

Francisco – Trinta e oito anos.

Pesquisador – Perfeito. Onde você trabalha como vaqueiro, ou onde trabalhou, ou onde trabalha como vaqueiro?

Francisco – Eu nasci aqui em Angico, que tá apenas a seis quilômetros aqui do Jacó. O meu pai sempre foi vaqueiro. Nasceu aqui. Meu pai morreu há quinze anos, no mato. Então, meu tio é vaqueiro. A família é de vaqueiros.

Pesquisador – Perfeito. Há quanto tempo você é vaqueiro?

Francisco – Desde que nasci. Desde que eu nasci.

Pesquisador – Você já tem filhos?

Francisco – Tenho, mas moram em São Paulo.

Pesquisador – Não se interessou pelo...

Francisco – Meus filhos é o seguinte. É porque, às vezes em São Paulo, a gente aqui, é um lugar muito *castigante*, a gente precisa voltar pra conhecer outro mundo através de financeiras, de coisas financeiras. Aí eu fui tentar trabalho, arrumei a família lá em São Paulo, aí lá arrumei os filhos e lá em São Paulo tenho dois filhos.

Pesquisador – Perfeito. Mas hoje em dia você é vaqueiro e tem uma rotina de trabalho de vaqueiro?

Francisco – De vaqueiro.

Pesquisador – Tá. Passando um pouquinho pra questão da roupa, eu queria fazer uma pergunta que pra mim é muito importante: qual é a importância

dessa roupa pro seu trabalho?

Francisco – Ah, rapaz... Aqui é uma coisa muito grã-fina. Às vezes você vê um doutor formado, com um paletó que vem com dois bolsos, às vezes você acha que ele está com tudo na vida, mas a educação vem d’um vaqueiro. A roupa do vaqueiro significa... Igual ao senhor pegar o seu diploma na mão, quando se formar um dia no maior estudo que você já se formou. O gibão ele se transforma no paletó mais lindo do mundo, até melhor do que o do presidente. Que protege dos espinhos da **jurema**, da **catigueira**. Às vezes você até dorme em cima dele [inaudível] do meio dia. O gibão de couro é uma coisa importante, é um artesão [inaudível] você, o guarda-peito também protege o peito e o coração.

Pesquisador – E o que você sente quando veste o gibão, a roupa completa, o terno completo?

Francisco – Aí você vai pra guerra, né? É porque se você vestir aquelas mangas de guerra, pra você ir guerrilhar, você sabe que está trajado. Você [inaudível] Espinhos que não espinha. É muito interessante isso.

Pesquisador – E dá pra você dizer assim, o que faz, o que, quando é que a roupa é boa? O que faz da roupa boa? Quando é que a roupa de couro é uma boa roupa de couro?

Francisco – Quando você passa dentro de um arame. Dentro de um **xique-xique**, **mandacaru** espinhado, de um galho de **juazeiro** cheio de ponta de pau que você passa, às vezes tem só um risco que acontece ou aconteceu [inaudível].

Pesquisador – Você teria como dizer qual é peça mais importante, todas são importantes ou tem uma peça que é mais fundamental entre todas as peças

da roupa do vaqueiro?

Francisco – O chapéu de couro é importante pra você correr abaixado no cavalo, sempre na frente, a cabeça vai sempre na frente, mas realmente, é, chapéu, gibão, guarda-peito, as luvas, as perneiras e o sapato faz parte do vaqueiro.

Pesquisador – É possível trabalhar da mesma forma se o cara não tiver uma roupa de couro?

Francisco – Sim, sim. Porque o vaqueiro está no seu coração, na sua força. [inaudível] sai pra Caatinga, com o seu gado, e você tá em pano, sem couro nenhum. O gado sai fora da rota, você e pega também.

Pesquisador – Uma pergunta um pouco indiscreta, as mulheres admiram a roupa do vaqueiro e a profissão do vaqueiro?

Francisco – Rapaz, é o seguinte, a sua pergunta é a minha resposta. Obrigado pelo senhor aqui e pela sua senhora. É muito importante. O interessante é que a minha esposa... Cuidado!

[um boi desgarrado avança sobre o entrevistador]

Pesquisador – Tá bom, tudo bem.

Francisco – Viu aí? Acontece. Viu aí?

Pesquisador – Tá tudo certo?

Francisco – Fique tranquilo. É interessante. E assim, aqui é festa de gado. Fique tranquilo. É importante a sua pergunta. A minha esposa, ela é professora, eu não conhecia ela. Na faculdade de Salgueiro ela faz curso. A gente se conheceu através de pega de gado. O que acontece: o vaqueiro do mato, da Caatinga e uma mulher alinhada, formada, a gente tá junto. Então Deus sabe o que faz. Deus mantém você numa profissão, pessoas diferentes pra se unir e pra mostrar que ser feliz na vida, todo mundo sabe o que faz. Aí e o seguinte, muito obrigado por ter vindo aqui ao Jacó pelas filmagens, fazendo coisas lindas, maravilhosas, eu acho o seguinte, mais ou menos assim:

[Cantando uma toada]

obrigado essa tevê
que vai pra televisão
esse aqui é um grande homem
tá fazendo até *pesquisa*
sobre a cultura do vaqueiro
e também sobre o gibão

9. Entrevista de Jonas, vaqueiro de 20 anos

<https://soundcloud.com/francisco-valle-302444709/sets/entrevista-vaqueiro-de-20-anos-bebado-na-pega-do-boi-2017>



Realizada no dia 22 de julho de 2017.

Pesquisador – Qual é o seu nome?

Entrevistado – Meu nome é Jonas.

Pesquisador – Perfeito. Qual é a sua idade, Jonas?

Jonas – Vinte anos.

Pesquisador – E onde você trabalha como

vaqueiro, em que cidade?

Jonas – Eu trabalho não é em cidade não, é no sertão, ali na Ingazeira, Avenida Ingazeira.

Pesquisador – Ok.

Jonas – Município de Serrita.

Pesquisador – Você já tem filhos?

Jonas – Tem não.

Pesquisador – Tá. E há quanto tempo você já trabalha como vaqueiro?

Jonas – Desde os quinze anos... E eu já tenho vinte e dois.

Pesquisador – E como é que você se tornou um vaqueiro?

Jonas – Eu me tornei um vaqueiro pela vontade, a vontade. Deus foi me dando aquele dom, eu vendo vaqueiro correndo, aí foi crescendo minha emoção, aí eu mudei o destino. Eu digo, meu destino vai ser, ser vaqueiro.

Pesquisador – Mas existem outros vaqueiros na sua família?

Jonas – Na minha família tem é muito. Tem meu pai, que era vaqueiro, que é esse coronel aí... Já tem. Tem sobrinho vaqueiro, tem irmão, tem primo. A minha família se tornou uma explosão de vaqueiros, porque tudo é vaqueiro.

Pesquisador – Que maravilha.

Jonas – Esse velho aí é meu pai, tem oitenta e nove anos.

Pesquisador – Também foi vaqueiro?

Jonas – Foi... E por isso que eu puxei a ele.

Pesquisador – E o seu pai... Como é que o senhor se chama?

Jonas – Jorginho.

Jorginho – Só conhecido em Serrita, Salgueiro, Jardim...

Jonas – O velho aí é meu pai.

Pesquisador – E seu pai também era vaqueiro?

Jorginho – Era... Morreu no Maranhão.

Pesquisador – Certo. É que estou fazendo uma entrevista aqui, é assim, qual é a importância, eu posso perguntar para os dois, qual é a importância, pra vocês, dessa roupa?

Jonas – Eu estando com esse gibão, eu abraço e beijo todo dia, eu sou mais do que estar com a farda da polícia. Porque o gibão aqui, aqui dói meu coração se um dia acabar a pega de boi.

Pesquisador – Perfeito.

Jonas – Eu amo. Eu amo isso aí.

Pesquisador – Ou seja, eu ia perguntar, você já respondeu: o que é que você sente quando veste essa roupa?

Jonas – Rapaz, eu me sinto realizado. Um homem pra ir pra toda batalha.

Pesquisador – É... Você já teve muitas roupas de couro? Na vida de um vaqueiro você tem muitas roupas de couro, durante a sua trajet...?

Jonas – É não, só é uma.

Pesquisador – Ou seja, o que é uma boa roupa de couro? A roupa é melhor quando nova ou quando

você vai usando?

Jonas – Rapaz, quanto mais o gibão mais fica velho mais prazer ele dá ao cabra.

Pesquisador – Tá.

Jonas – Porque se você pegar uma novilha em tal canto, você diz, ‘eu peguei uma novilha com esse gibão velho’. Aí passa a mão nele e dá carinho (inaudível). Eu amo esse gibão e esse gibão é velho, mas não troco ele por um novo.

Pesquisador – E você sabe quem fez o gibão ou você comprou de algum desconhecido?

Jonas – Eu comprei de algum desconhecido. Eu não conheço quem fez, mas seu imaginasse eu lhe dizia. Agora tudo comigo aqui é na vida que pedi a Deus. Eu digo, meu destino é ser vaqueiro. Aí tem minha mulher, tem meu pai. Quer tudo colaborar comigo. Meu pai aí, se o cabra... Eu sou vaqueiro e gosto da vida de gado.

Pesquisador – Ele te ensinou a ser vaqueiro?

Jonas – Foi. Porque eu puxei a ele, porque o velho aí quando botava em gado botava *frevendo*. Botava pra pegar, ou pega ou vai se embora.

Pesquisador – Posso fazer uma pergunta pro senhor?

Jorginho – Hein?

Pesquisador – Dá pra dizer assim, qual é a peça de roupa mais importante pro vaqueiro? É o chapéu, é o...

Jorginho – É o terno.

Pesquisador – É o terno?

Jorginho – É o terno.

Pesquisador – É o terno. Dá pro sujeito trabalhar da mesma forma se ele não tiver a roupa de couro?

Jonas – Dá não.

Jorginho – Dá.

Jonas – Dá... Tem a coragem, mas vai (inaudível) estrepitar... Né, pai, quem quer dizer é o cabra.

Pesquisador – Eu tenho uma pergunta que é uma pergunta meio indiscreta, desculpa gente, que é o seguinte: as mulheres admiram a roupa do vaqueiro? Admiram a profissão do vaqueiro?

Esposa de Jonas – Sim.

Pesquisador – Sim, dá pra dizer isso, que o vaqueiro é admirado?

Esposa de Jonas – Sim.

Pesquisador – E o vaqueiro, quando ele se corta, isso é uma vergonha?

Jonas – É não. É uma honra na nossa mente. Pra nós, é um dia santo quando o vaqueiro entra no mato, pega um bicho, se corta. Se cortar não é feiura, é a origem do vaqueiro.

Pesquisador – Certo.

Jonas – Que ele pega um bicho ali... Tem muita gente ali que diz ‘eu sou vaqueiro’, aí nos espera ir

pro mato, já pra nos *curiar*, tá entendendo? Aí, se o cabra for pro mato e voltar com a tabuleta da novilha e não saiu cortado, é porque não é vaqueiro, pegou na vareta.

Pesquisador – Hahaha!

Jonas – Minha origem é pegar no trancado... Minha origem, minha origem. O vaqueiro entende. É pegar no trancado, a quebra vaca tem que ser alinhada pro cabra passar por dentro, o homem que é vaqueiro.

Jorginho – (inaudível) Eu lutei aqui, daqui até o Riacho das...

Jonas – (inaudível) O velho aí sabe.

Jorginho – (inaudível) Os trezentos diabos eu conheço aí nessas caatingas... Conhecia, hoje não conheço, porque está tudo debaixo de rocha.

Pesquisador – Certo, era no mato mesmo. Agora uma coisa, a última pergunta antes da sua toada: vocês acham que a roupa do vaqueiro, o vaqueiro sertanejo ele vai acabar?

Pesquisador – Certo, era no mato mesmo. Agora uma coisa, a última pergunta antes da sua toada: vocês acham que a roupa do vaqueiro, o vaqueiro sertanejo ele vai acabar?

Jonas – Vai não, não existe isso não. Se acabar eu choro antes do tempo, pois minha vida, minha vida é assim. Eu gosto de correr gado do comecinho até o fim e gosto de olhar quem... Se eu não entrar numa vaga, eu fico satisfeito. Minha importância é eu dar aquela carreira atrás da novilha, novilha quebradeira. Se eu não entrar numa vaga, eu não sinto nada. Só que dói no coração, lá no fim, né? Dói no coração da gente.

Jorginho – Tá bom.

Pesquisador – E a toada? E a toada?

Jonas – Como é teu nome?

Pesquisador – Francisco ou chico, você escolhe. Chico... Meu pai está ali, Romildo meu pai. Eu sou Chico do Rio de Janeiro.

Jonas – Não, não conheço não. Como é teu nome?

Pesquisador – Francisco Beltrão do Valle.

Jonas – Vou tirar uma toada com você.

Pesquisador – Pode.

Jonas – Como é teu nome, é chico?

Pesquisador – Chico.

Jonas – Como é o nome da fazenda onde tu *mora*?

Pesquisador – Eu não moro em fazenda, eu moro no Maracanã.

Jonas – Na fazenda Maracanã / Chico de lá é campeão / anda montado a cavalo / E seu cavalo é alazão / foi quem pegou o boi brabo / no centro da chapadão

Já tem seu amigo velho / que nunca andou de a pé / anda montado a cavalo e de vaqueiro como é / que vaqueiro na besteira / pega boi na ligeireza / o custo quanto que é

E eu vou dizer a você / me preste bem atenção / ando na égua mineira / no centro do chapadão / e triste do boi velho / que anda em contramão

Pesquisador – Muito obrigado, muito obrigado, gente.

Jonas – Já que você vai embora / eu lhe peço meu senhor / tô lhe pedindo uma toada por causa do meu amor / que perdi foi a mulher / no centro do meu louvor.

10. Entrevista de João Paulo dos Santos

<https://soundcloud.com/francisco-valle-302444709/entrevista-vaqueiro-no-parque-joao-cancio-2017>



Realizada após a celebração da Missa do Vaqueiro de Serrita, no dia 23 de julho de 2017.

Pesquisador – Qual é o seu nome completo?

Entrevistado – Nome completo? João Paulo dos Santos.

Pesquisador – Você tem quantos anos?

João Paulo dos Santos – Trinta e quatro.

Pesquisador – Trabalha como vaqueiro desde que idade?

João Paulo dos Santos – Desde... dez anos de idade.

Pesquisador – Teve... Como é que você se tornou um vaqueiro?

João Paulo dos Santos – Me tornei um vaqueiro porque meu pai sempre criou gado, aí eu vendo ele lidando, aí fui vendo aquilo ali, aí vendo que dava certo pra mim, aí fui e entrei na lida, aí gostei...

Pesquisador – Pretende continuar sendo vaqueiro o resto da vida?

João Paulo dos Santos – Até no resto da minha vida. Até um dia quando Deus me der a minha vida e a minha saúde eu estou mais o gado.

Pesquisador – E me diga uma coisa, com relação a sua armadura, a sua roupa, você... é possível trabalhar da mesma forma sem a roupa de couro?

João Paulo dos Santos – Trabalha do mesmo jeito. Tanto faz estar com a roupa de couro como estar sem com a roupa de couro.

Pesquisador – Mas qual é a importância da roupa de couro pro vaqueiro?

João Paulo dos Santos – Roupa de couro é o que defende muito a gente, né. De uma *estrepada*, se cair não se rela, né? Se quebrar se quebra, né, porque não pode cair e não se quebrar. Mas a roupa protege muito a pessoa.

Pesquisador – E você pode dizer assim que alguma peça da roupa é mais importante para a proteção da pessoa?

João Paulo dos Santos – Para a proteção é o chapéu. Pode estar sem couro nenhum, estando com o chapéu na cabeça...

Pesquisador – Você consegue entrar no mato?

João Paulo dos Santos – Consegue. Com certeza.

Pesquisador – Você acredita que a roupa do vaqueiro é admirada? As pessoas admiram a roupa do vaqueiro?

João Paulo dos Santos – Admiram.

Pesquisador – E as mulheres também?

João Paulo dos Santos – Admiram com certeza. A mulher é quem tem que admirar mesmo.

Pesquisador – Então você acha que o vaqueiro é admirado pelas mulheres?

João Paulo dos Santos – Com certeza... E pelos homens também.

Pesquisador – É pela coragem?

João Paulo dos Santos – Pela coragem, porque é uma coisa muito séria, o cabra entrar dentro do mato aí não é para qualquer um não.

Pesquisador – Você já conheceu gente que se machucou seriamente?

João Paulo dos Santos – Já conheci já. Amigo, primo meu que já morreu em pega de gado. Não era nem pega de gado [inaudível] era só o gado deles mesmo. Levou uma pancada e passou mais de dois anos, aí levou uma pancada na cabeça, aí foi, foi e não teve jeito não: faleceu. Amigão meu.

Pesquisador – Você acha que a profissão do vaqueiro pode acabar?

João Paulo dos Santos – Pode não. Não pode não. Só quando o vaqueiro acabar. A profissão não acaba. Quando o vaqueiro se acabar. Mas os outros que vão ficando...

Pesquisador – Mas você vê gente mais jovem se interessando? Você acha que vai continuar tendo

gente...

João Paulo dos Santos – Vai continuar, não se acaba não... Que é uma tradição que não pode acabar não.

Pesquisador – E me diz uma coisa, o que que você sente quando você veste a roupa de couro completa e entra no mato?

João Paulo dos Santos – É a coisa melhor que tem na minha vida. E num dia que visto um terno de couro e quando entro pra dentro do mato. No dia que eu não visto [inaudível] um desgosto.

[...]

Pesquisador – Ali você está treinando a sua profissão. O que você faz no dia a dia.

João Paulo dos Santos – [inaudível]

Pesquisador – Vocês fazem muita coisa, o vaqueiro tem que fazer muita coisa, mas qual é a parte mais difícil da profissão?

João Paulo dos Santos – A parte mais difícil da

profissão do vaqueiro é pegar o gado no mato.

Pesquisador – Ou seja. Não é qualquer um.

João Paulo dos Santos – Não é qualquer um não. Porque muitos vestem couro, mas sem ser vaqueiro. O cara dizer que é, mas sem ser.

Pesquisador – Hoje tem muita gente aqui que não é vaqueiro, né?

João Paulo dos Santos – Que não é vaqueiro.

Pesquisador – Está só vestido.

João Paulo dos Santos – Leva o nome, mas não é.

Pesquisador – Uma coisa... Quando você se machuca o vaqueiro gosta ou não, quando ele sai do mato todo arranhado?

João Paulo dos Santos – Aquilo ali não é porque a gente gosta, se a gente pudesse a gente se esquivava, mas é uma coisa que a gente tá obrigado. Porque ninguém gosta de se machucar. A gente se machuca porque às vezes acontece. Se a gente puder desviar de todos os paus [inaudível] não é melhor pra gente?

11. Espedito Seleiro

Parte 1

<https://youtu.be/jP5uE8O800Y>

Parte 2

<https://youtu.be/iyGQ7gtB2u0>

Parte 3

<https://youtu.be/RbK7aJdoFXA>

Parte 4

https://youtu.be/XO6mYAIH_qc



Realizada na loja de Espedito Seleiro, no dia 23 de julho de 2017.

Parte 3

Pesquisador – Qual é o animal utilizado, do qual você tira o couro, seu Espedito?

Espedito Seleiro – Quer saber mesmo?

Pesquisador – Quero.

Espedito Seleiro – É tão conhecido que todo mundo prefere mais pra um almoço no Sertão... É o carneiro.

Pesquisador – Carneiro?

Espedito Seleiro – O carneiro, o carneiro é o melhor material que existe de couro pra você fazer qualquer acabamento. Pra fazer roupa, fazer chapéu, fazer sapato, pra fazer gibão...

Pesquisador – Qualquer peça?

Espedito Seleiro – Só que dependendo do [inaudível], certo? Pra fazer, por exemplo, se eu for fazer uma camisa igual a sua eu não vou usar esse couro aqui.

Pesquisador – Certo.

Espedito Seleiro – Que é mais grosso e é bem ar-

mado aqui. Aí desse couro aqui nós pega e faz pelica.

Pesquisador – Certo.

Espedito Seleiro – Que é mesmo assim igual a...

Pesquisador – Uma malha.

Espedito Seleiro – Uma malha. Aí você faz qualquer roupa.

Pesquisador – Mas pro gibão não precisa ser um couro mais resistente ainda não?

Espedito Seleiro – Às vezes faz o gibão com o couro do carneiro mas tem que dar um trato diferente daquele o trato que vou fazer numa roupa que é pra ser usada no dia a dia.

Pesquisador – E vai fazê-lo mais resistente.

Espedito Seleiro – Tem que fazer ele do jeito que ele coloque no curtume e saia, dá só um trato, enrola [inaudível] pra amaciar. Se for pra fazer a roupa tem que ir numa máquina, aí fazer a pelica pra poder fazer a roupa.

Parte 4

Espedito Seleiro – Sofri muito pra... porque teve uma época quando apareceu o sinteco, apareceu borracha, material importado, ninguém queria usar roupa de couro, sapato de couro, porque era sacrificado pra fazer e não existia, também os curtumes eram muito, os curtumes horríveis, que não prestava pra nada, né? Que a gente fazia com casca de pau e manual, aí eu tive que montar um curtume meu, braçal, braçal mesmo, fazer na porrada, curtia o couro, eu mesmo fazia a tinta, eu fazia a tinta que eu precisava pra fazer as peças, não é? Pra poder manter a tradição...

Pesquisador – A tradição.

Espedito Seleiro – Que eu não queria acabar, né? E hoje, hoje não, hoje se eu precisar de cor azul, tem quem faça. Amarelo, vermelho, tudo. Eu briguei com os donos de curtume que eu conhecia

dessa região. E eles ‘não, Espedito, tem que arrumar uns matutos pra pintar esses couros. [inaudível] Aí eu digo, ‘se vira’, pesquisa aí no mundo que tu acha, né? E eu fazia o marrom com a casca do angico. Fazia o couro ficar marrom dessa cor ali. E o branco eu fazia com pedra-ume que [inaudível] da catingueira. E o preto eu fazia com a lama do açude marrom com casca de angico

Pesquisador – Nossa...

Espedito Seleiro – Vermelho eu fiz com a base do urucum. Pisava, botava numa vasilha e fazia aquela gororoba

Pesquisador – Mas isso são técnicas tradicionais ou você que foi criando, foi testando?

Espedito Seleiro – Fui eu com precisão de fazer isso fui testando...

Pesquisador – Tá certo.

Anexo B: Efetivo dos rebanhos (cabeças) - Bovinos

<p>1935 (anuário 1936) Brasil: 40.863.900 cabeças</p>	<p>Considerando a atual divisão regional do país:</p> <p>1. Sudeste (Distrito Federal 20.000 + Espírito Santo 270.000 + Minas Gerais 9.200.000 + Rio de Janeiro 676.000 + São Paulo 2.500.000) - 12.666.000 (30,9%)</p> <p>2. Sul (Paraná 500 000 + Rio Grande do Sul 10 129 000 + Santa Catarina 680 000) - 11 309 000 (27,6%)</p> <p>3. Nordeste (Alagoas 304 000 + Bahia 3 100 000 + Ceará 900 000 + Maranhão 950 000 + Paraíba 550 000 + Pernambuco 654 000 + Piauí 1 020 000 + Rio Grande do Norte 330 000 + Sergipe 330 000) (%) TOTAL = 8 138 000 (19,9%)</p> <p>4. Centro-Oeste Goiás 4 000 000 + Mato grosso 3500 000 (%) TOTAL = 7 500 000 (18,3%)</p> <p>5. Norte (Amazonas 330.000 + Pará 900.000 + Acre 20.900) - 1.250.900 (3%)</p>
<p>1953 (anuário 1955) Brasil: 57.625.940 cabeças</p>	<p>Considerando a atual divisão regional do país:</p> <p>1. Sudeste (Minas Gerais 12 430 030 + rio de Janeiro 1 218 560 + São Paulo 8 029 630) TOTAL = 21678220 (37,6%)</p> <p>2. Centro-oeste (Matogrosso 6.317.600 + Goiás 5.257.100) - 11.574.700 (20%)</p> <p>3. Sul (Paraná 1 267 880 + Santa Catarina 1 377 400 + Rio grande do Sul 8 898 100) TOTAL = 11543380 (20%)</p> <p>4. Nordeste (Maranhão 1 149 890 + Piauí 1 161 300 + Ceará 1 446 780 + Rio Grande do Norte 529 700 + Paraíba 606 700 + Pernambuco 958 620 + Alagoas 401 400 + Sergipe 467 000 + Bahia 4 398 600 TOTAL = 11119990 (19,2%)</p> <p>5. Norte (Território Federal do Guaporé 6500 + Acre 27600 + Amazonas 81890 + rio Branco 185000 + Pará 736560 + Amapá 49400) Total = 1086950 (1,8%)</p>
<p>1973 (anuário 1975) Brasil: 90.438.000 cabeças</p>	<p>1. Sudeste - 32.463.000 (35,8%)</p> <p>2. Sul - 20.555.000 (22,7%)</p> <p>3. Centro-Oeste - 19.529.000 (21,5%)</p> <p>4. Nordeste - 15.920.000 (17,6%)</p> <p>5. Norte - 1.971.000 (2,1%)</p>
<p>1993 (anuário 1995) Brasil: 155.134.073 cabeças</p>	<p>1. Centro-Oeste - 52.186.481 (33,6%)</p> <p>2. Sudeste - 37.626.538 (24,2%)</p> <p>3. Sul - 25.727.020 (16,5%)</p> <p>4. Nordeste - 22.527.240 (14,5%)</p> <p>5. Norte - 17.066.794 (11%)</p>
<p>2014 (anuário 2015) Brasil: 212.343.932 cabeças</p>	<p>1. Centro-Oeste - 71.234.141 (33,5%)</p> <p>2. Norte - 45.826.142 (21,5%)</p> <p>3. Sudeste - 38.508.537 (18,1%)</p> <p>4. Nordeste - 28.958.676 (13,6%)</p> <p>5. Sul - 27424461 (12,9%)</p>

Anexo C: Locais e eventos importantes para a pesquisa:

Artesãos da Comunidade da Ilha do Ferro – AL
 Arquivo Central do IPHAN – RJ
 Arquivo Histórico de João Pessoa – PB
 Associação Cultural Pedra do Reino (São José do Belmonte/PE)
 Associação dos Encourados de Pedrão (Pedrão/BA)
 Cavalhada de Surubim – PE
 Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (Iphan) – RJ
 Centro Nacional de Referência Cultural: O Arquivo Aloisio Magalhães – DF
 Fundação Padre João Câncio – Salgueiro/PE
 Feira de Campina Grande – PB
 Feira de São Cristovão – RJ
 Festa do Vaqueiro de Curaçá – BA
 Festa do Vaqueiro de Itaobim – MG
 Festa do Vaqueiro de Maiquinique – BA
 Festa do Vaqueiro de Milagres – BA
 Festa do Vaqueiro de Porto da Folha – SE
 Missa do Vaqueiro de Canindé – CE
 Missa do Vaqueiro de Floresta – PE
 Missa do Vaqueiro de Novas Russas – CE
 Missa do Vaqueiro e Vaquejada de Quixeramobim – CE
 Missa do Vaqueiro de Serrita – PE
 Missa do Vaqueiro de Soledade – PB
 Missa e Cavalgada do Vaqueiro de Assaré – CE
 Museu da Cultura Cearense - Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (Fortaleza/CE)
 Museu do Couro (Salgueiro/PE)
 Museu do Homem do Nordeste (Recife/PE)
 Museu do Sertão (Petrolina/PE)
 Museu da Terra e do Homem (João Pessoa/PB)
 Museu do Vaqueiro (São José de Mipibu/RN)
 Museu do Vaqueiro da Morada Nova (Morada Nova/CE)
 Vaquejada de Itapebussu – CE
 Missa dos Vaqueiros em Sobradinho

